

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



MARCELO JOSÉ ARAÚJO

**A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP
(1948 – 1975)**

São Carlos – SP
2007

Prédio Central da
FMRP-USP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARCELO JOSÉ ARAÚJO

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP
(1948 – 1975)

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação (Fundamentos da Educação) à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a orientação do Prof. Dr. Paolo Nosella.

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

A663fm

Araújo, Marcelo José.

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP (1948 – 1975) / Marcelo José Araújo. -- São Carlos : UFSCar, 2007. (Acompanha anexo).
402 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.

1. Educação. 2. Ribeirão Preto (SP) – instituição escolar – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. 3. História. 4. Filosofia. I. Título.

CDD: 370 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

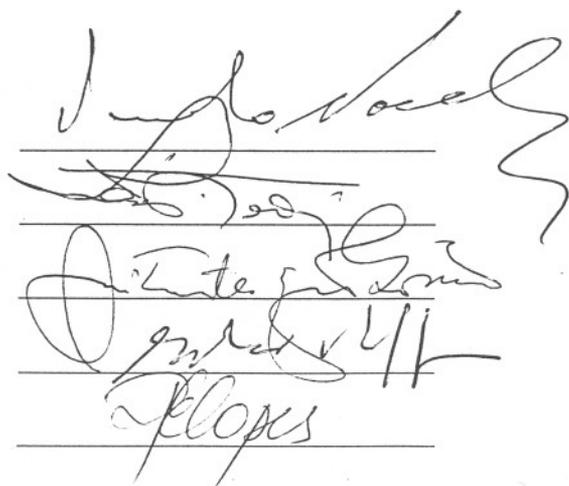
Prof. Dr. Paolo Nosella

Prof. Dr. Fábio Leite Vichi

Prof. Dr. José Eustáquio Romão

Profª Drª Ester Buffa

Profª Drª Roseli Esquerdo Lopes



The image shows five handwritten signatures, each written on a horizontal line. From top to bottom, the signatures are: 1. A signature that appears to be 'Paolo Nosella'. 2. A signature that appears to be 'Fábio Leite Vichi'. 3. A signature that appears to be 'José Eustáquio Romão'. 4. A signature that appears to be 'Ester Buffa'. 5. A signature that appears to be 'Roseli Esquerdo Lopes'.

As nações que não cultuam e não perpetuam a memória de seus grandes vultos, não se radicando no passado, não se projetam no futuro.

Constituirão, quando muito, um alongamento de indivíduos sem raízes no solo pátrio e sem consistência social definida, mas nunca um verdadeiro povo, consciente do papel que lhe toca no cenário universal e das responsabilidades legadas pela tradição de seus ancestrais.

Antonio de Almeida Prado (1952)

DEDICATÓRIA

À Viviane, meu amor.

À minha mãe, Helena.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao **CNPq** (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pelo financiamento desta pesquisa.

À **CAPES** (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo financiamento do estágio realizado em Portugal.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste trabalho. Em particular agradeço:

ao professor doutor Paolo Nosella, pela orientação desta tese;

aos professores doutores Fábio Leite Vichi, José Eustáquio Romão, Roseli Esquerdo Lopes e Ester Buffa, pela participação como membros da banca de defesa da presente tese;

à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP), em especial à professora doutora Anete Hoffman;

aos ex-alunos da FMRP-USP, Dr. Fábio Leite Vichi, Dr. Ulysses G. Meneghelli, Dr. Joaquim Coutinho Netto, Dr^a Lilia Köberle, Dr. Joaquim A. Portugal da Silva, Dr. Segundo Amarille Salezzi Fiorani, Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior e Dr. José Agustin Carrasco Mandeville; ao ex-professor da FMRP-USP, Dr. José Eduardo Dutra de Oliveira; ao professor da USP-São Carlos, Dr. Roland Köberle; e, à ex- funcionária da FMRP-USP, Luísa Mamede, que prontamente aceitaram e concederam entrevistas (um pouco co-autores deste texto);

à Reitoria da USP, à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, ao Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas, ao Acervo Histórico Municipal de Ribeirão Preto, por permitirem pesquisas em seus acervos documentais;

à Viviane (amada esposa) por sua compreensão, incentivo, apoio, confiança e sugestões que possibilitaram este trabalho ter se tornado melhor,

à minha mãe e às minhas irmãs pelo carinho, compreensão e confiança sempre presentes,

ao meu pai (*in memorium*).

RESUMO

Este trabalho realiza um levantamento histórico do processo de criação, instalação e desenvolvimento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP), no período compreendido entre 1948 a 1975. Parte do seu contexto histórico mais amplo até ao seu enfoque mais específico, ou seja, às suas características, elementos constituintes e, sobretudo, ao seu sentido social. O texto se inicia abordando os antecedentes históricos da medicina no Brasil, no final do século XIX e início do XX, dando destaque aos controles das endemias e seus protagonistas, a criação da Faculdade de Medicina de São Paulo e a necessidade de instalação de uma Faculdade de Medicina no interior do estado de São Paulo. Em seguida, aborda os condicionantes da criação, instalação e do desenvolvimento da FMRP destacando a estrutura didática do curso, o corpo docente, o corpo discente, os funcionários, o primeiro vestibular, as disciplinas e os departamentos, as pesquisas desenvolvidas, o Hospital das Clínicas etc. Estes condicionantes encontram-se inseridos na Primeira Parte do trabalho. Na Segunda Parte, por sua vez, são caracterizados e analisados alguns problemas considerados importantes para ajudar a compreender melhor a relação entre a FMRP e a sociedade que a produziu e a moldou. Principiando todo este levantamento histórico, encontra-se o Referencial Teórico cujos fundamentos e pressupostos deram suporte à pesquisa; afinal, assim como um maestro rege uma orquestra buscando harmonia entre seus integrantes, o referencial teórico serviu como guia balizador para o sucesso do conjunto.

Palavras-chave: Instituição Escolar, História, Filosofia e Educação.

ABSTRACT

This work carries through a historical survey of the creation process, installation and development of the Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP) in the period from 1948 to 1975. Part of its ampler historical context until the its more specific approach, that is, to its constituent characteristics, elements and, over all, to its social meaning. The text initiates approaching the historical antecedents of the medicine in Brazil in the end of century XIX and the beginning of the XX, giving has detached to the controls of the endemic diseases and its protagonists, the creation of the Faculdade de Medicina de São Paulo and the necessity of installation of a College of Medicine in the interior of the state of São Paulo. After that, it approaches the circumstances of the creation, installation and of the developing of the FMRP, detaching the didactic structure of the course, the faculty, the student body, the employees, the first university entrance examination, your discipline them and the departments, the developed research, the Hospital of the Clinics etc. These circumstances meet inserted in the First Part of the work. In the Second Part, in turn, are characterized and analyzed some considered problems important to help to better understand the relation between the FMRP and the society that produced it and it molded it. Beginning all this historical survey, the Theoretical Reference whose estimated beddings and had given support to the research; after all, as well as a teacher conducts an orchestra searching harmony between its integrant ones, the theoretical reference served as guide maker for the success of the set.

Words-key: School Institution, History, Philosophy and Education.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	11
ABREVIATURAS	15
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Origem e justificativa da pesquisa	19
1.2 Natureza e método da pesquisa	22
1.3 Objetivos da pesquisa	24
1.4 Procedimentos da pesquisa	24
1.5 Âmbito e estruturação da pesquisa	27
2 REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1 As principais Escolas Teóricas: as diferentes compreensões da história	30
2.2 Relação entre o particular e o universal	38
2.3 Estudo de Instituições Escolares	39
2.4 A instituição escolar e sua relação com a sociedade	44
2.5 O trabalho como princípio pedagógico	48
2.6 Fontes da Pesquisa	50
PRIMEIRA PARTE: SISTEMATIZAÇÃO	60
3 CAPÍTULO I – Antecedentes históricos	61
3.1 A necessidade de uma medicina sanitaria no Brasil no final do século XIX e início do século XX: o controle das endemias e seus protagonistas	61
3.1.1 A Faculdade de Medicina de São Paulo:	65
3.2 A Fundação Rockefeller e a medicina de São Paulo	67
3.3 A Instalação de uma Faculdade de Medicina no interior do estado de São Paulo: uma necessidade	72

4 CAPÍTULO II – Criação e instalação da FMRP	75
4.1 Criação	76
4.1.1 O clima político	76
4.1.2 O Projeto de Lei	76
4.1.3 Parecer da Comissão de Ensino e Regimento da USP	83
4.1.4 O veto do Governador	85
4.1.5 A aprovação do Projeto de Lei	87
4.2 Instalação	90
4.2.1 A cidade de Ribeirão Preto	90
4.2.2 A instalação	99
4.2.3 A estrutura didática	109
4.2.4 O primeiro Diretor: Zeferino Vaz	119
4.3 Instalação provisória	123
4.3.1 As Primeiras Providências	123
4.3.2 O Corpo Docente	129
4.3.3 O primeiro vestibular	139
4.3.4 A aula inaugural	149
4.4 Instalação definitiva	152
4.4.1 A Fazenda Monte Alegre	152
4.4.2 A Escola Prática de Agricultura (EPA)	155
4.4.3 A instalação da FMRP e o Espaço Físico	157
4.4.4 A contribuição da Fundação Rockefeller à FMRP	164
4.5 Evolução e Vida	166
4.5.1 Departamentos	166
4.5.2 Instrumentos Auxiliares à Pesquisa e ao Ensino	181
4.5.3 Pós-Graduação e Pesquisa	183
4.5.4 Primeiros Diretores da FMRP e Primeiras Cátedras	189
4.5.5 O Hospital das Clínicas (HC)	192
4.5.6 O Corpo Discente	198
4.5.7 Os Funcionários	210
4.5.8 A Escola de Enfermagem	211

SEGUNDA PARTE: CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS PROBLEMAS OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA	214
5 CAPÍTULO III – Caracterização e análise de alguns problemas observados durante a pesquisa	215
5.1 Primeiro Problema. Uma Escola destinada a quem?	216
5.2 Segundo Problema. Uma Escola de promoção social ou uma Escola assistencial?	229
5.3 Terceiro Problema. Uma Escola de medicina. Que Escola?	234
5.4 Quarto Problema. Como era o envolvimento da FMRP com a população?	237
5.5 Quinto Problema. Por que mais homens que mulheres na FMRP?	242
CONCLUSÃO	247
REFERÊNCIAS	258
DOCUMENTOS CONSULTADOS	267
JORNAIS CONSULTADOS	270
APÊNDICE E ANEXO (em caderno separado)	

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Uma das salas do Centro de Memória da FMRP	53
Figura 2 - Hospital construído pelo governo brasileiro no início do século XX como ação na área de saúde pública	63
Figura 3 - Veículo utilizado pelo Serviço de Febre Amarela, do Departamento Nacional de Saúde Pública, para atividades de fiscalização e combate ao mosquito <i>Aedes aegypti</i>	63
Figura 4 - Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho	65
Figura 5 - Construção do prédio da FMSP no final dos anos 1920	67
Figura 6 - Laboratório de febre amarela construído pela Fundação Rockefeller com a colaboração do governo brasileiro, em Manguinhos (atual Instituto Oswaldo Cruz)	69
Figura 7 - Capa do Projeto de Lei nº 10 de autoria do Deputado Miguel Petrilli sobre a criação de uma Universidade em São Carlos-SP	78
Figura 8 - Projeto de Lei nº 10. Cria a Universidade de São Carlos-SP	78
Figura 9 - Capa do Projeto de Lei nº 37 de autoria do Deputado Luis Augusto Gomes de Mattos sobre a criação de uma Universidade em Ribeirão Preto-SP	79
Figura 10 - Projeto de Lei nº 37. Cria a Universidade de Ribeirão Preto-SP	80
Figura 11 - Substitutivo ao Projeto de Lei nº 10 que objetiva criar Universidades em São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru	82
Figura 12 - Emenda ao artigo 1º do Projeto de Lei nº 10 de autoria do Deputado Miguel Petrilli	86
Figura 13 - Lei nº 161 de 24 de setembro de 1948 que dispõe sobre a criação de estabelecimentos de ensino superior no estado de São Paulo	89
Figura 14 - Primeira Capela construída em Ribeirão Preto	91
Figura 15 - Theatro Carlos Gomes. Marco de manifestações artísticas	93
Figura 16 - Theatro Pedro II (foto atual)	94

Figura 17 - Santa Casa de Misericórdia fundada em 1896	96
Figura 18 - Hospital Beneficência Portuguesa	97
Figura 19 - Hospital São Francisco, fundado em 1945	97
Figura 20 - Mapa do estado de São Paulo	98
Figura 21 - Telegrama do Sr. Aparecido Assis, Prefeito Municipal de Orlândia ao Governador Lucas Nogueira Garcez solicitando a instalação da FMRP	102
Figura 22 - Memorial enviado ao Governador Lucas Nogueira Garcez	103
Figura 23 - Portaria nº 108 enviada ao Governador Lucas N. Garcez constando nomes da Comissão <u>executiva</u> e da Comissão <u>consultiva</u> para instalação da FMRP	108
Figura 24 - Lucas Nogueira Garcez, Governador do estado de São Paulo, no Centro Médico de Ribeirão Preto assinando o Projeto de Lei a ser encaminhado a Assembléia Legislativa	109
Figura 25 - Zeferino Vaz - 1º Diretor da FMRP	120
Figura 26 - Visita de Sir. Alexander Fleming, ladeado por sua esposa e Zeferino Vaz	120
Figura 27 - Carta de Carlos Chagas, que estava em Paris, a Zeferino Vaz indicando o nome de um professor para compor o quadro docente da FMRP	121
Figura 28 - Telegrama enviado ao Reitor da USP Prof. Ernesto Leme comunicando entrada do Processo no CNE	124
Figura 29 - Fachada da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto	125
Figura 30 - Casa alugada na Rua Visconde de Inhaúma nº 757 (local onde começou a FMRP)	127
Figura 31 - José Bento Faria Ferraz, Sonia Stermann Ferraz, Zeferino Vaz, Herculano Salviano dos Reis, Maria de Lourdes Martins Bonilha, Lázaro Novo, Célia Bonilha, Aurélio Cardoso e Jesus Vieira	128
Figura 32 - Prédio de apartamentos residenciais construído no local em que se encontrava a casa onde iniciaram as atividades da FMRP. Foto tirada em setembro de 2005	129
Figura 33 - Movimento de pessoas em frente a Secretaria da FMRP a Rua Visconde de Inhaúma, 757 aguardando o início da inscrições para o vestibular	140

Figura 34- Prova escrita de Física ao concurso de habilitação da FMRP (1952) .	143
Figura 35 - Prova escrita de Química ao concurso de habilitação da FMRP (1952)	144
Figura 36 Lista dos 50 candidatos aprovados ao 1º ano do curso médico da FMRP	146
Figura 37 - Programa de visita do Governador Lucas Nogueira Garcez a Ribeirão Preto	150
Figura 38 - Governador Lucas Nogueira Garcez ladeado por várias autoridades públicas ao chegar no aeroporto de Ribeirão Preto	151
Figura 39 - Aula inaugural proferida pelo Governador Lucas Nogueira Garcez no Cine São Jorge	151
Figura 40 Vista da Fazenda Monte Alegre na época do Schimidt, aproximadamente 1910	153
Figura 41 - Uma das residências na Fazenda Monte Alegre	154
Figura 42 - Vista aérea da fachada do Edifício Principal	156
Figura 43 - Fachada do Prédio Central	162
Figura 44 Uma das ruas da ala residencial dos professores	162
Figura 45 - Caminhão da FMRP utilizado na mudança da cidade para Monte Alegre	163
Figura 46 - Fachada do Ginásio de esportes (década de 1950)	163
Figura 47 - Visita do Presidente da Fundação Rockefeller Dean Rusk à FMRP ...	165
Figura 48 - Aula de microscopia (Departamento de Histologia e Embriologia) ...	168
Figura 49 - Primeira aula de Anatomia na FFORP. (Departamento de Anatomia Descritiva e Topográfica)	169
Figura 50 - Aula de Parasitologia no Ginásio de Esportes (1952)	170
Figura 51 – Coleta do Barbeiro para pesquisa do Mal de Chagas	171
Figura 52 - Reunião em Cássia dos Coqueiros com a comunidade local	172
Figura 53 - Professores e Funcionários do Departamento de Bioquímica	172
Figura 54 - Corpo docente e auxiliares do Departamento de Patologia	175

Figura 55 - Usina São Martinho: treinamento de mães	176
Figura 56 - Laboratórios de Clínica Médica	179
Figura 57 - Cirurgia realizada por Professores e assistida por alunos	180
Figura 58 - Vista externa da Biblioteca	181
Figura 59 - Box para acasalamento de cobaias e separação por sexo	182
Figura 60 - Funcionários da Oficina Mecânica de Precisão	183
Figura 61 - Remédios produzidos após a descoberta da Bradacina pelo Professor Maurício Rocha e Silva do Departamento de Farmacologia da FMRP	188
Figura 62 - Primeira reunião da Congregação da FMRP	190
Figura 63 - Primeiro concurso de cátedra da FMRP. Prof. Luís Marino Bechelli. 24 a 27/04/1961	192
Figura 64 - À esquerda o Dr. Waldemar Pessoa e à direita o Dr. Paulo Gomes Romeo (1º Diretor do HC)	194
Figura 65 - Assinatura do termo de concessão da Maternidade Sinhá Junqueira para sediar o HC	194
Figura 66 - Fachada do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (antigo prédio da Maternidade Sinhá Junqueira)	195
Figura 67 - Em primeiro plano o Prédio Central da FMRP e aos fundos o HCFMRP em Monte Alegre	197
Figura 68 - Candidatos prestando o Exame de Admissão (vestibular) em 1958 .	200
Figura 69 - Casa do Estudante	201
Figura 70 - Ônibus para transportar os alunos	202
Figura 71 - Balê no Teatro Pedro II. Show Med. (1956)	206
Figura 72 – Time de Futebol FMRP (1958)	207
Figura 73 - Cortejo (Corpo Docente)	208
Figura 74 - Relação dos doutorandos da 1ª Turma da FMRP em 1957	209
Figura 75 - Secretário José Bento Faria Ferraz e funcionários da Secretaria	210
Figura 76 - Aula do curso de Enfermagem	213

ABREVIATURAS

AAARL: Associação Atlética Acadêmica Rocha Lima.

AIDS: Acquired Immunological Deficiency Syndrome (Síndrome Infecciosa de Deficiência Acumulativa).

ALESP: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo.

BID: Banco Interamericano de Desenvolvimento.

CAPES: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CARL: Centro Acadêmico Rocha Lima.

CEAPS: Centro de Educação e Aperfeiçoamento Profissional em Saúde.

CEL.: Coronel.

CESCEM: Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas.

CNE: Conselho Nacional de Educação.

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

COC: Colégio Osvaldo Cruz.

CORP: Conselho do Campus de Ribeirão Preto.

CTA: Conselho Técnico Administrativo.

Dr.: Doutor.

Dr^a: Doutora.

DST: Doenças Sexualmente Transmissíveis.

EERP: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

EPA: Escola Prática de Agricultura.

EUA: Estados Unidos da América.

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

FFCL-USP: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

FFORP: Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto.

FGV: Fundação Getúlio Vargas.

FINEP: Financiadora de Estudos e Projetos.

FMRP: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

FMSP: Faculdade de Medicina de São Paulo.

HC: Hospital das Clínicas.

HCFMRP-USP: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

HIV: Human Immunodeficiency Virus (Vírus da Imunodeficiência Humana).

IEB-USP: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

IHB: International Health Board (Junta Internacional de Saúde).

ITA: Instituto Tecnológico de Aeronáutica.

JUC: Juventude Universitária Católica.

LAMS: Liga de Assistência Médico Social.

LHA: Liga de Hipertensão Arterial.

OMS: Organização Mundial de Saúde.

PhD: Philosophy Doctor.

PROF.: Professor.

PROF^a: Professora.

PS: Pronto Socorro.

RDIDP: Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa.

RP: Ribeirão Preto.

S.d.: sem data.

SAMDU: Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

SBPC: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

SESC: Serviço Social do Comércio.

SIARQ-UNICAMP: Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas.

SP: São Paulo.

SUS: Sistema Único de Saúde.

UE: Unidade de Emergência.

UEE: União Estadual dos Estudantes.

UEL: Universidade Estadual de Londrina.

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos.

UNAERP: Universidade de Ribeirão Preto.

UNE: União Nacional dos Estudantes.

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas.

USA: United States of American (Estados Unidos da América).

USP: Universidade de São Paulo.

VASP: Viação Aérea de São Paulo.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

1.1 ORIGEM E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

O interesse em desenvolver esta pesquisa originou-se no momento em que eu pesquisava, como bolsista de Iniciação Científica (e aluno do curso de Pedagogia), sob orientação dos Professores Doutores Paolo Nosella e Ester Buffa, do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos, a criação, a instalação e o desenvolvimento da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC-USP)¹. Instituição esta que, assim como a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP), foi criada pela Lei estadual nº 161, de 24 de setembro de 1948, que dispôs sobre a criação de estabelecimentos de ensino superior em cidades do interior do estado de São Paulo.

Desta forma, no final de 2002 – logo após ter concluído o Mestrado na área de Fundamentos da Educação na Universidade Federal de São Carlos, com um trabalho de pesquisa que versou sobre a relação trabalho-educação e que procurou entender em que tipo de educação se sustenta uma indústria de tecnologia avançada e automatizada localizada na cidade de São Carlos-SP – apresentei projeto de pesquisa para seleção de Doutorado da Universidade Federal de São Carlos, também na área de Fundamentos da Educação, na linha de pesquisa Educação Brasileira, visando, justamente, realizar um levantamento histórico do processo de criação, instalação e desenvolvimento da FMRP-USP, partindo do seu contexto histórico mais amplo até chegar ao enfoque mais específico da instituição, ou seja, conhecer suas características, elementos constituintes e, sobretudo, seu sentido social.

É importante deixar claro, neste momento, que a estrutura e o conteúdo do texto desta Tese são inspirados nos trabalhos de pesquisa dos professores Paolo Nosella e Ester Buffa, principalmente em relação à pesquisa acerca da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo que, como já mencionado em nota de rodapé, resultou no livro

¹ Esta pesquisa resultou no livro intitulado: **Universidade de São Paulo. Escola de Engenharia de São Carlos. Os primeiros tempos: 1948-1971** (2000) de autoria dos dois Professores citados e publicado pela Editora da Universidade Federal de São Carlos.

intitulado **Universidade de São Paulo. Escola de Engenharia de São Carlos. Os primeiros tempos: 1948 – 1971** (2000).

Ainda, em relação à estrutura do texto da Tese, cabe destacar que me apoiei, também, na estrutura da Dissertação de Mestrado do professor Paolo Nosella intitulada **Uma nova educação para o meio rural: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da família agrícola do movimento de educação promocional do Espírito Santo**.

Por fim, é importante mencionar que algumas diretrizes da Tese, principalmente na sua primeira parte: sistematização me apoiei no livro dos professores José Eduardo Marques Mauro e Arlinda Rocha Nogueira intitulado **FMRP – USP. Primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores**.

Estas obras citadas estão referenciadas com o devido rigor acadêmico no final deste trabalho.

Ribeirão Preto, em meados do século XX, aspirava progressos na área de educação. Contava a cidade com uma população de cerca de vinte mil estudantes, distribuídos em vários colégios, conferindo-lhe uma projeção cultural que, em paralelo, caminhava com seu desenvolvimento econômico. Além disso, a cidade mantinha uma rede de bons hospitais cujo destaque era a Santa Casa de Misericórdia.

O estado de São Paulo, nesta época, ressentia-se da presença de médicos. A Universidade de São Paulo, criada em 1934, incorporava uma Faculdade de Medicina localizada na capital, com um número excedente de professores (havia 138 professores excedentes), que poderiam ser melhores aproveitados com a criação de uma outra Escola Médica no interior.

O desenvolvimento do estado de São Paulo se dera de tal modo que a concepção de um único centro de ensino e pesquisa, localizado na capital, não mais se ajustava às aspirações de progresso reclamados pela população interiorana, mormente nas cidades mais desenvolvidas. Antiga aspiração do interior do estado, a criação de escolas de ensino superior concretizaria as reivindicações da população, principalmente da população jovem, que exigia a descentralização do ensino superior, restrito, naqueles dias, às grandes capitais, proporcionando além da oportunidade de estudar no meio em que nasceu e cresceu, também de resolver ou atenuar vários problemas regionais específicos, contribuindo para o bem-estar da população e para o desenvolvimento do estado.

Neste sentido, em sua campanha para governador do estado de São Paulo, Adhemar de Barros prometera, tanto na cidade de Ribeirão Preto, como em São Carlos, criar uma Universidade do Interior e, assim, suprir as necessidades vigentes.

A partir disto, iniciou-se, por parte das autoridades (políticos, representantes de classes, clero, imprensa etc.) das cidades interessadas e de seus representantes na Assembléia Legislativa, toda uma movimentação com o objetivo de concretizar esse ideal. Após muitas discussões, decidiu-se que os estabelecimentos de ensino superior a serem criados no interior do estado deveriam estar subordinados à Universidade de São Paulo. Assim, a iniciativa de estender a USP ao interior recebeu aprovação do Conselho Universitário, que cuidou da criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, deixando a responsabilidade de sua instalação aos cuidados do Professor Zeferino Vaz.

No início, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto viveu algumas improvisações. Sua sede inicial foi em um casarão bem antigo, ao lado da Catedral Metropolitana, na Rua Visconde de Inhaúma nº 757, onde foi instalada a Secretaria.

A aula inaugural ocorreu em 17 de maio de 1952, no cine São Jorge, e foi proferida pelo então Governador do estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez.

As aulas teóricas e práticas do curso médico foram ministradas, provisoriamente, na Escola de Farmácia e Odontologia (Escola de Ensino Superior particular criada em 1924), no Centro Médico de Ribeirão Preto e no Colégio Otoniel Mota. Contudo, havia um aceno para sua instalação definitiva nos prédios da antiga Escola Prática de Agricultura (EPA) na Fazenda Monte Alegre, poucos quilômetros distante do centro de Ribeirão Preto e que oferecia excelente infra-estrutura. Após várias discussões, finalmente a FMRP passou a funcionar nessa antiga Fazenda, numa área física que passaram a coabitar professores, alunos e funcionários, conservando os aspectos de um ambiente rural, onde mais tarde se produziu conhecimento científico, técnicas curativas e preventivas numa área dotada de casas para professores e funcionários e alojamento para estudantes.

Diante do exposto, tenho certo que o estudo do processo de constituição dessa Faculdade tornou-se relevante não só pela importância dessa Instituição Escolar no cenário do ensino superior brasileiro, mas também pelo fato de se ter observado escassez de estudos sistematizados e específicos sobre esta problemática.

Ao levantar dados bibliográficos na FMRP para elaboração do projeto de pesquisa, observei a existência de poucas obras que versam sobre este assunto². Desta forma, pretendo revisitar a história da FMRP e, com isso, contribuir para o reforço da sua própria identidade lançando luz a aspectos que, por certo, a transformaram ao longo do tempo em uma respeitada Faculdade de Medicina.

1.2 NATUREZA E MÉTODO DA PESQUISA

Do ponto de vista da natureza desta pesquisa posso dizer que se caracteriza como sendo uma **pesquisa histórica**, pois reconstrói o passado sistematicamente, verificando evidências e delineando conclusões.

De acordo com Gressler:

O foco da pesquisa histórica pode ser dirigido a um indivíduo, grupo, idéia, movimento, instituição etc. Mas nenhum destes elementos pode ser considerado isoladamente. Nenhum homem, por exemplo, pode ser investigado historicamente sem se levar em conta os acontecimentos ocorridos em um espaço e tempo determinados. A história só tem significado dentro de um contexto.

[...] a pesquisa histórica segue rigorosa e sistematicamente o processo científico de investigação, visando eliminar aspectos parciais e tendenciosos. Tem a preocupação de compreender o passado e daí retirar princípios gerais que orientem os homens no momento e no futuro. Pesquisa histórica não é apenas constituída do registro de fatos. Estes são importantes como matéria-prima da investigação, mas devem ser interpretados, sintetizados, para o pesquisador determinar as tendências e generalizações. A pesquisa histórica, como outras, não alcança resultados definitivos, mas, sim, provisórios, vistos que estão sujeitos a mudanças (GRESSLER, 2004, p. 50-53).

Metodologicamente, o trabalho privilegiou, além das observações em campo e da análise documental, também a realização de entrevistas semi-estruturadas com alunos, professores e funcionários qualitativamente selecionados, buscando, assim, o resgate histórico e o sentido social desta Instituição.

A entrevista foi utilizada como recurso de análise, na medida em que o procedimento utilizado para resgatar a história da FMRP baseado apenas nas fontes documentais e nas

² Somente quando esta pesquisa estava em andamento é que encontrei (como já mencionado) uma excelente obra dos Professores José Eduardo Marques Mauro e Arlinda Rocha Nogueira, comemorativa ao cinquentenário da FMRP. É uma obra escrita em linguagem adequada ao intuito que o livro se propôs e riquíssima de fontes iconográficas e de relatos pessoais. Portanto, para aqueles que também pretendem pesquisar esta Instituição Escolar enriquecendo ou modificando interpretações levantadas, ou para aqueles que desejam conhecer melhor a história da FMRP por outro olhar, recomendo a leitura deste livro cuja referência se encontra no final deste trabalho.

descrições de fatos já produzidos sobre esta temática poderia fazer com que aderisse a interpretações tendenciosas.

Desta forma, elaborei um roteiro de entrevistas com perguntas que retratassem a história da FMRP; os benefícios que ela trouxe para a população; a origem social dos alunos; a inserção profissional etc. Esta foi a primeira versão do roteiro e foi utilizada nas três primeiras entrevistas. Porém, observei (na dinâmica das três primeiras entrevistas realizadas) que ficaria melhor se o dividisse em partes e acrescentasse mais perguntas, pois isto permitiria uma compreensão mais global do objeto estudado, por meio das vozes de quem vivenciou este momento histórico. O roteiro, portanto, ficou dividido em três partes. A primeira correspondeu à Origem Social do entrevistado, ou seja, queria saber sua ascendência, a profissão e a escolaridade dos pais, local de moradia, formas de lazer, número de irmãos etc. A segunda parte correspondeu ao seu Percurso Escolar e à situação sócio-econômica de seus amigos de turma. A terceira parte correspondeu a sua Inserção Profissional e, por fim, uma Segunda Parte que visou entender um pouco a história da FMRP e sua relação com a população. (Os roteiros das entrevistas seguem no Apêndice e as entrevistas na íntegra seguem em Anexo em um caderno separado).

No início, havia pensado em realizar as entrevistas/depoimentos com pelo menos um formando de cada turma, no período correspondente entre 1957 (quando se formou a 1ª Turma) a 1975 (limite proposto para este trabalho), ou seja, 19 turmas. Entretanto, verifiquei que, além de as entrevistas estarem se tornando muito parecidas, pois os entrevistados apresentavam características de vida bastante comuns, também se formaram, nesta época, 1.456 médicos; ou seja, mesmo entrevistando 5% deste total teriam de ser entrevistadas, aproximadamente, 73 pessoas. Com isso, resolvi, então, entrevistar oito ex-alunos (alguns que permaneceram na FMRP como professores e outros que optaram por consultórios); um ex-professor que deu aula para as primeiras turmas e uma funcionária que trabalhou na FMRP desde quando ela iniciou suas atividades. Ao todo, portanto, foram, qualitativamente, dez pessoas entrevistadas.

Todas as entrevistas foram agendadas por telefone e realizadas, ou nas residências dos entrevistados, ou nos seus consultórios ou, ainda, nas dependências da FMRP, pois cabia ao entrevistado escolher o lugar e a hora de melhor conveniência. O tempo de duração de cada entrevista ficou geralmente entre uma e duas horas, sendo que eram gravadas e posteriormente transcritas.

Quanto à análise documental, a maioria dos documentos foi encontrada no Centro de Memória da FMRP, no Centro Acadêmico da FMRP, na Biblioteca do CEAPES do Hospital

das Clínicas da FMRP, no Arquivo Histórico Municipal de Ribeirão Preto, na Reitoria da USP, no IEB-USP, no SIARQ-UNICAMP e na Assembléia Legislativa de São Paulo.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

Este trabalho teve como objetivo estudar o processo de criação, instalação e desenvolvimento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no período compreendido entre 1948 a 1975. O recorte histórico proposto se justifica no fato que, após 1975, a “Fazenda” na qual fora instalada a FMRP se transformou num verdadeiro *campus* universitário com a expansão de novos cursos como: Escola de Enfermagem (que se localizava no centro de Ribeirão Preto); Faculdade de Farmácia e Faculdade de Odontologia (ambas particulares que, também, se localizavam no centro de Ribeirão Preto e foram encampadas pela Universidade de São Paulo); Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Com isso, descaracterizaram-se os primeiros tempos da FMRP.

Em função disto, procurei:

- a) investigar o sentido histórico-social e educacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP) no decorrer destes anos;
- b) conhecer como se deu o processo de consolidação desta Faculdade;
- c) compreender quais práticas pedagógicas caracterizaram seu processo de consolidação;
- d) identificar o perfil sócio-econômico e a inserção profissional dos médicos formados nesta Faculdade;
- e) investigar qual o impacto desta Faculdade na região de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo e, de certa forma, no Brasil.

1.4 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Primeiramente, fui até a FMRP conhecer suas instalações e conversar com pessoas que pudessem fornecer informações sobre onde poderia encontrar material de pesquisa. Após algumas conversas, cheguei até o Centro de Memória da FMRP, onde constatei um farto acervo repleto de documentos como: pareceres, ofícios, processos, atas, jornais, fotos, álbuns, revistas, livros, entrevistas datilografadas etc. Desta forma, pedi autorização para a funcionária e para a professora responsáveis pela guarda deste material, para utilizá-los para

fins de pesquisa. Ambas concordaram não apenas me deixando realizar a pesquisa documental como, também, me autorizando a tirar cópia de todo material selecionado. O único problema foi que todo este material de pesquisa estava simplesmente colocado no lugar e não organizado e acondicionado corretamente, pois os mesmos tinham sido postos em gavetas, sem nenhuma classificação, enquanto outros ficavam em caixas esparramadas pelo chão ou, simplesmente, em cima de algum antigo aparelho médico muito empoeirado. Eram poucos os documentos que estavam acondicionados e classificados corretamente. Após vários dias pesquisando e analisando todo este material, vários deles foram separados e reproduzidos (fotocópia). Entre o material separado, foram selecionados mais de duzentas matérias de jornais e mais de cento e vinte cópias de documentos. Várias fotografias, também, foram escaneadas ou fotografadas com máquina digital.

Outro local pesquisado dentro da FMRP foi o Centro Acadêmico Rocha Lima (CARL). Após conversar com a Presidente desse órgão, foi-me autorizado pesquisar em seus arquivos, onde se encontrava uma vasta documentação, constituída principalmente, de jornais (mais especificamente do jornal “O Esteto” de publicação do próprio Centro), que estavam guardados nas gavetas dos arquivos, porém desorganizados e empoeirados. Neste local, passei alguns dias pesquisando e tirei cópias de alguns jornais e de poucos documentos.

Outro lugar pesquisado dentro da FMRP foi a Biblioteca do Centro de Educação e Aperfeiçoamento Profissional em Saúde (CEAPS), localizado no Hospital das Clínicas. Nesta biblioteca encontrei pastas contendo vários documentos, principalmente discursos dos professores paraninfos das primeiras turmas e recortes de jornais, tudo muito bem organizado.

Na cidade de Ribeirão Preto, meu local de pesquisa foi o Arquivo Histórico Municipal, onde encontrei vários jornais da década de 1940, 1950 e 1960, organizados em pastas em ordem cronológica. Neste local, passei alguns dias pesquisando matérias de jornais referentes à FMRP, ou seja, matérias referentes à movimentação da cidade para criação da Faculdade de Medicina, sua posterior instalação, sua transferência da sede provisória para a sede definitiva, a relação da Faculdade com a cidade tanto na prestação de serviços médicos à comunidade, como nos eventos culturais etc. Porém, como não se podia tirar cópia dos jornais, muitas matérias, ou foram fotografadas com máquina digital, ou foram copiadas em um caderno.

Após estas várias pesquisas, constatei que outro local importante onde poderia coletar material seria a Reitoria da Universidade de São Paulo. Por isso, fui até o *campus* da USP, em São Paulo, e lá, conversando com uma funcionária da Reitoria, fui autorizado a pesquisar em vários arquivos onde constavam pareceres, ofícios, atas, cartas, telegramas, plantas, recortes

de jornais etc., de meu interesse. Separei, então, os documentos mais importantes e providenciei suas cópias.

Dentro da USP em São Paulo, realizei pesquisas no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), onde encontrei algumas leis referentes à FMRP publicadas em livros da Coleção das Leis e Decretos do estado de São Paulo.

Ainda, na cidade de São Paulo, fui até à Assembléia Legislativa do estado, onde pesquisei, principalmente, no Acervo Histórico e na Secretaria Geral Parlamentar. No Acervo Histórico, encontrei discursos de parlamentares sobre os projetos de instalação de instituições de ensino superior públicas em cidades do interior do estado de São Paulo e transcrevi vários discursos à mão por não poder tirar cópias. Na Secretaria Geral Parlamentar foram encontrados documentos originais dos Projetos de Leis nº 10, do Deputado Miguel Petrilli, acerca da criação de uma Universidade em São Carlos, e do Projeto de Lei nº 37, do Deputado Luís Augusto Gomes de Mattos, acerca da criação de uma Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto e de toda discussão parlamentar que se deu na época. Estes Projetos de Leis, que depois se transformaram em Lei, foram difíceis de ser encontrados, devido o tempo, pois eles datam de 1948. Minha sorte foi ter conversado com Dona Ieda, uma senhora de aproximadamente 80 anos de idade e chefe de uma sessão na Secretaria Geral Parlamentar, que se lembrou deste período (em 1948 ela já trabalhava na Assembléia Legislativa) e determinou a um subordinado que fosse buscar os Projetos de Leis no porão da Assembléia para eu vê-los e analisá-los. Em resumo, sai da Assembléia com as cópias dos Projetos de Leis na íntegra.

Por fim, dirigi-me ao Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas (SIARQ-UNICAMP), local em que pesquisei em caixas (arquivos) que continham vários recortes de jornais e documentos à respeito da FMRP, do Hospital das Clínicas da FMRP e da Escola de Enfermagem, além de cartas e telegramas enviados e recebidos pelo Professor Zeferino Vaz.

Após a coleta de todo o material, coube-me sua organização e sistematização. Os mesmos foram separados por temas (assuntos) e por datas, formando respectivos blocos que me auxiliaram na redação do texto da Tese.

A leitura e o resumo de vários livros referentes à temática da pesquisa também em muito me auxiliou para a redação do texto da Tese. Entre estes livros, alguns, abordavam pesquisas semelhantes realizadas em outras instituições de ensino; outros, abordavam temas que me auxiliaram na redação do referencial teórico e, outros, ainda, complementavam todo

arcabouço teórico necessário para compreender melhor o desenvolvimento da pesquisa, à luz de conceitos históricos e sociológicos. Todos os livros estão referenciados no final deste trabalho.

1.5 ÂMBITO E ESTRUTURAÇÃO DA PESQUISA

Iniciei o texto abordando o **Referencial Teórico** que estruturou-se da seguinte forma:

Primeiramente, destaquei as **principais escolas teóricas e as diferentes compreensões da história**, em que enfoquei o Positivismo, o Materialismo Histórico, o Historicismo e a Nova História Francesa (a Escola dos Annales). Neste momento, apoiei-me, principalmente, nos textos de Auguste Comte, Émile Durkheim, Karl Marx, Friedrich Engels, Peter Burke, Paolo Nosella, Ester Buffa e Décio Gatti. Depois, destaquei a **relação entre o particular e o geral**, em que abordei o Historicismo e a Escola dos Annales. Apoiei-me, principalmente, nos textos de Benedito Croce, Peter Burke e Carlo Ginzburg. Em seguida, destaquei os **estudos de instituições escolares**, em que abordei o estudo do particular, tendo como possibilidade a compreensão do geral e a importância de integrar e contextualizar a instituição escolar. Neste momento, apoiei-me, principalmente, nos textos de Antônio Nóvoa e Justino Magalhães. Posteriormente, enfoquei a **instituição escolar e sua relação com a sociedade**, momento em que discuti a instituição escolar como instrumento de socialização e integração, como instrumento de reprodução ou de libertação e transformação social. Apoiei-me, essencialmente, nos textos de Pierre Bourdieu e André Petitat. Em seguida, o **trabalho como princípio pedagógico**, em que destaquei o trabalho como categoria fundamental de análise da sociedade e de suas relações, apoiando-me, principalmente, nos textos de Antônio Gramsci e Paolo Nosella. E, por fim, **fontes de pesquisa**, ou seja, destaquei a importância das fontes de pesquisa em história da educação e em história de instituições escolares, com base, principalmente, em textos de Dermeval Saviani e José Carlos Lombardi.

Após o Referencial Teórico, abordei a **Primeira Parte do Trabalho**, isto é, a **Sistematização**. Esta Primeira Parte foi composta por dois capítulos, sendo que no **Capítulo I** abordei os antecedentes históricos da medicina no Brasil no final do século XIX e início do XX, o controle das endemias e seus protagonistas, a Faculdade de Medicina de São Paulo, a relação da Fundação Rockefeller com a medicina de São Paulo e a necessidade de instalação de uma Faculdade de Medicina no interior do estado de São Paulo. O **Capítulo II**, por sua vez, abordou os condicionantes da criação, da instalação e do desenvolvimento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Além disso, destacou a cidade de Ribeirão Preto, expondo as

razões históricas e sociais do município para sediar uma Faculdade de Medicina, a estrutura didática do curso de medicina, o corpo docente, o corpo discente, os funcionários, o primeiro vestibular, a aula inaugural, as disciplinas e os departamentos, as pesquisas desenvolvidas, o Hospital das Clínicas etc.

Na **Segunda Parte do Trabalho** caracterizei e analisei alguns problemas observados durante a pesquisa. Ela foi composta pelo **Capítulo III**, na qual destaquei cinco problemas importantes para ajudar a compreender melhor a relação entre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e a sociedade que a produziu e a moldou. Cada problema teve dois sub-títulos, sendo um a caracterização, na qual procurei colocar trechos das entrevistas, em que os problemas apareceram e, o outro, a análise, na qual abordei os problemas levantados na caracterização partindo, principalmente, do que os entrevistados pensam e falam sobre sua realidade.

Por fim, elaborei uma **Conclusão**, que procurou sintetizar as minhas principais convicções.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo como preocupação que a busca do conhecimento deve ser orientada metodologicamente, explicitarei, neste capítulo, os fundamentos teóricos e os pressupostos metodológicos que orientam e sustentam esta pesquisa.

2.1 AS PRINCIPAIS ESCOLAS TEÓRICAS: AS DIFERENTES COMPREENSÕES DA HISTÓRIA

As diferentes compreensões da história acarretam diferentes métodos que orientam a pesquisa histórica. Por isto, pretendo, nesta etapa do trabalho, expor algumas das principais escolas teóricas que influenciaram as diferentes compreensões da história. A princípio, como o leitor verá, destacarei a teoria Positivista; em seguida, a teoria que se fundamenta no Materialismo Histórico; depois, o Historicismo, e por fim, a Nova História Francesa (a Escola dos Annales).

As ciências humanas e, entre elas, a história, foram influenciadas pelo método das ciências experimentais que marcaram os séculos XVI e XVII. Nessa época, as ciências humanas buscavam estabelecer verdades tão universais e confiáveis quanto as apresentadas pela física, astronomia e demais ciências da natureza. Mesmo rompendo com as representações religiosas, metafísicas e idealistas da realidade, essa perspectiva histórica, contudo, não ultrapassava a compreensão metafórica da pessoa.

Foi somente com o surgimento do Romantismo, que exerceu influência sobre as ciências humanas principalmente na Alemanha, que ocorreu a reação à deformação que esta orientação racionalista e mecanicista causara no seu objeto de estudo. Sem retornar à compreensão religiosa da história, o romantismo caracterizou-se por uma “[...] afirmação veemente da intuição contra a fria análise, da duração vivida contra o tempo mecânico, da totalidade dinâmica contra a especialização, da unidade do sujeito e do objeto contra a objetivação metodológica” (PETITAT, 1992, p. 136).

No século XIX, conseqüentemente, duas diferentes teorias do conhecimento passam a orientar a compreensão da história: de um lado, o Positivismo e, de outro, o Materialismo Histórico.

O positivismo caracteriza-se pela aplicação do método das ciências naturais às ciências humanas, mas não mais como ocorrera nos séculos XVI e XVII, época em que as ciências naturais estavam ainda em processo de estruturação de seu método. No século XIX, o

método das ciências naturais já apresentava seus resultados, principalmente com os avanços da Revolução Industrial. As conquistas científicas exerciam um fascínio sobre as ciências humanas que, almejando o mesmo progresso, passam a aplicar sobre seus objetos de estudo os mesmos métodos.

Seu principal teórico e divulgador foi Auguste Comte. O pensamento positivista pregado por Comte atém-se à descrição e análise objetiva da experiência de modo a apreender, dos fenômenos observados, as relações que neles se travam. O positivismo opõe-se, deste modo, a toda elaboração metafísica, ao idealismo e ao pensamento hipotético-especulativo, a todo *a priori* e a qualquer modalidade de apreensão intuitiva. A filosofia positivista possui a função única de sistematizar as diversas investigações científicas.

Para Comte, a história se divide em três etapas sucessivas e evolutivas. A primeira, estado teológico ou fictício, caracteriza-se por explicações de caráter transcendental. Na segunda, estado metafísico ou abstrato, a realidade é explicada por sistemas universais e abstratos. E, na terceira, estado científico ou positivo, o auge da evolução é a etapa científica ou positiva, em que a ciência é a responsável pela explicação da realidade (COMTE, 1983, p. 3-4).

A teoria positivista define a sociedade como sendo um todo orgânico em que reina uma harmonia natural. Este todo é regido por leis naturais, ou seja, invariáveis e independentes da ação humana. O conhecimento da sociedade obedece à mesma metodologia utilizada para conhecer a natureza, sendo o conhecimento obtido neutro de valores morais, da mesma forma como são considerados neutros e livres de juízos de valor os conhecimentos obtidos pelas ciências naturais.

Com isso, o positivismo reduz o papel do homem enquanto ser pensante, crítico, para um mero coletor de informações e fatos presentes nos documentos, capazes de fazer-se entender por sua conta. Afinal, os fatos históricos falam por si mesmos.

Para os positivistas, a história assume o caráter de ciência pura que não necessita da ação do historiador para ser entendida. O papel deste é coletar e organizar os dados, sem proferir julgamentos pessoais de sua validade. O importante é a busca incessante de fatos históricos e sua comprovação empírica. Daí, a necessidade, como pregavam, de se utilizar na pesquisa o máximo de documentos possíveis para se obter a totalidade sobre os fatos e não deixar nenhuma margem de dúvida no que se refere à sua compreensão. A busca desses fatos deve ser feita por mentes neutras, pois qualquer juízo de valor na pesquisa altera o sentido e a verdade própria dos fatos, modificando, pois, a própria história. Esta se tornaria uma ciência falha e totalmente fora de seu caráter científico e, portanto, destituída de valor e validade.

De acordo com Buffa:

Em síntese, um historiador positivista considera a sociedade, cuja história procura elaborar, um todo harmonioso, possível de ser conhecida da mesma forma que a natureza, sem a interferência ativa do pesquisador (seus valores, suas visões de mundo, suas ideologias, seus condicionamentos sociais). Para um historiador positivista, as únicas fontes dignas de confiança, são os documentos escritos (BUFFA, 1997, p. 2).

A objetividade, a minuciosidade, o detalhe e a dedicação **impessoal**, portanto, são as grandes lições da escola positivista para o estudo da história no século XIX e início do XX. A ciência e a tecnologia, responsáveis por grandes descobertas nesta época, influenciam o campo dos estudos humanos reduzindo o papel do profissional deste campo a um mero coletor de informações.

Com efeito, esta concepção de sociedade e de história, posteriormente, recebe uma sistematização rigorosa com o pensamento de Durkheim. Considerando que o pensamento de Comte acerca do desenvolvimento da humanidade não se referiu às sociedades concretas, permanecendo no conceito genérico de desenvolvimento, Durkheim propõe **regras do método sociológico** que sejam as mais objetivas possíveis. Elege o **fato social** como fundamento de toda pesquisa sobre a realidade social, sem exceções. Considera os fatos sociais como coisas, cuja natureza, por mais elástica e maleável que seja, não é, porém, modificável de acordo com a vontade do sujeito. Com isso, extingue do estudo da sociedade qualquer influência subjetiva do pesquisador (DURKHEIM, 1983, p. 96).

Segundo Durkheim:

Devemos, portanto, considerar os fenômenos sociais em si mesmos, desligados dos sujeitos conscientes que, eventualmente, possam ter as suas representações; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, porquanto é nesta qualidade que eles nos apresentam (id., ib., p. 100).

Para Durkheim, denominam **fatos sociais** nossos atos e idéias incorporados externamente e que guiam nosso comportamento social. Portanto, devem ser estudados como coisas, ou seja, objetos do conhecimento que a inteligência não penetra de maneira natural. A maioria de nossas idéias e tendências, segundo Durkheim, não é elaborada por nós, mas nos vem de fora.

Nesta perspectiva, a compreensão da história estaria na perfeita observação dos fatos por parte do historiador e, não, em sua análise, pois sua opinião mudaria o verdadeiro sentido do conhecimento histórico. Os fatos falam por si mesmos e possuem uma verdade implícita que aparece quando postos à tona. O trabalho e ofício do pesquisador seriam tão somente resgatá-los do esquecimento e possibilitar sua divulgação. Mas nunca interpretá-los ou propor um entendimento para os mesmos; afinal, o ser humano é passível de erros e não possui a exatidão da verdade histórica.

Outra teoria do conhecimento desenvolvida no século XIX é o Materialismo Histórico.

Hegel, expressão máxima do idealismo, valoriza a história compreendendo-a como um processo de desenvolvimento, em que os fatos estão em estreita conexão e, não, isolados de forma positiva, como no Positivismo. Sua compreensão de história refere-se à manifestação da **idéia**, sendo, portanto, uma história idealista. Partindo das idéias de Kant sobre a capacidade de intervenção do homem na realidade, sobre as reflexões acerca do sujeito ativo, Hegel tratou de elaborar a **dialética** como método, desenvolvendo, assim, o princípio da contradição, afirmando que uma coisa **é e não é** ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Por isto, Hegel preconiza o princípio da contradição, da totalidade e da historicidade.

Entretanto, seu pensamento, estruturado no idealismo, interpreta o mundo como uma encarnação da consciência da **idéia**, numa concepção essencialmente otimista, na qual a história da humanidade surge como um processo desenvolvido por uma razão universal cujo desígnio é eterno. Segundo a filosofia idealista, apenas nossa consciência teria existência real. O mundo material, a natureza, enfim, nada mais seriam do que o produto da consciência humana.

Coube a Marx e Engels inverter esta perspectiva, compreendendo a história como uma conexão de fatos, porém, vinculados à realidade material, de modo específico a da produção econômica. A economia, no pensamento marxista, engloba o conjunto dos esforços do homem para se apropriar da matéria e explorá-la, sendo ela, a economia, que constitui a estrutura essencial das relações sociais, ao passo que as ideologias consistem em meras superestruturas condicionadas pela infraestrutura econômica. Ao eleger causas econômicas como primeiras das transformações sociais, Marx concluiu que **a história não é mais que a história da luta de classes**.

Na busca de um caminho que fundamentasse o conhecimento para a interpretação da realidade histórica e social que o desafiava, o pensamento marxista superou, incorporando e indo além, as posições do pensamento hegeliano no que diz respeito à dialética e conferiu-lhe

um caráter materialista e histórico. O importante, para Marx, era captar detalhadamente as articulações dos problemas em estudo, analisar as evoluções e rastrear as conexões sobre os fenômenos que os envolvem.

A lógica formal hegeliana, na concepção de Marx, não conseguia explicar as contradições, amarrando o pensamento e impedindo-lhe o movimento necessário para a compreensão das coisas. Se o mundo é dialético – se movimenta e é contraditório – era preciso, então, um método, uma teoria de interpretação que conseguisse servir de instrumento para sua compreensão. Este instrumento lógico, tal qual pensou Marx, foi o método materialista histórico dialético. Este método, segundo ele, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis³.

O método materialista histórico-dialético, portanto, caracteriza-se pelo movimento do pensamento por meio da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens ao longo da história da humanidade.

O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial. Neste caminho lógico, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico e, por meio de reflexões chegar ao concreto pensado.

Se a lógica dialética permite e exige o movimento do pensamento, a materialidade histórica diz respeito à forma de organização dos homens em sociedade, ao longo da história. Ou seja, diz respeito às relações sociais construídas pela humanidade durante todos os séculos de sua existência. É na base produtiva da sociedade que Marx estabelece o referencial para compreender as transformações da história. Segundo ele:

[...] na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (MARX, s/d., v.1, p. 301).

³ O conceito de práxis de Marx pode ser entendido como prática articulada à teoria, prática desenvolvida com e por meio de abstrações do pensamento, como busca de compreensão mais consistente e conseqüente da atividade prática. É prática “infectada” de teoria. É prática refletida.

Para o pensamento marxista, esta materialidade histórica pode ser compreendida a partir das análises empreendidas sobre uma categoria considerada central: o trabalho.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais (MARX, 1975, p. 202).

O trabalho, mais do que um fator social, torna-se, no Materialismo Histórico, um elemento fundamental de análise. Assumir o Materialismo Histórico como teoria para análise da história significa assumir o trabalho como práxis humana e social capaz de produzir não apenas objetos, mas relações sociais. Nesta perspectiva, o trabalho é assumido como categoria fundamental de análise também na prática educacional, como será visto mais adiante.

O Materialismo Histórico, entretanto, segundo Nosella e Buffa, acabou reduzindo-se a um determinismo econômico, chegando a eleger o modelo soviético como universal. Deste modo, tornou-se semelhante ao jusnaturalismo (teoria que defende a imutabilidade e a transcendência da natureza humana), ao considerar a infraestrutura uma realidade transcendente, metafísica, negligenciando as características específicas de cada época e lugar (NOSELLA; BUFFA, 2002, p. 77).

Como reação ao jusnaturalismo, Nosella e Buffa destacam o Historicismo, pois:

[...] o historicismo, sem negar o universal, privilegia o caráter individual e concreto do homem, entendendo que juízos universais e genéricos impedem a compreensão daquilo que é mais fecundo para a ciência, ou seja, as particularidades, as diferenças históricas (id., ib., p. 75-76).

Compreendendo a realidade econômica como complexa e profundamente ligada à cultura, aos costumes etc., o Historicismo, enquanto teoria que valoriza as particularidades como reveladoras do momento histórico, permanece como possibilidade de uma compreensão mais apurada da realidade e, de modo especial, da realidade da educação.

Na história do pensamento filosófico brasileiro, salienta Nosella (2002) que o Historicismo não foi muito bem aceito. Houve um certo preconceito quanto a ele que recaiu numa postura a-historicista. Nosella quando refere-se ao estudo de Gramsci entre os

educadores brasileiros nos chama a atenção para isto. As razões para esta rejeição intelectual pode residir, como ele salientou, citando Buffa e Warde, numa certa vergonha da própria história, por esta ser marcada pela escravidão e dominação, gerando, assim, um comportamento a-histórico de buscar sempre o novo e esquecer do passado. Outro motivo apontado seria a predominância da mentalidade escolástica na formação dos intelectuais brasileiros (NOSELLA, op. cit., p. 34-36). Pode-se lembrar, também, a influência do pensamento positivista na formação da intelectualidade brasileira. Para o Positivismo, o Historicismo seria a negação do espírito científico. Fundamentado sobre as relações humanas, o Historicismo perderia (aos olhos do positivismo) a neutralidade e a objetividade consideradas imprescindíveis ao conhecimento.

Enfim, percebe-se, de um lado, pesquisas que perseguem aspectos pontuais de seus objetos de estudo, caso do Positivismo, e, de outro, pesquisas que apresentam visões por demais genéricas, caso do Materialismo Histórico. O desafio posto ao historicismo, portanto, é o de compreender nosso momento **histórico concreto**.

Com efeito, estas mudanças no prisma das pesquisas históricas recebem influência de novas abordagens da chamada Escola dos Annales e da nova história francesa, levando a pesquisa em história e a pesquisa em história da educação a valorizar fontes até então consideradas inválidas pelo Positivismo, ou não consideradas pelo Materialismo Histórico.

Com o projeto de renovar a história Lucien Febvre e Marc Bloch fundaram a Revista *Les Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929. O objetivo desta revista foi demonstrar toda a insatisfação de seus fundadores com relação à história política (predominante na época), permeada por concepções redutoras e centralizadoras que restringiam o campo histórico ao domínio da vida pública. É a partir daí que estes historiadores resgatam, ou melhor dizendo, reaproximam a etnometodologia da história, contribuindo sobejamente para evolução do conhecimento histórico contemporâneo.⁴

A Escola dos Annales surge contra o vazio dos fatos, contra certa “pobreza” de visão que reduzia o mundo à relação entre “grandes homens”, exércitos e povos. Busca, ela, uma história totalizante que procura compreender o homem em sua plenitude, para a qual a história tradicional era incompleta. Era, pois, necessário, transformar a história. Substituir a “narrativa

⁴ A chamada Escola dos Annales é dividida em três gerações: a primeira representada por Lucien Febvre e Marc Bloch (seus fundadores); a segunda representada pela liderança de Fernand Braudel e; por fim, a terceira, integrada entre outros por Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Duby e Jacques Le Goff.

histórica” por uma “história problema”. Era necessário uma “colaboração interdisciplinar” para levar para dentro da história horizontes, conceitos, inflexões de outras disciplinas.

Segundo Gatti Jr.:

De fato, os historiadores dos *Annales* rompiam com diversos dos alicerces da historiografia tradicional, pois, destruíram a noção do central e do periférico na abordagem historiográfica, dispuseram-se, pelo menos com Bloch e Braudel, a analisar as estruturas do processo social, alargaram a noção de documento histórico, abandonaram a narrativa exclusiva dos feitos dos grandes homens, buscando dar visibilidade a novos personagens históricos e provar a possibilidade de uma historiografia profissional fora dos marcos preconizados pela tradição positivista (2002, p. 9).

Esta **nova história** privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Neste sentido, os documentos são arqueológicos, iconográficos, cinematográficos, orais etc. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes.

De acordo com Buffa:

As novas abordagens decorrentes da Escola dos *Annales* e da nova história francesa provocaram uma transformação nos objetos, na maneira de trabalhar do historiador e nas concepções de história. Essas novas abordagens são fascinantes: história da vida privada, agora também da brasileira, das gentes simples, de seu cotidiano, da vida doméstica, religiosa, sexual, todos objetos negligenciados no passado e que suplantaram tanto os enfadonhos antigos estudos sobre reis e imperadores e seus feitos político-guerreiros como os complicados tratados sobre história econômica, por exemplo (BUFFA, 1997, p. 4).

Ainda, segundo a autora:

Essas novas abordagens seduziram também historiadores da educação brasileira que consideraram, assim, insuficientes as tradicionais fontes de pesquisa. O documento escrito, se existir, é, sem dúvida, uma fonte a considerar, mas há outras mais preciosas. E o próprio conceito de fonte que se alarga. Assim, em se tratando de história da educação as memórias, as histórias de vida (escritas ou orais), livros e cadernos dos alunos, discursos em solenidades, atas, jornais de época, almanaques, livros de ouro, relatórios, fotografias etc. são fontes importantíssimas. Assim, alguns dos nossos historiadores da educação seduzidos por essas novas abordagens passaram a pesquisar o particular, o pontual, o efêmero por si próprios, renunciando a possibilidade de uma compreensão objetiva da realidade (id., ib., p. 4).

Novos temas, portanto, começam a ser pesquisados pelos historiadores da educação como: cultura escolar, instituições escolares, entre outros.

De forma geral, os historiadores, principalmente na década de 1980, passam a estabelecer um diálogo mais intenso e profícuo com a antropologia. Neste momento, surge o movimento conhecido como “viragem antropológica”, que se deu a partir da terceira geração da Escola dos Annales, e que “pode ser discutido com mais exatidão, como uma mudança em direção à antropologia cultural ou ‘simbólica’” (BURKE, 1997, p. 94).

A inserção de novas temáticas, assim como uma apreensão do simbólico por parte dos historiadores, têm sido pontos fundamentais neste novo saber e fazer histórico. Temas como o medo, o corpo, a morte, a loucura, o clima, a feminilidade, instituições escolares etc., têm sido objetos de estudo, o que, na perspectiva da história tradicional, era algo praticamente impensável. Todos estes aspectos da vida humana passam a ser considerados a partir de uma nova perspectiva: a perspectiva cultural.

2.2 RELAÇÃO ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL

Elemento decorrente do Historicismo é a percepção do particular como revelador do universal. Croce, em sua obra *A História: pensamento e ação*, compreende o Historicismo como afirmação de que a vida e a realidade são história, em oposição ao racionalismo abstrato ou iluminismo que divide a realidade em super-história (mundo de idéias e de valores) e história enquanto um baixo mundo que os reflete de modo imperfeito (CROCE, 1962, p. 51).

Ainda, segundo Croce:

Tal polêmica tem seu nervo na demonstração de que as idéias ou valores, que foram tomados como modelos e medida da história, não são idéias e valores universais, mas fatos particulares e históricos eles mesmos, indevidamente elevados a universais (id., ib., p. 51).

Neste sentido, o Historicismo resgata o particular, considerado irracional pelo iluminismo, compreendendo o verdadeiro papel que ele representa. O Historicismo não é o estudo do particular concreto, descrito apenas empírica e superficialmente.

De acordo com Pistone, baseado em Meinecke:

[...] o primeiro princípio do Historicismo está na substituição de uma consideração generalizante e abstrativa das forças histórico-humanas pela consideração do seu caráter individual, na convicção de que a aplicação de

juízos generalizados em relação ao homem e aos fenômenos culturais e sociais a que o homem deu origem não permite entender as profundas transformações e a variedade de formas que a vida moral e espiritual do indivíduo e das comunidades consente e assume, não obstante a permanência inalterada de qualidades humanas fundamentais (PISTONE *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004, p. 581).

Outro parâmetro básico do Historicismo é anunciado pela assertiva de Croce: “[...] o universal palpita na realidade nada mais que com a palpação do individual; e quanto mais se fixam os olhos no fundo deste, mais se vê no fundo o universal” (CROCE, *op. cit.*, p. 53).

Para o Historicismo, assim como o universal não existe em abstrato, o particular não tem sentido sem sua relação com o universal. Portanto, na perspectiva historicista, pesquisar a educação significa fixar os olhos no fundo das instituições escolares, procurando compreender o todo, pois há uma estreita relação entre o universal e o particular que não pode ser desfeita.

Com efeito, a proposta da Escola dos Annales e da chamada nova história francesa, como já destaquei, vêm ao encontro desta orientação metodológica. Novas abordagens históricas são assumidas, procurando superar a história meramente econômica ou político-guerreira. A história da vida privada, do cotidiano, encontra nesta análise elementos que permitem compreender a sociedade em seu conjunto.

Carlo Ginzburg, em sua obra *O Queijo e os Vermes* (1987), põe em prática esta concepção de compreensão da história ao pesquisar a vida de um moleiro perseguido pela Inquisição. Nesta análise da vida privada do moleiro, estabelece parâmetros que lhe permitem compreender a sociedade da época. Segundo o autor, seu objetivo não é contrapor as pesquisas qualitativas às quantitativas, mas valorizar dados desconsiderados por não provirem documentos escritos.

Em suma, satisfaz-me a posição de Ginzburg que vai ao particular à luz de uma visão que não impede a compreensão do todo, pois sabe ele a importância de se articular a relação entre o universal e o particular.

2.3 ESTUDO DE INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Conforme explicitado, a compreensão atual da história e, por consequência, da pesquisa histórica, abre-se para um novo horizonte: o particular como possibilidade de compreensão do universal. Neste sentido, as pesquisas em educação voltam sua atenção para a instituição escolar.

Antônio Nóvoa salienta, em seu artigo “Para uma análise das instituições escolares”, que os estudos em educação realizados nos últimos anos não valorizaram a influência das variáveis escolares e dos processos internos aos estabelecimentos de ensino na estrutura e funcionamento do sistema educativo. Comentando o trabalho *Éducation et Politique* de Jacques Ardoino, Nóvoa apresenta o percurso do interesse das pesquisas em educação nas últimas cinco décadas (NÓVOA, 1992, p. 17-18).

Até os anos 1950 o interesse estava centrado nos alunos, compreendidos individualmente em suas dimensões cognitiva, afetiva e motora. A pedagogia privilegiava as metodologias de ensino (id., ib., p. 18-19).

Os anos 1960 e 1970 são marcados pela emergência da pedagogia institucional, da proposta da educação permanente e da desescolarização da sociedade. Todos esses fatores refletem a crítica às instituições escolares, a projeção da pedagogia para fora da escola, a diversificação do papel do professor etc. A pedagogia voltava-se para a dimensão institucional na análise da educação, especificamente do sistema educativo (id., ib., p. 19).

Nos anos 1980 e 1990, a investigação em educação tem voltado seu interesse para uma pedagogia centrada na escola. Ainda, segundo Nóvoa:

A valorização da escola-organização implica a elaboração de uma nova teoria curricular e o investimento dos estabelecimentos de ensino como lugares dotados de margens de autonomia, como espaços de formação participada, como centros de investigação e de experimentação, enfim, como núcleos de interação social e de intervenção comunitária (id., ib., p. 19).

O interesse pelas instituições escolares faz emergir uma sociologia das organizações escolares. Trata-se de um enfoque equilibrado entre a abordagem centrada na sala de aula e as perspectivas sócio-institucionais, livrando-se dos extremos micro ou macro. Desta forma: “As instituições adquirem uma dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas” (id., ib., p. 15).

A escola é uma instituição socialmente específica, que não pode e não deve ser confundida ou manipulada segundo os interesses da economia. Esta especificidade não pode, porém, levar a um alienamento em relação à sociedade em suas interações mais amplas. Para que esta alienação não aconteça, a pesquisa acerca de uma instituição específica deve estar também atenta ao contexto histórico e social que influencia e que é influenciado pela instituição. Como visto, é analisar o particular sem perder de vista o universo mais amplo que o envolve.

Refletir acerca de uma instituição escolar significa reconhecer, conforme Nóvoa, que:

As escolas constituem uma *territorialidade* espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos actores educativos internos e externos; por isso, a sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a acção educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *stricto sensu* (op. cit., p. 16).

É num sentido lato e, não, num sentido estrutural estrito, que o trabalho de pensar a escola é útil e estimulante. Centrar a atenção na escola não deve, pois, excluir outras instâncias, mas integrá-las e contextualizá-las.

O fundamento desta perspectiva centrada na instituição escolar é o postulado de que a escola é dotada de um **território intermediário**, que não se limita a reproduzir as normas e valores do macro-sistema, mas que, também, não pode ser definido unicamente pelos micro-processos que ocorrem em seu interior.

Neste sentido, segundo Licínio Lima, citado por Justino Magalhães:

[...] uma abordagem sociológica da organização escolar não representa apenas a procura de um lugar de encontro de síntese, possível, das contribuições resultantes das abordagens *macroscópicas* e *microscópicas*; mais do que isso, trata-se de valorizar um terreno específico que uma vez articulado com os outros dois, que não pode de resto dispensar ou desprezar, permitirá o estabelecimento de uma espécie de *triangulação* que mais facilmente poderá conduzir à superação de limitações anteriores (LIMA *apud* MAGALHÃES, 1999, p. 66).

Nosella e Buffa, também em suas pesquisas acerca de instituições escolares, têm se preocupado com este debate metodológico existente entre visões gerais e singulares, em que as primeiras são demasiadamente genéricas e paradigmáticas e, as segundas, meramente curiosas. Consideram que o importante é ir ao particular à luz de uma visão geral da história bastante precisa, pois acreditam que o universal só pode ser captado no particular por um olhar perspicaz e rigoroso que se orienta por largos horizontes e, que este olhar, só pode ser desenvolvido pela reflexão filosófica. Neste sentido, procuram distanciar-se dos extremos.

Décio Gatti Júnior e Lúcia Helena M. M. Oliveira no artigo intitulado “História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico” destacam que:

[...] historiar uma instituição educativa, tomada na sua pluridimensionalidade, não significa laudatoriamente descrevê-la, mas explicá-la e integrá-la em uma realidade mais ampla, que é o seu próprio sistema educativo. Nesse mesmo sentido, implicá-la no processo de evolução de sua comunidade ou região é evidentemente sistematizar e re(escrever) seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, no qual são inseridas as mudanças

que ocorrem no âmbito local, sem perder de vista a singularidade e as perspectivas maiores. [...] Neste sentido, é significativo privilegiar as novas interpretações que realçam a História Regional, objetivando *fazer a ponte entre a totalidade e a singularidade*. Deste modo, entender a história regional significa inseri-la num contexto mais amplo, no qual as mudanças em âmbito local ocorrem. Assim, historiar uma instituição educativa carece não perder de vista sua especificidade, mas ao mesmo tempo, compreender sua totalidade (2002, p. 74, grifo meu).

No Brasil, a possibilidade de historicizar uma instituição escolar discutindo-a de forma articulada tem se evidenciado cada vez mais nos congressos da área de história da educação.

Seu ponto de partida⁵, de forma geral, se deu a partir dos anos 1970, quando a história da educação brasileira se consolidou e expandiu com a abertura dos programas de pós-graduação, os primeiros a se constituírem foram o da PUC-Rio, em 1965, e o da PUC-São Paulo, em 1969. A história da educação, assim, foi se constituindo como campo ou domínio de conhecimento delimitado. Por muito tempo a história da educação se confundiu com a história das idéias sobre educação e não com as concretizações e realizações práticas.

Ao movimento de criação e, posteriormente, expansão dos programas de pós-graduação em educação, uniram-se práticas que antes tendiam a estar separadas, quais sejam: o ensino da disciplina, a atividade do magistério e a produção de conhecimento. Isto foi fundamental para que a história da educação ganhasse autonomia como disciplina acadêmica e como campo de conhecimento. Ademais, com a criação desses programas, a teoria e a prática da história da educação tornou-se uma prática profissional e universitária, pois tendeu-se a criar regras para o exercício da pesquisa, o que proporcionou, paralelamente, a criação de instâncias reguladoras como: grupos de pesquisas, publicações, eventos científicos etc.

Desta forma, a preocupação com um outro tipo de conhecimento histórico em educação surge, visando à apreensão totalizadora do fenômeno educativo, estabelecendo, assim, vínculos entre educação e estruturas sociais e econômicas. Os sujeitos do discurso acadêmico elegem outros modelos teórico-explicativos e métodos-críticos derivados ou não do marxismo (Marx, Gramsci, Althusser).

Também, neste momento, se elege como modelo teórico-explicativo a idéia de se produzir um outro conhecimento histórico da educação de natureza crítica, estabelecendo-se elos entre educação e estruturas sociais e econômicas (Bourdieu e Passeron); ou ainda do estruturalismo (Foucault); ou da teoria crítica (Adorno, Benjamin e Horckheimer).

⁵ Os dados que seguem foram embasados principalmente na exposição do professor Carlos Monarcha no **I Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares** realizado no Centro Universitário Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo-SP, nos dias 12 e 13 de agosto de 2004.

Da procura de novas ou outras explicações históricas-sociológicas para a educação, originou-se uma problemática que colocou como questões-centrais as conexões entre educação e base material da sociedade de classes, atividade ideológica, relações de produção, exercício de poder, reprodução ideológica, crítica ideológica, crítica da cultura e outras.

A educação, neste momento, revelou-se como uma das grandes questões da política nacional. A história da educação passou a ser entendida como ciência da transformação.

Na década de 1990, os estudos históricos em educação passaram a produzir um outro tipo de conhecimento histórico em educação mediante, também, a adoção de outros modelos teórico-explicativos de métodos críticos derivados, desta vez, da nova história e da nova história cultural.

A partir de então, concretizaram-se mudanças que já haviam sido pressentidas como necessárias, quais sejam: a alteração na concepção de fontes históricas e no uso de documentos; uma compreensão mais clara da escrita da história como prática social; uma crítica referente às relações de superestrutura e infraestrutura; entre outras. Proporcionou-se, assim, uma espécie de explosão e uma especialização de objetos e temas de pesquisas e estudos cuja maior contribuição residia na chamada “revolução documental”.

Se “formação de professores” foi o tema que teve uma ampla visibilidade na pesquisa em educação nos anos 1980 e início dos anos 1990, nos anos 1990 o grande tema foi o da “cultura escolar”. Novos temas, então, surgiram como: gênero, infância, tempo, disciplinas, modos de ler, métodos de ensino, imprensa periódica e pedagógica, cultura escolar e instituições escolares.

Anteriormente, pelo fato de as pesquisas pautarem-se, de forma geral, no tema “educação e sociedade”, prevalecia uma dimensão macroscópica. Depois da década de 1990, com a expansão da pesquisa de temas e objetos que visam a identificar, descrever, explicar e interpretar a educação, passou-se a prevalecer uma dimensão microscópica.

Por fim, graças a consolidação dos Programas de Pós-Graduação em Educação e, posteriormente, a criação e expansão de Grupos de Estudos e Pesquisas em História da Educação como: Grupo de Trabalho em “História da Educação” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED); Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR); Associação Nacional de História (ANPUH); Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE); Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (NEPHE) etc., a pesquisa em história da educação e, nela, a pesquisa acerca de instituições escolares prosperaram.

2.4 A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE

Tendo como pressuposto que a instituição escolar está estreitamente vinculada com a sociedade a qual pertence, é preciso ter claro como esta relação acontece.

São várias as teorias que procuram explicitar como se dá esta relação, compreendendo a instituição escolar como instrumento de socialização e de integração, como instrumento a serviço da classe dominante para a reprodução do *status quo*, ou mesmo como instrumento de libertação e de transformação social.

Pretendo, entre diferentes propostas teóricas, destacar como referencial para esta pesquisa as contribuições de Pierre Bourdieu e de André Petitat. São duas teorias distintas que não serão assumidas integral e concomitantemente. Meu objetivo é de apresentar ambas e, com isto, evitar o fechamento em uma única perspectiva buscando, assim, uma compreensão (a mais ampla possível) da relação escola e sociedade.

Na compreensão da relação entre escola e sociedade, não há como negar uma grande influência do Materialismo Histórico. Isto reforça a tendência em compreender a realidade sempre a partir da estrutura econômica.

A reflexão de Pierre Bourdieu, mesmo sem assumir o Materialismo Histórico, dá ênfase à força que a sociedade exerce sobre a escola. Para ele, a educação tem como função precípua a **reprodução** da sociedade.

Analisando a relação entre o sistema de ensino e a organização social, Bourdieu afirma que a carreira escolar do aluno é determinada por sua origem social. Diz ele:

[...] Ora, vê-se nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais. Um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores àqueles de um jovem de classe média. É digno de nota o fato que as instituições de ensino mais elevadas tenham também o recrutamento mais aristocrático (BOURDIEU, 1998, p. 41).

A origem social do aluno praticamente impossibilita sua ascensão ao ensino superior, determinando, conseqüentemente, sua carreira profissional.

Contudo, a **origem social** não pode ser entendida como a única responsável pelo sucesso ou pelo fracasso escolar e profissional do aluno. Outro fator que deve ser considerado é o **cultural**.

Buscando superar a chamada “ideologia dos dons” cuja explicação corresponde a diferenciação gerada pela escola como sendo fruto dos dons naturais de cada aluno, Bourdieu mostra que a escola corporifica a cultura da classe dominante e se organiza de modo a favorecer aqueles que provêm desta classe. Assumindo como cultura socialmente reconhecida e legítima a cultura da classe dominante, a escola favorece os alunos que já a receberam em sua socialização familiar. Ignorando as diferenças culturais dos alunos a escola favorece os mais favorecidos e desfavorece os mais desfavorecidos. Segundo Bourdieu:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida (BOURDIEU, op. cit., p. 53).

Para explicar esta relação entre a cultura transmitida e a cultura exigida, Bourdieu estabelece a noção de *habitus*, isto é, um sistema de disposições duráveis socialmente constituído que é resultado de antecipações práticas que repousam sobre experiências anteriormente adquiridas. Este sistema de disposições duráveis é apropriado pelos indivíduos por meio do processo de socialização por eles vivenciado, em um primeiro momento no meio familiar e adquirido pelas experiências reproduzidas neste contexto. O *habitus* aí formado passará a constituir a base para experiências posteriores, como as experiências escolares.

A escola exige do aluno proveniente da classe dominante uma cultura que seu *habitus* já produziu, enquanto que o aluno vindo da classe dominada terá que esforçar-se para alcançar esta cultura como, por exemplo, a utilização da língua, o gosto pela arte, o conhecimento da história. Assim:

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês (ou, a *fortiori*, camponês e operário) não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e

aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido empregado pelos etnólogos) dessa classe. Não recebendo de suas famílias nada que lhes possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos das classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola por suas condutas por demais “escolares”.

É uma cultura aristocrática e sobretudo uma relação aristocrática com essa cultura, que o sistema de ensino transmite e exige (BOURDIEU, op. cit., p. 55).

Alguns conceitos de Bourdieu alargam a compreensão desta relação entre escola e educação. São eles, principalmente, os de **capital cultural** e de **capital social**. O capital cultural, em seus três estados, **incorporado**, **objetivado** e **institucionalizado**⁶, ajuda a compreender que as diferenças sociais não são causadas pela escola, mas **reproduzida** por ela, na medida em que ela assume como conteúdo um capital cultural que somente a classe dominante possui. Outro conceito relevante de Bourdieu é o de capital social⁷, mostrando que a escola não é a única responsável pelo êxito social do aluno, devendo-se considerar todo círculo de relações em que ele está envolvido e que possibilita-lhe, juntamente com o capital cultural que possui, conquistar o prestígio social.

Contudo, tenho claro que esta posição teórica de Bourdieu, embora elucidativa e crítica, confere pêsso menor ao aspecto **criativo** e **produtivo** da escola. Para perceber a força que a escola possui na construção de novas realidades é preciso analisar a relação entre a escola e a sociedade por outro ângulo.

Desta forma, encontrei outra compreensão desta relação na teoria de André Petitat. Em seu texto “Entre História e Sociologia: uma perspectiva construtivista aplicada à emergência

⁶ No estado **incorporado** a acumulação de capital cultural pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação que demanda um certo tempo e deve ser investido pessoalmente pelo investidor. Este capital adquirido passa a fazer parte da pessoa e, para ocorrer sua **incorporação**, é necessário que na família existam práticas culturais. Ou seja, a família deve possuir disposições para consumir bens culturais e incitar seus descendentes a essas práticas. Estes bens culturais são representados pela leitura, frequência a teatros, museus, cinemas etc. No estado **objetivado** encontra-se uma relação com bens culturais tais como: livros, pinturas, computadores, internet etc. Esta forma de capital é transmitida, em sua materialidade, tanto quanto o capital econômico. Sua apropriação dependerá do capital econômico e do capital cultural do agente e da família, além de que, para sua utilização será necessário a apropriação do capital cultural no estado incorporado. No estado **institucionalizado** confere a seu portador certos privilégios, isto é, busca garantir propriedades originais. Observa-se esta forma de capital nos títulos e certificados escolares, o que busca assegurar uma certa autonomia e independência ao portador do título.

⁷ O conceito de **capital social** surgiu como único meio de designar o fundamento de efeitos sociais sobre os agentes. Estes efeitos também são conhecidos como “relações” nas quais os agentes se reconhecem como pares e são vinculados a determinados grupos como: família, amigos, clube, festas etc., ligados a uma rede durável de relações. Estas relações são irreduzíveis às relações objetivas de proximidade quer no espaço geográfico, quer no espaço econômico e social, pois são fundadas em trocas materiais e simbólicas que favorecem o reconhecimento desta proximidade. O volume de capital social que um agente possui dependerá da extensão das relações que pode mobilizar e do volume do capital econômico e cultural que é de posse única. Assim, o capital social torna-se dependente do capital econômico e cultural pelo inter-relacionamento necessário em suas trocas.

dos colégios e da burguesia”, Petitat define-se como: “[...] um sócio-historiador cansado de estar ‘com um pé cá e outro lá’ e que procura uma solução adequada para ‘adensar’ o tempo dos sociólogos e para temperar o particularismo dos historiadores” (PETITAT, 1992, p. 135), propondo, para isto, uma metodologia que ele chama de “perspectivismo construtivista”.

Petitát procura dar ênfase ao papel dos atores sociais para não cair em esquemas predeterminados. A objetividade que propõe é uma objetividade feita de construções parciais abertas ao fluxo da história. A partir deste fundamento, resgata as abordagens da relação entre escola e sociedade.

Constata, Petitat, que diferentes teorias fundamentam-se sobre uma mesma compreensão: a escola enquanto reprodutora. Seja Bourdieu e Passeron, vendo a escola como local de imposição cultural; seja a visão marxista, segundo a qual a escola é um instrumento da burguesia que impede a libertação; ou a compreensão de que a escola reforça uma burocracia que arruína a criatividade e a autonomia do indivíduo ...

Todas elas, sejam de inspiração funcionalista, marxista ou weberiana, apóiam-se sobre hipóteses de reprodução, seja dos valores dominantes, da exploração e do poder. Não há dúvida de que estas teorias explicam realidades muito importantes, mas elas têm um defeito, intransponível dentro de sua própria lógica: são incapazes de incluir o dinamismo histórico. Nelas, o ensino é invariavelmente apresentado como um freio, uma força de conservação, um obstáculo à mudança (PETITAT, 1994, p. 6).

Para Petitat, as teorias de reprodução em educação são mudas diante do movimento da história. A compreensão da escola, enquanto capaz de **produzir** realidades sociais, é pouco defendida.

Por um lado, a escola reproduz; por outro, alimenta o movimento que abole o estado de coisas existente. A escola não serviu somente para manter a monarquia no lugar: também tornou a burguesia mais forte, ao dar-lhe um conjunto de referências culturais e científicas e de seus méritos próprios, independentes de origem e nascimento. Terão as escolas elementares de primeiras letras servido apenas para cristalizar as condições sociais? Não terão também participado de uma verdadeira mutação da civilização – a generalização da cultura escrita – que torna *possível* uma dissociação mais freqüente entre a cultura de origem e as culturas de destino? (PETITAT, id., ib., p. 6).

Neste sentido, como destaca Tomaz Tadeu da Silva em sua obra *O que produz e o que reproduz em educação: ensaios de sociologia da educação* (1992), “[...] a escola não serve apenas como instrumento de corpos pré-estabelecidos; historicamente, ela serviu também para construir e legitimar certos grupos sociais antes relegados” (1992, p. 68).

A perspectiva adotada por Petitat, integrando elementos históricos e sociológicos, compreende, assim, a escola em sua contribuição para a emergência das estruturas e grupos sociais.

Segundo ele:

[...] a escola deixa de ser aqui o instrumento de uma “sociedade”, de uma classe, de um “sistema”, até mesmo de uma tendência histórica para tornar-se ela mesma um agente, uma mídia necessária trazendo sua contribuição insubstituível para a gênese de certas categorias sociais (PETITAT, op. cit., p. 143).

Nesta perspectiva, a escola é compreendida como um cruzamento de atores vivos, de professores, alunos, dirigentes, políticos, enfim, de “sujeitos engajados numa autoconstrução que eles não dominam inteiramente” (PETITAT, 1992, p. 143), mas que, apesar disto, não se reduz a uma ação meramente reprodutora, e, sim, capaz de modificar seus utilizadores e influenciar a estrutura social.

Afinal, “sem dúvida a escola contribui para a reprodução da ordem social, mas ela também participa de suas transformações, às vezes intencionalmente, às vezes contra a vontade; e, às vezes, as mudanças se dão apesar da escola” (PETITAT, 1994, p. 11).

Ao apresentar estas duas teorias, tenho consciência de que são antagônicas: uma compreendendo a escola como **reprodutora** e outra compreendendo-a como **produtora**. Assim, como já destaquei, não pretendo assumir as duas teorias concomitantemente, o que seria contraditório.

2.5 O TRABALHO COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO

Tenho claro que ao assumir o Historicismo como teoria para compreensão da história, o trabalho assume a função de categoria fundamental de análise da sociedade e de suas relações.

A humanidade, produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens, diz respeito ao conjunto de instrumentos (objetos, idéias) com os quais os homens se relacionam com a natureza e com os outros homens para promover a sobrevivência. A forma histórica de produzir a humanidade chama-se trabalho, portanto, a centralidade do trabalho nas relações sociais diz respeito também à educação.

Neste sentido, as relações entre trabalho e educação inspirados, principalmente pelos escritos de Gramsci, apontam que, para que a educação seja um instrumento do processo de humanização, o trabalho deve aparecer como princípio pedagógico. A educação deve ter como preocupação fundamental o trabalho em sua forma mais ampla e não voltada para o trabalho de forma a responder às necessidades adaptativas, funcionais, de treinamento e de domesticação do trabalhador.

O trabalho como princípio pedagógico traz para a educação a tarefa de educar **pelo trabalho e não para o trabalho**. É claro, contudo, que em alguns momentos do processo educacional, especialmente quanto a formação profissional, no caso deste trabalho quanto à formação médica, a aprendizagem de habilidades, práticas e ações imediatas são necessárias, mas, o que aqui se quer destacar, é que o processo educacional é mais amplo e não deve, de maneira alguma, se esgotar na dimensão prática, pois exige a construção da formação em sua totalidade. O trabalho deve se expressar na práxis, ou seja, na articulação da dimensão prática com a dimensão teórica, pensada.

Neste sentido, Gramsci propõe a escola do trabalho. A escola do trabalho não é aquela que se preocupa em profissionalizar o trabalhador, isto é, o trabalho não deve influenciar a escola no nível dos conteúdos, técnicas ou fins, mas contribuir com a organicidade que é própria do industrialismo moderno. Nosella apresenta assim a relação gramsciana da escola-trabalho:

O trabalho moderno organicamente se une à escola quando consegue inspirar nesta seu espírito de laboriosidade, seu método disciplinar produtivo e de precisão, sua ética de solidariedade universal com os interesses objetivos de todos, sua lógica produtiva de organização de muitos para um só fim. [...] a escola se inspira no trabalho industrial moderno como seu princípio pedagógico, não certamente deixando de ser escola (nem parcialmente) e sim concretizando-se como uma escola historicamente moderna, isto é, tendencialmente socialista, centrando-se na idéias de atuar a liberdade concreta e universal do homem (NOSELLA, 2004, p. 37).

Tem-se, assim, o trabalho industrial moderno como princípio pedagógico que influencia a escola sem fazer com que ela deixe de ser escola, sem transformá-la em uma fábrica de mão-de-obra.

A relação trabalho-educação não deve ser pensada, também, de modo restritivo, como é pensada na Teoria do Capital Humano⁸, enquanto mera qualificação ou especialização profissional. Segundo Nosella: “ [...] é preciso se entender essa relação no sentido mais amplo, ou seja, como articulação historicamente concreta do processo educativo do homem com o processo de organização e valorização das forças produtivas” (NOSELLA, 1984, p. 18).

O trabalho não deve ser pensado como conceito cotidiano que se aproxima da idéia de ocupação, de tarefa, como conceito puramente econômico, ou seja, de emprego. O conceito de trabalho, categoria central nas relações sociais, deve ser pensado filosoficamente, ou seja, como atividade central dos homens com a natureza e com outros homens, porque esta é sua atividade vital.

O sentido profundo da tese que afirma o trabalho como princípio pedagógico, não deve, portanto, ser entendido de forma superficial e vulgar como se a relação escola-trabalho significasse mera preparação profissional, pois existe uma profunda interpenetração orgânica e histórica entre o mundo do trabalho e a escola sem que nenhum deles perca sua especificidade e autonomia.

Desta forma, o sentido fundamental de uma instituição escolar é percebido fora dela, como é o caso do objeto desta pesquisa, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em que percebi a existência do trabalho como princípio pedagógico, numa educação cuja preocupação fundamental é o trabalho em sua forma mais ampla e, não, voltada a responder às necessidades imediatas. Afinal, esta Faculdade produz conhecimento sério e o leva a toda população sem privilégio de classe social. Produzindo e democratizando o conhecimento, que é empreendido em seu interior, a FMRP promove ações que contribuem para a humanização da sociedade. Isso será verificado mais adiante conhecendo melhor a história desta Instituição.

2.6 FONTES DA PESQUISA

Primeiramente, como conceito de **fonte**, entendo que é algo, por um lado, que brota espontaneamente, naturalmente e, por outro lado, algo que é construído artificialmente. De

⁸ A Teoria do Capital Humano considera que a ascensão social é possível por meio do esforço e mérito individual. Deste modo, desconsidera as desigualdades de classe, gênero ou raça presentes na sociedade capitalista. Para a classe trabalhadora, a possibilidade de ampliação da renda e de ascensão social torna-se resultado do esforço individual dos mais capacitados e dos mais aptos ou daqueles que possuem um grau de escolarização mais elevado.

acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o vocábulo **fonte** significa:

Fonte. S.f. **1.** Nascente de água. **2.** Bica de onde corre água potável para uso doméstico, etc. **3.** O depósito para onde corre. [Dim. irreg.: fontainha, fontícula.] **4.** Pia batismal. **5.** Fig. Aquilo que origina ou produz; origem, causa. **6.** Fig. Procedência, proveniência, origem. **7.** Fig. O texto original de uma obra [...] (FERREIRA, 1988, p. 303).

No caso de fontes históricas, Saviani destaca que: “[...] evidentemente não se poderia falar em fontes naturais, já que todas as fontes históricas, por definição, são construídas, isto é, são produções humanas [...]” (SAVIANI, 2004, p. 5).

O conhecimento que produzimos a respeito da história brota de fontes (registros, testemunhos), mas estas não são as fontes de origem dos fenômenos históricos. Não são delas que brota e flui a história. Apenas os **conhecimentos** que produzimos a respeito da história é que se apóiam nelas (id., *Ib.*, p. 5-6).

Saviani destaca, assim, que as fontes são o ponto de origem, a base e o ponto de apoio para a **produção historiográfica** que nos permite atingir o **conhecimento da história** (id., *ib.*, p. 9).

Sendo as fontes históricas produções humanas, torna-se importante a relação que se estabelece entre o pesquisador e o objeto da pesquisa. Relação esta mediada pela atitude de busca, de desvendar o que não se sabe, ou o que se sabe parcialmente, de procurar o que ainda não está explicado e, neste processo, o contato com os dados e o modo como o pesquisador os indaga são fundamentais.

As fontes testemunham o mundo dos homens em suas relações com outros homens e com a natureza, produzindo e reproduzindo suas condições de existência. Os homens sempre produziram artefatos, documentos, testemunhos, entre outros, enfim, fontes que ajudam a entender o mundo dos homens e suas relações. Estas fontes, estes registros históricos, são instrumentos que aproximam o pesquisador de seu objeto de estudo. Portanto, ao pesquisador cabe definir claramente o que deseja estudar e, assim, buscar o tipo de fonte que o ajude a reconstruir o objeto de investigação.

Lombardi salienta que:

[...] é preciso destacar que o historiador elege, organiza e interpreta suas fontes em conformidade com suas opções metodológicas e teóricas. Nesse aspecto, creio que tanto ontem como hoje o privilegiamento de um único tipo de fonte não seja o caminho metodológico mais adequado no fazer científico do historiador. Em outras palavras, não se deve a princípio excluir nenhum

tipo de fonte, pois a diversificação pode revelar aspectos e características diferenciadas das relações do homem, quer sejam com outros homens ou com o meio em que vive (LOMBARDI, 2004, p. 158).

Fontes da pesquisa histórica influenciaram a pesquisa histórica em educação e, a partir desta, a pesquisa histórica de instituições escolares. A ampliação dos conhecimentos históricos proporcionou considerável aumento e diversificação quantitativa e qualitativa da pesquisa educacional. O próprio conceito de fonte em pesquisas educacionais se alargou. A diversidade de fontes compreendendo documentos escritos, relatos orais e imagens tornou-se fundamental na pesquisa educacional, especialmente pela riqueza que a complementaridade entre as mesmas pôde permitir.

Documentos oficiais; legislação; arquivos institucionais públicos e privados; cartas; anotações pessoais; dados estatísticos; produção bibliográfica; pinturas; fotografias; cadernos de alunos; história de vida; memórias docentes e discentes (entrevistas) etc., ou seja, fontes primárias e secundárias, permitiram um desvendamento maior do objeto estudado por tornar possível a apreensão de múltiplas facetas e visões dos sujeitos neles envolvidos.

No caso da pesquisa histórica de instituições escolares (cujos estudos partem de perspectivas mais circunscritas) reflete-se uma nova tendência que procura contrapor e até superar a generalidade de estudos em educação que não conseguiam ultrapassar as formulações teóricas.

Neste sentido, faz-se importante pesquisar aspectos do cotidiano escolar como forma e uso do tempo e do espaço, disciplinas escolares, histórias individuais, utilizando fontes as mais diversas como cadernos escolares, livros de época, diários, fotografias e impressos, relatos e memórias e, ultimamente, de novos instrumentos ofertados pela tecnologia da informática e comunicação como é o caso da internet.

De acordo com Lombardi:

Esses novos instrumentos tornaram possível a rápida consulta a sofisticados bancos de dados de bibliotecas, arquivos e centros de documentação de todo o mundo. Para além da mera consulta, também é possível acessar (via internet) uma grande quantidade de fontes (documentos, iconográficas, audiovisuais etc.) disponibilizadas por fidedignas instituições depositárias. [...] Não se objetiva, porém, mistificar e/ou superestimar o uso das novas tecnologias, mas indicar que são importantes instrumentos auxiliares do homem no desenvolvimento de seu trabalho, inclusive do cientista em sua faina de continuamente pesquisar os mais diferentes aspectos de tudo o que seja passível de conhecimento, crescentemente otimizando a utilização de suas forças físicas, mentais e intelectuais (2004, p. 159).

Por fim, a preservação de fontes para pesquisa histórica não deve estar atenta somente à guarda de documentos físicos. Deve-se ter claro também da importância de preservação de informações guardadas em meios virtuais e, conseqüentemente, da preservação dos instrumentos que permitam sua leitura. De nada adiantará preservar as fontes eletrônicas se, ao mesmo tempo, não forem preservadas as máquinas que permitem sua leitura.

Para a composição desta Tese, as fontes que deram sustentação para a viabilidade da pesquisa foram as seguintes:

- Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto: Neste local, encontrei diversas fontes como: documentos (leis, processos, ofícios, pareceres, decretos, diários oficiais, atas de reuniões, termos de doações, etc.), jornais, livros, revistas, anais, relatórios, fotografias, plantas, discursos, entrevistas, cadernos de presença dos alunos das primeiras turmas, cartas, telegramas, agendas, currículos dos primeiros professores, mensagens radiofônicas etc.

Este Centro de Memória se encontra dentro do *campus* da FMRP na Fazenda Monte Alegre num prédio adaptado e provisório porém, há tempo está instalado neste local, e não oferece as condições adequadas para armazenamento de todo material histórico elencado, pois o mesmo sofre constantes infiltrações, tem mofo e é bastante empoeirado.



Figura 1 - Uma das salas do Centro de Memória da FMRP

Fonte: Acervo Particular: Marcelo José Araújo

- Biblioteca do Hospital das Clínicas no (CEAPS) Centro de Educação e Aperfeiçoamento Profissional em Saúde: Esta Biblioteca que se encontra dentro do HC da FMRP foi organizada pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli. Nela encontrei tudo muito

bem organizado em um espaço pequeno e climatizado. Repleta de livros e revistas sobre medicina, o que me interessou, no entanto, foram vários recortes de jornais e de revistas e alguns discursos dos professores paraninfos das primeiras turmas, organizados em pastas.

- Centro Acadêmico Rocha Lima (CARL): Localizado no *campus* próximo ao HC foram encontrados, principalmente, o jornal *O Esteto* de publicação do próprio Centro Acadêmico e, além disso, recortes de jornais e documentos a respeito da Liga de Combate a Moléstia de Chagas. Estes jornais e os documentos estavam acondicionados em arquivos metálicos, porém desorganizados e empoeirados.

- Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto: localizado na cidade, em uma casa adaptada, foram encontrados vários jornais da época da criação, instalação e dos primeiros anos da FMRP acondicionados em grandes cadernos. Os principais jornais encontrados foram: “Diário da Manhã”, “Diário de Notícias”, “Folha da Manhã”, “A Cidade”, “A Tribuna”, “A Tarde”, “Diário da Noite”, “Última Hora” e o “Diário”.

- Arquivo Geral da Reitoria da USP em São Paulo: Local onde foram encontrados vários documentos referentes a criação, a instalação provisória e definitiva da FMRP, a doações de terras, a contratação dos primeiros professores e dos primeiros funcionários, telegramas e cartas entre a Diretoria da FMRP e a Reitoria da USP e, além disso, vários recortes de jornais.

- Instituto de Estudos Brasileiros da USP em São Paulo (IEB-USP): Neste local foram encontrados as seguintes leis: Lei nº 161, de 24 de setembro de 1948 que dispôs sobre a criação de estabelecimentos de ensino superior em cidades do interior do estado de São Paulo; Lei nº 1.467, de 26 de dezembro de 1951 que dispôs sobre organização e finalidades da FMRP; e Lei nº 2.029, de 24 de dezembro de 1952 que autorizou a cessão a Universidade de São Paulo do uso de parte do imóvel onde funcionava a Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto.

- Assembléia Legislativa do estado de São Paulo (ALESP): Foram realizadas pesquisas no Acervo Histórico, onde foram encontrados e transcritos à mão (por não poder tirar cópia) vários discursos do Deputado Miguel Petrilli, representante de São Carlos e do Deputado Luís

Augusto Gomes de Mattos representante de Ribeirão Preto, quando estavam na tribuna da Câmara discursando a respeito da criação de instituições de ensino superior em suas cidades; pesquisa na Biblioteca Geral; pesquisa em gabinetes; e pesquisa na Secretaria Geral Parlamentar onde foram encontrados e tirado cópia na íntegra dos Projetos de Leis nº 10 do Deputado Miguel Petrilli acerca da criação de uma Universidade em São Carlos e do Projeto de Lei nº 37 do Deputado Luís Augusto Gomes de Mattos acerca da criação de uma Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto.

- Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ): Local onde foram encontrados vários recortes de jornais a respeito da criação, instalação e dos primeiros anos da FMRP, documentos a respeito da criação e construção do Hospital das Clínicas da FMRP e cartas e telegramas enviados e recebidos pelo Professor Zeferino Vaz.

- Entrevistas: Optei pela modalidade semi-estruturada devido à maior flexibilidade que possibilita para o relato do entrevistado e para a interpretação e análise do pesquisador. Ao todo foram dez pessoas entrevistadas entre, ex-alunos, professor e funcionário.

Por meio do roteiro de entrevistas (verificar Apêndice em caderno separado) procurei destacar as histórias de vida dos entrevistados, partindo de informações relativas à família; à escolaridade; à inserção na carreira profissional; e ao relato da história da FMRP em seus anos iniciais por aqueles que vivenciaram este momento. Desta forma, os principais núcleos temáticos do roteiro constituíram no seguinte:

- Origem Social: Abrangeu a vida e a família do entrevistado, ou seja, qual a ascendência, escolaridade e formas de lazer dos entrevistados e de seus pais; números de irmãos e local de nascimento na fratria; local de moradia; influência da família na escolha da profissão; amigos que cursavam faculdades etc.;

- Percurso Escolar: Abrangeu a vida escolar do entrevistado como, por exemplo, em que tipo de escola primária e secundária estudou (pública ou particular); porque escolheu a FMRP para estudar; como era o vestibular da FMRP; se precisou trabalhar enquanto estudava; se havia amigos na turma que precisavam trabalhar; qual o perfil social da turma; se houve amigos que não se formaram etc.;

- Inserção Profissional: procurou destacar o período pós-escolar, isto é, saber o porquê da opção por determinada área profissional, como: o consultório, a pesquisa, o hospital etc.;

além disso, saber se o entrevistado se sente realizado com que faz; o que distingue o médico formado pela FMRP dos médicos formados por outras instituições etc.;

➤ 2ª Parte da Entrevista: nesta parte procurei saber do entrevistado se ele se recordava dos anos iniciais da FMRP e se poderia relatar a história desta Instituição.

Em síntese, os depoimentos são focalizados em três momentos principais: antes da escola, durante o período escolar e após a formatura. O quarto momento busca, dentro do possível, complementar os três primeiros.

O critério de escolha pautou-se da seguinte forma: tendo em vista que, no período proposto para esta pesquisa, ou seja, de 1948 a 1975, se formaram 1.456 médicos, mesmo selecionando 5% deste total teriam de ser entrevistadas aproximadamente 73 pessoas, portanto, um número elevado que praticamente tornaria a pesquisa inexecutável. Por isso, a escolha dos entrevistados ocorreu da seguinte forma:

Primeiramente foram selecionados alguns professores da FMRP. São eles:

➤ **Professor Fábio Leite Vichi**, formado na FMRP em 1962 (6ª Turma) especializou-se em Cardiologia. Tornou-se professor e pesquisador com dedicação exclusiva na FMRP. Após aposentar-se abriu uma clínica médica em Ribeirão Preto passando a atender pacientes particulares. Além disso, é um historiador da FMRP tendo dois livros publicados comemorativos aos quarenta e aos cinquenta anos respectivamente da FMRP. Prof. Fábio foi selecionado, principalmente, por causa de suas publicações;

➤ **Professor Ulysses Garzella Meneghelli**, formado na FMRP em 1960 (4ª Turma) especializou-se em Gastroenterologia. Tornou-se professor e pesquisador com dedicação exclusiva na FMRP. Dedicou-se somente ao ensino, à pesquisa e ao atendimento a pacientes (clínica civil) no HC como funcionário da USP devido a dedicação exclusiva. Além disso, sua escolha ocorreu por ter sido o responsável pela criação de uma Biblioteca de História da Medicina dentro do HCFMRP. Prof. Ulysses foi indicado por uma estagiária que prestava serviços ao Centro de Memória da FMRP;

➤ **Professor Joaquim Coutinho Netto**, formado na FMRP em 1972 (16ª Turma) tornou-se professor e pesquisador na FMRP, dedicando-se em tempo integral ao ensino e à pesquisa. Pelo fato de iniciar com certa brevidade ao ensino e à pesquisa, não concluiu a residência médica, contudo, obteve título de Pós-Doutoramento em Neuroquímica em

Londres. Prof. Coutinho foi indicado por uma amiga em comum residente em Ribeirão Preto que, na época, exercia cargo de Secretária de Educação do município;

Professor José Eduardo Dutra de Oliveira, estudou medicina na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e se especializou na área de alimentação e nutrição. Foi contratado para trabalhar na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto sendo um dos primeiros professores a lecionar para a primeira turma de alunos. Na FMRP, foi, entre 1979 e 1983, Diretor da Faculdade de Medicina, Presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas e Coordenador do *campus* da USP. Também foi Diretor da Faculdade de Medicina de Botucatu e idealizador do curso de medicina da UNAERP na cidade de Ribeirão Preto. Prof. Dutra foi indicado pelo Prof. Fábio L. Vichi por ter sido um dos primeiros professores a lecionar na FMRP e por ter sido Diretor desta Instituição de Ensino.

Os ex-alunos da FMRP selecionados foram:

➤ **Dr^a Lilia Köberle e Prof. Roland Köberle**, ela, formada na FMRP em 1965 (9^a Turma), especializou-se em Endocrinologia e não quis seguir a carreira de docência e de pesquisa optando por atender pacientes em clínica particular e em órgãos públicos na cidade de São Carlos-SP. Sua escolha ocorreu pelo fato de ser do sexo feminino num universo (principalmente nos anos iniciais) hegemonicamente masculino. Além disso, outro motivo de sua escolha foi devido ao seu sobrenome (Köberle) remeter à hipótese de ser parente do Professor Fritz Köberle que lecionou nos primeiros anos da FMRP. Hipótese confirmada, pois Dr^a Lilia é nora do Professor Fritz Köberle. Seu marido, o Professor Roland Köberle, leciona Física na USP de São Carlos e, mesmo não sendo um ex-aluno da FMRP, também participou da entrevista, contribuindo com ricas informações acerca dos primeiros tempos da FMRP e de sua chegada ainda criança acompanhando seus pais a Ribeirão Preto;

➤ **Dr. Joaquim Portugal da Silva**, formou-se na FMRP em 1971 (15^a Turma) especializando-se em Urologia. Não quis seguir a carreira de docência e de pesquisa optando por trabalhar no serviço médico público na cidade de São Carlos-SP e no atendimento a pacientes em sua clínica particular. Dr. Portugal foi selecionado por ser bastante conhecido em São Carlos-SP e por ter optado pela clínica atendendo pacientes e não se dedicando ao ensino e à pesquisa;

➤ **Dr. Segundo Amarille Salezzi Fiorani**, formou-se na FMRP em 1960 (4ª Turma) especializando-se em Urologia. Optou pela docência como professor contratado na FMRP, pelo consultório particular dentro da Santa Casa de Araraquara-SP e pela docência numa Faculdade particular em Catanduva-SP. Doutorou-se como professor (no modelo antigo) pela UNICAMP. Dr. Fiorani foi selecionado por indicação do Dr. Portugal e por residir e clinicar em Araraquara-SP, ou seja, revelando que a FMRP lançou médicos para várias cidades do estado de São Paulo e principalmente da região de Ribeirão Preto, além disso, pelo fato do Dr. Fiorani ter se dedicado a clínica civil e a docência em instituição particular;

➤ **Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior**, formou-se na FMRP em 1968 (12ª Turma), especializando-se em Urologia. Não quis seguir a carreira de docência e de pesquisa optando pela clínica civil atendendo pacientes na Santa Casa de Piracicaba-SP e em sua clínica particular. Dr. Geraldo foi selecionado por indicação do Dr. Portugal e por residir e clinicar em Piracicaba-SP, ou seja, novamente revelando que a FMRP lançou médicos para várias cidades do estado de São Paulo e principalmente da região;

➤ **Dr. José Agustin Carrasco Mandeville**, formou-se na FMRP em 1971 (15ª Turma) especializando-se em Cardiologia. Não optou pela carreira de docência e de pesquisa e sim pela clínica civil atendendo pacientes no serviço público de Rio Claro-SP, na Penitenciária da cidade e em seu consultório particular. Dr. José Agustin foi indicado pelo Dr. Portugal devido o fato de ser estrangeiro – panamenho – tendo estudado na FMRP por convênio. Além disso, da mesma forma que os dois entrevistados anteriores, por residir e clinicar em Rio Claro-SP, revela que a FMRP lançou médicos para várias cidades do estado de São Paulo e principalmente da região.

A funcionária selecionada foi:

➤ **Dona Luísa Mamede**, com 85 anos de idade, vivenciou todo o processo de instalação e consolidação da FMRP. Funcionária na Fazenda Monte Alegre, Dona Luísa presenciou sua falência e a viu se transformar de uma grande fazenda produtora de café em uma Escola Prática de Agricultura (EPA). Posteriormente, assim como havia presenciado a falência da Fazenda Monte Alegre, Dona Luísa presenciou o fechamento da Escola Prática de Agricultura onde ela havia trabalhado durante seus anos de existência. Em 1952, Dona Luísa assistiu a instalação da FMRP, onde passou a trabalhar e a conviver com alunos e professores durante

vários anos. Por ter vivenciado todo este processo histórico, Dona Luísa foi de grande importância para a pesquisa. Sua escolha ocorreu por indicação de uma professora da FMRP.

De forma geral, os critérios básicos que nortearam a escolha dos entrevistados resumem-se a cinco, ou seja: formandos das primeiras turmas (entre 1948 e 1975), acessibilidade, disponibilidade, lucidez e vontade de falar.

A princípio o número de entrevistados não me pareceu reduzido. A razão desta afirmativa está no fato de cada entrevistado reportar-se aos demais formandos com dados e informações que indicam serem histórias de vida comuns aos médicos formados na FMRP neste período.

Não optei por aplicar **questionários** porque percebi, ao agendar as entrevistas, o quanto é difícil ter acesso aos ex-alunos da FMRP. Além de informações obtidas que vários destes 1.456 médicos terem se dispersado, indo trabalhar em outros países, outros estados e outros municípios, obtive informações também que alguns faleceram e de que todos, de forma geral, são pessoas ocupadas.

Para conseguir as dez entrevistas entrei em contato com 23 ex-alunos e, destes, 13 não aceitaram conceder entrevista justificando falta de tempo, desistesse pelo assunto, indisponibilidade etc.

A título de exemplo, um cardiologista de São Carlos, formado nos primeiros anos da FMRP, prometeu-me ceder entrevista, mas todas as vezes que eu o procurei (um total de seis vezes) sua secretaria dizia que ele iria entrar em contato e isto nunca ocorreu.

Portanto, esses são alguns fatores que me fizeram desistir de aplicar questionários, pois, ou eu aplicasse questionário universal (a todos ex-alunos), ou não o faria. Para mim, a qualidade dos dados para essa empreitada era primordial.

- Internet: pesquisa em vários sites como, por exemplo:

LACERDA, A. L. Retratos do Brasil: uma coleção do Rockefeller Archive Center. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v9n3/html/14076img.htm>>

<http://www.kidlink.org/portuguese/waila/ribeirao.html>.

<http://www.fmrp.usp.br/fotos.php>.

<http://www.fmrp.usp.br/paginas/faculdade/historia.htm>.

PRIMEIRA PARTE:

SISTEMATIZAÇÃO

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Neste capítulo, tratarei, primeiramente, da gravidade das epidemias que assolavam o Brasil e o estado de São Paulo no final do século XIX e início do século XX; a necessidade de implantação de uma medicina sanitarista; e o desenvolvimento incipiente da Faculdade de Medicina de São Paulo. Posteriormente, destacarei a participação da Fundação Rockefeller na medicina de São Paulo e, por fim, a necessidade de instalação de uma Faculdade de Medicina no interior do estado de São Paulo.

3.1 A necessidade de uma medicina sanitarista no Brasil no final do século XIX e início do século XX: o controle das endemias e seus protagonistas

No Brasil, doenças infecciosas e a fome persistiam, ainda no início do século XX, entre os principais problemas de saúde pública sendo responsáveis por elevadas taxas de mortalidade (principalmente infantil) e pela baixa expectativa de vida da população. Tal situação estava em boa parte relacionada à falta de saneamento, habitações inadequadas, trabalhos insalubres e baixo nível de escolaridade, propiciando, portanto, condições para os altos níveis de mortalidade por diarreia, varíola, peste, cólera, tuberculose etc.

A inexistência de uma estrutura médica e sanitária consolidada capaz de responder a estes problemas facilitava esta situação afetando, até mesmo, o desenvolvimento econômico que se baseava, principalmente no estado de São Paulo, na cafeicultura e na mão-de-obra do imigrante, necessário para substituir a mão-de-obra escrava recém-abolida.

A malária, a febre amarela, a esquistossomose, as leishmanioses, a peste, a doença de Chagas, a varíola, a cólera, entre outras, foram as doenças que mais acometeram a população.

O médico, diante destas calamidades públicas, extrapolava muitas vezes sua função meramente curativa, exercendo papel de aconselhador sobre condições de saneamento à população (MARINHO, 2001, p. 51).

Era necessário, pois, políticas urbanas voltadas ao saneamento e à higiene pública. O interesse pelo combate às epidemias⁹ e endemias¹⁰ deveria ser a tônica dominante.

Contudo, foi somente com a peste bubônica que chegara aos portos brasileiros, causando epidemias principalmente em Santos e no Rio de Janeiro, que se desencadeou uma resposta governamental às endemias e epidemias que acometiam as cidades brasileiras. Doença importada de triste memória no imaginário europeu desde a Idade Média, a chegada da peste determinou uma energética resposta das autoridades e dos cientistas brasileiros.

Influenciados pelos novos ares de renovação científica que ocorrera, principalmente nos Estados Unidos e na Europa, pesquisadores brasileiros como Adolfo Lutz, Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Emilio Ribas, Vital Brasil, entre outros, protagonizaram um fervilhante movimento científico, no início do século XX, acerca de estudos sobre a origem e as causas das doenças endêmicas. A partir deste movimento científico renovador, várias doenças passaram a ser controladas ou até mesmo erradicadas.

Campanhas sanitárias urbanas (influenciadas pelas idéias de Louis Pasteur, que entendia que a causa e a transmissão de doenças se davam através dos micróbios), passaram a combater as epidemias com a aplicação de técnicas de imunização e de desinfecção.

A renovação urbana, com isso, talvez tenha sido o grande legado da resposta sanitária brasileira do início do século XX. Obras de saneamento empreenderam reformas consideráveis.¹¹

⁹ Epidemia: doença que surge rápida num lugar e acomete simultaneamente grande número de pessoas.

¹⁰ Endemia: Doença que existe constantemente em determinado lugar e ataca número maior ou menor de indivíduos.

¹¹ É importante destacar que o impacto das endemias nas primeiras décadas do século XX se fazia sentir essencialmente nas cidades. Tanto foi que a malária, doença do sertão e de pequenas cidades, somente foi alvo de ações sistemáticas quando dificultava projetos de grande importância, como a modernização do porto de Santos, a construção de uma estrada de ferro em Minas Gerais, a construção de uma adutora de água no Rio de Janeiro etc. País com um vasto, desconhecido e inexplorado sertão, o Brasil ainda era uma constelação linear de cidades ao longo da costa.



Figura 2 - Hospital construído pelo governo brasileiro no início do século XX como ação na área de saúde pública

Fonte: LACERDA, A. L. Retratos do Brasil: uma coleção do Rockefeller Archive Center. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v9n3/html/14076img.htm>> Acesso em: 02 maio 2005.



Figura 3 - Veículo utilizado pelo Serviço de Febre Amarela, do Departamento Nacional de Saúde Pública, para atividades de fiscalização e combate ao mosquito *Aedes aegypti*

Fonte: LACERDA, A. L. Retratos do Brasil: uma coleção do Rockefeller Archive Center. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v9n3/html/14076img.htm>> Acesso em: 02 maio 2005.

Em São Paulo, entretanto, o controle das endemias não pode ser analisado dentro do conjunto do restante do país. Graças a uma situação econômica privilegiada em relação aos demais estados e de interesses específicos determinados, principalmente pela agroindústria cafeeira, o controle das endemias foi uma área de atuação do governo estadual desde a formação do Serviço Sanitário no final do século XIX.

De acordo com Marques Mauro e Rocha Nogueira:

Dentre as grandes mudanças operadas na cidade de São Paulo, a partir da segunda metade do século XIX, com a expansão da cultura cafeeira na província, destacam-se o crescimento vertiginoso de sua população urbana, a expansão de sua economia como um todo – que no final do mesmo século superou a de todas as outras unidades da Federação – e o ensejo de modificar muitas de suas estruturas arcaicas. Essas mudanças levaram parte da população a também reivindicar melhores condições sanitárias e urbanas. Uma série de acontecimentos, registrados a partir dos anos noventa do século XIX, atestam essa transformação de mentalidade em vários setores da sociedade paulista, repercutindo na área administrativa, que passou, por exemplo, a buscar soluções para os graves problemas sanitários, controle de epidemias e endemias (MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 4 grifo meu).

Sendo o pólo mais dinâmico da economia brasileira, o estado de São Paulo tinha como preocupação essencial, “[...] oferecer resposta à necessidade de formação de quadros para gerir uma organização social e econômica cada vez mais complexa e que se traduzia, por sua vez, na crescente urbanização da cidade e do estado [...]” (MARINHO, op. cit., p. 51).

Assim, vários acontecimentos se deram em São Paulo neste período, como: a criação do Instituto Vacinogênico, em 1892, sob direção de Arnaldo Vieira de Carvalho; aperfeiçoamento da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, em 1894, também sob a direção de Arnaldo Vieira de Carvalho; a fundação da Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia de São Paulo, em 1891, cuja criação efetiva só ocorreu vinte e um anos depois, em 1912 e, cuja direção, também ficou a cargo de Arnaldo Vieira de Carvalho, entre outros.¹²

As atividades do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho tornaram-no o maior protagonista de toda elaboração e aperfeiçoamento do ensino médico em São Paulo e foram de singular importância para os encaminhamentos cotidianos da incipiente Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Segundo sua orientação, o ensino na Faculdade deveria ser de base científica experimental, com destaque à pesquisa e aos estudos laboratoriais, em contraposição ao modelo que predominava nas outras Faculdades de Medicina do país, com aulas teóricas de ênfase clínica (MARINHO, 2001, p. 52).

¹² Arnaldo Vieira de Carvalho foi diplomado médico em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores, em 1895, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, misto de associação profissional e científica, cujo primeiro presidente foi o médico e expoente positivista Luis Pereira Barreto, com quem Arnaldo Vieira de Carvalho mantinha sólidas relações de amizade. Em 1896, os membros da sociedade organizaram a policlínica de São Paulo que ofereceu atendimento médico gratuito. Entre 1901 e 1906, presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo designado vice-presidente honorário a partir de 1910. Foi também sócio-fundador e membro permanente da Comissão do Instituto Pasteur de São Paulo, que se organizou em 1906. Dr. Arnaldo fundou e dirigiu os “Anais paulistas de medicina e cirurgia”, publicação da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1919, tornou-se presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, sendo neste mesmo ano eleito membro do conselho consultivo da Cruz Vermelha Brasileira. Faleceu em 5 de junho de 1920, aos 53 anos de idade, vítima de septicemia, em decorrência de uma gripe. Até esta data, Dr. Arnaldo foi a figura central em torno da qual se organizou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Ainda hoje, os membros mais antigos da Faculdade de Medicina de São Paulo da USP cultuam e preservam a memória em torno do primeiro Diretor da Escola. Internamente, a Escola é chamada a “**Casa de Arnaldo**”.

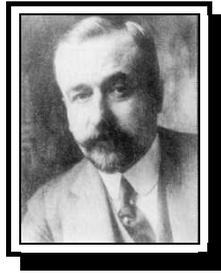


Figura 4 – Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho

Fonte: Revista **Pesquisa Fapesp**, n.º 97, mar. 2004, p. 55.

3.1.1 A Faculdade de Medicina de São Paulo

Para o ensino ser de base científica e experimental, a cidade de São Paulo deveria, necessariamente, possuir um aparato físico e intelectual à altura das exigências da nova Faculdade, como: prédios e laboratórios, alunos com preparo escolar à altura dos exames exigidos, corpo docente organizado para o ensino de suas cadeiras¹³ etc. O que se desejava era uma formação médica originalmente paulista.

Marinho destaca a estrutura curricular da Faculdade:

Desde o início, a estrutura curricular da faculdade buscava dosar aulas teóricas e práticas de laboratório, abrindo assim a possibilidade de os estudantes receberem uma formação de cunho mais científico e não meramente clínico. Essa preocupação com estudos de anatomia, histologia, fisiologia e microbiologia tinha como objetivo afastar do curso o “espírito enciclopedista”, possibilitando o aprofundamento na biologia e ciências correlatas (MARINHO, 2001, p. 53).

A Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi instalada provisoriamente nas dependências da Escola Politécnica de São Paulo e da Escola de Comércio Álvares Penteado. Posteriormente, foi transferida para um prédio localizado na rua Brigadeiro Tobias. Em 1916, foi autorizada a construção de um edifício, porém não executado. Até que, em 25 de janeiro de 1920, foi lançada a pedra fundamental da sede própria da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em frente ao cemitério do Araçá.

Suas denominações foram: Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1912); Faculdade de Medicina de São Paulo (1925) e Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a partir de 1934.

¹³ O curso deveria ser organizado em seis anos e conter dispositivos para contratação de professores estrangeiros.

Quanto à sua estrutura e funcionamento, com a necessidade de se começar o ensino clínico, foi estabelecido um acordo, em 1915, entre o governo do estado e a Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, instalando, em seu Hospital Central, todas as clínicas, com exceção apenas da obstétrica e da psiquiátrica sendo a primeira alojada na Maternidade de São Paulo e a segunda no Juqueri. As aulas práticas de clínica e cirurgia foram ministradas na Santa Casa até 1948, mesmo depois da inauguração do Hospital das Clínicas da Faculdade, em 1944.

Em 1922, foi assinado, pelo Presidente da República Arthur Bernardes, a Lei nº 4.615 de 07/12/1922, que reconhecia em todo o país os títulos emitidos pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. A partir de então, a Escola teve de se submeter à vigilância e fiscalização do Conselho Superior de Ensino. Pelo Decreto estadual nº 3.874 de 11/07/1925, foi organizado o primeiro regimento interno da instituição, aprovado pela Congregação na sessão de 21 de outubro de 1925, tendo sido referendado em 17 de abril de 1926, por ato do secretário do interior. A partir daí, sua denominação mudou para Faculdade de Medicina de São Paulo. O ensino médico foi reorganizado, ficando as cadeiras distribuídas pelos seis anos de duração do curso.

Quanto ao Hospital para as clínicas médicas da Faculdade, o Congresso Paulista votou a Lei nº 2.124 de 30/12/1925, autorizando a abertura de um crédito especial para o início da construção, em 1926, devendo este crédito ser renovado nos exercícios de 1927 e 1928. Contudo, o governador Carlos de Campos faleceu e o sucessor Júlio Prestes suprimiu os créditos destinados à Faculdade. Sendo assim, o Hospital para o ensino das clínicas, um dos pontos defendidos pela Fundação Rockefeller na introdução de seu modelo baseado na medicina experimental (como será visto mais adiante), só se concretizou em 1944.

Em 21 de fevereiro de 1929, foi aprovado o Decreto estadual nº 4.554-A, que regulamentou a Faculdade de Medicina de São Paulo.

Em 25 de janeiro de 1934, foi aprovado pelo interventor federal do estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, o Decreto nº 6.283, que criava a Universidade de São Paulo. A Faculdade foi integrada à nova Instituição com a denominação de Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. A Universidade de São Paulo foi a primeira a ser instalada no país segundo os moldes de sistema universitário estabelecidos pela nova legislação de ensino, denominada Reforma Francisco Campos. A originalidade da Universidade de São Paulo encontrava-se na incorporação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como ponto central do sistema universitário, além de sua atenção especial à pesquisa

científica. A Faculdade de Medicina acabou firmando-se como um dos mais importantes centros de formação de recursos humanos e de desenvolvimento de pesquisa na área médica.



Figura 5 - Construção do prédio da FMSP no final dos anos 1920

Fonte: Revista **Pesquisa Fapesp**. n° 97, mar. 2004. p. 54.

3.2 A Fundação Rockefeller e a medicina de São Paulo

Organizada em 1913, nos Estados Unidos, a Fundação Rockefeller reagrupou juntas filantrópicas patrocinadas pela família Rockefeller, desde a segunda metade do século XIX.¹⁴ John Dawson Rockefeller, sem dúvida, foi o nome de maior destaque quanto às ações filantrópicas. Foi por meio dele que a Fundação prosperou.

Segundo Marinho:

A história oficial da instituição credita ao *espírito filantrópico* do patriarca da família, John Dawson Rockefeller, o *móvel* para a criação da filantropia em larga escala que resultou na constituição da Fundação Rockefeller. A origem das ações filantrópicas da família é mais precisamente identificada com os tempos de juventude do patriarca, quando já era seu costume contribuir regularmente para caridade instituída através de pequenas causas: orfanatos, creches, hospitais, escolas, ações em geral relacionadas com a Igreja batista, à qual o magnata jamais deixou de pertencer (MARINHO, op. cit., p. 16).

John Dawson Rockefeller, contudo, definia regras que orientavam as doações. Para recebê-las, as instituições deveriam: a) ser obras filantrópicas com tradição e reconhecimento

¹⁴ Marcada por traços de poder e riqueza, a família Rockefeller concentrou uma das maiores fortunas pessoais dos Estados Unidos. Acumulada no período de oligopolização da economia norte-americana, a fortuna é decorrente, principalmente, da expansão industrial no século XIX. Expansão esta motivada, entre outros fatores, pelo desenvolvimento científico e tecnológico, pelo uso crescente da maquinaria e pela transação em larga escala. Ainda hoje, negócios e interesses da família estendem-se por todo o planeta.

de seu mérito pela comunidade; b) ter autonomia não dependendo exclusivamente das doações; c) ser capazes de obter recursos por meio de novas doações de outros membros. Enfim, as instituições deveriam ser responsáveis e terem espírito de independência (MARINHO, op. cit., p. 17).

Devido a suas obras de caridade, John D. Rockefeller passa a se envolver com a criação da Universidade de Chicago e a se relacionar com Frederick Gates, ministro da Igreja batista e responsável pela intermediação dos donativos de Rockefeller a esta Universidade.

Gates, que tem sido apontado por vários autores como o responsável pela criação, difusão e implementação do modelo de filantropia em larga escala da Fundação Rockefeller foi quem, posteriormente, concebeu, difundiu e implementou o princípio da filantropia científica, na qual os Rockefeller tornaram-se famosos. Foi ele quem solicitou ao Congresso norte-americano uma licença federal, autorizando a atuação da Fundação não apenas nos Estados Unidos, mas também em outros países.

A Fundação Rockefeller, de maneira geral, era definida como uma organização beneficente não-governamental, que utilizava seus próprios recursos para financiar atividades de bem-estar social em vários países do mundo.

No campo da educação, o ensino superior nas áreas de medicina, saúde pública e ciências biológicas recebeu grande estímulo. A Fundação tinha por objetivo contribuir para o progresso da humanidade por meio do incentivo às ciências biomédicas, principalmente mediante a promoção de programas de educação. Um dos principais mentores desta linha de pensamento, o educador Wickliffe Rose, acreditava que a implementação e consolidação de serviços de saúde em vários países do mundo dependiam, fundamentalmente, de que se melhorasse a educação médica básica.

Foi com este espírito que Rockefeller incentivou a criação de Faculdades de Medicina em vários países, assim como, de novas disciplinas nas áreas de patologia, anatomia, histologia e microbiologia.

Na América Latina, o modelo de difusão seguiu de perto os princípios pedagógicos e às áreas de atuação de outros continentes, mas a experiência dos países asiáticos foi a que mais se aproximou do padrão de ajuda adotado na América Latina, ou seja, com ênfase no ensino médico e na saúde pública.¹⁵

No tocante à ação médico-sanitária, o controle de doenças endêmicas, principalmente a febre amarela e a malária, foi uma preocupação dominante. O Brasil foi o país da América

¹⁵ Nos campos da educação médica e da pesquisa, a influencia norte-americana foi substituindo a francesa e a alemã nas Faculdades de Medicina em vários países da América Latina, principalmente após a I Guerra Mundial.

Latina que recebeu a maior soma de recursos financeiros para programas de erradicação das endemias.



Figura 6 - Laboratório de febre amarela construído pela Fundação Rockefeller com a colaboração do governo brasileiro, em Manguinhos (atual Instituto Oswaldo Cruz)

Fonte: LACERDA, A. L. Retratos do Brasil: uma coleção do Rockefeller Archive Center. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v9n3/html/14076img.htm>> Acesso em: 02 maio 2005.

Entre 1916 a 1931, a atuação da Fundação Rockefeller destacou-se no apoio e colaboração prestados à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Em 1916, uma Comissão de estudos da Fundação Rockefeller veio ao Brasil com o objetivo de identificar centros de ensino médico adequados para implantação de disciplinas de higiene e saúde, destinadas à formação de quadros para atuar na prevenção e em campanhas de saúde pública. A partir de então, passaram a ser realizados os primeiros contatos com a recém criada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo recomendado pela Comissão a criação de uma cadeira de higiene nesta Instituição, a qual foi implementada em 1918.

Estabeleceu-se, portanto, um acordo entre o Governo do estado de São Paulo e a International Health Board (IHB – Junta Internacional de Saúde) da Fundação Rockefeller, para organização de um Departamento de Higiene, nesta Faculdade, destinado ao ensino da disciplina de Higiene. Desta forma, o acordo, oficializado por Arnaldo Vieira de Carvalho no dia 09 de fevereiro de 1918, definiu o valor das contribuições da Fundação para equipar os laboratórios e para manutenção do Departamento, além da concessão de duas bolsas de estudos nos Estados Unidos para estudantes brasileiros¹⁶ e envio de um especialista norte-americano para assumir o Departamento de Higiene. Os cientistas norte-americanos Samuel

¹⁶ Os estudantes eram Geraldo Horácio de Paula Souza e Francisco Borges Vieira, que cursaram a Escola de Saúde Pública da Universidade John Hopkins, por dois anos.

Taylor Darling e Wilson George Smillie foram designados para dirigir o Departamento nos períodos de 1918 a 1920 e 1920 a 1922, respectivamente. Mais tarde, foram substituídos pelos brasileiros Geraldo Horácio de Paula Souza e Francisco Borges Vieira. O Departamento, transformado em Instituto de Higiene, posteriormente, desvinculou-se da Faculdade de Medicina e Cirurgia, constituindo o Instituto de Higiene de São Paulo, dando origem, em 1945, à Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Richard Mills Pearce, representante da Fundação Rockefeller, foi encarregado da promoção de estudos e negociações referentes ao ensino médico, destacando-se na implantação do modelo de ensino proposto pela instituição norte-americana, na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Este modelo baseava-se em três exigências básicas: limitação do número de vagas, tempo integral das disciplinas pré-clínicas e construção de um hospital de clínicas anexo à Faculdade (MARINHO, *op. cit.*, p. 58).

Em 1920, logo após a morte de Arnaldo Vieira de Carvalho, foi feito um novo acordo com a Fundação Rockefeller para o ensino de Patologia. No ano seguinte, a Fundação concordou em colaborar desde que aceitas certas sugestões.

Assim, com apoio do governador paulista Carlos de Campos e do Congresso estadual quanto às sugestões da Fundação Rockefeller, a Assembléia Legislativa votou a Lei nº 2.016 de 26 de dezembro de 1924, instituindo o regime de tempo integral e autorizando a reforma do regulamento da Faculdade, no qual, entre outras disposições, a limitação do número de alunos.

Até 1925, os especialistas enviados pela Fundação Rockefeller permaneceram na Faculdade de Medicina. Até a aprovação da legislação, que alterou os regulamentos da Faculdade.

Segundo Marques Mauro e Rocha Nogueira:

A partir de 1926, entrou em vigência o novo Regulamento da Faculdade que, entre outras coisas, estatuiu que: Disciplinas pré-médicas deveriam funcionar em tempo integral, expediente já utilizado desde 1922 no Instituto de Higiene; o número de vagas do curso ficava estabelecido em cinquenta; as disciplinas pré-médicas seriam estruturadas em Departamentos, com ênfase no trabalho de laboratório; instituiu-se a figura do pesquisador com dedicação exclusiva à pesquisa e à docência (MAURO; NOGUEIRA, *op. cit.*, p. 8-9).

Em resumo, o processo ocorreu da seguinte forma: em 1916, estabeleceram-se os primeiros acordos para a criação do Departamento de Higiene, posteriormente, Instituto de

Higiene, implantado em 1918. Depois, em 1925, foram aprovados os novos regulamentos da Faculdade e o regime de tempo integral passou a vigor em 1926.

Restava, somente, resolver a questão do hospital-escola. Afinal, a Faculdade de Medicina estava usando as instalações da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo em caráter provisório.

De acordo com Marinho:

Em 1931, com a inauguração do conjunto de edifícios da Faculdade de Medicina, composto por salas de aula, laboratórios, anfiteatros, alas administrativas e o pleno funcionamento do tempo integral e da pesquisa nas disciplinas pré-clínicas, o modelo estava implantado em suas características fundamentais. Permanecia pendente apenas a construção do Hospital de Clínicas, exigência do acordo e contrapartida a ser realizada pelo governo do Estado, cujas obras só começaram em 1938 e foram finalizadas em 1944 (MARINHO, op. cit., p. 65).

Depois desses acontecimentos, o ano de 1931 encerra as ações entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo, ações estas que culminaram em transformações significativas em termos acadêmicos e científicos; afinal, implantou-se um modelo de ensino voltado para a medicina experimental.

Para situar melhor o leitor, ao aprofundar os estudos a respeito da presença da Fundação Rockefeller no Brasil, observei que existem algumas correntes de pensamento divergentes quanto aos interesses e objetivos da presença desta Fundação no país. A primeira delas atribui uma postura imperialista norte-americana que estaria pautada por uma relação de dominação de uma sociedade industrial sobre uma sociedade agrária. Ou seja, que o real interesse desta Fundação (e de outras fundações americanas), não estaria em erradicar as enfermidades infecciosas e, sim, o desejo de incrementar a produtividade, pois o combate destas doenças infecciosas não era visto como um problema humanitário ou científico, mas econômico. A segunda corrente, distinta da anterior, destaca o papel genuinamente filantrópico da Fundação, cujas atividades se relacionavam diretamente com necessidades tipicamente altruístas e religiosas, portanto, desvinculadas de interesse estratégicos de conquista de poder político ou de interesses imperialistas de tipo econômico. A terceira corrente de pensamento não endossa nenhuma das duas hipóteses anteriores por apresentarem visões por demais simplistas. Esta corrente considera legítimo o comportamento filantrópico da Fundação Rockefeller, mas nem por isso deixa de considerar tal comportamento num plano mais amplo de fatores de ordem política e econômica.

Vale ressaltar que o campo de atuação da Fundação Rockefeller não se restringiu somente à Faculdade de Medicina de São Paulo. Outras instituições paulistas também foram contempladas, como: o Instituto Biológico, a Escola Paulista de Medicina e, a partir de 1950, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP.

Os recursos destinados por esta Fundação à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, como será visto adiante, contribuíram para seu desenvolvimento.

3.3 A Instalação de uma Faculdade de Medicina no interior do estado de São Paulo: uma necessidade

A instalação de uma nova Faculdade de Medicina no estado de São Paulo era necessária porque, entre outras coisas, o número de candidatos ao curso médico na Faculdade de Medicina de São Paulo (pública) e na Escola Paulista de Medicina (privada) crescia assustadoramente. Havia uma pressão tremenda para ampliar o número de vagas, principalmente na Faculdade de Medicina de São Paulo.

De acordo com Marques Mauro e Rocha Nogueira:

Em 1933, a Diretoria daquela Faculdade, recebeu representação de candidatos aprovados com média 7,5 que não conseguiram matrícula em razão do número de vagas ter sido fixado em 70 (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 16).

Ainda, segundo os autores, embasados na Ata da Congregação da FMSP de 08/04/1933:

Situações como essa vinham se repetindo e, como sempre ocorre nessas ocasiões, as opiniões não foram unânimes quanto à solução a ser adotada. Uns posicionaram-se a favor, outros contra a ampliação do número de vagas. Havia os que, por razões de ordem didática, conservação do padrão de ensino, dificuldades financeiras, falta de equipamentos e outros mais, defendiam a não alteração do número de vagas. Outros se manifestaram a favor da ampliação para 100 vagas. Postas em votação venceu a proposta considerada ideal para as condições então vigentes: a confirmação das 70 vagas (id., ib., p. 16).

Anos depois, em 1939, o número de vagas passou para 80 e, no ano seguinte, o governo de São Paulo, atendendo as insistentes reclamações da população, da imprensa e da necessidade de um número maior de profissionais médicos no estado, enviou Decreto a FMSP estipulando que o número de vagas passasse para 200.

É claro que o corpo docente da FMSP de imediato se reuniu e rebateu o que classificaram de exagero; afinal, a Faculdade não oferecia condições materiais e humanas para assegurar a qualidade do ensino diante deste número de vagas. Acreditavam que a quantidade de forma alguma deveria sobrepor à qualidade do ensino.

O problema dos excedentes era uma tarefa difícil de se resolver. Nem mesmo para os alunos matriculados havia instalações, equipamentos e cadáveres em número suficiente. Muitos alunos, nas aulas de dissecação, estudavam sentados nos corredores por não haver lugar suficiente nas salas (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 17).

Os docentes da FMSP eram solidários ao aumento do número de vagas e, conseqüentemente, ao número de profissionais médicos no estado de São Paulo. Mas, entendiam que esta necessidade jamais poderia depreciar a qualidade do ensino. Afinal, a FMSP havia sido criada para formar médicos em qualidade e, não, em quantidade.

Começa, então, a tomar corpo a idéia de descentralização do ensino médico. Alguns docentes se manifestaram em defesa da criação de uma nova Faculdade de Medicina no interior do estado, preferencialmente em locais distantes da capital, pois criticavam a centralização do ensino médico na capital ou em cidades próximas a ela, em detrimento ao interior.

Esta questão, contudo, de maneira alguma poderia se restringir somente ao aspecto quantitativo. A criação de uma nova Faculdade no interior deveria essencialmente primar pela qualidade do ensino e, de forma alguma, ter um padrão inferior ao da FMSP.

O desenvolvimento do estado se dera de tal modo que a concepção de centros de ensino e pesquisa localizados essencialmente na capital não mais se ajustava às aspirações do progresso cultural reclamados pela população interiorana nas cidades mais desenvolvidas. A criação de escolas de ensino superior concretizaria reivindicações da população, pois a descentralização do ensino superior, restrito naqueles dias às grandes capitais, ofereceria, entre outras coisas, a possibilidade da população jovem estudar onde nasceu e cresceu. Quem confirma isto é o Dr. Joaquim Portugal da Silva, que estudou na FMRP em seus primeiros anos de funcionamento.

Em seu depoimento Dr. Portugal ilustrou bem esta situação:

Meus pais não tinham dinheiro para me manter em São Paulo. Mesmo Ribeirão Preto era difícil, eu sabia das dificuldades do meu pai, às vezes o comércio não ia bem e em Ribeirão Preto eu tinha a opção de viajar todo dia para Sertãozinho... Já em São Paulo não podia pensar numa coisa dessa. Eu acabei ficando em Ribeirão Preto sem precisar viajar, mas a duras penas, pois era difícil para os meus pais. (Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Portugal da Silva no dia 14 de outubro de 2005).

Continuando, Dr. Portugal salientou que:

Nós não tínhamos uma visão tão globalizada como agora. Na região que eu morava a meta era a medicina de Ribeirão Preto. Nós tínhamos uma visão muito regionalista e entrar em Ribeirão Preto era o que de mais brilhante podia acontecer. (Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Portugal da Silva no dia 14 de outubro de 2005).

Tal providência consistiria em boa medida cujos benefícios seriam múltiplos. Entre eles, proporcionaria ao aluno um custo de manutenção extremamente menor que na capital e, fundamentalmente, no caso da medicina, fixaria o futuro médico na zona rural, onde poderia desenvolver pesquisas e clinicar, tendo como preocupação atender aos problemas específicos de saúde da região, ou seja, dar atenção a doenças regionais.

O governo paulista, com isso, se viu pressionado a tomar providências para a resolução destas questões. Tornou-se voz corrente na sociedade a necessidade urgente de descentralização do ensino superior e, conseqüentemente, a criação de uma nova Faculdade de Medicina.

Desta forma, em sua campanha para governador do estado, em 1947, Adhemar de Barros prometeu, tanto em Ribeirão Preto, como em São Carlos, criar a Universidade do Interior e, assim, suprir as necessidades vigentes.

Tomam corpo, as expressões populares a favor da criação da Universidade do Interior, que passam a refletir nas manifestações e articulações dos políticos na Assembléia Legislativa do estado.

CAPÍTULO II

CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DA FMRP

Este capítulo contextualiza a criação, a instalação, o desenvolvimento e a consolidação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Para tanto, o capítulo se estrutura da seguinte forma: primeiramente, destacarei a criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, atribuição do Poder Legislativo; depois, destacarei sua instalação, atribuição do Poder Executivo que destina à Escola a ser instalada uma verba orçamentária e nomeia o Diretor, e; em seguida, sua evolução e vida.

Novamente é importante deixar claro que a estrutura e o conteúdo a seguir se inspiram nos trabalhos de pesquisas dos professores Paolo Nosella e Ester Buffa, principalmente, em relação à pesquisa acerca da **Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo** (2000).

O texto também se apoia em diretrizes propostas pelos professores José Eduardo Marques Mauro e Arlinda Rocha Nogueira no livro intitulado: **FMRP. Primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores** (2004).

É importante destacar que o contexto histórico da criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e da Escola de Engenharia de São Carlos se assemelham tanto em um trabalho como em outro porque, afinal, ambas Faculdades foram criadas pela Lei Estadual nº 161, de 24 de setembro de 1948.

4.1 Criação

4.1.1 O clima político

Após discurso na Praça XV de novembro, no centro de Ribeirão Preto e a promessa do então candidato ao governo do estado, Adhemar de Barros, de criar, na cidade, uma Universidade do Interior, autoridades locais (políticos, representantes de classes, clero, imprensa etc.) começaram a se mobilizar para que se efetivasse esta promessa. A sociedade ribeirão-pretana reclamava sediar uma Universidade em virtude de seus anseios culturais e acadêmicos que repousavam no seu crescimento econômico¹⁷.

Uma vez eleito, em 1947, o então governador Adhemar de Barros passou novamente por Ribeirão Preto em direção à Goiânia e, no aeroporto, disse em entrevista ao radialista Sebastião Porto: “Vocês estão sacando contra o futuro. Uma universidade não se faz da noite para o dia. É preciso muito trabalho, muita luta. Briguem pela universidade, pois minha promessa está em pé; vocês a terão um dia” (Jornal **Diário da Manhã**, Edição Especial. Ribeirão Preto, quinta-feira, 05 de Julho de 1979, Ano 82).

A fala do governador estimulou ainda mais os quadros políticos e sócio-culturais de Ribeirão Preto. Todos se empenharam. O Centro Médico, os Hospitais, os Diretores da Faculdade de Odontologia e Farmácia, os Colégios, a Imprensa, a Câmara Municipal, a Prefeitura Municipal. Enfim, criou-se uma comissão que debatesse o assunto da Universidade de Ribeirão Preto a nível estadual.

Era preciso, então, movimentar e sensibilizar os representantes políticos na Assembléia Legislativa. E isto foi feito.

4.1.2 O Projeto de Lei

Como salientei, Adhemar de Barros prometara, tanto em Ribeirão Preto, como em São Carlos, criar uma Universidade do Interior. Os representantes legais das duas cidades junto à Assembléia Legislativa do estado de São Paulo eram, por Ribeirão Preto, o Deputado Estadual Luis Augusto Gomes de Mattos e, por São Carlos, o Deputado Estadual Miguel Petrilli.

¹⁷ A título de ilustração, bem sabemos que onde há dinheiro, há cultura. Não por acaso, Paris, no século XX, perdeu sua supremacia cultural, exportando várias de suas obras de arte para os Estados Unidos que iniciavam sua supremacia econômica. Ribeirão Preto, conhecida como “capital do café”, havia se tornado uma das cidades mais próspera economicamente do interior do Brasil; graças a sua produção cafeeira, não lhe faltava dinheiro.

A iniciativa de criar uma Universidade partiu do Deputado são-carlense. Em 25 de julho de 1947, durante a 13ª Sessão Ordinária, subiu à Tribuna e dirigindo-se ao Presidente da Assembléia Legislativa e aos senhores Deputados presentes ressaltou, em explicação pessoal, a necessidade e as vantagens de se instalar uma Universidade em São Carlos. Após sua fala, apresentou Projeto de Lei que passou a ser conhecido como Projeto de Lei nº 10.

Transcrevi, abaixo, a fala de Petrilli:

O parágrafo único do Artigo 128 da Constituição do Estado de São Paulo prevê o incremento e a disseminação das Universidades e seus estabelecimentos complementares.

É fora de dúvida, Sr. Presidente, que a difusão cultural, como a do ensino primário e secundário, só pode trazer benefícios enormes ao país, melhorando o índice de capacidade de seu povo e aprimorando nos Municípios o anseio de civilização.

Ora, quanto mais se desenvolve pelas suas indústrias, seu comércio, sua lavoura, mais se impõe ao Município o ensino superior para manter o equilíbrio do seu próprio progresso, que não pode deixar de ser tão espiritual quanto o seja materialmente.

Dos muitos Municípios bandeirantes, um há, Sr. Presidente, que me toca muito de perto por dever-lhe o berço, mas esse não seria tão somente o motivo que me faz vir hoje a essa tribuna, e sim o justo prestígio que ele desfruta no âmbito do Estado. Quero referir-me a São Carlos. [...].

Pois bem, uma das maiores aspirações da minha terra, o seu verdadeiro sonho, é possuir a sua Universidade.

Completar, pelo ensino superior, o trânsito da sua instrução primária e secundária. Proporcionar a sua população, sem obrigação de transferências distantes, a possibilidade de seguir carreira na comunidade que o próprio Município pode facultar *in loco*. Não se cogitaria de sabermos primeiro, Sr. Presidente, se outros Municípios mais merecedores, talvez, devem obter antes idêntico benefício. Trata-se de começar.

A disseminação das Universidades só pode trazer fartura cultural para a nação. E São Carlos, com a situação invejável que desfruta realmente, está indicada para uma nova Universidade brasileira. [...].

Nessa conformidade, Sr. Presidente, venho fazer um apelo à Mesa no sentido de considerar objeto de deliberação o seguinte projeto de lei que apresento e passo a ler.

Sr. Presidente, requeiro a V. Exa. que o incluso projeto de lei seja submetido às necessárias discussões regimentais e, uma vez aprovado, seja convertido em lei para os devidos e legais efeitos.

(Sala das Sessões, 25 de julho de 1947).

(Cf. Estado de São Paulo – Anais da Assembléia Legislativa – 1ª Sessão da 1ª Legislatura. 1947. Vol. 1. Organizado e impresso pela Indústria Gráfica Siqueira S.A. São Paulo. p. 451-452).



Figura 7 - Capa do Projeto de Lei nº 10 de autoria do Deputado Miguel Petrilli sobre a criação de uma Universidade em São Carlos-SP

Fonte: Assembléia Legislativa do estado de São Paulo.

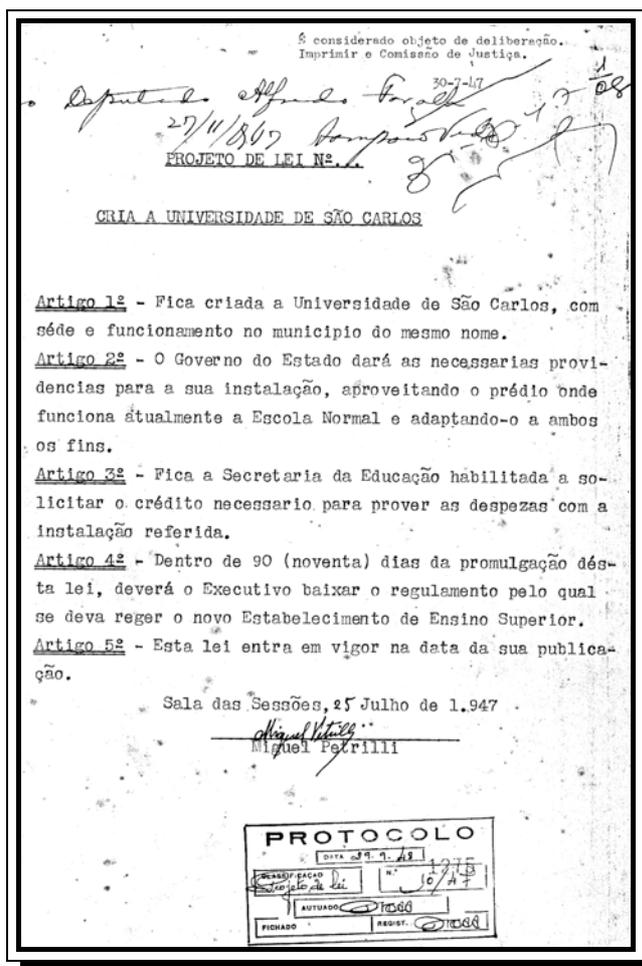


Figura 8 - Projeto de Lei nº 10. Cria a Universidade de São Carlos-SP

Fonte: Projeto de Lei nº 10 – Assembléia Legislativa do estado de São Paulo

Duas semanas depois, no dia 08 de agosto de 1947, após Petrilli ter apresentado o Projeto de Lei, foi a vez do Deputado Luis Augusto Gomes de Mattos explicar suas razões para a implantação de uma Universidade na cidade de Ribeirão Preto e, conseqüentemente, apresentar também um Projeto de Lei que recebeu o número 37. Da mesma forma que Petrilli, transcrevi abaixo a fala de Luis Augusto Gomes de Mattos.

Sr. Presidente. Não resta dúvida que, dada a carência de vagas nas Escolas Superiores da Capital, cada vez mais se sente a necessidade de serem criadas novas Faculdades ou novas Universidades, de forma a se evitar o constante exôdo de nossos jovens para outros Estados. De se notar que também nos demais Estados, pelo menos nos que são procurados pelos nossos estudantes, a deficiência das instalações têm exigido a limitação de vagas e, assim, os chefes de família têm sentido grandes dificuldades para que seus filhos cursem uma escola superior.

É fora de dúvida constituir obra patriótica e de grande alcance para a Nação facilitar o Estado o ensino, proporcionando meios para que os jovens da geração que surge possam aumentar seus conhecimentos, tornando-se aptos para enfrentar as asperezas da vida.

Considerando que dentre as cidades do interior paulista, Ribeirão Preto é uma das que, pela situação geográfica, centro para o qual convergem os interesses de grande região do nosso Estado, de Minas Gerais e de Goiás, pelo seu desenvolvimento e pela existência de vários prédios estaduais, oferece melhores possibilidades para a instalação de uma Universidade.

Considerando que Ribeirão Preto, é a cidade paulista procurada pela maioria dos moços de extensa região do Estado, de Minas Gerais e de Goiás, sendo certo que o número de estudantes que frequentam os diversos estabelecimentos escolares da referida cidade ascende a cerca de 18.000, apresento o seguinte projeto de LEI:



Figura 9 - Capa do Projeto de Lei nº 37 de autoria do Deputado Luis Augusto Gomes de Mattos sobre a criação de uma Universidade em Ribeirão Preto-SP

Fonte: Assembleia Legislativa do estado de São Paulo

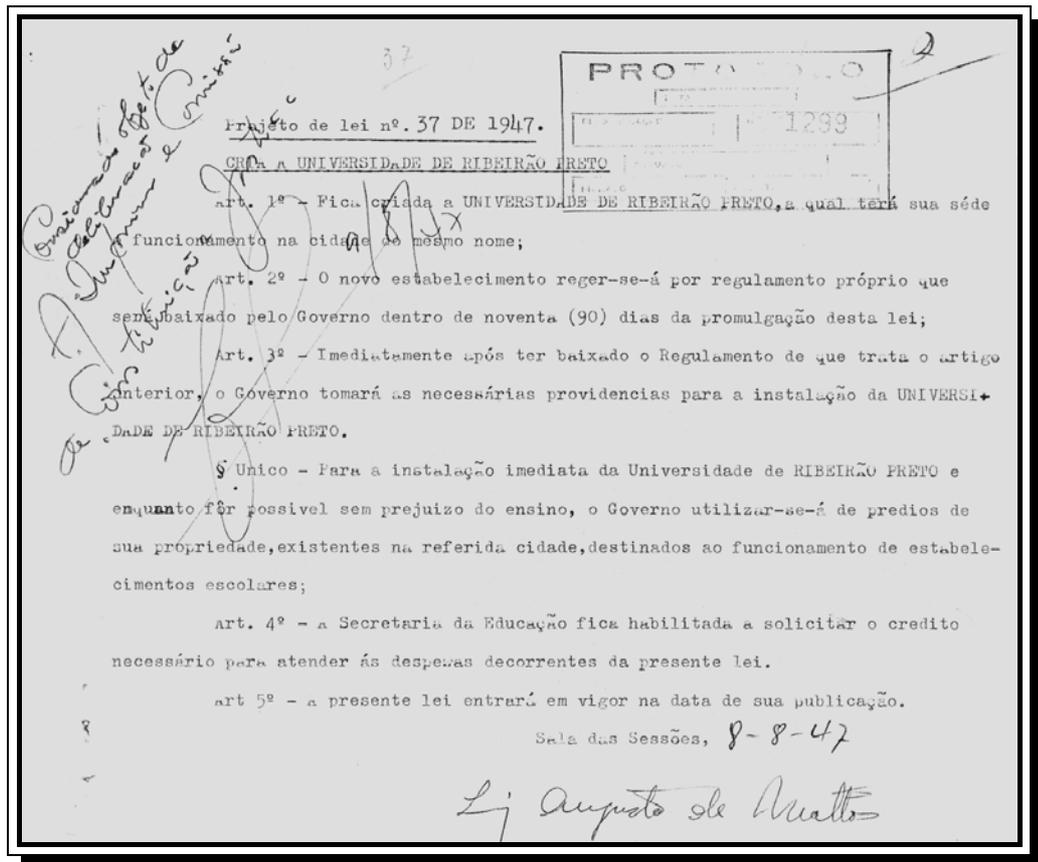


Figura 10 - Projeto de Lei nº 37. Cria a Universidade de Ribeirão Preto-SP

Fonte: Projeto de Lei nº 37 Assembléia Legislativa do estado de São Paulo

Iniciava-se, assim, o desejo e a luta das lideranças políticas pela aprovação dos referidos Projetos de Leis.

Apresentados os Projetos, o Presidente da Assembléia os encaminhou, primeiramente, para a Comissão de Constituição e Justiça da Casa, a qual não verificou nenhum impedimento do ponto de vista jurídico e legal. A alegação foi a seguinte: “[...] sob o ponto de vista da lei, a proposta encontra amparo legal no disposto do artigo 22 da Constituição do Estado, já que a matéria não incide no campo da competência exclusiva do Executivo.” Sugeriu, esta Comissão, que quanto ao mérito e oportunidade da medida, poderia depor ampla e minuciosamente as Comissões de Educação e Cultura e Finanças e Orçamento.

Desta forma, os referidos Projetos foram encaminhados, posteriormete, à Comissão de Educação e Cultura da Casa, cujo parecer também foi favorável. Uma das alegações desta Comissão foi a seguinte: “[...] Realmente, a difusão do ensino superior é medida das mais salutares e virá contribuir, eficientemente, para a boa formação cultural de nossos moços, de cuja capacidade e visão dependem os próprios destinos do Estado”.

Entretanto, um de seus membros o Deputado Rubens do Amaral, deu seu voto em separado. Ao fazê-lo manifestou-se contrário alegando, entre outras coisas, que:

[...] Ocorrem, porém, objeções ponderáveis. Uma delas é que o momento não é próprio. Uma Universidade tem que ser uma coisa muito séria, a começar pela organização do seu corpo docente. Numa época como a que atravessamos, de delíquio moral, devemos temer que a empanturrem com a presença de protegidos, afilhados e cabos eleitorais, selecionados, não pelo seu valor intelectual e cultural, mas pela sua dedicação ao governador e ao partido do governador. [...] Uma Universidade não se constrói só com boa vontade. Requer, também, edifícios e instalações. De que custo? [...] devemos prever que as quatro Faculdades fundamentais – de Direito, de Medicina, de Engenharia e de Filosofia, Ciências e Letras, - custarão 200 milhões de cruzeiros. Se agregarmos uma Faculdade de Ciências Econômicas, outra de Farmácia e Odontologia e outra de Agronomia, teremos um gasto total, em edificações e instalações, de 350 milhões de cruzeiros. [...] Lembre-se que o Estado até hoje não pôde dar sede condigna à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. E há de poder instalar outra Universidade, completa, no Interior?”

(Cf.: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Comissão de Educação e Cultura. Parecer nº 250 de 18 de novembro de 1947. Anexo ao Projeto de Lei nº 10).

Em seguida, coube a Comissão de Finanças e Orçamento da Assembléia Legislativa se posicionar. Após análise minuciosa, a referida Comissão posicionou-se favoravelmente considerando:

[...] temos hoje necessidade de encarar de frente os problemas que estão a desafiar a nossa inteligência. Necessitamos de técnicos em todos os ramos do conhecimento e das atividades humanas. Precisamos de homens de profissão especializada para vencermos a luta da concorrência no comércio internacional.

[...] o eminente Deputado Rubens do Amaral, para concluir, todavia, por fazer várias objeções contra a idéia [...] no seu entender a mais séria razão é a situação financeira, declarando que uma universidade abrangendo todos os ramos da ciência humana, com a construção dos edifícios e respectivas instalações, ficaria em 350 milhões de cruzeiros. Não sabemos quais os elementos com que jogou o nobre colega para chegar àquela cifra. Contudo, estamos certo de que há exagero nos cálculos. Como quer que seja, porém, teremos que enfrentar o problema com coragem e otimismo. O programa do ensino superior em nosso país está atrasado de muitos lustros. E São Paulo, que sempre tem sido vanguardeiro nas iniciativas em prol do progresso e da civilização desta parte da América, certamente não pode cruzar os braços em atitude negativa diante dos fatos. [...] O nosso Estado tem feito gastos muito maiores com realizações de muito menor importância.

(Cf.: Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Comissão de Finanças e Orçamento. Parecer nº 323 de 01 de dezembro de 1947. Anexo ao Projeto de Lei nº 10).

Entretanto, o Deputado Rubens do Amaral, ainda não satisfeito, enviou em 11 de dezembro de 1947 um Requerimento ao Presidente da Assembléia, pedindo para que o Projeto de Lei fosse reenviado à Comissão de Finanças e Orçamento. Teve seu pedido rejeitado. Na Sessão do dia 16 de dezembro de 1947, apresentou, junto com o Deputado Mario Beni, um Substitutivo ao Projeto de Lei nº 10 de autoria do Deputado Miguel Petrilli e, novamente, teve seu pedido rejeitado.

Ainda, na Sessão do dia 16 de dezembro de 1947, várias outras emendas ao Projeto de Lei nº 10 foram apresentadas e todas rejeitadas. Estas emendas visavam criar Universidades em várias cidades do estado, afinal, nenhum Deputado gostaria de perder a oportunidade de levar para seu domicílio eleitoral uma Universidade. As cidades que pleitearam foram: Campinas, Botucatu, Santos, Itapetininga, Jaú, Lins, Rio Preto, Presidente Prudente, Assis, Santa Cruz do Rio Pardo e Piracicaba.

Contudo, na mesma Sessão, foi apresentado pelo Deputado Luis Augusto Gomes de Mattos e **aprovado** na Sessão do dia seguinte (17 de dezembro de 1947) um Substitutivo ao Projeto de Lei nº 10 cuja finalidade era a criação das Universidades de São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru com verbas especiais para o orçamento de 1949.

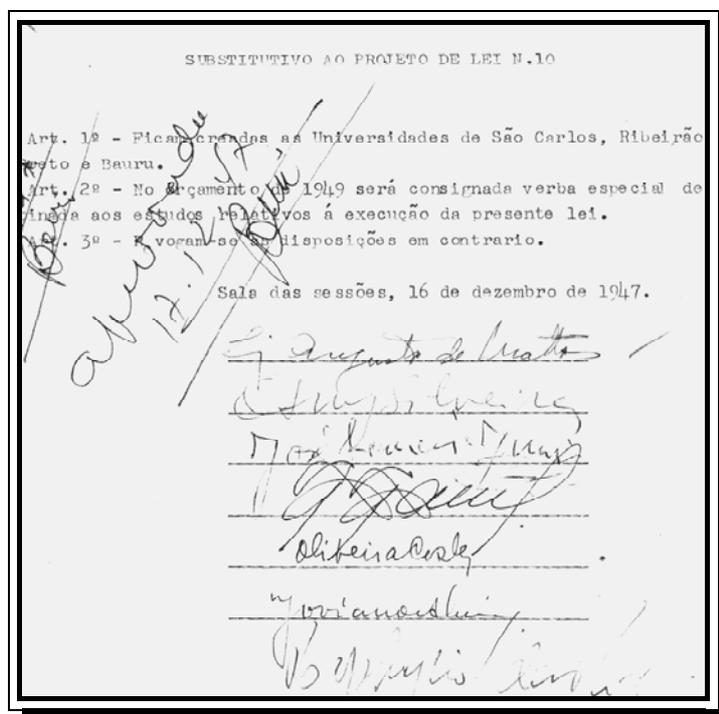


Figura 11 - Substitutivo ao Projeto de Lei nº 10 que objetiva criar Universidades em São Carlos, Ribeirão Preto e Bauru

Fonte: Projeto de Lei nº 10 – Assembléia Legislativa do estado de São Paulo

4.1.3 Parecer da Comissão de Ensino e Regimento da USP

As discussões acerca do Projeto de Lei nº 10, no final de 1947, eram bastante polêmicas. Substitutivos, Emendas e Pareceres davam o tom dos debates nas Sessões da Assembléia Legislativa. Na imprensa e nas rodas culturais paulistas as discussões também eram constantes.

Após ser aprovado o Substitutivo do Deputado Luis Augusto Gomes de Mattos pela Assembléia Legislativa, no mesmo dia (17 de dezembro de 1947) tornou-se público o Parecer da Comissão de Ensino e Regimento da Universidade de São Paulo referente ao Projeto de Lei nº 10, do qual a Assembléia Legislativa encaminhara a esta Universidade. De acordo com o parecer do relator desta Comissão da Universidade de São Paulo, Professor Zeferino Vaz, tal projeto se enquadrava como imperfeito e inexecutável.

Na verdade, o pedido de um parecer da Comissão de Ensino e Regimento da USP referente ao Projeto de Lei nº 10, partiu do Governador do estado. Pois, pediu o governador apoio ao Reitor da USP quanto ao Projeto de Lei citado, que estava em discussão na Assembléia Legislativa. Em anexo ao Processo, encontrava-se também um Ofício do Deputado Rubens do Amaral, datado de 27 de novembro de 1947, solicitando ao Reitor parecer dos órgãos técnicos da Universidade de São Paulo sobre o mesmo assunto.

Desta forma, o Reitor da USP encaminhou o Processo à Comissão de Ensino e Regimento para elaboração de Parecer que seria submetido à apreciação do Conselho Universitário. A referida Comissão analisou o Projeto de Lei nº 10 sob os seguintes aspectos: a) Legal e Técnico Legislativo; b) Didático; c) Financeiro; e d) Cultural e Social. (Os dados a seguir são embasados essencialmente no Processo nº 14.138-47. Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. Reitoria da Universidade de São Paulo. Conselho Universitário).

Quanto ao aspecto Legal e Técnico Legislativo relatou o Parecer que faltavam ao Projeto características indispensáveis exigidas por Lei, pois, dizia o relatório, não estabelece e nem cria Institutos que devam compor a Universidade. Afinal, como salienta o Parecer, Universidade é, por definição, a reunião de diversos estabelecimentos de ensino superior sob uma só orientação e tendo por finalidade o desenvolvimento da cultura pelo ensino e pela pesquisa e, neste sentido, a Lei brasileira é clara ao exigir que, para a constituição de uma Universidade, há necessidade de congregação de pelo menos três Faculdades. De acordo com o Decreto Federal nº 19.581, de 11 de abril de 1931, em seu artigo 5º, e do Decreto Federal nº 24.279, de 22 de maio de 1934, a constituição de uma Universidade brasileira deveria compor

Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Escola de Engenharia e Faculdade de Educação, Ciências e Letras.

Como o Projeto de Petrilli não fazia a menor referência aos Institutos da futura Universidade, julgou, seu relator, que o mesmo incidia em impedimento legal. Além disso, era falho também do ponto de vista técnico, pois carecia dos seguintes elementos: a) discriminação das disciplinas do ensino obrigatório de cada curso; b) da duração dos cursos; c) das condições de matrícula; d) dos provimentos dos cargos docentes e técnicos; e) dos órgãos de administração etc.

Quanto ao aspecto Didático, para que a Universidade atingisse seus objetivos era necessário, de acordo com o Parecer baseado na alínea II do artigo 5º do Decreto Federal 19.581, a necessidade de disposição para capacidade didática aí compreendida por professores, laboratórios e demais condições necessárias para um ensino eficiente. Julgava, o Parecer, que se isto tudo é de solução difícil no caso de uma só Faculdade, o que dizer então de uma Universidade localizada distante da capital.

Quanto ao aspecto Financeiro, dizia o Parecer que bem poucos estavam ao par dos custos de instalação e manutenção de uma Universidade. Destacava que:

Cinquenta milhões de cruzeiros é o cálculo seguro das despesas anuais de manutenção das 3 Faculdades da Universidade. As de instalação, computados os edifícios a construir, laboratórios, serviços hospitalares a montar, custarão em cálculo discreto sempre acima de cem milhões de cruzeiros.

(Cf.: Reitoria da Universidade de São Paulo. Conselho Universitário. Processo nº 14.138-47. Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fl. 10).

E, conclui, dizendo: “Aí ficam os números para conhecimento e meditação dos interessados”.

Por fim, quanto ao aspecto Cultural e Social, o Parecer destacava que o progresso material e cultural de uma nação é a resultante do nível médio de cultura de seu povo, pois onde houver maior número de alfabetizados, maior será o número de cientistas, letrados e artistas. Destacava, ainda, que não é inteiramente remoto atribuir a riqueza cultural de nações à disseminação de universidades pelo interior e que parece mais lógico atribuir a existência de numerosas Universidades boas, qualquer que seja sua localização.

Encerrava-se, portanto, o Parecer com o seguinte resumo às críticas:

A lei que resultasse de aprovação pura e simples do projeto nº 10 seria:

1 – Inoperante por não prever a criação dos Institutos que hão de compor a Universidade.

2 – Contrária à lei e, por isso, não obteria a necessária aprovação do Governo Federal [...]

3 – Imperfeita: a) por ignorar que Universidade é agrupamento de institutos de ensino superior. b) por não criar os cargos docentes, técnicos e administrativos de cada instituto e nem os órgãos de administração da Universidade. c) por determinar ao Executivo que baixe um regulamento sem dar-lhe os elementos indispensáveis à sua elaboração e que só a Assembléia Legislativa lhe pode proporcionar. d) [...] A unidade do ensino universitário está a indicar que qualquer novo instituto Oficial de educação superior no Estado seja planejado, instalado e orientado pela Universidade de S. Paulo aproveitando-se a longa experiência que já possui sobre o assunto.

4 – Inoportuna – a) do ponto de vista cultural por não termos resolvido ainda problemas básicos de ensino primário e secundário – b) por estar longe da saturação a capacidade didática da Universidade de S. Paulo – c) por estar prevista a existência de cursos noturnos na Universidade de S. Paulo – d) pela precariedade da situação financeira do Estado.

(Cf.: Reitoria da Universidade de São Paulo. Conselho Universitário. Processo nº 14.138-47. Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fls. 16-18).

Ao fazer estas críticas o Relator, Prof. Zeferino Vaz, não parecia ser contrário à criação de novas Universidades. Pode-se observar que a essência do Parecer se encontra não na crítica destrutiva, mas numa análise bem intencionada. Afinal, depois deste Parecer, como será visto adiante, a história tomou outro rumo.

4.1.4 O veto do Governador

Após a manifestação contrária do Conselho Universitário acerca da criação de Universidades no interior do estado de São Paulo, os representantes políticos na Assembléia Legislativa, diante do novo cenário apresentado, trataram de se articular para modificar a redação do Projeto de Lei nº 10, de forma que o mesmo contemplasse as observações feitas pela Comissão de Ensino e Regimento da USP.

Muitas foram as discussões até que o Projeto, devidamente modificado, fosse aprovado, no dia 20 de agosto de 1948. A proposta passou a ser não mais a criação de Universidades, mas de Faculdades subordinadas a USP. Propuseram, os Deputados, a criação dos seguintes estabelecimentos de ensino superior no interior do estado de São Paulo, como poderá ser visto em cópia do documento original:

A redação final sobre o Projeto, contudo, se deu seis dias depois (26 de agosto de 1948) na Sala de Comissões da Assembléia Legislativa. Faltava, assim, seu encaminhamento ao Governador para aprovação, o que foi feito pelo Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo, Sr. Lincoln Feliciano, no dia 02 de setembro de 1948.

Entretanto, no dia 10 de setembro de 1948, em Ofício enviado ao Presidente da Assembléia Legislativa pelo Governador Adhemar de Barros, este comunica seu veto alegando entre outros:

Sem embargo de reconhecer as louváveis razões que, por certo, levaram os ilustres senhores Deputados a aprovar o projeto de lei em aprêço, que cria, subordinadas à Universidade de São Paulo, diversas escolas de ensino superior, no interior do Estado, vejo-me na contingência de opor-lhe veto, dado o vício de inconstitucionalidade de que indiscutivelmente padece, consoante me expuzeram órgãos técnico-consultivos do Govêrno.

[...] É evidente que a iniciativa da incorporação de um instituto de ensino superior ou de pesquisas técnico-científicas a uma Universidade já constituída é exclusiva da própria Universidade, dependendo de aprovação do Govêrno estadual e audiência do Conselho Nacional de Educação. O Govêrno estadual não poderá nunca incorporar qualquer instituto de ensino superior a uma Universidade sem obedecer aos preceitos gerais estabelecidos pelo Decreto n° 24.279, que regulamenta o artigo 3° do Estatuto das Universidades Brasileiras, os quais se calcam diretamente na competência atribuída à União pelo artigo 5° n° XV, letra “d”, da Constituição federal. [...]

[...] Necessário se faz dizer, também, que a criação de um instituto de ensino dentro da Universidade de São Paulo acarretará uma modificação nos seus Estatutos, aprovados pelo Decreto federal n° 39, de 3 de setembro de 1934. Isto será nova violação dos preceitos estabelecidos para legislação federal [...]

(Cf.: Ofício n° 13/48, A.T.L. – Proc. 621/48, A.T.L. de Adhemar de Barros Governador do estado de São Paulo enviado ao Sr. Lincoln Feliciano Presidente da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. 10 de setembro de 1948).

Na verdade, o veto do Governador se deu porque estava em fins de mandato e, nestes casos, importa mais a vaidade pessoal do que o interesse coletivo.

4.1.5 A aprovação do Projeto de Lei

Ocorre, entretanto, que o Relator da Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia Legislativa, o Deputado Ulysses Guimarães, pronunciou-se através do Parecer 1221 de setembro de 1948, contrário ao veto do Governador Adhemar de Barros.

Entre outros, o Parecer do Relator Ulysses Guimarães destacou que:

Partindo do pressuposto de que a iniciativa da incorporação de um Instituto de ensino superior ou de pesquisas técnico-científicas a uma Universidade já constituída é exclusiva da própria Universidade, dependendo da aprovação do Governo Estadual e audiência do Conselho Nacional de Educação, conclui o veto extravagantemente que à Assembléia não era lícito criar faculdades superiores, da maneira como fez, porque isto importaria numa violação dos estatutos da Universidade de São Paulo [...]

Como se vê pela simples exposição das razões do veto, chega-se à conclusão de que aprová-lo seria reconhecer a incompetência da Assembléia para legislar sobre ensino superior, subordinando a sua iniciativa a disposições estatutárias, que não podem ter a força de contrarias a própria Constituição Federal, que atribui aos Estados competência para a organização de seus sistemas de ensino.

Esqueceram-se os órgãos consultivos do Snr. Governador, que o projeto de lei foi alterado especialmente para se enquadrar dentro das diretrizes que foram traçadas pelo Conselho Universitário, ouvido a respeito da criação da Universidade de São Carlos, visada primacialmente pelo projeto de lei. As emendas apresentadas ao projeto modificaram-no por completo; em vez de Universidade, criaram-se faculdades, em várias cidades, atendendo-se à orientação da “Comissão de Ensino e Regimentos” do Conselho Universitário [...]

Existirá inconstitucionalidade se fôr aceita a esdruxula doutrina governamental, que pretende limitar as funções do poder legislativo, invocando meros regulamentos de Universidades e leis ordinárias, que não têm a força de impedir que os Estados possam criar os Institutos de ensino superior que julgar necessários.

Pela rejeição do veto é o meu parecer.

(Comissão de Constituição e Justiça. Parecer nº 1221, de 1948 sobre Projeto de Lei nº 10 de 1947. fls. 1-3 grifos meus).

Portanto, rejeitado o veto, finalmente promulga-se a Lei nº 161 no dia 24 de setembro de 1948, que dispôs sobre a criação de estabelecimentos de ensino superior em cidades do interior do estado e, entre elas, a Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto como uma Faculdade da Universidade de São Paulo.

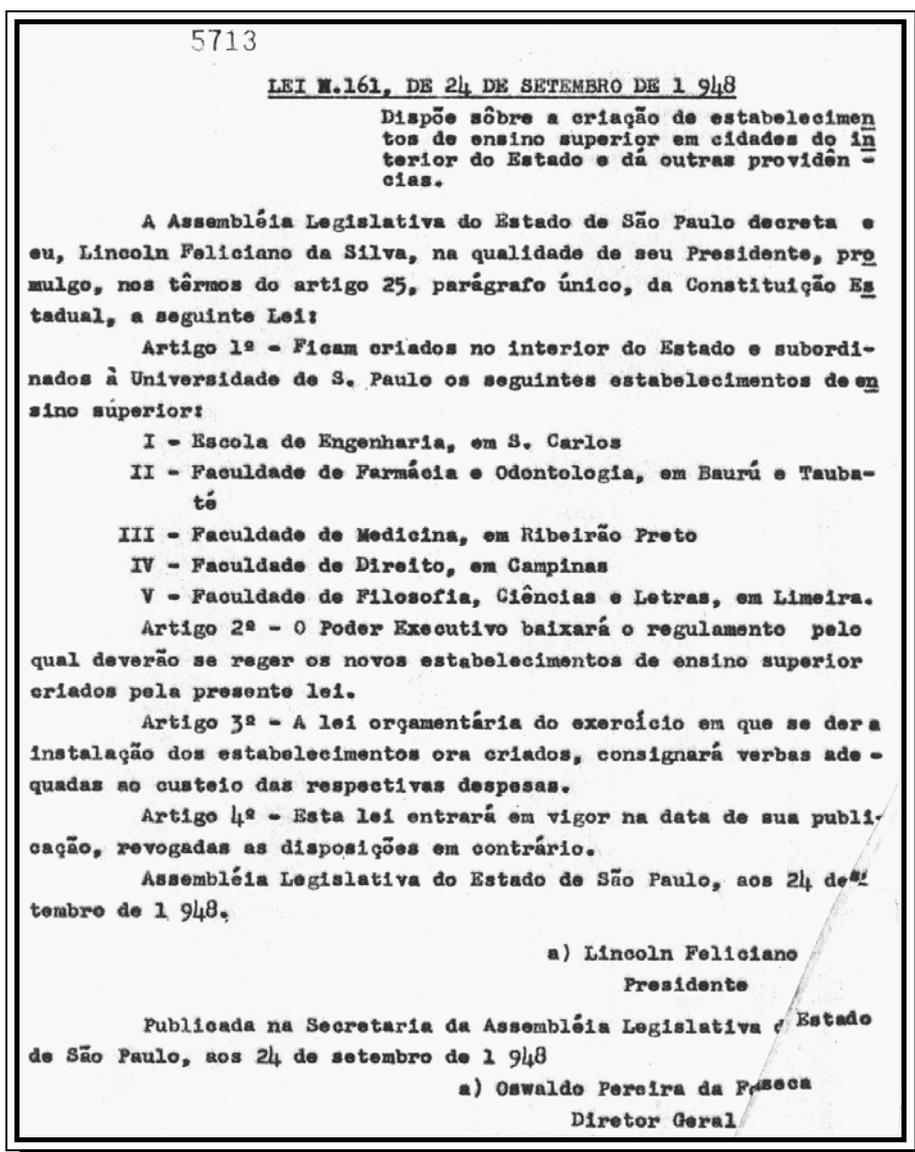


Figura 13 - Lei nº 161 de 24 de setembro de 1948 que dispõe sobre a criação de estabelecimentos de ensino superior no estado de São Paulo

Fonte: Projeto de Lei nº 10. Assembléia Legislativa do estado de São Paulo

Promulgada a Lei pela Assembléia Legislativa, coube ao Governador Adhemar de Barros assiná-la. Estavam, portanto, criadas Instituições públicas no interior do estado de São Paulo.

Faltava à população das cidades contempladas se mobilizarem para serem instaladas as respectivas Faculdades em seus municípios. Afinal, a criação destas Faculdades foi um ato de vitória, porém de uma vitória parcial. A instalação seria a concretização.

4.2 Instalação

4.2.1 A cidade de Ribeirão Preto¹⁸

Não por acaso Ribeirão Preto pleiteou uma Faculdade de Medicina e não somente por forças políticas, posteriormente, ocorreu sua instalação. Estou certo que a essência destes fatos repousa nas razões históricas e sociais do município. Ou seja, no comportamento e educação das pessoas, na cultura, na economia, nas escolas existentes, no atendimento médico-hospitalar, enfim, onde haja estrutura humana e material necessária.

É por esta razão que destaco, agora, a cidade de Ribeirão Preto. Não pretendo apologizar a história da cidade. O que pretendo é trazer à luz características relevantes que fizeram de Ribeirão Preto um grande centro econômico, cultural, político e social do país e que, por isso mesmo, ofereceu condições estruturais para sediar uma Faculdade de Medicina numa região que necessitava de atenção a seus problemas específicos de saúde.

Em meados do século XIX, uma das maneiras de legalizar ou facilitar o processo de legalização de terras era doação aos patrimônios eclesiásticos. Estas doações eram registradas em livros paroquiais e estes registros passavam a ter valor legal como título de propriedade. As questões ligadas à regularização da propriedade da terra aliada à religiosidade dos primitivos povoadores da região de Ribeirão Preto, levaram alguns moradores a doarem terras para a formação do Patrimônio destinado à manutenção de uma capela em honra a São Sebastião.

Foi com a divisão judicial da Fazenda Barra do Retiro, em 19 de junho de 1856, que se iniciou o processo de formação do Patrimônio destinado à futura capela. Dos 263 alqueires desta Fazenda, 64 foram doados ao santo. Os doadores foram: Mariano Pedroso de Almeida e Maria Lourenço do Nascimento; José Borges da Costa e Maria Felizarda; Inácio Bruno da Costa e Maria Izidora de Jesus; Severiano João da Silva e Gertrudes Maria Teodora; João Alves da Silva e Ana Delfina Bezzerra; José Alves da Silva e Pulcina Maria de Jesus.

Os doadores citados são considerados os fundadores da cidade de Ribeirão Preto e o dia 19 de junho de 1856 a data oficial de fundação, de acordo com a Lei Municipal nº 386 de 24 de dezembro de 1954.

¹⁸ Para compor este texto me embasei, principalmente, na seguinte obra: Ribeirão Preto. 1 ed. Ribeirão Preto, SP: MIC Editorial Ltda., 1995.

Após a demarcação definitiva do Patrimônio de São Sebastião, em 1856, uma capela provisória foi construída próximo ao local da atual Praça XV de Novembro e, na mesma época, começou a surgir o arraial ao entorno desta capela.



Figura 14 - Primeira Capela construída em Ribeirão Preto

Fonte: Ribeirão Preto. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 81.

Anos após, em 1870, por meio da Lei provincial nº 51, de 2 de abril de 1870, foi criada a Freguesia (Distrito de Paz) de São Sebastião do Ribeirão Preto, fixando-se os limites, correspondendo aos atuais municípios de Ribeirão Preto, Sertãozinho, Cravinhos, Serrana, Pontal, Dumont, Guataparã e Distrito de Bonfim. Ainda, em 1870, no dia 16 de julho, foi criada a Paróquia, compreendendo os mesmos limites da Freguesia.

Em 12 de abril de 1871, por intermédio da Lei provincial nº 67, a Freguesia foi elevada a categoria de Vila (município). Apesar de criado em 1871, o município só foi instalado em 1874, com a posse dos primeiros vereadores. Em 1º de abril de 1889, pela Lei nº 88, Ribeirão Preto passou a ser considerada cidade.

No final do século XIX, Ribeirão Preto recebeu pessoas vindas de várias localidades do país. Muitos vieram de Minas Gerais, Rio de Janeiro e da cidade de São Paulo.

Muitos imigrantes também se fixaram na cidade. Seus países de origem eram, principalmente, Itália, Portugal e Espanha. Juntos, estes imigrantes trouxeram estilos e implantaram técnicas de agricultura – setor que impulsionou o progresso da região¹⁹.

¹⁹ Os imigrantes europeus começaram a chegar no Brasil e em Ribeirão Preto atraídos pela propaganda brasileira que aqui encontrariam a “terra prometida”. O Brasil, nesta época, vivia a crise da mão-de-obra escravista devido ao processo de abolição. Tornava-se necessário, portanto, importar trabalhadores para suprir esta mão-de-obra. Em Ribeirão Preto, os italianos foram os que chegaram em maior número e os que se tornaram, depois da crise do café, em 1929, os maiores proprietários de terras. Algumas famílias tornaram-se detentoras de grandes fortunas como proprietárias de usinas de açúcar.

O principal produto agrícola plantado foi o café. Trazido do Vale do Paraíba, em 1876, por Luís Pereira Barreto (médico e sanitarista brasileiro) o café, do tipo *bourbon*, transformava em ouro os seus grãos²⁰.

O café tornou-se a principal fonte de riqueza de alguns fazendeiros, dando-lhes títulos de Barões e Coronéis. O poder econômico e político, na época, centrava-se nas fazendas. A cidade, incipiente, não era, ainda, o centro nervoso da produção.

A cultura do café implantada em finais do século XIX, até 1929, tornou-se a forma hegemônica da economia ribeirão-pretana. Ferrovias, bancos, comércio, exportações, política, povoamento urbano, cultura, escolas, tudo passou a orbitar atraídos pela força gravitacional do café²¹.

Nesta época, os filhos da elite cafeeira, de forma geral os filhos dos fazendeiros (não somente em Ribeirão Preto), recebiam educação das preceptoras que ensinavam música (geralmente piano) e línguas (francês e alemão), indispensáveis para as viagens à Europa e para a leitura de livros. As filhas dos fazendeiros aprendiam, além de piano e línguas, trabalhos manuais e noções de economia e medicina. Quando estavam um pouco maiores, estas moças iam para colégios de freiras francesas, geralmente em regime de internato e, lá, aprimoravam os hábitos que viriam a ser parte do dote matrimonial como futuras esposas de fazendeiros, mães e administradoras da Casa Grande. Já os rapazes iam para colégios de padres, também em regime de internato, e, lá, se preparavam para ingresso nos cursos superiores no Brasil ou na Europa, sendo os de Direito, Engenharia e Medicina os mais freqüentes. Estes cursos, apesar da importância que tinham para o desenvolvimento do país, formavam mais o dirigente político do que tecnicamente o profissional específico²².

Ribeirão Preto, que passa a crescer e se desenvolver de acordo com a dinâmica da produção de café, tornou-se o maior produtor deste grão do mundo e, rapidamente, tornou-se

²⁰ Influenciado pela propaganda feita por Luis Pereira Barreto e Martinho Prado Júnior, chegou a Ribeirão Preto o mineiro Henrique Santos Dumont, homem que viria a ser o primeiro grande cafeeiro da cidade e da região. Disposto a construir um império, investiu em máquinas e equipamentos agrícolas tornando-se o fazendeiro mais rico da região até morrer em 1893. Henrique Santos Dumont, era pai de Alberto Santos Dumont, o inventor do avião. Santos Dumont, como era mais conhecido, morou em Ribeirão Preto dos 6 aos 18 anos de idade.

²¹ Na década de 1920, a super-produção que se acumulava a cada safra acabou colocando um fim ao ciclo do café. Os preços, que vinham caindo, não resistiram à quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, quando os estoques excedentes de café alcançaram níveis nunca vistos.

²² Para aqueles que desejam saber como se comportava a educação entre preceptoras e filhos de fazendeiros no final do século XIX, recomendo a leitura da obra de Ina Von Binzer intitulada **Os meus romanos. Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**, cuja referência bibliográfica se encontra no final deste trabalho.

também um dos maiores centros econômico-financeiros do país. A riqueza e o poder dos Barões e Coronéis de Ribeirão Preto – na Primeira República – resultavam em forte influência nas decisões políticas do país. Os fazendeiros tinham força para eleger presidentes, governadores e deputados. Tanto é que de Ribeirão Preto saiu a candidatura de Altino Arantes, eleito governador do estado de São Paulo, em 1916, e de Washington Luís, eleito presidente da República, em 1926.

A riqueza econômica de Ribeirão Preto trouxe à reboque farta riqueza artística, cultural e educacional, que culminou nas suas expressões arquitetônicas, na instalação de teatros, de museus, de bibliotecas, de escolas, de faculdades etc. Haja vista a construção do Theatro Carlos Gomes, em 1897,²³ do Theatro Pedro II, em 1930 (construído nos moldes das casas de ópera européias), na circulação dos jornais “Diário da Manhã”, fundado em 1898, e do jornal “A Cidade”, fundado em 1905, da emissora de rádio PRA-7, surgida em 1924, na fundação da “Grande Orchestra Sinfônica”, em 1938 etc.

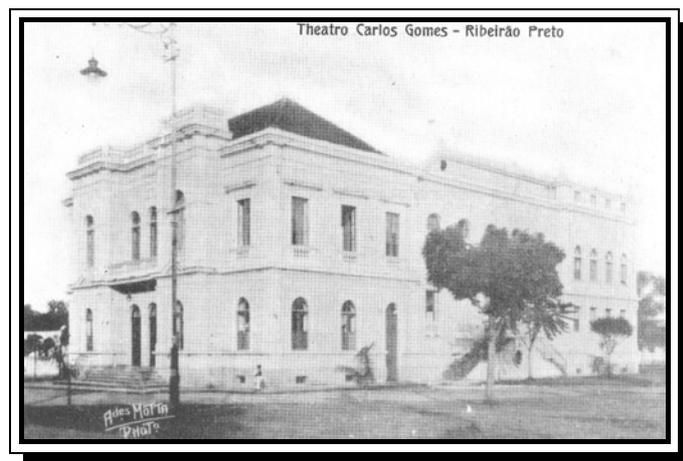


Figura 15 - Theatro Carlos Gomes. Marco de manifestações artísticas

Fonte: **Ribeirão Preto**. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 82.

²³ Criado no início da *Belle Époque*, o Theatro Carlos Gomes era revestido em mármore de Carrara, telhas francesas, calhas de bronze e os sanitários importados da Inglaterra. Os lustres vieram da Tchecoslováquia e as madeiras foram importadas da Rússia. Tudo erguido com o dinheiro do café, antes mesmo dos teatros municipais de São Paulo e de Campinas. Era a maior casa da região sudeste do país. Perdida apenas para o Theatro Amazonas, em Manaus, construído na fase áurea da borracha. Na verdade, nesta época de “delírio do café”, praticamente tudo era importado, desde os mais complexos instrumentos de trabalho, aos artigos mais sofisticados de consumo. O Theatro Carlos Gomes, depois da fase áurea do café, aos poucos foi sendo abandonado, até ser demolido em 1944.



Figura 16 - Theatro Pedro II (foto atual)

Fonte: Ribeirão Preto. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 103.

Evidentemente, a rede escolar não poderia destoar destas realizações. O primeiro Grupo Escolar da cidade foi fundado em 1893 e o Ginásio Oficial Paulista (ginásio do estado), em 1907.

Depois da instalação deste ginásio processou-se o desenvolvimento educacional da cidade. Outros ginásios foram construídos, além de escolas particulares, destacando-se o Colégio Progresso, o Auxiliadora e o Santa Úrsula. Em 1924, foi fundada na cidade a primeira escola de ensino superior da região, a Faculdade de Farmácia e de Odontologia (particular).

Ribeirão Preto, paulatinamente, sofreu uma explosão demográfica. Fábricas começavam a surgir na cidade, o comércio tornou-se forte, o serviço médico-hospitalar se ampliou, enfim, Ribeirão Preto se estruturou de forma que, mesmo com a crise do café em 1929, a cidade havia criado uma estrutura que lhe possibilitou sobreviver aos processos recessivos que o país enfrentou. Os setores da economia ribeirão-pretana haviam criado alternativas de crescimento apesar da recessão.

Ribeirão Preto, em 1930, contava com cerca de mil pequenos, médios e grandes estabelecimentos industriais, sendo os setores de alimentos e bebidas os mais expressivos. O número de empreendimentos comerciais também era bastante expressivo. A construção civil aparece como a maior geradora de empregos da cidade e a cana-de-açúcar destaca-se como principal fonte de renda.

Na verdade, com o fim do império do café, a cana-de-açúcar, que já era cultivada na região mas em pequena quantidade, torna-se uma atividade econômica expressiva. Durante

trinta anos as usinas foram vistas como negócios pequenos, pois eram produzidos apenas açúcar e pinga. Porém, os agricultores ribeirão-pretanos já olhavam com atenção para o desenvolvimento das usinas e engenhos.

Depois de 1929, quando ocorreu a transição agrícola do café para a cana-de-açúcar, os italianos que adquiriram terras tornaram a cana-de-açúcar a principal atividade econômica de Ribeirão Preto.

Na década de 1940, com utilização de implementos agrícolas, a cidade e a região já eram conhecidas como uma das maiores produtoras de açúcar e de álcool do estado. Áreas da economia local vinculavam negócios ao plantio da cana. Foram desenvolvidos os setores de transporte, fertilizantes, pesticidas, máquinas, equipamentos de pesquisa e outros específicos ligados à agricultura da cana.

Ribeirão Preto, nas décadas de 1940 e 1950, era uma das principais cidades do estado de São Paulo. Sua população estimava-se em aproximadamente 100.000 habitantes e a escolar em cerca de 20.000 estudantes. Possuía três Faculdades particulares, a de Farmácia e Odontologia e a de Ciências Econômicas, além de uma Escola de Química Industrial; 16 estabelecimentos de ensino secundário; 1 escola normal estadual, 4 escolas técnicas de comércio; escola industrial; estabelecimento do SENAI; escola SENAC; Escola Prática de Agricultura (EPA) etc.

Ademais, Ribeirão Preto era dotada de boa rede hospitalar, dispondo de aproximadamente 2.300 leitos distribuídos pelos seguintes hospitais: 1) Hospital São Francisco, 2) Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, 3) Casa de Saúde São Paulo, 4) Santa Casa de Misericórdia, 5) Hospital Santa Tereza, 6) Hospital Emboaba, 7) Sanatório Esquirol e 8) Hospital Infantil. Disponha, ainda, entre outros, dos seguintes serviços de saúde: 1) Centros de Puericultura²⁴ instalados em praticamente todos os bairros, 2) Serviço de Pronto Socorro bem organizado, 3) Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência (SAMDU), 4) Serviço de Assistência Rural, 5) Dispensário de Tuberculose, 6) Ambulatório e outros serviços de Previdência Social e 7) Sede de Delegacia Regional de Saúde e do Centro de Saúde.

Segundo o Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo:

²⁴ Puericultura é um conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico, mental e moral da criança, desde o período da gestação, até a puberdade.

Ribeirão Preto atingiu o ponto ideal de assistência médica por isso que lá exercem suas atividades profissionais cerca de 100 médicos para uma população de cerca de 100.000 habitantes, o que dá uma proporção de 1 médico para 1.000 habitantes. Proporção raramente atingida fora das grandes capitais do país. Os médicos estão todos congregados em uma só Sociedade Médica que é o Centro Médico de Ribeirão Preto, filiado à Associação Paulista de Medicina, e que tem um grande movimento científico realizando sessões periódicas com apresentação de trabalhos.

(Cf. Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 23. Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311).

Enfim, Ribeirão Preto, pelo seu aspecto moderno, pelas obras assistenciais que desenvolvia, por suas indústrias, comércio e lavoura, pelo nível cultural de muitos de seus cidadãos, tornou-se um ambiente propício para instalação de uma Faculdade de Medicina como unidade da Universidade de São Paulo.

Como bem disse Zeferino Vaz quando das comemorações do vigésimo quinto aniversário da Universidade de São Paulo:

[...] nenhuma grande Universidade pode aparecer no seio de um povo medíocre. Antes que se imponha como necessidade social, e que mobilize as inteligências privilegiadas capazes de perceber o momento adequado de sua criação, houve um trabalho demorado de estratificação de cultura, trabalho ingente de gerações sucessivas (FERRAZ, 2005, p. 73).



Figura 17 - Santa Casa de Misericórdia fundada em 1896

Fonte: **Ribeirão Preto**. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 84.



Figura 18 - Hospital Beneficência Portuguesa

Fonte: Ribeirão Preto. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 84.



Figura 19 - Hospital São Francisco, fundado em 1945

Fonte: Ribeirão Preto. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda. 1995. p. 88.

Este era um dos **contextos regionais** para instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; outro era o **contexto global**. Afinal, o pós-guerra (1945), trouxe novos ventos para todos os campos da sociedade²⁵.

No Brasil, o governo e a sociedade em geral sensibilizaram-se pela tecnologia. A noção de que a ciência e o ensino deveriam voltar-se mais decisivamente para os problemas da sociedade brasileira era bastante difundida entre cientistas e professores universitários, o que levava a um contínuo debate sobre a melhor forma de organizar e estimular o sistema de educação superior e a pesquisa científica. Foram vários os exemplos em busca de promover a ciência e a educação superior nacional.

²⁵ Eisenhower, presidente norte-americano, e, Churchill, estadista inglês, são unânimes em afirmar que a última Guerra Mundial foi ganha pelas universidades. Ou seja, pela tecnologia.

Em 1948, foi criada a Sociedade Brasileira para Progresso da Ciência; em 1949, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, reunindo vários cientistas de qualidade internacional; em 1951, o Conselho Nacional de Pesquisas torna-se uma agência destinada a distribuir recursos a cientistas individuais, além de iniciar um programa de bolsas de estudo no exterior; em seguida, o Ministério da Educação deu início a um programa de bolsas de estudos através da CAPES, criada por iniciativa de Anísio Teixeira etc.

Enfim, eram estas as condições gerais que favoreciam a criação e a instalação de uma Instituição Pública de nível superior no estado de São Paulo e, em particular, da instalação de uma Faculdade de Medicina na cidade de Ribeirão Preto. Como disse Zeferino Vaz quando concedeu entrevista ao Jornal “Diário de Notícias” em 31 de março de 1954:

[...] O interior é grandemente lacunoso em cultura, enquanto já se desenvolveu economicamente. Haveria, então, a grande necessidade da criação do pensamento original interiorano, para que este deixasse de ocupar, neste sentido, a posição de inferioridade que ocupa em relação à Capital (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 31 de março de 1954).

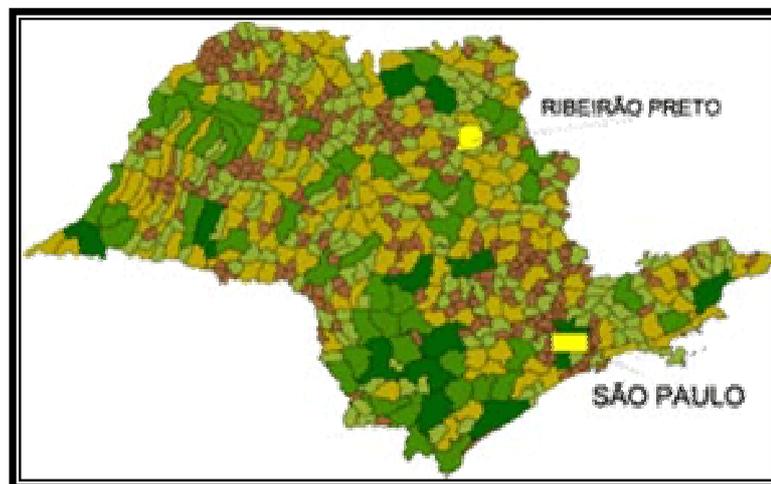


Figura 20 – Mapa do estado de São Paulo

Fonte: Disponível em: <<http://www.kidlink.org/portuguese/waila/ribeirao.html>>acesso em 27 novembro de 2005

4.2.2 A instalação

Como visto, houve toda uma movimentação das autoridades de Ribeirão Preto para que fosse criada na cidade uma Universidade do Interior. Porém, como a idéia da criação de uma Universidade havia sido suprimida, a luta passou a ser, então, pela criação de uma Faculdade de Medicina. Fato que se consubstanciou.

As lideranças locais sabiam que com a criação legal da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, vinculada à Universidade de São Paulo (FMRP-USP), uma primeira vitória havia sido alcançada. Mas, sabiam, também, que para sua instalação seria preciso, ainda, muita organização e muito trabalho.

Neste sentido, a população de Ribeirão Preto se mobilizou e solicitou ao Executivo Estadual que as autoridades da Universidade de São Paulo procedessem, com a maior brevidade possível, os estudos para a consecução deste objetivo.

O Professor Miguel Reale, na época Reitor da USP, se dirigiu pessoalmente até Ribeirão Preto a fim de, *in loco*, analisar possíveis locais para instalação da Faculdade de Medicina. As instalações que seriam utilizadas para alocar a FMRP eram a preocupação primeira da Reitoria da USP.

O jornal “Diário da Manhã”, do dia 13 de maio de 1950, anunciou em matéria de capa que a visita do Professor Reale a Ribeirão Preto seria acompanhada pelo Professor Paulo de Toledo Artigas, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de São Paulo. A convite da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, Reale estudaria a possibilidade de serem aproveitadas as instalações desta Faculdade para o funcionamento do curso médico (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 13 de maio de 1950. “A Faculdade de Medicina será instalada em Ribeirão Preto”).

Após a visita da comitiva, no dia 27 de maio de 1950, o jornal “Diário da Manhã” de 30 de maio de 1950, destacou que a comitiva percorrera várias repartições e instituições locais analisando as reais possibilidades. Destacou, o jornal, que o Reitor em conferência na Câmara Municipal da cidade, declarou que Ribeirão Preto teria a Faculdade de Medicina em 1952. Esclareceu Reale a impossibilidade da instalação em 1951, pois carecia para a instalação melhores verbas e isto seria conseguido somente no próximo orçamento (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 30 de maio de 1950).

Posteriormente, de acordo com o documento nominado Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na FMRP no item b, “Capacidade Financeira da Entidade

Mantenedora”, o orçamento do estado de São Paulo de 1952 destinado a Universidade de São Paulo corresponderia a importância de Cr\$ 329.165.391,30 e, especificamente para a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, seriam destinados Cr\$ 18.000.000,00 (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 6. Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

Ao Diretor da FMSP, ainda no início de 1951, coube designar alguns professores para estudar as reais possibilidades de Ribeirão Preto abrigar a futura Faculdade de Medicina. Estes professores chegaram a Ribeirão Preto no dia 14 de fevereiro de 1951 (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 15 de fevereiro de 1951. “Reunidas as forças vivas de Ribeirão Preto para a instalação da Faculdade de Medicina”)

O jornal “Diário da Manhã”, do dia 15 de fevereiro de 1951, destacou em algumas linhas o seguinte:

Novamente são chamadas as forças vivas do município a trabalharem unidas e coesas para a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, criada por lei do deputado estadual Luiz Augusto de Mattos em setembro de 1948, e que agora poderá ser concretizada graças a verba de 18 milhões de cruzeiros votada para a construção de diversas escolas superiores do interior (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 15 de fevereiro de 1951).

O mesmo jornal salientou que a caravana paulista nomeada pelo Diretor da FMSP visitava Ribeirão Preto oficiosamente, observando, em nome do governo estadual, a questão em apreço. A caravana ao chegar na cidade havia sido recepcionada pelo Presidente do Centro Médico local, o Dr. Paulo Gomes Romeo e partido em visita ao Hospital São Francisco, ao Hospital de Santa Tereza, ao Hospital Beneficência Portuguesa e a Santa Casa, além de terem conhecido as instalações da Escola Prática de Agricultura (EPA) (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 15 de fevereiro de 1951. “Reunidas as forças vivas de Ribeirão Preto para a instalação da Faculdade de Medicina”).

Após as visitas, à noite organizou-se uma mesa redonda entre os visitantes da FMSP e as autoridades de Ribeirão Preto. Ansiosos pela instalação da FMRP o mais breve possível, o Professor Lourenço Roselino, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto, colocou as dependências desta Faculdade à disposição para facilitar o início das atividades. O Dr. Waldemar B. Pessoa em nome da Fundação “Sinhá Junqueira”, adiantou que a Maternidade “Sinhá Junqueira” também cooperaria, oferecendo e cedendo, à Faculdade de Medicina, o que lhe fosse necessário, principalmente no que tocasse a obstetrícia. O Dr.

Joel Carneiro, Presidente do Instituto de Proteção a Infância afirmou que o Hospital daquela instituição que ainda estava sendo construído, também estava à disposição. O Professor Antonio Rodrigues da Silva, Provedor da Santa Casa de Misericórdia, também colocou à disposição as instalações deste Hospital. O senhor Amin Antonio Calil, Presidente da Associação Comercial e Industrial, prontificou-se a trabalhar com as demais classes a fim de que o movimento tivesse sucesso (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 15 de fevereiro de 1951. “Reunidas as forças vivas de Ribeirão Preto para a instalação da Faculdade de Medicina”).

Durante esta mesa redonda, o Dr. Paulo Gomes Romeo propôs a criação de uma Comissão Pró-Instalação Imediata da FMRP, integrada pelos médicos dirigentes dos hospitais, bem como por representantes das entidades cívicas e culturais e representantes da imprensa. A idéia foi aprovada e o Dr. Paulo G. Romeo foi nomeado Presidente (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 15 de fevereiro de 1951. “Reunidas as forças vivas de Ribeirão Preto para a instalação da Faculdade de Medicina”).

Como pôde ser visto, o espírito de colaboração (o anseio que tudo desse certo) havia tomado conta da sociedade. As autoridades de Ribeirão Preto se mobilizaram para que a instalação da FMRP fosse efetivada o mais breve possível. A instalação desta Faculdade atenderia não somente os cidadãos ribeirão-pretanos, mas toda uma região desejosa e necessitada por assistência médica. Alguns estados vizinhos, como Minas Gerais e Goiás, também seriam contemplados com sua instalação.

No correr dos dias, no domingo 25 de fevereiro de 1951, o jornal “Diário da Manhã” destacou que o Dr. Paulo Gomes Romeo em visita à redação daquele jornal levava consigo cópias de telegramas referentes a instalação da FMRP enviados a várias autoridades. Haviam sido enviados telegramas solicitando imediata instalação da FMRP ao então Governador do estado Lucas Nogueira Garcez, ao Professor Ernesto Leme, Reitor da USP, ao Professor Jaime Cavalcanti, Diretor da FMSP, ao Cel. Alfredo Condeixas Filho, Chefe da Casa Militar do Governo de São Paulo e para o Deputado Luiz Augusto Gomes de Mattos (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 25 de fevereiro de 1951).

Além disso, havia sido providenciado um pedido de apoio quanto à instalação da FMRP a todas as Câmaras e Prefeituras das cidades da região de Ribeirão Preto. Afinal, a Faculdade beneficiaria todos os municípios circunvizinhos, além de toda zona Mogiana e mesmo municípios do sul de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 25 de fevereiro de 1951).

Com efeito, responderam afirmativamente ao pedido de apoio, os seguintes municípios: Ipuã, Pitangueiras, Morro Agudo, Santa Rosa do Viterbo, Jaboticabal, Monte Alto, Serrana, Orlandia, Taquaritinga, São Simão, Cravinhos, Batatais, Igarapava, Ituverava, São Joaquim da Barra e Jardinópolis.

Figura 21 - Telegrama do Sr. Aparecido Assis, Prefeito Municipal de Orlandia ao Governador Lucas Nogueira Garcez solicitando a instalação da FMRP

Fonte: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

No dia 7 de março de 1951 (uma quarta-feira), houve, então, uma nova reunião na Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto para tratar assuntos relacionados à instalação da FMRP. Estavam presentes nesta reunião além do Prefeito Municipal, do Presidente da Câmara Municipal, do Presidente do Centro Médico, também o Sr. Godofredo Leite Fiúza, proprietário da “Cidade Universitária” e seu advogado. O motivo da reunião foi a doação por parte do Sr. Godofredo Leite Fiúza à Prefeitura Municipal de uma área de terra de sua propriedade na “Cidade Universitária” para construção da FMRP. Foi apresentada uma planta local a fim de ser escolhido o terreno e, a área escolhida, correspondeu a 25.000 m² (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 7 de março de 1951. “Doada ontem pela ‘Cidade Universitária’ à Prefeitura Municipal grande área de terra para a construção da Faculdade de Medicina”).

Esta área doada, por certo, significaria relevante economia aos cofres públicos estaduais.

Em 10 de abril de 1951, reunidos no Centro Médico, o Dr. Paulo Gomes Romeo apresentou um **Memorial** que seria entregue ao Governador Lucas Nogueira Garcez, com cópia ao Reitor da USP, cujo teor tratava de um completo documento, apresentando todos os trabalhos realizados em prol da instalação da FMRP, assim como todos os apoios recebidos e dados sobre a cidade de Ribeirão Preto (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 10 de abril de 1951. “Faculdade de Medicina”).

Assinaram este **Memorial** o Prefeito Municipal e os Presidentes das seguintes entidades representativas: da Câmara Municipal, do Centro Médico, da Associação de Imprensa e Rádio, da Fundação Maternidade Sinhá Junqueira, do Instituto de Proteção à Infância, da Associação de Ensino, do Centro de Debates Culturais, da Associação Odontológica, da Associação Rural, da Associação Comercial, da Associação Médica da Santa Casa, do Centro de Estudos do Hospital São Francisco; além do Dirigente da Diocese, do Delegado de Ensino, do Delegado Regional de Polícia, de Vereadores e de Jornalistas.



Figura 22 - Memorial enviado ao Governador Lucas Nogueira Garcez

Fonte: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

Em entrevista ao jornal “Diário de São Paulo”, no dia 30 de maio de 1951, o Professor Zeferino Vaz, Catedrático da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, relatou ser um entusiasta a instalação da FMRP. Como futuro Relator do Parecer da Comissão de Ensino e Regimento do Conselho Universitário da USP, sua entrevista indicou o entusiasmo com que vinha estudando o assunto (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 30 de maio de 1951. “Prontos os planos para instalação da Faculdade de Medicina local”).

Neste sentido, o Dr. Paulo Gomes Romeo convidou, então, o Professor Zeferino Vaz para que pronunciasse uma conferência no Centro Médico em Ribeirão Preto a respeito da instalação da Faculdade de Medicina na cidade.

O Professor Zeferino Vaz aceitou o convite e esteve na cidade no dia 11 de agosto de 1951. De acordo com o jornal “Diário da Manhã” deste mesmo dia:

Zeferino Vaz do Conselho Universitário da Universidade de S. Paulo que vem demonstrando ser um grande amigo de Ribeirão Preto, pois como relator do processo da criação da Faculdade de Medicina nesta cidade tem sido incansável em reunir uma documentação suficiente e bastante conveniente para justificar essa aspiração nossa. O professor Zeferino Vaz agora nos visita a fim de verificar de perto nossos estabelecimentos de ensino, instituições médicas, assistência e organização hospitalar e ainda entrar em contato com a força viva de Ribeirão Preto para melhor fundamentar o seu trabalho em prol da fundação da nova Faculdade (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 11 de agosto de 1951. “Professor Zeferino Vaz em Ribeirão Preto”).

No Centro Médico, Zeferino Vaz destacou que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto embora autônoma, seguiria o regime da sua congênere de São Paulo. Disse, ainda, que defendia a idéia de inserir no rol das disciplinas o ensino de psicologia, pois este se fazia importante, dado que a medicina nos moldes atuais enfatizava muito o homem, esquecendo-se de examinar as suas manifestações de ordem psíquicas. Salientou que a ciência tem necessidade de conhecer a alma humana, pois nem todas as moléstias são conseqüências do mau funcionamento das células (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 12 de agosto de 1951. “Funcionará em 1952 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”).

Posteriormente, em entrevista aos jornalistas ribeirão-pretanos, Zeferino Vaz ao ser perguntado do que dependia a instalação da FMRP, disse que em primeiro lugar de um relatório seu que seria apresentado logo após seu regresso a São Paulo. Disse, também, que pelos elementos que havia colhido seu relatório seria inteiramente favorável, pois Ribeirão Preto pela sua situação social, econômica e geográfica seria ideal para instalação de uma Faculdade de Medicina. Em segundo lugar, dependeria de uma resolução de caráter administrativo do Governador do estado determinando sua instalação (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 12 de agosto de 1951. “Funcionará em 1952 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”).

Em São Paulo, no dia 24 de agosto de 1951, Zeferino Vaz foi entrevistado pelo Boletim Radiofônico da Universidade de São Paulo no Programa “Momento Universitário”

sobre a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Naquela oportunidade, Zeferino Vaz disse:

Realmente fui honrado pelo Prof. Ernesto Leme, nosso Magnífico Reitor, com a incumbência de estudar e relatar perante o Conselho Universitário a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, subordinada à Universidade de São Paulo. Devo esclarecer de início que a Faculdade já está criada pela lei 161 de 1948, mas, entre o ato de criar uma Faculdade e depois pô-la a funcionar vai enorme distância porque, o funcionamento de uma Faculdade exige estudos prévios e prolongados sobre múltiplos fatores de ordem econômica, geográfica e, principalmente das possibilidades de provê-la de corpo docente idôneo. [...] Há quatro meses venho estudando a questão da instalação da Faculdade de Ribeirão Preto sob todos os aspectos. Naturalmente afora os estudos pessoais, ouvi a opinião dos grandes mestres da medicina Paulista e espero nestes poucos dias, submetê-los à apreciação do Conselho Técnico Administrativo da nossa justamente célebre Faculdade de Medicina de São Paulo. Devo dizer que já tenho em mãos excelente relatório de vários professores e assistentes da nossa Faculdade de Medicina, que estiveram em Ribeirão Preto estudando as condições locais e, nesse relatório, manifestaram ponto de vista inteiramente favorável à instalação imediata da nova Faculdade.

(Cf.: Universidade de São Paulo. Boletim Radiofônico. Ano II. São Paulo, 24 de agosto de 1951. n° 44. “Entrevista concedida ao programa ‘Momento Universitário’ pelo Prof. Zeferino Vaz, Membro do Conselho Universitário, sobre a próxima instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”. Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

Ainda, nesta entrevista, quando perguntado sobre a dificuldade de conseguir corpo docente idôneo para Faculdades no interior, Zeferino Vaz respondeu:

No caso especial da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, é com a maior satisfação que posso afirmar a possibilidade de conseguir corpo docente idôneo. Isso decorre de um fato que deve nos envaidecer: é que a Faculdade de Medicina de São Paulo conta com 138 livre-docentes de alto nível, cada um dos quais pode ocupar honrosamente cátedra de qualquer Universidade de alto padrão. [...] Acredito que a instalação da FMRP ocorrerá dentro em breve e é com satisfação que divulgo que é intenção do Prof. Ernesto de Moraes Leme, Magnífico Reitor, nomear e dar posse à Comissão de Instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tão logo o Conselho Universitário aprove o ante-projeto de lei que dá estrutura didática à nova Faculdade.

(Cf.: Universidade de São Paulo. Boletim Radiofônico. Ano II. São Paulo, 24 de agosto de 1951. n° 44. “Entrevista concedida ao programa ‘Momento Universitário’ pelo Prof. Zeferino Vaz, Membro do Conselho Universitário, sobre a próxima instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”. Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP) – (grifo meu).

Para elaboração deste ante-projeto, a Comissão de Ensino e Regimentos da USP recolheu subsídios importantes pautados principalmente nas recomendações sugeridas pelo

Congresso Panamericano de Educação Médica realizado no Peru. Dentre estas recomendações, muitas estavam em conformidade com as diretivas adotadas na Faculdade de Medicina de São Paulo. As recomendações do Congresso Panamericano, na essência, são as seguintes:

- 1) **Tendência para a medicina preventiva e social;** 2) Sistematização da educação médica em: a) curso normal de ciências médicas, b) curso de pós-graduação; 3) Manutenção no curso normal apenas das cátedras essenciais; 4) Exclusão no curso médico de disciplinas tais como física, química orgânica e inorgânica que dever situar-se no curso pré-médico; 5) Não multiplicar especialidades no curso normal de ciências médicas; 6) Considerar a clínica médica como fundamental; 7) Entrosamento da clínica com o laboratório; 8) Sistematização no currículo das disciplinas de caráter normal e de caráter patológico, conjugando-as por suas afinidades; 9) Obrigação de estágio ou internato antes do exercício profissional; 10) Redução dos programas de cada cátedra ao essencial, fixando-se o número mínimo de horas para o seu desenvolvimento; 11) Criação de departamentos pela reunião ou fusão de disciplinas similares ou afins; 12) Fusão de todas as cátedras de clínica médica em um só Departamento de Medicina e as de clínica cirúrgica em um Departamento de Cirurgia; 13) Integração da patologia médica e da patologia cirúrgica nos cursos respectivos de clínica médica e de clínica cirúrgica; 14) Limitação do número de estudantes de acordo com a capacidade didática e pedagógica; 15) Admissão de alunos mediante seleção de ordem científica moral e psicológica; 16) Organização de seminários onde haja participação ativa dos alunos nas aulas; 17) Objetivação dos cursos por meio de demonstrações, exercícios práticos e assistência ao doente, com provisão de instalações, de equipamentos e de aparelhamento convenientes; 18) Preparação docente e pesquisadora; 19) Seleção de professores mediante provas de capacidade; 20) Provimento de assistentes em número proporcional ao de estudantes; 21) Promoção do tempo integral dos docentes da cátedra de laboratório; 22) Instituição em cada país de pelo menos uma escola médica de alto nível, podendo existir outras de padrão suficiente; 23) Instituição da Oficina Permanente de Educação Médica.

(Recorte de jornal não identificado que consta no Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP) – (grifo meu).

Redigido e, conseqüentemente, finalizado o ante-projeto (datado em 1 de setembro de 1951) o mesmo passou a ser discutido em detalhes por professores membros do Conselho Técnico Administrativo (CTA) da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Posteriormente, Zeferino Vaz, em 6 de setembro de 1951, colocou em discussão o Processo nº 3320/51 referente à instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto ao Conselho Universitário, lendo o Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos, assim como a ante-projeto de lei que conferiria àquela Faculdade sua estrutura didática, criando cargos docentes, técnicos e administrativos.

Após a leitura, coube ao Conselho Universitário decidir sua aprovação pelo voto. Posto em votação, o Parecer e o ante-projeto foram aprovados por unanimidade.

Desta forma, em 11 de setembro de 1951, o Reitor Ernesto Leme comunicou em Ofício enviado ao Governador do estado, que o Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos e o ante-projeto de lei que estabelecera a estrutura didática e a criação de cargos docentes, técnicos e administrativos na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, haviam sido aprovados pelo Conselho Universitário da USP por unanimidade de votos.

Após a votação do Parecer e do ante-projeto, foi, então, sugerida a constituição de uma Comissão cujo objetivo era encarregar-se das providências para a **instalação definitiva** da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto. Desta forma, o Reitor Ernesto Leme assinou em 1º de outubro de 1951, a Portaria n° 108, nomeando duas Comissões para as providências preliminares à instalação da FMRP, em 1952. Uma Comissão **executiva** e outra **consultiva**. Ambas, contendo representantes de Ribeirão Preto.

Faziam parte da Comissão **executiva**: Zeferino Vaz, Theotônio Monteiro de Barros Filho e Paulo Gomes Romeo. Da Comissão **consultiva** faziam parte dez pessoas: Jayme Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Ernesto de Souza Campos, Oscar Cintra Gordinho, Luis Augusto Gomes de Mattos, Odair Pacheco Pedroso, Lourenço Roselino, Waldemar Pessoa, Geraldo de Carvalho, Paulo Hoelz e Lourdes de Carvalho.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nº /of.

PORTARIA Nº 108
de 1º de outubro de 1951.

O REITOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, no exercício de suas atribuições,

- considerando haver o Conselho Universitário, em sessão de 6 de setembro último, aprovado o ante-projeto de lei, estruturando a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto,
- fazendo-se mister, assim, adotar as providências preliminares, para a instalação desse instituto de ensino, em 1952,
- RESOLVE nomear, para esse fim, a seguinte

COMISSÃO EXECUTIVA:

Professor Zeferino Vaz
Professor Theotônio M. Monteiro de Barros Filho
Doutor Paulo Romeu

COMISSÃO CONSULTIVA:

Professor Jayme Arooverde de Albuquerque Cavalcanti.
Professor Ernsto de Souza Campos.
Doutor Oscar Cintra Gordinho.
Doutor Luiz Augusto de Mattos
Doutor Odair Facheo Pedrosa
Doutor Lourenço Roselino.
Doutor Waldemar Pessôa
Doutor Geraldo de Carvalho
Doutor Paulo Hoelz
Doutora Lourdes de Carvalho.

Reitoria da Universidade de São Paulo, em 1º de outubro de 1951.

ERNESTO LEME
REITOR

Fls. Nº 131
Proc. Nº 3320/51
Rub. hme

Fls. 132
Proc. 67164
Rub. Da A

Figura 23 – Portaria nº 108 enviada ao Governador Lucas N. Garcez constando nomes da Comissão executiva e da Comissão consultiva para instalação da FMRP

Fonte: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

No dia 03 de outubro de 1951, o jornal “Diário de Notícias” em matéria de capa destacou a visita do Governador do estado Lucas Nogueira Garcez a Ribeirão Preto. A viagem do governador, envolvida por ato simbólico, seria para assinar, no Centro Médico, o projeto de lei a ser enviado à Assembléia Legislativa do estado de São Paulo, contendo proposta de estruturação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 03 de outubro de 1951. “Patrimônio de cultura entregue a Ribeirão Preto”).



Figura 24 - Lucas Nogueira Garcez, Governador do estado de São Paulo, no Centro Médico de Ribeirão Preto assinando o Projeto de Lei a ser encaminhado a Assembléia Legislativa. Ao seu lado esquerdo o Presidente do Centro Médico Dr. Paulo Gomes Romeo

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Após a assinatura, o projeto de lei foi enviado pelo Executivo Estadual a Assembléia Legislativa sob o nº 1060/51, tendo merecido pareceres favoráveis das Comissões de Constituição e Justiça, de Educação e Cultura e de Finanças e Orçamento. Aprovado pelas Comissões o ante-projeto foi encaminhado a plenária e aprovado sem qualquer alteração, transformando-se na Lei nº 1467, de 26 de dezembro de 1951. (Consta em anexo).

Entrevistado, posteriormente, pelo jornal “Diário da Manhã” o Governador disse que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto teria a mais avançada estrutura escolar do país, mais do que a própria escola congênere da capital (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 09 de novembro de 1951. “Funcionará em 1952 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”).

Vencida esta batalha, outras se seguiriam. A mais imediata foi travada no Conselho Nacional de Educação, mas isto será visto mais adiante.

4.2.3 A estrutura didática

O estabelecimento da estrutura didática e a organização das pesquisas pela Comissão de Ensino e Regimentos da USP, por ser assunto bastante complexo, não poderia ser resolvido apenas pelos membros desta Comissão. Seria conveniente que fossem ouvidos também experientes professores da Faculdade de Medicina de São Paulo para, assim, estruturar da melhor forma possível o ante-projeto (que resultou na Lei nº 1467, de 26 de dezembro de 1951).

Não obstante, e como já destacado, a elaboração do ante-projeto pela Comissão de Ensino e Regimentos da USP acatou várias recomendações sugeridas pelo Congresso Panamericano de Educação Médica, realizado no Peru, referente à estrutura didática, cargos docentes, técnicos e administrativos.

Comentando a respeito do ante-projeto, os membros da Comissão de Ensino e Regimentos assim se pronunciaram:

Como se pode facilmente deduzir, o ante-projeto ora submetido à consideração do Conselho Universitário, está longe de representar apenas o ponto de vista da Comissão de Ensino e Regimentos e, muito menos, só o do relator. Êle é antes o trabalho de uma equipe numerosa e representa a resultante da soma de opiniões colhidas entre mestres com larga experiência no ensino e na pesquisa.

(Cf.: Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fl. 109. Processo n° 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

A estrutura didática da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi elaborada tendo como preocupação essencial o ensino e a pesquisa. Acreditavam seus idealizadores que o ensino jamais deveria ser alijado da pesquisa. Por isto, ao mesmo tempo que a FMRP seria um instituto de ensino, seria também um instituto de pesquisa.

Havia a preocupação que o ensino da medicina em um instituto universitário se pautasse nas investigações científicas e não em conhecimentos obsoletos e inúteis ao médico no exercício da sua profissão.

Dizia, Zeferino Vaz: “o estudante não é um cofre que se deva encher e sim uma tocha que se deve acender.” (VAZ, 1958, p. 3).

Zeferino Vaz considerava, naquela oportunidade, que:

Os tremendos progressos realizados nos últimos 20 anos, no campo das ciências médicas, progressos que permitiram reduzir consideravelmente a mortalidade provocada por numerosas doenças, sobretudo infecciosas e parasitárias, a ponto de, em alguns países, elevar o nível médio de vida de 45 para 65 anos de idade. As numerosas conquistas da ciência, modificando o quadro da patologia, fazem com que os problemas que se antepõem ao médico, sejam bastante diferentes daqueles com que lidavam até há 20 anos atrás. [...] Por isso, o bom ensino só poderia ser ministrado em uma Faculdade onde todos, professores e assistentes, realizassem eles mesmos investigação científica original (Jornal **O Esteto**, Ribeirão Preto, outubro de 1957. Número 14. Ano V. p. 8).

Havia a preocupação de organizar a FMRP tendo como objetivo entregar todas as cátedras à responsabilidade de professores com alto valor científico viessem, eles, de onde

viessem, pois o importante era seu passado de inteligência, de capacidade de trabalho e de decência que garantissem a formação de uma equipe homogênea.

De acordo com o Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos:

[...] É que a instalação de uma Faculdade não depende apenas da existência de recursos econômicos. Esta é condição necessária, mas não suficiente. Não devemos jamais perder de vista a dupla finalidade de um instituto universitário: a preparação de profissionais de alto nível e o progresso da ciência através da investigação original. É bem de ver que tais finalidades só podem ser atingidas se e quando tivermos a segurança de prover a Faculdade de corpo docente solidamente preparado.

Em verdade, toda a preocupação do Conselho Universitário, ao encarar o problema, é o do corpo docente, por isso que sem bons professores não há instalações materiais que conduzam o bom ensino. Acontece que não é possível comprar com dinheiro tempo necessário à formação de bons docentes, pois só pode ser professor quem se tenha dedicado à prática da investigação da especialidade que vai professar, avaliando-se sua capacidade pelos trabalhos originais publicados.

(Cf.: Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fls. 103 e 104. Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

Estas eram algumas considerações preliminares que indicaram alguns pensamentos condutores, que levaram a estabelecer os fundamentos didáticos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. O curso de medicina seria ministrado em seis anos, sendo os cinco primeiros de ensino técnico-prático e o sexto de disciplinas optativas, momento que o aluno deveria escolher entre clínica ou cirurgia.

Para por em funcionamento a FMRP, previu-se a criação dos seguintes cargos: 1 de Diretor, 22 de professores catedráticos, 30 de professores assistentes, 30 de assistentes doutores, 30 de assistentes, 30 de instrutores, 1 de secretário, 1 de bibliotecário-chefe, 1 de tesoureiro, 1 de contador, 8 de escriturários, 1 de chefe de seção de expediente, 15 técnicos de laboratório, 15 práticos de laboratório, 1 desenhista-fotógrafo, 1 desenhista, 1 auxiliar de desenhista, 1 chefe de seção de documentação científica, 1 porteiro, 1 chefe de biotério, 5 contínuos, 1 motorista, 30 serventes e 3 funções gratificadas de chefe de seção. Estes cargos seriam providos com o decorrer do tempo, de acordo com as necessidades e as disponibilidades orçamentárias (Cf.: Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fls. 127 e 128. Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

A estrutura didática proposta para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto continha todas as disciplinas exigidas pela legislação federal no que respeitava ao ensino da medicina. Além disso, obedecia também às normas gerais do ensino médico da Faculdade de Medicina de São Paulo, acrescidas, porém, das seguintes modificações principais:

1) Psicologia Médica: A justificativa de implantação desta disciplina se pautou na preocupação de uma grande parcela dos problemas apresentados na clínica serem de ordem meramente psicológicos. A ciência médica, que se alargava, deveria abranger não só os elementos físicos, mas também os elementos psíquicos que configuravam o quadro sintomático.

2) Tisiologia, Cirurgia Torácica, Nutrição, Endocrinologia e Endoscopia: Estas disciplinas foram introduzidas no currículo médico como disciplinas de ensino obrigatório, umas para obedecer a legislação vigente e outras pela importância cada vez maior que assumiam.

3) Física Médica: Suprimida como cadeira independente, mantinha as disciplinas fundamentais que a compunham: Fisiodiagnóstico e Fisioterapia.

4) Medicina do Trabalho: Associada à Medicina Legal, se justificava no fato crescente deste aspecto da medicina.

5) Pronto Socorro: Fazia-se importante tornar obrigatório o aprendizado da medicina de urgência para todos os estudantes. Seria praticado sob a forma de estágio semestral no serviço de Pronto Socorro do Hospital das Clínicas.

6) Carreira Didática: Estabelecia o modo de recrutamento dos auxiliares de ensino, as etapas sucessivas da carreira e a forma de promoção pela conquista de títulos universitários e pela produção científica.

7) Tempo Integral: Obrigatoriedade do tempo integral de trabalho a todo corpo docente, inclusive nas cadeiras de clínicas. O que justificava esta necessidade era a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, expandindo os limites do conhecimento pela constante investigação científica. Afinal, somente se obteria reais investigadores por meio do regime de tempo integral de trabalho, isto é, da dedicação plena do pesquisador à especialidade de sua preferência.

8) Organização Departamental: Justificava-se nas necessidades de sistematização do ensino e na garantia de ter todas as disciplinas lecionadas.

9) Criação do Hospital das Clínicas anexo à Faculdade: Não só indispensável à formação do ensino médico, serviria também para atender necessidades da população.

10) Escola de Enfermagem: Era fator decisivo no funcionamento hospitalar, portanto, indispensável ao funcionamento do Hospital das Clínicas.

11) Instalação de um Centro de Saúde anexo à Faculdade de Medicina: Os serviços seriam entrosados com os Departamentos de Higiene e Medicina Preventiva e de Psicologia Médica, além do Hospital das Clínicas. A instalação de um Centro de Saúde atenderia à população sob os aspectos da saúde física e mental, desde antes do nascimento até a velhice, selecionando os doentes para o Hospital das Clínicas.

12) Programas: Redução da extensão dos programas e número de horas dedicadas a várias disciplinas para permitir a introdução de disciplinas de alta importância como psicologia médica, **medicina preventiva**, estatística e medicina do trabalho. Além disso, possibilitaria, também, certos conhecimentos fundamentais a qualquer médico como, por exemplo, hematologia, endocrinologia, doenças da nutrição etc.

13) Técnica de Ensino: Procurou-se fugir às normas do ensino informativo, para substituí-las pela técnica de dar problemas aos estudantes para que eles descobrissem a própria capacidade de resolvê-los. Este exercício continuado durante seis anos traria duas conseqüências: a) o estudante desenvolveria habilidades para superar as incógnitas que encontraria freqüentemente no exercício da profissão e as enfrentasse com espírito crítico; b) a repetição continuada deles, durante seis anos, estabeleceria uma associação, uma espécie de reflexo condicionado entre estudo e satisfação interior, indispensável ao médico que deve ser um estudioso por toda sua vida.

De acordo com o que disse o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira quando entrevistado:

[...] a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi a primeira Escola importante de medicina construída fora das capitais. Essa idéia de trazer para o interior uma Escola de alto padrão – não só de alto padrão, pois ela era a melhor Escola de Medicina do Brasil – ela era diferente das outras Escolas, tinha uma estrutura inovadora, o trabalho dos professores era em tempo integral – isso era uma inovação – e até hoje isso é uma inovação porque mesmo em São Paulo, Rio de Janeiro o que se tem são alguns professores em tempo integral e aqui em Ribeirão Preto todos os professores são em tempo integral. (Entrevista concedida por José Eduardo Dutra de Oliveira no dia 22 de setembro de 2005) – (grifo meu).

Em sentido geral, de acordo com comentários de Zeferino Vaz, a amplitude do ensino médico em vários países do mundo não havia ainda incorporado, consistentemente, muitas das inovações que surgiam principalmente com o clima cultural do pós-guerra, que passou a

privilegiar a pesquisa científica. Por isso, a estrutura didática da FMRP, ao incorporar muitas destas inovações, como o fez, tornou-a revolucionária.

Conquistas da eletrônica, dos antibióticos, dos quimioterápicos, por exemplo, mudariam o quadro da patologia.

Zeferino Vaz, em sua oração de despedida em 1964, destacou o seguinte:

[...] em 1951, quando elaboramos os planos da estrutura didático-científica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o ensino médico então vigente em quase tôdas as partes do mundo, sobretudo na Europa e na América Latina, era francamente rotineiro, cientificamente desatualizado e dominado por uma incompreensível tradição. Incompreensível sim porque nada é mais pernicioso para uma ciência que se renova todos os dias, como a medicina, do que as ataduras esterilizantes da tradição e do que a rotina encouraçada nos conhecimentos estabelecidos.

Predominava então, na estrutura didática, o espírito analítico, individualista e desagregador característico do século passado (VAZ, 1964, p. 6).

Neste mesmo sentido, Zeferino Vaz, em entrevista a Tjerk Franken e Ricardo Guedes da Fundação Getúlio Vargas, disse:

O ensino médico continuava essencialmente morfológico estático, baseado numa anatomia que se ensinava em três anos. Havia o culto do cadáver. Então você tinha: o que que lhe dá o cadáver e anatomia patológica cadavérica? Dá o conhecimento de um momento. Mas a bioquímica me havia permitido penetrar nas transformações químicas que ocorriam em células, através da Histoquímica e da Citoquímica, de que o Lison foi um dos fundadores. Você detecta as transformações que ocorrem no interior de uma célula, ou em micro, fração de micro de uma célula. E as transformações que ocorrem na corrente sanguínea. Esses conhecimentos mudaram completamente o problema da anestesia. Então, a cirurgia pôde dar um passo tremendo, porque você detecta, no decorrer do ato cirúrgico, quais são as deficiências e os excessos que estão ocorrendo no paciente, e você corrige. Então, pôde-se prolongar a anestesia por horas e horas, ao invés daquela preocupação de o cirurgião operar rapidamente – o recorde: fazer uma apendicite em dez minutos. Desapareceu isto, porque você hoje pode ter o doente em anestesia horas e horas seguidas. E se você pode ter horas e horas seguidas, você pode penetrar na cirurgia do sistema nervoso, você pode penetrar na cirurgia cardíaca.

Mas todas estas conquistas não estavam incorporadas à educação médica, e eu então fiz uma revolução completa (FRANKEN; GUEDES, 1986, p. 54-55).

Com efeito, a estrutura didática da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi revolucionária, porque passou a privilegiar além das conquistas da ciência, também a se preocupar com a prevenção das doenças. Ou seja, passou a se preocupar com uma educação médica preventiva e não somente curativa. Como o leitor verá adiante a FMRP criou um

departamento específico para medicina preventiva: o Departamento de Higiene e Medicina Preventiva.

A Medicina Preventiva foi introduzida no currículo da FMRP porque, entre outras coisas, a educação médica, de forma geral, preparava o aluno para atender o doente, fazendo com que ele (o aluno/médico) tivesse conhecimento de um único momento, o momento clínico. O que ocorria antes ou depois com o doente, ele (o médico) não sabia.

Com a criação da disciplina **Medicina Preventiva** buscava-se um médico com uma visão mais ampla do quadro da patologia humana, ou seja, da doença que incide sobre o doente. O aluno da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto passou a saber que, o importante quando um médico recebe um determinado doente no consultório, é, além de clinicá-lo, também conhecer que circunstâncias ambientais contribuíram para que ele (o doente) apresentasse aquele quadro clínico.

De acordo com Zeferino Vaz:

O médico clínico não tinha nenhuma ligação com problema de higiene. A higiene e prevenção eram do Estado, e eram uma outra classe, eram os higienistas que cuidavam da higiene e prevenção. E o médico clínico só tinha um contato com a higiene: era a notificação obrigatória de doença infecciosa. Ele era obrigado. Recebia um paciente, ele era obrigado a notificar. Era o único problema dele. Ele nunca pensou em termos de prevenção e de higiene e, muito menos, de recuperação. E a Medicina moderna tem que preparar um médico com outra visão, com uma outra mentalidade. Foi o que se buscou fazer quando criei Ribeirão Preto (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 61).

Na verdade, a disciplina **Medicina Preventiva** oferecia um conjunto de conhecimentos, atitudes e destrezas que, adquiridos pelos estudantes, evitaria, com sua aplicação, a ocorrência ou o avanço da enfermidade mediante uma atenção médica integral. Este conjunto de conhecimentos, atitudes e destrezas deviam permitir ao estudante integrar ações preventivas ante as curativas.

O aluno de medicina devia inculcar durante toda sua formação que a saúde podia e devia ser entendida como um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doenças. (Estamos aqui situados em meados do século XX).

Era intrínseco ao currículo do curso a compreensão, por parte dos alunos, que múltiplas são as causas ambientais de muitas doenças e que fatores econômicos, sociais e culturais interferem decisivamente não só no aparecimento de doenças, como na intensidade ou gravidade com que elas se manifestam.

Neste sentido, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, por meio da assistência e da pesquisa, procurou se enquadrar dentro de uma problemática de saúde pública dinâmica e eficaz, visando a atingir as populações, principalmente, da periferia da cidade, do meio rural e da periferia de cidades vizinhas a Ribeirão Preto.

É este o sentido social da FMRP. É extrapolar seus muros. É ir além. É atingir a população que a cerca e promover a saúde pública. Esta é a importância de se instalar uma Escola de Medicina no interior do estado. Pergunte a um cidadão humilde morador de um bairro pobre de Ribeirão Preto, ou de algum vilarejo da sua circunvizinhança, se a FMRP lhe trouxe benefícios. Tenho como hipótese que a resposta será afirmativa, ou seja, ele dirá que a FMRP lhe trouxe benefícios ao ensinar-lhe práticas de higiene, ao ensinar-lhe que determinados alimentos se ingeridos previnem doenças, ao afirmar que vacinas que tomou evitaram doenças. Estou certo que aqui se torna claro entender qual o sentido social de uma instituição de ensino e pesquisa e, em particular, de uma Escola de Medicina. É importante, também, que o leitor tenha claro que estamos (neste trabalho) situados em meados do século XX, em que as condições reais de existência diferiam bastante das de hoje.

Veja o que disse o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira a respeito da Medicina Preventiva na FMRP:

[...] Aqui em Ribeirão Preto foi a primeira vez também que se colocou ênfase na medicina preventiva e social, principalmente com o professor Pedreira de Freitas que começou a trabalhar nas comunidades em Brodowski, em Santo Antônio da Alegria, em Cássia dos Coqueiros... essa era uma parte nova e não era somente medicina preventiva, pediatria também era assistida nessas cidades pequenas. Então, ocorreu uma formação muito maior que nas outras Escolas na chamada medicina preventiva e social, nas outras Escolas era Faculdade de Medicina denominada “hospitalcêntrica”, ou seja, o hospital é que forma a Faculdade de Medicina.

[...] desde o primeiro ano os alunos iam conhecer o indivíduo não doente, porque as Escolas no geral formam muito o médico da doença, o médico é o médico da doença, não é o médico da saúde. Com a medicina preventiva inaugurada com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nós começamos sair um pouco, começamos a levar a Escola em outras localidades.

[...] Então o sentido preventivo, por exemplo na minha área que é nutrição e alimentação, o sentido social e preventivo é muito grande. Quer dizer, se você for bem alimentado você não vai ficar doente por isso que a alimentação é muito importante na saúde. (Entrevista concedida por José Eduardo Dutra de Oliveira no dia 22 de setembro de 2005).

Não obstante ao exposto, a formação de um Departamento de Pediatria e um Departamento de Obstetrícia e Ginecologia marcou também outra revolução praticada pela

FMRP. De forma geral, estas disciplinas eram tratadas como especialidades médicas e, por isso, lecionadas em apenas três meses. Contudo, com a criação destes Departamentos, a FMRP passou a lecionar tanto Pediatria, como Obstetrícia e Ginecologia, em dois anos e o berçário, que era geralmente de responsabilidade do obstetra, passou a ser, em Ribeirão Preto, de responsabilidade do Pediatra.

É importante destacar que esta condição de simples especialidade da Pediatria e da Obstetrícia e Ginecologia não se apresentava somente no Brasil. Era uma condição geral que estava presente praticamente no mundo todo.

Na verdade, o conceito de Departamento, numa época em que imperavam as cátedras, havia sido criado, pelo menos no que se refere aos cursos médicos, em Ribeirão Preto. Zeferino Vaz destaca isto:

Mas, enfim, criei o conceito de departamento. Por quê? Clínica Médica. Havia uma cadeira de Semiologia, quatro de Clínica Médica, uma de Terapêutica, uma de doenças infecciosas e parasitárias, uma de radiologia – tudo separado. Juntei tudo em um departamento. Um departamento de Clínica Médica. Como é que você pode separar doença infecciosa de clínica comum? [...] Criou-se pela primeira vez neste país o Departamento de Clínica Médica, como se criou o Departamento de Clínica Cirúrgica também. Um Departamento só. Como se criou um Departamento de Obstetrícia e Ginecologia. Separar o normal do patológico para mim não tinha sentido. Como se criou um Departamento de Pediatria, com Puericultura, dando *status* de departamento (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 57).

Outra inovação na estrutura didática da FMRP foi a introdução da Bioestatística como disciplina, pois havia contribuições básicas da Física que permitiam quantificar o fenômeno biológico e isto se traduzia em efeitos positivos para a medicina. Além do que, o aluno iria se habituando ao raciocínio matemático.

Foi criado, também, na FMRP o tempo integral denominado geográfico. Ou seja, o professor exercia toda sua atividade dentro do Hospital Universitário podendo, entretanto, atender clientes particulares em certos dias da semana e em certo número de horas. E isto, segundo Zeferino Vaz:

[...] não é para que ele ganhe mais, é para que ele aprenda uma clínica integral, porque é diferente a maneira como uma doença se manifesta num pobre ou num rico. Até a sarna comum apresenta-se de forma diferente num sujeito que toma banho diariamente com um sabão, e noutro que não. Isso foi criado pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. E também estabelecia a investigação científica original, como norma obrigatória (id., Ib., 1986, p. 63).

De forma geral, a estrutura didática da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto continha em sua essência a preocupação com a produção científica. O ensino era pautado numa formação ampla do sujeito e sintonizado com as transformações científicas e sociais.

A ciência produzida na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, como é fácil verificar, contribuía na busca de soluções para problemas específicos regionais e nacionais. Doenças de Chagas, Esquistossomose, Malária etc., doenças que são caracteristicamente regionais e nacionais não podiam ficar a espera de soluções de fora.

Essa assertiva é reforçada pelo professor Ulysses G. Meneghelli. Quando o entrevistei no dia 22 de julho de 2004, ele disse:

Desde a implantação da Faculdade de Medicina pelo Professor Zeferino Vaz, ficou bem claro que essa seria uma Faculdade que iria produzir ciência. Essa era uma das premissas do Zeferino Vaz para a formação da Faculdade. Ao longo desses cinquenta anos houve grande interesse pela pesquisa nos mais variados terrenos. Quando a Faculdade foi instalada havia uma doença que se alastrava por essa região: a doença de Chagas. Nada mais natural do que uma instituição científica pesquisar as coisas referentes à sua região, no caso da medicina, pesquisar, portanto, as doenças da região. Isso foi feito. A Faculdade, por isso, tem uma longa tradição e uma vasta contribuição no estudo da doença de Chagas, desde sua implantação até hoje.

(Entrevista concedida pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli no dia 22 de julho de 2004).

Novamente, agora pela voz de quem viveu o momento de instalação da FMRP, fica clara a importância de se instalar uma Faculdade de Medicina numa região distante da capital.

Por fim, de acordo com a Lei nº 1467 de 26 de dezembro de 1951 (que consta em anexo) as disciplinas a serem ministradas durante os seis anos de curso organizaram-se da seguinte forma:

- 1) Bioquímica; 2) Anatomia Sistemática; 3) Anatomia Topográfica; 4) Histologia; 5) Embriologia; 6) Fisiologia; 7) Psicologia e Fundamentos de Psicanálise; 8) Medicina Psicossomática; 9) Higiene Mental; 10) Farmacologia; 11) Patologia; 12) Microbiologia; 13) Imunologia; 14) Parasitologia; 15) Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental; 16) Higiene; 17) Medicina Legal; 18) Medicina do Trabalho; 19) Propedêutica; 20) Clínica Médica; 21) Terapêutica; 22) Clínica Cirúrgica; 23) Clínica Pediátrica; 24) Clínica Obstétrica; 25) Clínica Ginecológica; 26) Clínica Dermatológica; 27) Clínica Ortopédica; 28) Clínica Urológica; 29) Clínica Oftalmológica; 30) Clínica Otorrinolaringológica; 31) Clínica Neurológica; 32) Clínica Psiquiátrica; 33) Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias; 34) Nutrição; 35) Endocrinologia; 36) Tisiologia; 37) Endoscopia; 38) Fisiodiagnóstico; 39) Fisioterapia; 40)

Deontologia; 41) Laboratório Clínico; 42) Hematologia; 43) Gastroenterologia; 44) Cirurgia Torácica; 45) Neurocirurgia; 46) Cirurgia Plástica (Coleção das Leis e Decretos do estado de São Paulo de 1951. Tomo LXI. 4º trimestre. 1º vol. Imprensa Oficial de estado de São Paulo. p. 249-255. Fonte: IEB-USP – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

4.2.4 O primeiro Diretor: Zeferino Vaz

Após a eleição realizada no Conselho Universitário da USP em janeiro de 1952, Zeferino Vaz, Professor Catedrático da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, obteve a maior votação e foi nomeado Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, sendo empossado no dia 18 de fevereiro de 1952.

Desde as primeiras discussões acerca da implantação da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, Zeferino Vaz esteve no centro dos debates. Membro do Conselho Universitário da USP e Presidente da Comissão de Ensino e Regimentos desta Universidade, foi o grande responsável pela elaboração de Relatórios, Pareceres e da Estrutura Didática da FMRP.

Zeferino Vaz era um homem experiente, com intensa participação acadêmica e administrativa. Havia sido Vice-Diretor e Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária da USP e membro do Conselho Universitário durante 27 anos.

Formado, em 1933, pela Faculdade de Medicina de São Paulo, se interessou pela área de parasitologia. Trabalhou no Instituto Biológico de São Paulo, desenvolvendo pesquisas na área de zoologia. Em 1935, prestou concurso e conquistou uma vaga para lecionar a disciplina de Zoologia Médica e Parasitologia na Faculdade de Medicina Veterinária da USP.

Em 1951, como já visto, Zeferino Vaz foi nomeado membro e Presidente da Comissão Executiva incumbida da instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Sua impressão a respeito da cidade de Ribeirão Preto, naquela oportunidade, foi a seguinte:

Vou a Ribeirão Preto e me impressiona, em primeiro lugar, a riqueza da terra, que era roxa. É aquela terra coloidal, que absorve os insumos que você coloca ali de fertilizantes e retém. Portanto, uma terra agradecida. Três metros de profundidade de solo fértil, no mínimo, embaixo uma rocha viva – a terra resulta dessa desagregação da rocha viva. Então, não há erosão em profundidade. Uma cidade já com 110 anos. Uma população otimista porque a terra infunde otimismo. Água e terra, com aquele verde clorofila, que é o equivalente da hemoglobina da pessoa corada, que mostra saúde. E aquelas plantas mostrando saúde. Isso infunde otimismo no homem. Então, uma população otimista uma população que sai à rua uma quantidade brutal

de estudantes em escolas secundárias, um ginásio de primeira qualidade, comparável ao ginásio do estado aqui. Eram três: o de São Paulo, o de Campinas e o de Ribeirão Preto, que eram os grandes cursos secundários do Brasil, fora o Pedro II do Rio de Janeiro. [...] Mas, na verdade, me impressionou a terra, o otimismo, essa influência telúrica. Eu disse: “É aqui” (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 49-50).

Como primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Zeferino Vaz, permaneceu no cargo por 12 anos, de 1952 a 1964. Sob sua direção, a Faculdade adquiriu toda a parte física, além de equipamentos e instrumentos. Não apenas, ocupou-se também de selecionar um quadro docente qualificado para realizar atividades científicas.

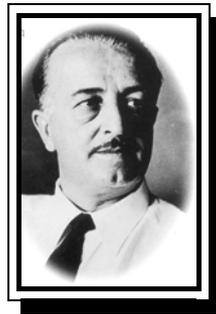


Figura 25 - Zeferino Vaz - 1º Diretor da FMRP

Fonte: Acervo Histórico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Durante sua gestão, procurou atrair para a Faculdade pessoas de destaque no mundo acadêmico. Esta iniciativa contribuía para a FMRP ser conhecida e comentada cada vez mais no Brasil e no exterior. A título de exemplo, passaram pela Faculdade alguns visitantes como: Sir. Alexander Fleming (Prêmio Nobel de Bioquímica e descobridor da Penicilina), Bernard Houssay (Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina), Dr. Corneille Heymans (Prêmio Nobel em 1938), Henrique da Rocha Lima, entre outros.



Figura 26 - Visita de Sir. Alexander Fleming, ladeado por sua esposa e Zeferino Vaz

Fonte: Acervo Histórico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Não foi difícil observar que Zeferino Vaz era um homem bastante respeitado no mundo acadêmico e portador de grande capital social. A título de exemplo, frequentemente trocava correspondências com amigos influentes, como o cientista Carlos Chagas Filho.

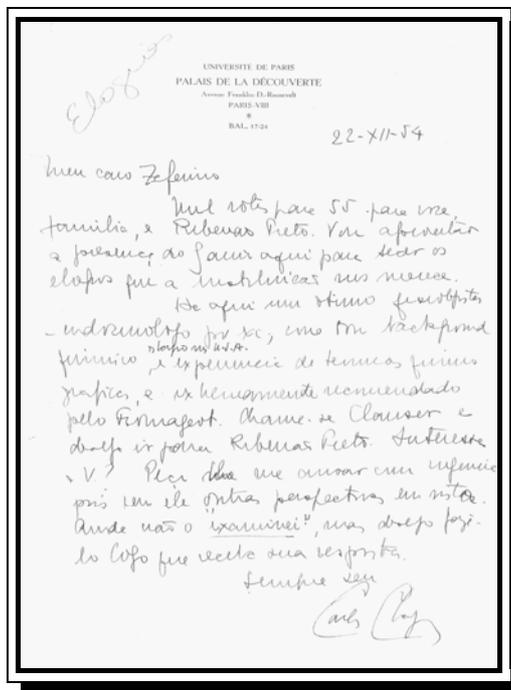


Figura 27 - Carta de Carlos Chagas Filho, que estava em Paris, a Zeferino Vaz indicando o nome de um professor para compor o quadro docente da FMRP

Fonte: Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ)

Zeferino Vaz era, na verdade, um homem determinado e dotado com grande força de argumentação e habilidade para convencer.

Sobre isto, o Professor Fábio Vichi quando entrevistado relatou a seguinte passagem:

Eu lembro que o Dr. Zeferino era “muito vivo”, lépido, de pensamento muito rápido, então ele vendo a queixa dos professores disse: “Não... eu vou conversar com a diretoria da VASP e vai ter um avião que sai daqui de Ribeirão toda sexta à tarde para São Paulo e de São Paulo na segunda de madrugada com tudo pago”, essas coisas nunca existiram... Zeferino era mestre nisso. Lembro, também, de uma coisa muito engraçada. Havia muita falta de energia na cidade e isso para o laboratório de patologia era uma tragédia porque não podia ligar as geladeiras e os cadáveres se decompunham. Por isso, então, o professor de patologia, Dr. Fritz Köberle, foi se queixar com o Zeferino e falou: “Não é possível, cai a eletricidade e os cadáveres apodrecem, todos se estragam”, então, o Zeferino disse: “Köberle, você veio na hora certa, porque estou com o projeto do reator atômico para a Faculdade”, e o Fritz que também era muito gozador disse: “bom... a água para resfriar o reator o senhor já tem do lago.” Quer dizer, o Zeferino “vendia o peixe”

(Entrevista concedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004)

Zeferino Vaz mantinha, também, uma boa relação com a imprensa da cidade. Seu contato com a imprensa sempre foi muito bem aproveitado em função dos objetivos que pretendia alcançar.

A população da cidade também o respeitava. Sempre soube muito bem integrar a Faculdade de Medicina com a cidade. Praticamente tudo que solicitava era prontamente atendido.

Entretanto, seu prestígio dentro da FMRP que sempre foi muito alto, foi decaindo durante os anos. Taxado por alguns como ditador, Zeferino Vaz era, na verdade, um centralizador. Havia, por parte do corpo docente da FMRP, o desejo que se implantasse na Faculdade uma Congregação (Conselho de Professores), mas Zeferino Vaz deliberadamente retardava a realização de concursos para provimento das cátedras, justamente porque a formação de um corpo catedrático em quantidade necessária organizaria uma Congregação que, conseqüentemente, providenciaria eleição para um novo Diretor.

Muitos professores reclamavam a criação de um fórum (como a Congregação) em que pudessem se reunir. Dentro da Faculdade não havia mecanismos democráticos (daí alguns taxarem Zeferino Vaz como ditador) que possibilitassem a expressão das idéias.

O corpo discente também reclamava das atitudes de Zeferino Vaz. Os alunos reivindicavam voz na Direção da Faculdade, mas Zeferino Vaz não concordava, de forma alguma, com isso. Além do mais, queixas acerca da moradia, da alimentação e do transporte se ampliavam e começavam a causar grande mal estar entre o Diretor da Faculdade e o corpo discente.

O comportamento de Zeferino Vaz incitou os alunos a fazerem seu enterro simbólico no centro da cidade. Após este enterro, Zeferino Vaz mudou seu comportamento e, aos poucos foi saindo de cena, deixando a Direção da FMRP, em 1964.

Solicitado para outras funções, ocupou a Secretaria de Saúde do estado de São Paulo; foi um dos fundadores do Conselho Estadual de Educação; convocado pela presidência da República tornou-se Reitor da Universidade de Brasília e, em 1966, recebeu do governo estadual a incumbência de planejar e implantar a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sendo, posteriormente, seu primeiro Reitor.

Em 1981, aos 72 anos de idade, falece na cidade de São Paulo no Hospital Sírio Libanês.

Em sua homenagem, o prédio principal da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto passou a se chamar, a partir de novembro de 1996, “Edifício Prof. Dr. Zeferino Vaz”.

4.3 Instalação Provisória

4.3.1 As primeiras providências

Como visto, após a assinatura pelo Governador Lucas Nogueira Garcez, no dia 03 de outubro de 1951, em ato solene realizado no Centro Médico de Ribeirão Preto, do anteprojeto que estruturou a FMRP e, posteriormente, sua aprovação pela Assembléia Legislativa do estado, transformando-se na Lei nº 1467, de 26 de dezembro de 1951, uma primeira batalha havia sido vencida. Faltava, porém, a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE) para que a FMRP pudesse iniciar suas atividades.

Coube, então, ao Professor Antonio Carlos Cardoso, Vice-Reitor da USP em exercício, em 5 de novembro de 1951, solicitar ao Ministro da Educação e Saúde autorização para funcionamento da nova Faculdade. Em Ofício enviado ao Ministro, o Professor Antonio Carlos Cardoso salientou que:

Sendo do máximo interesse para esta Universidade que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto entre em funcionamento no próximo ano, e dependendo tal medida de autorização prévia do Governo Federal, venho encarecer a Vossa Excelência a necessidade de ser o assunto submetido, com a máxima urgência, ao Conselho Nacional de Educação, nos termos da legislação vigente.

(Cf.: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. fls. 148-149. (Acervo Central da USP)

Tendo recebido o Ofício, o Ministério da Educação e Saúde enviou o Processo ME nº 98.050/51 ao Conselho Nacional de Educação para sua avaliação. O Processo deu entrada nesse Conselho, em 28 de dezembro de 1951, sendo nomeado para relator o senhor Paulo de Figueiredo Parreira Horta.

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO		Fl. N.º 166
Folha de informação rubricada do processo n.º	REITORIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Proc. N.º 3320/51
	EXEDIENTE	Rub. F.º Leme
	D. N. - 11.	
	DATA 4.1.52	Fl. 161
	Fl. de Rubric. 64	Proc. 62164
		Rub. Data
		N.º 46948
CABO SUBMARIÑO		
The Western Telegraph Company, Limited		
FILIADA A Cable and Wireless Limited F.º T.º M.		
	HORA DE ENVIAR: 11:11	
	RECEBIMENTO: DATA	
	DISTRIBUIÇÃO: DATA	
N. B. - As empresas telegráficas não aceitam responsabilidade alguma por motivo de serviço de telegramas. (Convenção Telegráfica Internacional)		
A. Este telegrama não deve ser entregue sem a presença de uma pessoa autorizada no endereço indicado.		
Número do telegrama: * NE374 RIO 37 28 1602 CTN *		
Endereço do remetente: CTN PROF ERNESTO LEME RUA		
Número do destinatário: HELVETIA 55 SAO PAULO		
Hora de apresentação: 5.0.52/12/52.		
<p>PROCESSO FACULDADE RIBEIRAO PRETO ENTROU HOJE CONSELHO NACIONAL PRESIDENTE ENCARREGO PARREIRA HORTA RELATAL-O CEL-O-A PESSOALME SUA APROVACAO E POSSIVEL PRIMEIRA REUNIAO EXTRAORDINARIO 1952 EXTENCIO SAMENTE MELLO MORAES * *</p>		
SEDE DA COMPANHIA: CKD * * 1A EMBAIXADA, LONDON, W. C. *		

Figura 28 - Telegrama enviado ao Reitor da USP Prof. Ernesto Leme comunicando entrada do Processo no CNE

Fonte: Processo n° 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. fls. 148-149. (Acervo Central da USP)

Considerando que o ante-projeto alterava em vários pontos a estrutura didática que era comum nas Faculdades de Medicina existentes no Brasil, julgou a Comissão de Ensino Superior do CNE ser necessário um estudo detido do assunto. Para alguns Conselheiros, a estrutura didática deveria obedecer o padrão da Faculdade Nacional do Rio de Janeiro.

De fato, pela estrutura didática da FMRP ser revolucionária (afinal transformava o ensino acadêmico rotineiro que estava acomodado no país), alguns Conselheiros do CNE, receosos, acharam necessária a presença de seu autor (o Prof. Zeferino Vaz) para que, junto à Comissão, prestasse esclarecimento a respeito da nova estrutura didática.

Convocado, o Professor Zeferino Vaz foi ao Conselho Nacional de Educação e lá defendeu suas idéias, expondo o seu plano de ensino médico.

Após algumas discussões, chegou-se a um acordo quanto a algumas modificações de natureza didática. Na verdade, as modificações a serem feitas eram de pouca monta e nada mudaria o ante-projeto, pois a estrutura da Faculdade seria respeitada.

Coube, assim, ao relator do CNE, o senhor Paulo de Figueiredo Parreira Horta, enquadrar a estrutura didática do ante-projeto na legislação federal então vigente e,

posteriormente, apresentá-lo aos Conselheiros. Apresentado, o mesmo foi examinado e, conseqüentemente, aprovado.

Uma vez, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, o Conselho Universitário da USP, após exame das modificações propostas, as aceitou sem maiores discussões, fato imediatamente comunicado à Comissão Superior do Conselho Nacional de Educação.

Com isso, mais uma batalha havia sido ganha. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto poderia, então, iniciar suas atividades em 1952.

Com efeito, enquanto tramitava o Processo no Conselho Nacional de Educação, a movimentação das autoridades locais para instalação da Faculdade de Medicina não parou.

Como já destacado, a Faculdade de Farmácia e Odontologia havia colocado suas dependência à disposição da FMRP. Havia sido postos à disposição: um anfiteatro grande; um laboratório de Anatomia Descritiva; salas de cubas; um laboratório de Histologia com 25 microscópios; um laboratório de Química Biológica e quatro salas de laboratórios (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 8-9. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).



Figura 29 – Fachada da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Além da Faculdade de Farmácia e Odontologia, haviam sido postas à disposição para o ensino da Clínica, da Cirurgia e das especialidades médicas as seguintes instituições: Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto; Maternidade Sinhá Junqueira; Hospital Infantil; Hospital da Beneficência Portuguesa e Hospital Psiquiátrico Santa Tereza (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 9-11. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

Quanto às instalações para Educação Física e Práticas Esportivas, a FMRP dispôs da praça de esportes da Escola Prática de Agricultura (EPA) de Ribeirão Preto, que ficava próxima (alguns quilômetros) do centro da cidade (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 11-12. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

Em relação à parte administrativa, a intenção era que fosse alugado um imóvel para alocar a Secretaria, a Tesouraria, o Almoxarifado e a Biblioteca.

Havia, contudo, interesse de se instalar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nas dependências da Escola Prática de Agricultura. O jornal “Diário de Notícias” de 18 de dezembro de 1951 estampou na primeira página a seguinte manchete: “Faculdade de Medicina será mesmo na Escola Prática de Agricultura” (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 18 de dezembro de 1951). Idéia controvertida, havia quem a apoiasse e quem a criticasse. Esta polêmica movimentou a cidade durante algum tempo. No jornal “Diário da Manhã” de quarta-feira 23 de janeiro de 1952, a matéria foi assim tratada:

Segundo notícias procedentes de São Paulo o Conselho Universitário da Universidade de São Paulo encaminhou ao Sr. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado uma indicação sobre a conveniência de ser transferida para a Universidade de São Paulo com o fim de ali localizar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto os próprios móveis e imóveis da atual Escola Prática de Agricultura. Os termos da indicação foram os seguintes: “O Conselho Universitário tem a honra de indicar ao Exmo. Governador do Estado a absoluta conveniência de transferir para a Universidade de São Paulo, a fim de instalar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, todos os edifícios terrenos e outros bens, móveis e imóveis, da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto, sendo certo que a adoção de tal medida por parte do Executivo Estadual, permitirá o início imediato dos cursos daquela Faculdade em condições extremamente propícias, além de representar economia substancial aos cofres públicos”(Jornal **Diário de Manhã**, Ribeirão Preto, 23 de janeiro de 1952).

Enquanto a discussão acerca da instalação da FMRP nas dependências da Escola Prática de Agricultura se efetivava foi alugado um imóvel (uma casa) no centro da cidade na Rua Visconde de Inhaúma nº 757, ao lado da Catedral Metropolitana. Tratava-se de um prédio com dois pavimentos e a idéia era instalar no pavimento superior a parte administrativa e no pavimento inferior a Cadeira de Bioquímica (cadeira referente ao primeiro ano do curso).

Designado pelo Conselho Universitário para verificar se esta casa reunia condições para os fins propostos, o Professor José de Moura Gonçalves examinou o local e julgou-o apropriado: o mesmo era suficiente, enquanto não se obtivesse instalações definitivas. Ademais, esta casa ficava próxima a Faculdade de Farmácia e Odontologia, onde funcionariam as três cadeiras do primeiro ano do curso (Anatomia, Histologia e Embriologia).

Quanto à Biblioteca, a ser instalada, desde novembro de 1951, havia sido providenciado, tanto no Brasil, como na Europa, a aquisição de livros e revistas científicas referentes as especialidades da Medicina e da Cirurgia.



Figura 30 - Casa alugada na Rua Visconde de Inhaúma nº 757 (local onde começou a FMRP)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

No dia 05 de abril de 1952, chegavam a Ribeirão Preto os primeiros funcionários da FMRP. Segundo destaque do jornal “Diário de Notícias” de 01 de maio de 1962: “Desde o momento de chegada não pararam por um só instante até o dia 7, segunda-feira, arrumando os papéis e os livros para dar início ao funcionamento da Casa.” (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962. “Décimo aniversário da FMRP”).

Na verdade, tendo o Conselho Nacional de Educação aprovado a estrutura didática da FMRP, tornou-se urgente a instalação da Secretaria e os serviços a ela subordinados, entre os quais, a abertura das inscrições para os exames vestibulares.

A constituição administrativa da FMRP, no primeiro momento, ficou assim:

Diretor: Prof. Dr. Zeferino Vaz; Secretário: José Bento Faria Ferraz; Tesoureiro: Antonio Vaz Sobrinho (irmão de Zeferino Vaz); Bibliotecária: Sonia Sterman Ferraz (esposa de José Bento Faria Ferraz); Chefe de Expediente: Maria de Lourdes Martins Bonilha; Técnico de Documentação: Célia Bonilha; Porteiro: Herculano Salviano dos Reis; Laboratório: Sebastião Nogueira da Costa; Documentação Científica: José Gonçalves; Garagem: Luis Martins; Contínuos: Aurélio Cardoso, Santo Meneghetti, Francisco Sant'Ana e Jesus Vieira (Cf.: Processo nº 4296/52. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: José Bento Faria Ferraz (e outros). Assunto: Solicitando a nomeação dos interessados para compor o corpo administrativo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Referência e.5/952/FMRP. (Acervo Central da USP).



Figura 31 - Da esquerda para a direita encontram-se: José Bento Faria Ferraz, Sonia Sterman Ferraz, Zeferino Vaz, Herculano Salviano dos Reis, Maria de Lourdes Martins Bonilha, Lázaro Novo, Célia Bonilha, Aurélio Cardoso e Jesus Vieira

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Estava, assim, definido o prédio e os primeiros funcionários da FMRP. Na verdade, até a instalação desta Faculdade, Ribeirão Preto era conhecida como a capital mundial do café. Com a chegada da Faculdade de Medicina (em tempos que o café já não projetava mais a cidade para o país e para o mundo), Ribeirão Preto passou, então, a ser projetada e conhecida pela qualidade dos serviços médico-hospitalares por ela oferecidos.

Como salientou o Professor Ulysses Meneghelli:

A criação desta Faculdade foi uma coisa fabulosa para a cidade e para a região. Acredito que se pode considerar a história de Ribeirão Preto em antes e depois da Faculdade de Medicina. Ocorreu uma divisão. Torceu-se a história de Ribeirão. A cidade passou a ser conhecida porque sediou uma Faculdade que já nasceu grande (Entrevista concedida pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli no dia 22 de julho de 2004).

Com efeito, as autoridades públicas de Ribeirão Preto deveriam preservar a história desta Faculdade, resguardando seu patrimônio físico. Pois, deixada a se corromper pela ânsia desmedida do progresso e pela ambição econômica, a casa da Rua Visconde de Inhaúma n° 757 foi demolida, cedendo lugar a cobiça imobiliária. Em seu lugar foi construído um prédio de apartamentos. Ao demolirem esta casa, imperativamente amputaram uma parte da história.



Figura 32 - Prédio de apartamentos residenciais construído no local em que se encontrava a casa onde iniciaram as atividades da FMRP. Foto tirada em setembro de 2005

Fonte: Acervo Particular: Marcelo José Araújo

4.3.2 O corpo docente

De acordo com a Lei n° 1467, de 26 de dezembro de 1951, que estruturou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, em seu artigo 5° destacou-se que o corpo docente deveria corresponder aos cargos de Professor-catedrático, de Professor-adjunto, de Assistente-docente, de Assistente e de Instrutor, podendo fazer parte, ainda, Docentes-livres e Assistentes e Instrutores extranumerários.

A grande preocupação, como já destacado, era a composição de um corpo docente de qualidade que visasse a preservar o alto padrão acadêmico pretendido para esta nova

instituição. Havia, na verdade, a preocupação de levar para a FMRP professores devidamente capacitados, alavancando qualitativamente o ensino superior numa cidade do interior do estado. Afinal, eram apenas nas capitais que se centralizavam estes professores. Com a criação da FMRP, pretendia-se construir um outro eixo gravitacional fora das capitais e assim atrair cientistas.

Para tanto, além do número excedente de professores na Faculdade de Medicina de São Paulo, que poderiam ser melhores aproveitados na nova Faculdade em Ribeirão Preto (um total de 138 livre-docentes de alto nível) havia, também, a intenção de convidar professores estrangeiros de elevada competência internacional. O rigor na seleção docente deveria se pautar tanto no seu nível científico elevado e atualizado, como na sua preocupação com a pesquisa e com a carreira docente.

Para o primeiro ano do curso, foram contratados para regência os seguintes professores: para a cadeira de Anatomia Descritiva foi contratado o Professor Livre-Docente Dr. Gerson Novah; para a cadeira de Bioquímica o Professor Livre-Docente Dr. José Moura Gonçalves; e para a cadeira de Histologia e Embriologia o Professor Catedrático Dr. Edgard de Mello Mattos Barroso do Amaral (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 18. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

No caso do Professor Edgard Barroso do Amaral, já Catedrático de Histologia e Embriologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo, só aceitou a indicação de seu nome por solicitação dos membros do Conselho Universitário enquanto prosseguissem as negociações para a contratação de um grande investigador estrangeiro. Estava em estudo a escolha de um dos seguintes professores: Professor G. Jakobson da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, e Professor Fumagalli da Universidade de Milão, na Itália (Cf.: Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 18 e 20. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).

O jornal “Diário da Noite” do dia 08 de fevereiro de 1952 destacou:

Professores europeus de renome irão lecionar em Ribeirão Preto. Foram convidados verdadeiras sumidades para ensinarem histologia, embriologia, fisiologia, farmacologia e psicologia. Virão dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Inglaterra e da Itália. São professores na Universidade de Cambridge, Sorbone, Kiel e Milão. Desta última foi convidado o celebre

anatomista Fumagalli (Jornal **Diário da Noite**, Ribeirão Preto, 08 de fevereiro de 1952).

Alguns céticos, contudo, não acreditavam na possibilidade de atrair para o interior do estado de São Paulo grandes cientistas. Naquela época, o asfalto chegava somente até Campinas. Porém, a FMRP oferecia um novo ideal de ciência (como já destaquei em sua estrutura didática).

Zeferino Vaz, em entrevista ao jornal “A Tarde” salientou:

Quando contratamos um professor estrangeiro, este não vem para o nosso país apenas pelo interesse material, mas para continuar o seu trabalho científico. Com boas residências, local propício ao estudo e principalmente com o “campus” científico, teremos em Ribeirão Preto autênticas sumidades (Jornal **A Tarde**, Ribeirão Preto, 28 de janeiro de 1952).

Com isso, Zeferino Vaz encarregou o Professor Edgard Barroso do Amaral para viajar a Europa e lá contratar professores adequados aos propósitos estabelecidos para a FMRP.

Em sua viagem pela Europa, o Professor Edgard Barroso do Amaral entrou em contato com vários cientistas e professores da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Suécia, da Suíça, da Áustria, da Itália e de Portugal.

Como resultado dessa consulta, vieram para o Brasil os Professores Lucien Lison, da Universidade de Bruxelas; Fritz Köberle, da Universidade de Viena; Zacaria Fumagalli, da Universidade de Milão; Paul Laget, da Universidade de Sorbonne e Emilio Servadio, da Universidade de Roma. Outros estrangeiros que vieram posteriormente foram Davanzo Corte, do Chile e Miguel Covian, da Argentina.

Sobre a vinda do Professor Lucien Lison, primeiro professor estrangeiro contratado pela FMRP, Zeferino Vaz descreveu em entrevista a Tjerk Franken e Ricardo Guedes da FGV o seguinte:

Trouxe o Lison, da Bélgica. O Lison era professor da Universidade de Bruxelas, o criador da Histoquímica. Por que este homem vem, sai de lá de Bruxelas e vem para uma Faculdade recém-criada, que não tinha nenhum conforto científico, de equipamentos, não tinha tradição, não tinha nada?! Ao contrário, o que atraiu foi o programa revolucionário. E ele me escreveu: “Quero ir para o Brasil.” Porque eu tinha escrito ao Lison pedido a ele que me indicasse um assistente, um livre-docente e para surpresa minha este homem me escreve dizendo que ele quer vir. Eu escrevi a carta mais antidiplomática – se um sujeito do Itamarati tivesse visto aquela carta ele morreria de vergonha!

“Professor Lison, recebi a sua carta com a mais profunda surpresa, oferecendo-se para vir para Ribeirão Preto. Minha surpresa deriva dos seguintes fatos: primeiro, o senhor é um nome universal, criador de uma

ciência nova; 2º, o senhor é um homem economicamente independente, não depende de vencimentos, de ordenado – ele é um milionário; 3º, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é recém-criada, não temos conforto nenhum para lhe oferecer, não temos tradição, nada! Então o senhor vai me perdoar, mas quero saber porque o senhor quer vir para o Brasil.”

[...] ele me respondeu imediatamente, gostando muito da franqueza. Dizia ele: “O sr. deve ser um homem de ciência querendo saber os porquês das coisas e eu vou tentar responder. Primeiro, tenho 42 anos de idade e pertencço a uma geração que viveu na Bélgica duas guerras. Invadido por alemães e por franceses, de ida e de volta, sem termos nada que ver com o assunto: 2º, tenho um filho de 16 anos, para o qual não desejo a mesma perspectiva de vida; 3º: conheço o Brasil mais que o sr. possa imaginar. Sei que é um país de um povo bom que não pensa em guerra, tem muito para conquistar-se; 4º: o seu plano de educação médica é uma revolução médica. Aqui na Europa é completamente impossível adotá-lo, porque há um apelo a uma tradição morfológica cadavérica que ninguém alui, e o sr. rompe com essa estrutura morfológica estática. A sua reforma coincide exatamente com as minha idéias, de sorte que, se essa explicação lhe interessa e o satisfaz, eu vou para o Brasil.” (FRANKEN; GUEDES, 1986, p. 72-73).

O jornal “Diário da Manhã” de 02 de dezembro de 1952 noticiou a chegada do Professor Lison, acompanhado do Professor Zeferino Vaz em automóvel:

[...] Acompanhando, em automóvel, o professor dr. Zeferino Vaz, chegou à Ribeirão Preto o professor belga Lucien Lison, contratado pela Universidade de São Paulo, para assumir a cadeira de histologia em nossa Faculdade de Medicina, o que, não resta dúvida nenhuma, vem enriquecer o patrimônio cultural daquela entidade. O professor Lucien Lison é o primeiro cientista europeu a ser contratado pela Universidade de São Paulo e foi destinado para fixar residência em Ribeirão Preto (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 02 de dezembro de 1952).

Outro Professor estrangeiro, o Dr. Fritz Köberle, aceitou vir para o Brasil, mas não na primeira vez que foi convidado. De acordo com seu filho, atualmente Professor de Física na USP de São Carlos-SP:

[...] A motivação era que aqui por ser um país novo se poderia fazer a diferença e na Áustria – de onde éramos – é um país antigo, inclusive era o expoente da medicina antes da Primeira Guerra Mundial, mas o país ficou pequeno e realmente as perspectivas de se fazer coisa nova era muito menor que no Brasil. [...] A primeira vez que meu pai foi convidado para vir ao Brasil ficou em casa porque não se interessou muito... aí nós medimos qual seria a distância mais próxima de Ribeirão Preto para se poder esquiar... era na Bolívia, mais ou menos uns dois mil quilômetros de distância de Ribeirão Preto... então, nós achamos melhor não vir para Ribeirão Preto porque o prazer da nossa vida era esquiar. Mas, meu pai tinha um amigo que trabalhava na Embaixada Brasileira em Viena e ele falou: você tem que

ir Köberle, afinal são três anos e se você não gostar pode voltar. E, nesse segundo convite, nós resolvemos vir para o Brasil.

Não sabíamos nada. Nós viemos despreparados. Chegamos a ler dois livros... mas é preciso ver que a cultura européia é uma cultura muito formal e aqui no Brasil não é assim, quando alguém dizia: aparece lá em casa... você ia e chegava lá e não tinha ninguém. Quer dizer, isso não queria dizer nada. Nós morávamos na Faculdade de Medicina e tinha um ônibus, a estrada era de terra e isso dificultou bastante a inserção social. Apesar da sociedade ser muito aberta.

O grande desafio do meu pai era ter que aprender português, porque chegamos em outubro-novembro e ele tinha que dar aulas em março e em quatro meses não dá para aprender uma língua direito, então tinha que dar aulas sem saber falar português direito e isso era uma frustração terrível. (Entrevista concedida pelo Professor Roland Köberle e pela Dr^a Lilia Köberle no dia 10 de outubro de 2005).

Além dos professores estrangeiros, foram contratados professores do ensino médico brasileiro como, por exemplo, José de Oliveira Almeida, Mauro Pereira Barreto, José Lima Pedreira de Freitas, Hélio Lourenço de Oliveira, Rui Escorel Ferreira-Santos, Almiro Azeredo, Jorge Ambrusti de Figueiredo, José Paulo Marcondes de Souza, Luis Marino Bechelli, Maurício Oscar da Rocha e Silva, Walter Pimenta, André Ricciardi Cruz, Victório Valeri, Rubens Lisandro Nicoletti, Jacob Renato Woiski, José de Moura Gonçalves, entre outros.

Muitos destes novos professores vieram da Faculdade de Medicina de São Paulo. Zeferino Vaz, em seu discurso como paraninfo da formatura da 1^a Turma da FMRP, reconheceu que “[...] é portanto verdade afirmar que a nossa Faculdade é a projeção no interior da obra imperecível do inolvidável ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é ainda e também a Casa de Arnaldo.” (VAZ, 1958, p. 3-4).

Na verdade, Zeferino Vaz repetia sempre que não acreditava em edifícios e, sim, em homens. Dizia: “[...] me dá os homens que eu faço as grandes invenções.”(FRANKEN; GUEDES, 1986,p. 72).

Vários desses Professores, estrangeiros e brasileiros, permaneceram em Ribeirão Preto; outros, porém, retornaram as suas origens. É o caso do Professor Zacaria Fumagalli que não se ambientou, ficou apenas dois meses e retornou a Itália com toda sua família.

Havia na FMRP também, a contratação de docentes não formados em medicina. É o caso, por exemplo, da Professora Salua Iucif, formada em Odontologia que lecionou na Faculdade no Departamento de Anatomia; José Batista Portugal Paulim, formado pelo Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), que lecionou Física nos Departamentos de

Fisiologia, Farmacologia e Bioquímica; Adolfo Max Rothschild, formado em Química pela USP e PhD em Bioquímica; Francisco Gerônimo Salles Lara, formado em História Natural pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, entre outros (MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 50).

Estes professores não formados em medicina eram respeitados por alguns professores médicos, porém discriminados e rejeitados por outros, acarretando, muitas vezes, sérios problemas de convivência.

O fato é que a contratação de professores que não tinham formação médica foi uma experiência inovadora. A FMRP (de acordo com documentos consultados, inclusive entrevistas realizadas) foi a primeira Faculdade de Medicina a estruturar um corpo docente diversificado.

Segundo o Professor Maurício Rocha e Silva:

A admissão de cientistas e pesquisadores nos laboratórios da Faculdade sem a exigência do diploma de médico, pois podemos contar com químicos, físicos, bioquímicos e naturalistas e até matemáticos como colaboradores no trabalho cotidiano dos laboratórios [...] foi feito pela primeira vez no Brasil aqui em Ribeirão Preto. Até então, esses elementos preciosos para a pesquisa e para o ensino tinham uma situação subalterna como técnicos de laboratórios. Admitir a possibilidade de químicos, físicos ou naturalistas participarem da regalia de pertencerem ao quadro docente da Faculdade constitui uma das maiores inovações introduzidas pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e que as outras Faculdades em boa hora começam a imitar (ROCHA E SILVA *apud* FERRAZ, 2005, p. 135).

Outro fato se deu, com o passar dos anos, pois muitos alunos que se formaram na FMRP tornaram-se docentes na própria Faculdade. Este fato, contudo, despertou certa preocupação. Passou a ser cada vez menor a contratação de professores externos, acarretando, com isso, um *imbreading*, ou seja, uma endogenia.

De acordo com o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira, formado pela FMSP e um dos primeiros Professores contratados para lecionar na FMRP:

[...] aqui em Ribeirão Preto, todos os professores sempre foram e são dedicados à pesquisa. Nossos alunos que se tornaram professores todos foram treinados na pesquisa, depois foram para os Estados Unidos isso também tem um lado bom e um lado ruim, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto quando foi fundada foi boa porque trouxe um sujeito da Europa, um sujeito de São Paulo, um sujeito do Rio de Janeiro, então se trouxe para cá gente boa, mas com formações diferentes, mas aqui a segunda geração, a terceira geração... formou-se um *imbreading* a formação do pessoal da casa mesmo, dificilmente alguém de fora vem fazer concurso

aqui, nós temos vários professores associados e todos formados aqui e do ponto de vista de ciência, de pesquisa, de pensamento, mesmo terem ido estagiar no exterior, isso limita um pouco. (Entrevista concedida pelo Professor José Eduardo Dutra de Oliveira no dia 22 de setembro de 2005).

É importante destacar que o corpo docente da FMRP não se apresentava estático, pois freqüentemente ocorriam perdas, aquisições, mudanças de Departamentos, viagens ao exterior para estágios etc., enfim, havia uma movimentação que se dava em muitos planos.

Cabia, contudo, a todo o corpo docente obedecer ao Regime de Tempo Integral, isto é, ao professor dedicar-se integralmente à pesquisa. Zeferino Vaz, sempre considerou a produção científica em todos os campos do conhecimento geradora de pensamento original cabendo as Universidades e Faculdades o dever de incentivá-la e defendê-la a fim de que não se transformassem em simples transmissoras do conhecimento acumulado pelas gerações passadas. Dizia Zeferino Vaz:

[...] porque se se limitarem à simples transmissão de conhecimento, haverá sempre perda na transmissão. Em toda transmissão de energia há perda no caminho e essa perda também ocorre na transmissão cultural. Em consequência ocorrerá uma decadência, ou, pior, uma subserviência cultural em relação às nações que produzem pensamento original (FERRAZ, op. cit., p. 131-132).

Cabe destacar, também, a participação da Fundação Rockefeller nos primeiros anos da FMRP. Muitos Professores da FMRP foram estagiar no exterior com bolsa de estudos desta Fundação.

Alguns dos docentes da FMRP em seus primeiros anos foram²⁶:



Dr. Gerson Novah, formado em 1935 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Anatomia-Descritiva e Topográfica.

²⁶ As fotos a seguir foram retiradas das seguintes fontes: **1.** VICHI, F.L. **Aspectos históricos e personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto:** comemoração do cinquentenário da Fundação da Faculdade. Ribeirão Preto: Gráfica Canavaci, 2002. **2.** MAURO, J.E.M.; NOGUEIRA, A.R. **A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP:** primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004. **3.** Jornal **Esteto** n° 14, Ano V, outubro de 1957. **4.** Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.



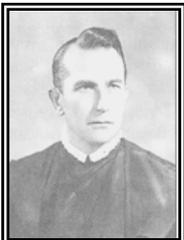
Dr. José Moura Gonçalves, formado em 1935 pela Universidade de Minas Gerais, foi contratado para o Departamento de Bioquímica.



Dr. Edgard de Mello Mattos Barroso do Amaral, Professor Catedrático de Histologia e Embriologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP, assumiu em condições provisórias (de março de 1952 a janeiro de 1953) o Departamento de Histologia e Embriologia da FMRP.



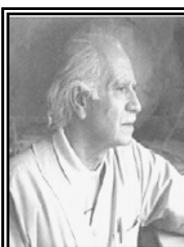
Dr. Lucien Lison, natural de Trazegnier, na Bélgica, formou-se em 1931 na Universidade de Bruxelas. Foi contratado para o Departamento de Histologia e Embriologia em 1953.



Dr. Fritz Köberle, natural de Viena, na Áustria, formou-se em 1934 na Universidade de Viena. Foi contratado para o Departamento de Anatomia Patológica em 1954.



Dr. Paul Laget, contratado na França em março de 1953, esteve à frente da cadeira de Fisiologia durante curto espaço de tempo, colaborando na organização deste Departamento. Voltou para a França em novembro de 1953 para o Laboratoire de Physiologie Générale de la Sorbonne, em Paris.



Dr. Miguel Covian, natural de Rufino, Santa Fé, Argentina, graduou-se médico em 1942 pela Universidade de Buenos Aires. Foi contratado para o Departamento de Fisiologia em 1955.



Dr. José de Oliveira Almeida, formado em 1936 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi contratado para o Departamento de Microbiologia.



Dr. Mauro Pereira Barreto, formado em 1936 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Parasitologia. (Foi o fundador deste Departamento)



Dr. José Lima Pedreira de Freitas, formado em 1941 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Parasitologia e depois foi o organizador do Departamento de Higiene e Medicina Preventiva.



Dr. Hélio Lourenço de Oliveira, formado em 1940 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Clínica Médica. (Foi o fundador deste Departamento) – (O Prof. Hélio Lourenço de Oliveira tornou-se, no final da década de 1960, Reitor da Universidade de São Paulo).



Dr. Rui Escorel Ferreira-Santos, formado em 1940 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Clínica Cirúrgica.



Dr. José Paulo Marcondes de Souza, formado em 1941 pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado para o Departamento de Ortopedia em 1958.



Dr. Maurício Oscar da Rocha e Silva, formado em 1933 pela Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, foi contratado para o Departamento de Farmacologia em 1957. Em São Paulo, no Instituto Biológico, descobriu a bradicinina.



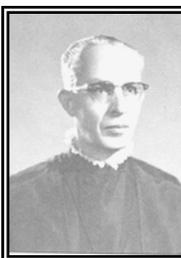
Dr. André Ricciardi Cruz, formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado como assistente do Professor Gerson Novah, em 1952, no Departamento de Anatomia-Descritiva e Topográfica.



Dr. Rubens Lisandro Nicoletti, formado pela Faculdade de Medicina de São Paulo (FMSP), foi contratado como assistente do Professor Gerson Novah, em 1952, no Departamento de Anatomia-Descritiva e Topográfica.



Dr. Jacob Renato Woiski, formado pela Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro, foi contratado para a Pediatria. O Dr. Woiski era proprietário de uma das mais importantes clínicas pediátricas de São Paulo.



Dr. Manuel Pereira, formado em 1926 pela Faculdade de Farmácia de São Paulo e, em 1933, recebeu o diploma de médico pela Faculdade de Medicina de São Paulo, foi contratado para o Departamento de Medicina Legal em 1956. (Foi o fundador deste Departamento)

Este quadro de professores exibia, logo nos primeiros anos da FMRP, dezenas de publicações em periódicos nacionais e estrangeiros, frutos de pesquisas originais. Eram cientistas que contribuíram para alavancar o desenvolvimento tanto da Faculdade de Medicina, como do interior do estado de São Paulo.

4.3.3 O primeiro vestibular

Definido o corpo docente inicial e assegurada as instalações (mesmo que provisórias), restava um componente fundamental: o corpo discente. Para compô-lo foi necessário organizar o exame vestibular (exame de admissão) e, assim, selecionar os alunos mais capacitados para integrar a 1ª turma de doutorandos da FMRP.

O Conselho Universitário da USP, devido às instalações da FMRP ainda serem provisórias, fixou o limite de matrícula em 50 para a 1ª série do curso.

Acreditava-se que as inscrições seriam abertas em fevereiro, pois havia a intenção dos exames serem marcados para março de 1952 e as aulas iniciarem neste mesmo mês. Entretanto, as inscrições foram abertas no dia 07 de abril de 1952, após aprovação do Conselho Nacional de Educação.

O jornal “Diário da Manhã”, de 06 de abril de 1952, publicou Edital para o concurso de habilitação para matrícula no 1º ano do Curso Médico. Entre outras coisas, constava no Edital o seguinte: ter o candidato concluído o curso secundário seriado ou não e prestado seus exames perante bancas examinadoras oficiais ou no Colégio Pedro II, ou ainda, em institutos equiparados; ter concluído o curso secundário pelo regime de preparatórios parcelados; ser portador do certificado de licença clássica, ou ser portador do certificado de licença científica. Precisava, ainda, apresentar requerimento ao Diretor da FMRP, selado com estampilhas estaduais no valor de Cr\$ 6,00 (seis cruzeiros), com firma reconhecida e com menção expressa de todos os estabelecimentos de ensino secundário cursados. Além desses documentos, outros exigidos eram: Carteira de identidade; Certidão de nascimento; Atestado de idoneidade moral assinado por professor da Universidade de São Paulo ou pelo Diretor da Escola de onde procedeu; Atestado de sanidade física e mental; Atestado de vacinação anti-varíola; Certificado de conclusão de curso fundamental; Certificado de conclusão de curso complementar; Prova de quitação com as obrigações militares e Recibo de pagamento de taxa de inscrição no valor de Cr\$ 150,00 (cento e cinquenta cruzeiros). O concurso versaria matérias do programa do ciclo colegial das seguintes disciplinas: a) Física, b) Química, c) Biologia constando de provas escrita e oral e de uma parte prática (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 06 de abril de 1952).

As inscrições para o vestibular foram feitas na Secretaria da FMRP, na Rua Visconde de Inhaúma nº 757. As inscrições iniciaram-se às 13 horas do dia 07 de abril de 1952, porém, de acordo com o jornal “Diário da Manhã”, do dia 08 de abril, uma hora antes a fila em frente

ao prédio da Secretaria já era grande. Além dos candidatos, encontravam-se na frente do prédio várias personalidades de Ribeirão Preto. As provas ocorreram nos dias 22, 23 e 24 de abril de 1952 (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 08 de abril de 1952).



Figura 33 - Movimento de pessoas em frente a Secretaria da FMRP a Rua Visconde de Inhaúma, 757 aguardando o início da inscrições para o vestibular. Além dos candidatos, várias personalidades de Ribeirão Preto encontram-se na fila

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Zeferino Vaz, que gozava de prestígio na imprensa ribeirãopretana e na sociedade local, astutamente envolveu a população da cidade e da região no simbolismo deste ato. Todos aguardavam ansiosamente o início das atividades da Faculdade de Medicina.

Ao todo inscreveram-se 320 candidatos dos quais 15 eram do sexo feminino. A maioria pertencente a diferentes localidades do estado de São Paulo. Havia candidatos também de Minas Gerais e de outros estados.

O jornal “Diário da Manhã”, do dia 19 de abril de 1952, publicou comunicado ressaltando que as provas escritas teriam início para todos os candidatos no próximo dia 22 e que seriam realizadas no edifício do Colégio Estadual à rua Prudente de Moraes nº 764, às 19 horas em dias consecutivos, de acordo com os seguintes critérios: dia 22 prova escrita de Biologia, dia 23 prova escrita de Química e dia 24 prova escrita de Física. Os exames orais teriam início no próximo dia 25 (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 19 de abril de 1952).

De acordo com o Professor Ulysses G. Meneghelli que ingressou na FMRP em 1955:

Tínhamos provas escritas de física, química e biologia. Tínhamos, também, provas práticas. Isso era possível porque o número de candidatos não era muito grande. No entanto, era uma dificuldade entrar na Faculdade, realmente era muito difícil. Eu me lembro que, na época que entrei na Faculdade, freqüentemente havia necessidade de se fazer dois exames

vestibulares, porque no primeiro não se preenchiam as vagas. Depois, é claro, isso foi mudando com o tempo. O tipo de vestibular mudou. O número de candidatos cresceu muito (Entrevista concedida pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli no dia 22 de julho de 2004).

Outro depoimento acerca do vestibular da FMRP foi feito pela Dr^a. Lilia Köberle que assim se manifestou:

Era muito puxado. Tínhamos exames de Física, Química e Biologia. Não tinha Português, por exemplo. Depois que sai do Colegial vim de Araçatuba para Ribeirão Preto e prestei, mas fiquei como excedente [...] não passei na primeira. Mas na segunda tentativa eu entrei.

O vestibular era muito difícil. Eram provas escritas. Não tinha testes, era tudo dissertativa. Em relação ao vestibular da FMSP era mais ou menos igual, mas cada universidade fazia o seu (Entrevista concedida pela Dr^a. Lilia Köberle no dia 10 de outubro de 2005).

O vestibular da FMRP, assim como de outras Faculdades da época, era organizado pela própria escola. Não existia FUVEST ou VUNESP, como existe hoje, e nem os testes eram com questões alternativas. As próprias escolas montavam suas bancas examinadoras que examinavam os alunos, primeiro nas provas escritas e, depois, nas provas orais.

Esta metodologia de avaliação era elogiada por alguns, porque julgava o aluno com maior senso de responsabilidade, mas criticada por outros que a via como um método injusto, não avaliando o aluno por completo.

A respeito do vestibular da FMRP, o Dr. Joaquim Portugal da Silva, quando entrevistado no dia 14 de outubro de 2005, ressaltou o seguinte:

Era muito difícil... muito difícil mesmo. Tinha que se matar para passar. Eu fiz dois vestibulares; o primeiro vestibular era composto por perguntas, havia dez perguntas de Física e era muito difícil, tinha que ser gênio para passar e também não media o grau de conhecimento... tinha também perguntas de Química e de Biologia este tipo de vestibular não era um vestibular justo.

O segundo vestibular que eu fiz passou a ser o CESCEN e, aí, já podia concorrer em vários lugares. A minha primeira opção foi Ribeirão Preto e tinha testes, múltiplas escolhas, com mais de cem perguntas e aí é possível saber do conjunto total da matéria e não ser punido por causa de uma determinada matéria; esse tipo de vestibular era mais justo porque abrangia todo currículo de matérias (Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva no dia 14 de outubro de 2005).

As Bancas do primeiro vestibular da FMRP foram constituídas da seguinte forma:

Física:

Presidente: Prof. Zeferino Vaz, Catedrático de Zoologia e Parasitologia da Faculdade de Medicina Veterinária da USP e Diretor da FMRP;

1º Examinador: Elly Silva, Assistente de Física da FFCL-USP;

2º Examinador: José Goldemberg, Assistente de Física da FFCL-USP;

3º Examinador: Amália Ferrer Cebrian, licenciada em Física pela FFCL-USP e professora concursada das cadeiras de Física e Matemática do Colégio Estadual de Ribeirão Preto e do Ginásio do Estado de Sertãozinho.

Química:

Presidente: Dr. Rubens Salomé Pereira, Professor adjunto de Química da USP;

1º Examinador: Germinio Nazário, Químico do Instituto Adolfo Lutz e Professor da Escola Técnica Getúlio Vargas;

2º Examinador: Rainer Friede, Assistente de Pesquisa do Departamento de Fisiologia da FMSP-USP.

Biologia:

Presidente: Edgard Mello Mattos Barroso do Amaral, Catedrático de Histologia e Embriologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP;

1º Examinador: Domingos Valente, Assistente de Fisiologia da FFCL-USP;

2º Examinador: Sra. Elisa Nascimento Pereira, Auxiliar de ensino do Departamento de Biologia Geral da FFCL-USP;

3º Examinador: Juan Nacrur Pereira, bolsista do Departamento de Biologia Geral da FFCL-USP

(Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

PROVA ESCRITA DE FÍSICA - 1952 - CONCURSO DE HABILITAÇÃO

Parte I - Problema

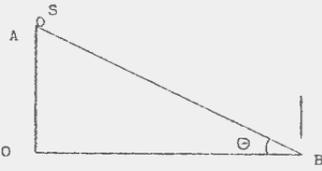
No plano inclinado AOB uma esfera isotrópica S de 1 cm. de raio é abandonada no ponto A com velocidade inicial nula sob a ação da gravidade, à temperatura de 0 °C. Em cada segundo durante a queda a temperatura da esfera aumenta de 2 °C. No ponto B há um orifício circular de raio 1,001 cm. . Pede-se o maior comprimento AB do plano inclinado a fim de que a esfera ainda consiga passar pelo orifício em B.

θ = ângulo de inclinação do plano inclinado = 30°

O coeficiente de dilatação linear da substância de que é constituída a esfera é 10^{-5} por grau centígrado.

g = aceleração da gravidade = 980 cm/seg².

Supõe-se que o único corpo que se dilata é a esfera e que não há atrito.



Parte II - Problema

No circuito abaixo, E é um gerador de força eletromotriz de 20 Volts e resistência interna de 2 ohms; $R_1 = R_2 = 10$ ohms; $R_3 = 5$ ohms. R é uma resistência variável.

Pergunta-se:

1. Para que valor de R a corrente através do gerador é de 5 Ampères ?
2. Para que valor de R a corrente através de R_3 é igual à metade da corrente em R ?



*Elly Wilson
Prof. Feldwuberg
Amália Juvina Lebrão*

Parte III Questões

- 1 - O que é dimensão de uma grandeza derivada em relação a uma grandeza fundamental?
- 2 - De que depende a sensibilidade de uma balança analítica ?
- 3 - Que tipos de movimento têm aceleração normal nula e que tipos têm aceleração tangencial nula ?
- 4 - Enunciar o Princípio da Inércia.
- 5 - Definir pressão e pressão num ponto.
- 6 - O que é calor sensível e o que é calor latente ?
- 7 - Porque o olho emétrope pede - ver nitidamente objetos situados a diferentes distancias ? O que é dioptria ?
- 8 - Pode existir uma distribuição de cargas tal que o campo e o potencial num ponto de espaço sejam nulos ? Exemplificar.
- 9 - Qual é o princípio de funcionamento da campainha elétrica ?
- 10 - Enunciar o Princípio de Huyghens.

.....
*Elly Wilson
Prof. Feldwuberg
Amália Juvina Lebrão*

Figura 34 - Prova escrita de Física ao concurso de habilitação da FMRP (1952)

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 58

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

PROVA ESCRITA DE QUÍMICA -1952- CONCURSO DE HABILITAÇÃO

PRIMEIRA PARTE

- 1 - Quais são os produtos finais da eletrolise de uma solução aquosa de sulfato de sódio?
- 2 - Escrever a equação de neutralização da blenda.
- 3 - Escrever as fórmulas eletrônicas do átomo e do íon cloro -
Nº atômico = 17; P. atômico = 35;
- 4 - Citar: um cloreto, um sulfato e um carbonato insolúveis na água. Dos corpos citados quais são os solúveis em ácido nítrico diluído?
- 5 - Que são superfosfatos e para que servem?
- 6 - Nos seguintes equilíbrios químicos (A) e (B) escrever qual o efeito do aumento de pressão:
 - A) $\text{CaCO}_3 \rightleftharpoons \text{CaO} + \text{CO}_2$
 - 1 - Favorece a formação de CO_2 ?
 - 2 - Dificulta a formação de CO_2 ?
 - 3 - Não afeta a formação de CO_2 ?
 - B) $2\text{H}_2 + \text{O}_2 \rightleftharpoons 2\text{H}_2\text{O}$ (vapor)
 - 1 - Favorece a formação de vapor de água?
 - 2 - Dificulta a formação de vapor de água?
 - 3 - Não afeta a formação de vapor de água?
- 7 - Explicar por meio de equação química, o que acontece quando se mergulha:
 - a) uma lâmina de ferro em solução aquosa de sulfato de cobre.
 - b) uma lâmina de cobre em solução aquosa de sulfato de ferro.
- 8 - Que é bronze? Que é latão? Que é aço?
- 9 - Escrever as equações das reações entre ácido sulfúrico diluído e: a) alumínio; b) mármore; c) cobre; d) sulfeto de zinco.
- 10 - Na seguinte equação química, indicar qual o elemento oxidado e qual o elemento reduzido:
 $2\text{FeSO}_4 + \text{H}_2\text{SO}_4 + \text{I}_2 \rightarrow \text{Fe}_2(\text{SO}_4)_3 + 2\text{HI}$

SEGUNDA PARTE

- 11 - Dar a fórmula estrutural e a designação, de acordo com a nomenclatura oficial da propil-isopropil-cetona
- 12 - Como se prepara a anilina a partir do Benzeno? Equações
- 13 - Quais são os produtos de oxidação do n-propanol? Equações
- 14 - Formular as reações que se passam ao tratar-se:
 - a) - Um álcool primário com PBr_3
 - b) - A substância resultante com KCN
 - c) - Que resulta ao hidrolisar-se a substância proveniente da reação b)?
- 15 - Que se forma pela reação entre o cloro elementar com: a) Etileno; b) tolueno; c) Nitrobenzeno?
- 16 - Citar um processo industrial de preparação do glicerol. Equações. Que acontece quando se aquece glicerol com sulfato ácido de potássio? Equações.
- 17 - Dar as fórmulas estruturais de: a) glicol; b) ácido oxálico; c) acetamida; d) ácido amino-acético

*R. Pereira
G. Nogueira
R. K. G.*

-2-

- 18 - Dos três compostos seguintes dar as fórmulas estruturais, assinalar os grupos funcionalmente ativos e explicar porque o são: ácido láctico, ácido α -amino-butírico e ácido β -ceto-butírico.
- 19 - Explicar que é quimicamente: a) vinagre; b) açúcar de cana; c) estearina; d) gasolina.
- 20 - Dar as fórmulas estruturais dos isômeros da n-propilamina ($\text{C}_3\text{H}_9\text{N}$)

TERCEIRA PARTE PROBLEMA

0,50g de uma substância foram digeridas completamente em ácido sulfúrico concentrado. Juntou-se excesso de solução concentrada de hidróxido de sódio, e o gás resultante foi destilado e absorvido em 25,0 ml. de ácido clorídrico 0,1N Fator = 1,02. O excesso de ácido consumiu 5,3 ml. de hidróxido de sódio 0,1N Fator = 0,94. Calcular a quantidade de nitrogênio, em gramas, por 100 gramas de substância analisada.

N = 14
H = 1

*Rubens Salomoni Pereira
Germínio Nogueira
R. K. G.*

Figura 35 - Prova escrita de Química ao concurso de habilitação da FMRP (1952)

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 59

Ao término das provas, muitos alunos disseram tê-la achado difícil. O jornal “Diário da Manhã”, do dia 04 de maio de 1952, destacou a seguinte manchete:

Terminaram as provas do Concurso para admissão ao 1º ano do Curso Médico da Faculdade de Medicina local. As provas, segundo os candidatos foram árduas e duras. Muita esperança ruiu como um castelo de cartas, mas aqueles que levaram as bancas de exame um cabedal de conhecimentos terão alcançado o almejado lugar no primeiro ano da nova Universidade (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 04 de maio de 1952 “Faculdade de Medicina: terminaram os vestibulares.”).

No dia 06 de maio de 1952, o jornal “Diário da Manhã” publicou a manchete “Preenchida todas as vagas” e destacou a relação dos 50 candidatos aprovados. Encabeçou a lista uma mulher, Laone Gessy Sperandio, com média 7,37. Em segundo lugar, ficou João José de Cunto, com média 7,23 e, em terceiro lugar, outra mulher, Ivone Milan, com média 7,19 (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 06 de maio de 1952). Como pode ser observada, a nota máxima não chegou a 8,0.

Estava assim composto o corpo discente da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Restava iniciar as aulas.

Os 50 candidatos aprovados

Relação dos candidatos considerados aprovados e classificados no concurso de habilitação no corrente ano letivo de 1952, para preenchimento das 50 vagas existentes no 1.º ano do curso médico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Classif.	Nomes	M. Geral	Classif.	Nomes	M. Geral
1.º	Laone Gessy Sperandio	7,37	26.º	Denizzard Rivail Gomes ✓	6,25
2.º	João José de Cunto	7,23	27.º	Emiko Marufuji	6,22
3.º	Ivone Milan	7,19	28.º	Julio Enrich	6,12
4.º	José Lancha Filho ✓	7,16	29.º	José Martins Orso	6,01
5.º	Oswaldo Munhoz ✓	7,16	30.º	Renato Andretto ✓	5,89
6.º	Akio Tanaka ✓	7,01	31.º	Arthur José Suzanna ✓	5,87
7.º	Johann Eugen Kunzle ✓	6,88	32.º	Duilio Gomes Pereira da Silva ✓	5,86
8.º	Mário Buzzi Filho	6,79	33.º	Rodolpho Luiz Michelim	5,78
9.º	Gilberto Rocha Menezes	6,78	34.º	Carlos Roberto Caliento	5,76
10.º	Alberto Blucher	6,76	35.º	Paulo Antonio Vieira Marcondes	5,66
11.º	Clarimundo A. de Souza Filho ✓	6,70	36.º	Erinaldo de Freitas Menezes ✓	5,66
12.º	Kiuro Hirata	6,70	37.º	Armando Maestrello	5,63
13.º	Euza Cremonesi	6,66	38.º	Virgilio de Carvalho Neves	5,59
14.º	Astiage Beligni Filho	6,66	39.º	Elias Bosinain	5,53
15.º	Luiz Bernardi ✓	6,64	40.º	Adriano Rodrigues Miranda	5,44
16.º	Josmar Elias Bueno	6,63	41.º	Nevio Czzetti	5,44
17.º	Milton Catapano	6,56	42.º	Maria Ivonatte Dias de Abreu	6,35
18.º	Milton Peixoto	6,55	43.º	Rodolpho Zupardo	5,34
19.º	Paulo Hiroshi Mitsui	6,51	44.º	Hemil Riscalla ✓	5,33
20.º	Vinício Plastino ✓	6,50	45.º	Geraldo Alves Corrêa Netto	5,30
21.º	Clara De Rosa Carelli	6,44	46.º	Oswaldo Garcia Maldonado	5,18
22.º	João Romera	6,41	47.º	Paulo Ogawa	5,16
23.º	Iris Ferrari ✓	6,40	48.º	Aurelino Fernandes Schmidt	5,07
24.º	Octavio Ruas Alvares	6,40	49.º	Nelson Caprini	5,06
25.º	Nelson Augusto ✓	6,33	50.º	Roberto Ernesto Lagana	5,04

Secretaria da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, aos 5 de maio de 1952.

DA SECRETARIA

Figura 36 - Lista dos 50 candidatos aprovados ao 1º ano do curso médico da FMRP

Fonte: Jornal *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 17 de maio de 1952

Dos 320 candidatos inscritos neste primeiro vestibular, em 1952, 11 desistiram e 259 foram reprovados.

Nos vestibulares dos anos seguintes, o número de candidatos inscritos, as desistências e as reprovações foram:

1953	134 candidatos se inscreveram, dos quais 9 desistiram e apenas 14 foram aprovados. Realizada a Segunda Época, 139 candidatos se inscreveram, apenas 1 desistiu, 24 foram aprovados e 114 foram reprovados. Ou seja, em 1953, houve 273 inscrições, 10 desistências, 38 aprovações e 225 reprovações para 50 vagas.
1954	110 candidatos se inscreveram, 6 desistiram, 16 foram aprovados e 88 foram reprovados. Realizada a Segunda Época, 153 candidatos se inscreveram, 6 desistiram, 34 foram aprovados e 113 foram reprovados. Ou seja, em 1954, houve 263 inscrições, 15 desistências, 50 aprovações e 201 reprovações para 50 vagas.
1955	136 candidatos se inscreveram, 10 desistiram, 31 foram aprovados e 95 foram reprovados. Realizada a Segunda Época, 173 candidatos se inscreveram, 5 desistiram, 19 foram aprovados e 149 foram reprovados. Ou seja, em 1955, 309 candidatos se inscreveram, 15 desistiram, 50 foram aprovados e 244 foram reprovados para 50 vagas.
1956	O número de vagas aumentou de 50 para 80 vagas. Se inscreveram 216 candidatos, 3 desistiram, 52 foram aprovados e 161 foram reprovados. Realizada a Segunda Época, 132 candidatos se inscreveram, nenhum desistiu, 21 foram aprovados e 111 foram reprovados. Ou seja, em 1956 houve 348 inscrições, 3 desistências, 73 aprovações e 272 reprovações para 80 vagas.
1957	286 candidatos se inscreveram, 6 desistiram, 62 foram aprovados e 218 foram reprovados. Não houve Segunda Época. Portanto, de 80 vagas, apenas 62 foram ocupadas.
1958	417 candidatos se inscreveram e as 80 vagas foram preenchidas.
1959	485 candidatos se inscreveram, 18 desistiram e 109 foram aprovados, sendo classificados 81 candidatos. Excedentes 28 e reprovados 358 para 80 vagas.
1960	470 candidatos se inscreveram, 14 desistiram, 80 foram aprovados e 376 foram reprovados para 80 vagas.

1961	512 candidatos se inscreveram, 15 desistiram, 165 foram aprovados, sendo 81 classificados. Excedentes foram 84 e reprovados 332.
1962	O número de vagas aumentou de 80 para 90. Inscreveram-se 568 candidatos, 21 desistiram, 85 foram aprovados e 462 foram reprovados.

(Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962).

Nota: Minha intenção era trazer ao conhecimento o número de candidatos inscritos, as desistências e as reprovações até o ano de 1975, limite da pesquisa. Entretanto, infelizmente, não consegui encontrar outra fonte que constasse esses dados.

4.3.4 A aula inaugural

Para iniciar o ano letivo da FMRP, a aula inaugural foi marcada para o dia 17 de maio de 1952. A imprensa ribeirãopretana noticiou amplamente a inauguração da FMRP marcada para aquele dia.

Para proferir a aula inaugural foi convidado o Professor de Engenharia e Governador do estado de São Paulo o Dr. Lucas Nogueira Garcez, que dissertou sobre o tema: “Tratamento Biológico do Esgoto”.

Contudo, é importante registrar que a primeira aula para a primeira turma de alunos foi “Balança Analítica” e foi ministrada dias antes (08 de maio de 1952) pelo Professor Rubens Molinari, no Departamento de Bioquímica.

A Prefeitura Municipal concedeu ponto facultativo em suas repartições e fez um apelo para que o comércio e a indústria locais fechassem seus estabelecimentos após às 10 horas a fim de possibilitar a população uma maior participação nas comemorações.

PONTO FACULTATIVO MUNICIPAL: A Prefeitura Municipal avisa o público que hoje não haverá expediente nas repartições do Palácio Rio Branco e do Departamento de Engenharia, em virtude da chegada a esta cidade do Excelentíssimo Doutor Lucas Nogueira Garcez, Digníssimo Governador do Estado, em razão da aula inaugural da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 17 de abril de 1952).

A programação da visita do Governador a Ribeirão Preto ficou definida da seguinte forma:

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

Ribeirão Preto, de de 195.....

PROGRAMA DA VISITA DO EXMO. SR. PROFESSOR
GOVERNADOR DR. LUCAS NOGUEIRA GARCEZ

Dia 17 de Maio de 1952

1ª - Chegada ao aeroporto

2ª - O Sr. Governador, em carro aberto, dirige-se diretamente ao Cine São Jorge, passando em revista a Força Pública na Avenida Francisco Junqueira

3ª - Chegada ao Cine São Jorge, onde será por S. Excia. proferida a aula inaugural. Sequencia da solenidade:

- a) Formação da mesa,
- b) Abertura da solenidade pelo Sr. Dr. Reitor da Universidade
- c) Discurso do Sr. Prefeito Municipal.
- d) Discurso do Prof. Jairo Ramos em nome da Associação Paulista de Medicina.
- e) Discurso do Presidente do Centro Médico conferindo os diplomas de Sócios Honorários.
- f) Discurso do Diretor da Faculdade de Medicina.
- g) Aula inaugural pelo Sr. Governador.
- h) Encerramento.

13 horas - Almoço oferecido pela Faculdade de Medicina no Hotel Umuarama (Não haverá discursos)

Após o almoço o Sr. Governador fará rápida visita pela cidade, fazendo a ligação da força na Fábrica de produtos "Comandos".

Inauguração do Posto de Puericultura da Avenida Saudade. Oradores: Sr. Prefeito, Dr. Carlos Prado, Diretor do Departamento Estadual de Criança.

Retorno do Governador para São Paulo.

Figura 37- Programa de visita do Governador Lucas Nogueira Garcez a Ribeirão Preto

Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ-UNICAMP)

Várias autoridades foram a Ribeirão Preto prestigiar este acontecimento. No aeroporto municipal, desembarcaram o Governador Lucas Nogueira Garcez, Secretários de Estado da Educação, da Saúde, da Justiça, da Viação, da Fazenda e da Segurança Pública, o Vice-Reitor da USP, o Presidente da Assembléia Legislativa, Deputados Estaduais, o Presidente da VASP e o Presidente da Associação Paulista de Medicina (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 18 de abril de 1952).

Várias autoridades municipais também participaram deste acontecimento.

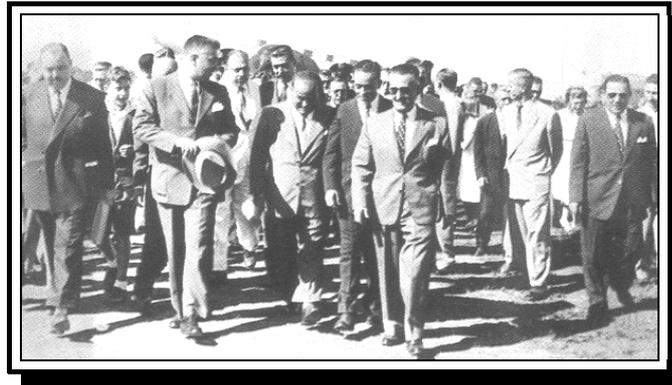


Figura 38 - Governador Lucas Nogueira Garcez ladeado por várias autoridades públicas ao chegar no aeroporto de Ribeirão Preto

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

A respeito da aula inaugural, o Professor Ulysses G. Meneghelli assim se manifestou quando entrevistado:

Quando a Faculdade de Medicina chegou aqui em Ribeirão houve um entusiasmo muito grande. Eu me lembro que, em 1952, quando foi instalada a Faculdade teve um dia que fomos dispensados das aulas do curso científico porque naquele dia seria dada a aula inaugural da Faculdade de Medicina. Havia uma comoção na cidade. A aula inaugural, a princípio, estava programada para ser dada no Teatro Pedro II que, na ocasião, não era apenas um teatro e, sim, um cine-teatro. Porém, se percebeu que era pequeno e transferiram a aula para o Cine São Jorge e eu estava lá presente. Assisti à primeira aula, à aula inaugural desta Faculdade, dada, se não me engano, no dia 17 de maio de 1952 e ministrada pelo Governador Lucas Nogueira Garcez (Entrevista concedida pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli no dia 22 de julho de 2004).



Figura 39 - Aula inaugural proferida pelo Governador Lucas Nogueira Garcez no Cine São Jorge

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 61

Estava, definitivamente, instalada e inaugurada a FMRP, se bem que suas instalações ainda eram provisórias.

4.4 Instalação Definitiva

4.4.1 A Fazenda Monte Alegre

Levarei o leitor a conhecer, brevemente, a antiga Fazenda Monte Alegre. Afinal, foi nesta Fazenda, que outrora abrigou plantações de café e onde se instalou, na década de 1940, uma Escola Agrícola, denominada Escola Prática de Agricultura “Getúlio Vargas” (EPA) que, ao ser desativada nos anos 1950, cedeu lugar à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, tornando-se seu endereço definitivo.

A Fazenda Monte Alegre teve dois grandes proprietários de terras e produtores de café: João Franco de Moraes Octávio e Francisco Schmidt.

João Franco de Moraes Octávio era mineiro e instalou-se em Ribeirão Preto na época em que o café começara a marcar presença (segunda metade do século XIX). Além de cafeicultor, foi também criador de gado e comerciante de escravos. Tornou-se proprietário de muitas terras que cercavam Ribeirão Preto. Mas, entre várias fazendas de sua posse, decidiu morar com a família na Fazenda Monte Alegre. Nesta Fazenda, instalou energia elétrica própria para atender não só às necessidades da família como, também, para os trabalhos das lidas do café o que, na época, sem dúvida, foi uma enorme façanha. Morando com a família na Fazenda, resolveu, após alguns anos, mudar-se para o Rio de Janeiro, colocando, com isso, a Fazenda Monte Alegre à venda.

Em novembro de 1890, Francisco Schmidt e Arthur Diederichsen se uniram e compraram a Fazenda Monte Alegre, tornando-se seus novos proprietários. Entretanto, Arthur Diederichsen que residia em São Paulo logo manifestou desinteresse pelo negócio, oferecendo sua parte ao sócio pelo mesmo preço de compra. Francisco Schmidt, experiente na compra e venda de fazendas, setor no qual fizera bastante dinheiro, assumiu sozinho o financiamento que haviam feito tornando-se, assim, seu único dono.



Figura 40 - Vista da Fazenda Monte Alegre na época do Schmidt, aproximadamente 1910

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 63

Francisco Schmidt veio ainda criança junto com a família, da Alemanha para o Brasil, como imigrante para trabalhar na Fazenda Felicíssima, de propriedade do Sr. Luis Antonio de Souza Barros, na cidade de São Carlos. De colono, conseguiu algumas economias e comprou uma venda de “secos e molhados” na cidade de Descalvado. Com o tempo tornou-se corretor de café. Multiplicou suas atividades, especulou no mercado e ganhou muito dinheiro. Tornou-se respeitado em toda região.

Quando se mudou com toda família para Ribeirão Preto e fixou residência em Monte Alegre, já era expressão no mundo produtor e comercial do café. Logo após à compra da Fazenda Monte Alegre, em 1890, Schmidt anexou a ela outra fazenda que já tinha 150.000 pés de café em produção. Contando sempre com o apoio da firma alemã Theodor Wille & Co.²⁷, Schmidt canalizou todo seu lucro, cada vez mais alto, para a compra de novas terras, plantio de novos cafezais, compra e venda de gado e investiu na indústria açucareira, antecedendo, em mais de 50 anos, o surto canavieiro da região.

Schmidt chegou a acumular mais de 60 fazendas, a possuir mais de 15 milhões de pés de café e a empregar aproximadamente 1.400 colonos – italianos em sua maioria. A Fazenda Monte Alegre foi sede de seus territórios e de seus negócios.

²⁷ Algumas firmas estrangeiras tinham interesse na aquisição de terras no país, mas a legislação vigente oferecia alguma resistência. Quando credoras, por hipoteca de terras, se os devedores não saldassem seus compromissos, as terras passavam para elas, fato que facilitava a entrada no mundo fundiário brasileiro.

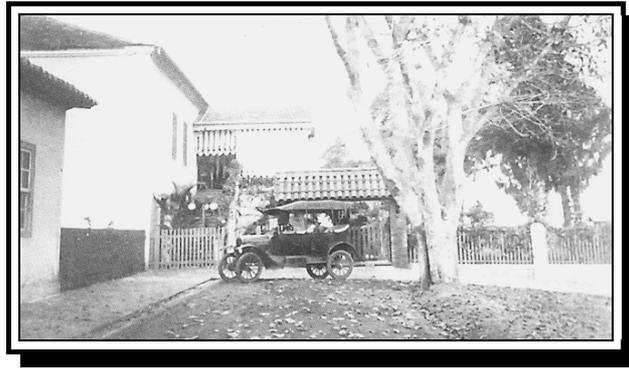


Figura 41 - Uma das residências na Fazenda Monte Alegre

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 64

Em 1902, Schimidt recebeu do Presidente da República Campos Salles o título de Coronel da Guarda Nacional, somente destinado às pessoas de grande prestígio econômico e social. Em 1912, por ser o maior possuidor de pés de café do estado de São Paulo, ganhou o título de “Rei do Café”.

Em 1924, Francisco Schimidt faleceu. Com seu falecimento coube a Jacob Schimidt, (seu filho) na partilha dos bens, ficar com a posse da Fazenda Monte Alegre. Contudo, devido a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, não houve entre os herdeiros nenhuma disposição para dar seguimento as produções da Fazenda. Havia entendimento entre todos de liquidar a partilha dos bens. A firma Theodor Wille & Co. sem interesse em investir no café, tomou algumas propriedades como compensação das dívidas. Quanto à Fazenda Monte Alegre, Jacob Schimidt se viu obrigado a vender parte dela para saldar dívidas com a firma alemã.

Os tempos da Fazenda foram se transformando. De 400 alqueires, passou a ter 220. Suas terras, antes abrigando café, cederam lugar às plantações de algodão, sem tanto valor econômico. Os cafezais abandonados morreram e foram usados para lenha de fogão.²⁸

A respeito da Fazenda Monte Alegre, Dona Luisinha Mamede relata:

O Schimidt era o rei do café... até lá para o lado de Sertãozinho tudo era plantação de café, onde hoje é o Prédio Central e o Hospital da Faculdade era só plantação de café. O Prédio Central e o Hospital nem existiam. Só existia a casa do Schimidt onde hoje é o museu e algumas casinhas da colônia. Eu brinquei muito na Fazenda. Minha mãe trabalhava como cozinheira da Dona Berta Schimidt, que era mulher do seu Jacob Schimidt. Minha irmã passou a ser cozinheira e eu lavadeira, tinha a copeira, tinha a

²⁸ Para compor este texto me embasei, principalmente, na obra da Prof^a Maria Augusta de Sant’Ana Moraes, a qual recomendo para aqueles que pretendem aprofundar seus estudos acerca desta Fazenda e deste período. A obra que me referiro é a seguinte: MORAES, M.A.S. **Monte Alegre**: dos tempos do café à Faculdade de Medicina. FMRP-USP. Brodowski, SP: Editora & Serviços. Folha LTDA, 1992.

arrumadeira, mas nós – eu e minha irmã – que fazíamos esta parte. [...] o tempo foi passando e os Schimidts começaram a falir. Meu pai até começou a cuidar da cocheira e ficou cuidando da cocheira até chegar a Escola Prática. O seu Jacob depois de ir para a falência ficou com a cabeça meio ruim, foi o irmão da Dona Berta quem passou a cuidar de tudo (Entrevista concedida pela Dona Luisinha Mamede no dia 05 de julho de 2005).

Sede de um dos maiores complexos cafeeiros de São Paulo, surgem rumores que a Fazenda Monte Alegre seria desapropriada pelo governo Fernando Costa que, muito ligado à agricultura, resolveu implantar uma filosofia agrícola no estado de São Paulo, instalando algumas escolas agrícolas de caráter prático. A Fazenda Monte Alegre estava na mira de suas pretensões. Assim, em 1942, a Fazenda é desapropriada e em suas dependências começa a construção do que viria ser a Escola Prática de Agricultura denominada “Getúlio Vargas”.

4.4.2 A Escola Prática de Agricultura (EPA)

Antigo Secretário da Agricultura do estado de São Paulo no governo de Júlio Prestes e Ministro da Agricultura no governo de Getúlio Vargas, Fernando Costa foi nomeado Interventor do estado de São Paulo em 1941. Ligado à agricultura, tratou de implantar no estado uma filosofia agrícola e instalar algumas escolas profissionais rurais de caráter prático em cidades do interior como: Ribeirão Preto, Pirassununga, Bauru, Itapetininga e Guaratinguetá.

Com esse objetivo, Fernando Costa determinou a desapropriação judicial ou amigável da Fazenda Monte Alegre.

Estas Escolas Agrícolas tinham como objetivo modificar o homem do campo, pois o convívio com melhores condições de vida, conforto e higiene supostamente o transformaria contribuindo, assim, para melhoria de suas habitações e de seu modo de vida. Cada Escola abrigaria aproximadamente 300 alunos internos e 150 externos.

Ao iniciar a construção dos prédios para a Escola Prática de Agricultura (EPA) deu-se uma nova feição a Fazenda Monte Alegre. A EPA foi muito bem planejada e muito bem construída.

As construções para as instalações da Escola Prática de Agricultura (EPA) foram as seguintes:

[...] edifício principal; residência do Diretor; casa para professores, operários e mestres; um ginásio; lavanderia e chuveiro coletivo; pavilhão das oficinas; refeitório da escola; cabine cinematográfica; praça de esportes; ponte; barragem; canal de irrigação; calçamento; rede de eletricidade;

encanamento e esgoto e mais: um estábulo com duas esterqueiras; pavilhão de indústrias; pavilhão para coelhos; pavilhão para carneiros; galinheiros; casa da horta; pavilhão para tratores; apiário; caixa d'água; pavilhão de sericultura e fição; aviário; pavilhão para suínos; depósito de lenha; casa da bomba; paiol (Cf.: USP. Reitoria. Assistência Técnica do DAS. Construções efetuadas pela Sociedade Construtora de Imóveis S/A para a instalação da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto *apud* MAURO; NOGUEIRA, 2005, p. 65).



Figura 42 - Vista aérea da fachada do Edifício Principal

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Dona Luisinha Mamede, que trabalhou na Fazenda na época do Schimidt e depois na EPA “Getúlio Vargas”, em entrevista relatou:

Depois a Fazenda passou a ser do Estado e virou Escola de Agricultura, então eu comecei a trabalhar nas casas dos professores como empregada. Eles moravam aqui na Fazenda. Eles moravam na Escola. Depois do Prédio Central outros começaram a ser construídos. Começaram a fazer as casas dos professores... tinha os professores, os alunos da Escola Agrícola... assim como é a Faculdade de Medicina hoje (Entrevista concedida pela Dona Luisinha Mamede no dia 05 de julho de 2005).

Estas Escolas Práticas, criadas pela ação do Interventor, embutiam, na verdade, o princípio da necessidade do desenvolvimento educacional e técnico para a agricultura e espelhavam acenos à reforma agrária no país.

Criada no período da Segunda Guerra Mundial (1942), parte da urbanização da EPA foi realizada pelos prisioneiros de guerra (alemães e italianos). Imigrantes dessa nacionalidade eram transformados em prisioneiros de guerra por determinação de Getúlio Vargas. Alguns deles aprisionados no Porto de Santos eram levados a Ribeirão Preto e encarcerados em “Monte Alegre”. Na condição de prisioneiros, era-lhes vedada a ida à cidade sendo obrigados a trabalharem sob a fiscalização de um vigia. Permaneceram prisioneiros até o final da Guerra.

No final da década de 1940 (já numa fase democrática) e com o falecimento de Fernando Costa, algumas Escolas Agrícolas davam sinais de cansaço e mostravam que sua proposta inicial havia fracassado. O prático em agricultura além de custar muito para o estado, depois de formado não regressava para a lavoura. Ficava na cidade atraído por facilidades de empregos, realizando trabalhos muito mais suaves do que o do campo.

A Escola Prática de Agricultura “Getúlio Vargas”, com isso, foi desativada e seus alunos transferidos para Pirassununga.

4.4.3 A instalação da FMRP e o Espaço Físico

Mesmo tendo sido doadas áreas para a construção da futura Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto, elas eram consideradas insuficientes para a instalação de todo complexo previsto, que incluía o futuro Hospital das Clínicas.

Neste sentido, a Escola Prática de Agricultura “Getúlio Vargas” acabou sendo um local bastante cobiçado para sua instalação. Em diferentes oportunidades, suas dependências foram lembradas como ideais para abrigar a nova Faculdade.

O Memorial assinado por autoridades ribeirãopretanas e encaminhado ao Governador Lucas Nogueira Garcez, com cópia ao Reitor da USP, Prof. Ernesto Lemes, em abril de 1951 (como já pôde ser visto no tópico 4.2.2 desta Tese), havia sinalizado a “[...] possibilidade de instalação inicial ou ulterior, das cadeiras de laboratório em um dos pavilhões da Escola Prática de Agricultura, após entendimento entre a Reitoria da Universidade de S. Paulo e a Secretaria da Agricultura.” (Cf.: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP).

Em dezembro de 1951, o Deputado estadual e médico Amaral Furlan apresentou Indicação de nº 1356 a Assembléia Legislativa indicando ao Poder Executivo a conveniência de se instalar na EPA de Ribeirão Preto a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, tendo em vista que o projeto de estruturação já havia sido aprovado por aquela Assembléia (Cf.: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP).

O jornal “Diário da Manhã”, do dia 23 de janeiro de 1952, destacou que o Conselho Universitário da USP havia encaminhado ao Governador Lucas Nogueira Garcez também

uma Indicação sobre a conveniência de ser transferida para a Universidade de São Paulo com o fim de ali localizar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, os móveis e imóveis da Escola Prática de Agricultura. Os termos desta Indicação foram os seguintes:

O Conselho Universitário tem a honra de indicar ao Exmo. Senhor Governador do Estado a absoluta conveniência de transferir para a Universidade de São Paulo, a fim de instalar a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, todos os edifícios, terrenos e outros bens, móveis e imóveis da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto, sendo certo que a adoção de tal medida, por parte do Executivo Estadual, permitirá o início imediato dos cursos daquela Faculdade em condições extremamente propícias, além de representar economia substancial aos cofres públicos (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 23 de janeiro de 1952).

Particularmente, Zeferino Vaz não escondia o desejo de instalar a Faculdade de Medicina no local onde se encontrava a Escola Prática de Agricultura. Acreditava não haver lugar mais adequado do que aquele verdadeiro *campus* ali formado.

No jornal “A Tarde”, do dia 03 de janeiro de 1952, Zeferino Vaz assim se referiu as instalações da EPA:

Nas rápidas viagens que fiz a esta encantadora cidade, não me sobrou tempo para visitar a EPA. Da última vez, porém, fui até lá e o que vi, francamente, causou-me espanto, admiração e depois contentamento. Preliminarmente, é preciso que eu confesse que jamais poderia julgar encontrar local tão fascinante, em pleno interior com instalações tão luxuosas. Aquele prédio central, com uma fachada de mais de 100 metros, de dois pavimentos, com o andar superior ocupado por 15 salões com 15 camas cada um. Na parte térrea, salas de aula, de direção, de secretaria, gabinete dentário, anfiteatro para 400 pessoas e a seguir os prédios para refeições, rouparia, cozinha, um “ginasium” modelo com amplo campo de esportes, uma represa, onde fácil será a piscina, tudo isso muito bem urbanizado formou imediatamente, dentro de mim a esperança de obter a EPA para a Universidade de São Paulo. O pavilhão de Indústrias, seria o de Patologia; as Oficinas seriam Laboratórios. Assim de uma cajadada só, eu teria a economia de 35 milhões, além da rede de água completa, esgotos, luz e demais melhoramentos como do calçamento a paralelepípedos (Jornal **A Tarde**, Ribeirão Preto, 03 de janeiro de 1952).

Entretanto, nem todos concordavam com a transferência da FMRP para as instalações da EPA. O aproveitamento da EPA pela FMRP serviu de motivos para muitos debates. Opiniões diversas se deram sobre o assunto embora, de uma maneira geral, todos desejassem que a Faculdade de Medicina fosse instalada em Ribeirão Preto.

Os jornais da cidade discutiam o assunto. Várias eram as manchetes nos jornais acerca do problema. Entre elas destaco as seguintes: “Razões para o não fechamento da EPA de

Ribeirão Preto”; “Manutenção do curso de agricultura junto a Faculdade de Medicina”; “Instalação da Faculdade de Medicina onde funciona a Escola Prática”; “Razões contrárias ao fechamento da Escola Prática de Agricultura” etc.

O Engenheiro Agrônomo Dimer Cornélio Accorsi, Diretor da Escola Prática de Agricultura, se manifestou em jornal da cidade, elencando sete motivos para o não fechamento da EPA, dentre eles, o seguinte:

[...] a Escola concorrera como elemento auxiliar dos lavradores e criadores da região, colaborando em forma de assistência técnica e que não se pode culpar a escola pelo fato dela promover uma melhoria no padrão de vida de um pequeno número de elementos da zona rural, representados pelos filhos dessa mesma população rural (Recorte de jornal não identificado).

Dizia, ele, que se muitos alunos não voltavam para as atividades agrícolas era porque adquiriam conhecimentos e capacidades que lhes proporcionavam condições de ocupar cargos que, a seu ver, representavam uma elevação no seu nível de vida (Recorte de Jornal não identificado).

A Câmara Municipal de Ribeirão Preto em Sessão realizada no dia 02 de fevereiro de 1952, por meio do Requerimento nº 18, apelou para que fosse mantido junto a Faculdade de Medicina um curso prático de agricultura. A argumentação, destacada no artigo 2º era:

[...] grandes benefícios disso resultará já que ao lado de inestimável serviço prestado à agricultura concorrer-se-á, também para o barateamento do custo de vida do estudante universitário em vista de produzir-se na própria Universidade os gêneros essenciais à Casa do Estudante de Medicina e futuramente de outros ramos universitários. (Cf.: Processo nº 3846/52. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Instalação da Faculdade acima citada.CX: 511. (Acervo Central da USP)

O Deputado Jânio Quadros, na Sessão realizada no dia 19 de março de 1952, requereu informações do Poder Executivo quanto a pretensão de transferir a FMRP para as instalações da EPA. Na tribuna da Assembléia, manifestou-se contrário a transferência.

A este respeito, o jornal “Diário da Manhã”, do dia 04 de abril de 1952, destacou que várias entidades locais como o Centro Médico, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, o Hospital São Francisco, a Maternidade Sinhá Junqueira, a Fundação Sinhá Junqueira e até mesmo vários lavradores do município, dirigiram telegrama ao Deputado Jânio Quadros convidando-o para visitar Ribeirão Preto e, *in loco*, verificar as manifestações da população quanto ao desejo de se instalar a FMRP na EPA. Argumentavam dizendo que este

procedimento traria vantagens para o estado e que a construção do futuro Hospital das Clínicas traria relevantes serviços a população não só de Ribeirão Preto como de toda a região. Além deste telegrama dirigido ao Deputado Jânio Quadros, foram endereçados também telegramas com o mesmo teor para o Deputado Asdrúbal Cunha, Presidente da Assembléia Legislativa e para o Governador Lucas Nogueira Garcez (**Jornal Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 04 de abril de 1952).

Dias após, o Deputado Jânio Quadros, em telegrama endereçado ao Presidente da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, assim se manifestou: “Agradeço honroso officio. Dada manifestação recebida, já modifiquei orientação. Sou favorável instalação referida, considerados interesses superiores da educação que não excluem presença Escola Prática” (**Jornal Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 30 de abril de 1952).

Diante das manifestações e de pronunciamentos oficiais de apoio da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, do Conselho Universitário da USP e da Assembléia Legislativa do estado, o Governador Lucas Nogueira Garcez, pela mensagem de 01 de abril de 1952, encaminhou a Assembléia Legislativa Projeto de Lei (que tomou número 124/52) objetivando autorizar o Poder Executivo a ceder à Universidade de São Paulo o uso do imóvel onde se encontrava a Escola Prática de Agricultura, a fim de nele ser instalada a Faculdade de Medicina.

Neste Projeto de Lei previa-se, também, o comissionamento, na Universidade, dos funcionários da EPA que fossem necessários a FMRP. Além disso, a possibilidade de transferência do corpo docente, discente e administrativo da Escola Prática de Agricultura para outras áreas do estado.

Contudo, durante a tramitação na Assembléia Legislativa deste Projeto de Lei, foi apresentada pela Secretaria de Agricultura uma proposta de alteração na área que seria cedida a FMRP.

Após algumas discussões entre representantes da FMRP e da Secretária de Agricultura a área doada a FMRP correspondeu a metade da área pertencente a antiga EPA, mas cedidos todos os edificios e instalações nela existentes. Restava, então, fazer as adaptações para as instalações dos departamentos, laboratórios e demais dependências como, por exemplo, as moradias para professores e funcionários. Apesar de a ex-Escola Prática de Agricultura dispor de excelente infra-estrutura, como já destacado, reformas eram necessárias. Para isto, Zeferino Vaz contava com a verba de dezoito milhões de cruzeiros da Universidade de São Paulo.

De acordo com o jornal “Diário da Noite”, de 08 de fevereiro de 1952, as instalações da nova Faculdade se encontravam praticamente prontas:

Só o pavilhão central, com grandes salas, em estilo colonial do mais puro e com fino acabamento, mede cento e vinte metros de frente. Tem duas compridas alas cercadas de pátios, e, ao centro, um anfiteatro destinado a representações e projeções cinematográficas, com 400 poltronas. Oito confortáveis residências para professores em estilo gracioso, e outras oito para os assistentes, permitem, desde já, oferecer moradia aos catedráticos. Um sistema perfeito de água encanada e de esgotos resolveu o problema sanitário. Existem, ainda, outros pavilhões excelentes, de grande área construída, para instalação de vários serviços do estabelecimento. Cozinhas com aparelhagem moderníssima, um refeitório com capacidade para 200 pessoas, chuveiros individuais, instalações sanitárias numerosas, permitirão o funcionamento da nova faculdade em regime de semi-internato, para maior rendimento do ensino. Um parque magnífico cerca as construções ligadas entre si por alamedas asfaltadas. Campos de esporte, stadium coberto excelente [...] um grande lago para prática de natação permitirão numa perfeita educação física (Jornal **Diário da Noite**, Ribeirão Preto, 08 de fevereiro de 1952).

Em 1953, foi convocado um arquiteto para realizar as reformas necessárias. O Prédio Principal foi o primeiro a passar por adaptações para poder receber a parte administrativa e as cadeiras básicas. À esquerda ficaram os Departamentos de Histologia e Embriologia e o Departamento de Bioquímica. À direita foi adaptada uma portaria, uma sala para a seção de alunos e uma sala para o escritório de engenharia contando com um arquiteto, um projetista e um desenhista. Além disso, ficaram ainda no Prédio a tesouraria, a biblioteca, a secretaria, salas da administração, o serviço de documentação científica e os Departamentos de Fisiologia e de Farmacologia. No anfiteatro, que se localizava no térreo, eram ministradas as aulas teóricas (MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 82).

Quanto aos Departamentos, a elaboração de plano para a montagem dos laboratórios cabia aos professores e a execução só seria realizada após aprovação do Prof. Zeferino Vaz.

Quanto aos outros prédios, aos poucos foram passando por adaptações, ou sendo construídos para servirem as suas finalidades. As casas dos professores, por exemplo, foram restauradas ou construídas.

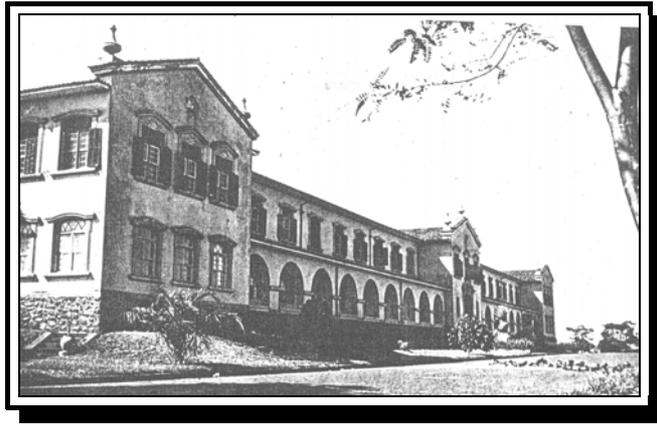


Figura 43 - Fachada do Prédio Central

Fonte: Documento: Imóveis da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Anexo II. Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto



Figura 44 - Uma das ruas da ala residencial dos professores

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 83

A moradia era um atrativo para os professores que chegavam. Porém, nem todos os professores que chegavam a Ribeirão Preto encontravam moradia na “Fazenda”. Muitos tiveram que aguardar a vez, instalando-se no Hotel Umuarama no centro da cidade.

Roland Köberle, filho do Professor Fritz Köberle, se lembra que ao chegarem a Ribeirão Preto moraram primeiro no Hotel Umuarama. Em seu depoimento disse:

Nós moramos quase três meses no Hotel Umuarama no centro da cidade e todos morando em dois quartos era meio difícil. A Faculdade estava numa fazenda onde ainda não tinha praticamente nada, não tinha árvores porque lá era cultivado café, então o que se via era uma terra roxa e quente, muito quente (Entrevista concedida pelo Professor Roland Köberle e pela Dr^a Lilia Köberle no dia 10 de outubro de 2005).

Além dos professores, os funcionários também tiveram moradia dentro da “Fazenda”. A diferença das casas estava no tamanho, pois a área de construção das residências dos docentes era maior.

Em 1953, após a reforma do Prédio Central, iniciou-se a mudança da sede provisória da Rua Visconde de Inhaúma para a sede definitiva, localizada, agora, na antiga Fazenda Monte Alegre, nas dependências da ex-Escola Prática de Agricultura.



Figura 45 - Caminhão da FMRP utilizado na mudança da cidade para Monte Alegre

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Por fim, compondo também o patrimônio físico da ex-EPA, havia o Ginásio de esportes. Além de ser o local onde se realizavam as práticas esportivas, também foi o local que abrigou os alunos nas primeiras aulas da Faculdade. Em suas dependências foi montado, na cobertura, o restaurante e, posteriormente, com a criação do Centro Acadêmico pelos alunos da 1ª turma, tornou-se sua sede.



Figura 46 - Fachada do Ginásio de esportes (década de 1950)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Estava, assim, finalmente, instalada a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo nas antigas instalações da ex-Escola Prática de Agricultura “Getúlio Vargas” localizada em Monte Alegre.

4.4.4 A contribuição da Fundação Rockefeller à FMRP

Como visto no início deste trabalho, a Fundação Rockefeller passou a ser conhecida no Brasil por incentivar e formar pesquisadores no campo da saúde pública e por investir na formação de quadros docentes. Sua proposta foi a de viabilizar auxílios financeiros em programas de controle e erradicação de doenças endêmicas (como a febre amarela e a malária) que assolavam o país nas primeiras décadas do século XX. Os recursos destinados por esta Fundação no estado de São Paulo contemplaram instituições como a Faculdade de Medicina de São Paulo, o Instituto Biológico e a Escola Paulista de Medicina.

Na década de 1950, com a criação e a instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, a Fundação Rockefeller, ao examinar sua orientação filosófica, seus princípios e seus propósitos, verificou que sua programação sintonizava com o que vinha defendendo nas áreas de saúde pública e de educação médica.

Neste sentido, a partir da segunda metade de 1950, a Fundação passou a beneficiar a instalação e o desenvolvimento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, doando uma vultuosa quantia em dinheiro para equiparar seus Departamentos e laboratórios.

O jornal ribeirãopretano “A Cidade” destacou essa doação da seguinte forma: “Esse donativo, além do seu valor material, tem alta significação moral, porque a Fundação Rockefeller conforme é sabido, somente presta sua valiosa colaboração a entidade em condições de realizar trabalhos de grande valor social e científico” (Jornal **A Cidade**, Ribeirão Preto, 15 de julho de 1955).

A Fundação Rockefeller subvencionou a FMRP, oferecendo bolsas de estudos no exterior para o aperfeiçoamento de membros do corpo docente. A respeito das bolsas de estudos oferecidas pela Fundação, Zeferino Vaz assim se manifestou:

[...] a Fundação Rockefeller teve sempre um comportamento de alta dignidade, porque quando ela dava uma bolsa, ela impunha duas condições, depois de selecionar o indivíduo. Primeiro, que a instituição onde ela trabalhava o recebesse de volta, lhe garantisse o emprego; 2º, que ele, bolsista, assinasse um compromisso formal de voltar à instituição. Não podia ficar nos Estados Unidos, tinha que voltar à instituição. Oferecia a

bolsa, o indivíduo passava lá 2/3 anos, conforme o caso e, quando voltava, a Fundação Rockefeller dava-lhe os equipamentos necessários para que ele continuasse a linha de pesquisa que ele vinha desenvolvendo. [...] o cientista tinha que voltar. E aí daquele que não voltasse, ficava marcado para o resto da vida, mas se ele voltasse e tivesse um comportamento que progredisse, ficava sempre sob a égide da Fundação e sempre recebendo novos auxílios. Uma volta para a reciclagem, os equipamentos de que ele precisasse (FRANKEN; GUEDES, 1986, p. 80-81).

As ações decisivas de apoio a FMRP se davam pelo Presidente da Fundação, o senhor Dean Rusk e pelos seus representantes no Brasil os doutores Robert Briggs Watson, Harry Miller Jr. e Ernani Braga. Em 1955, Dean Rusk visitou a FMRP.

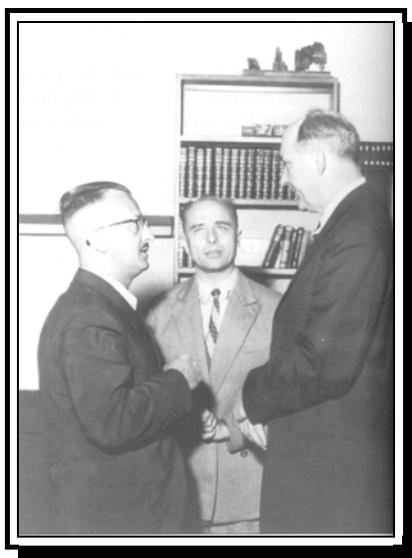


Figura 47 - Visita do Presidente da Fundação Rockefeller Dean Rusk à FMRP. Ao seu lado encontra-se de terno claro o Prof. Lucien Lison e de óculos o Diretor Zeferino Vaz

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Foi a primeira vez que um Presidente da Fundação Rockefeller visitou o Brasil. Nesta visita, Rusk conversou com os professores da Faculdade, conheceu os laboratórios e o Hospital²⁹.

A colaboração da Fundação foi fundamental para a FMRP. Dez anos após sua instalação (1962) estimou-se que a Fundação Rockefeller contribuiu com quase um milhão de dólares (Jornal **Diário da Manhã**, Ribeirão Preto, 14 de abril de 1962. “Quase um milhão de dólares”).

²⁹ Dean Rusk, após a presidência da Fundação Rockefeller, foi nomeado pelo Presidente norte-americano John F. Kennedy, Secretário de Estado do seu governo.

Quando parainfou a 1ª Turma da FMRP, Zeferino Vaz agradeceu as contribuições.

Desejo agora destacar, para que fique bem assinalado em nossa história, o inestimável, precioso e decisivo auxílio que recebemos da Fundação Rockefeller. Foram algumas centenas de milhares de dólares, em aparelhagem científica para o ensino e para a pesquisa, que constituiu motivo de orgulho dos nossos laboratórios, e em bolsas de estudos para nossos professores e assistentes. Na pessoa de seu Presidente Dr. Dean Rusk e na do seu Diretor para a América do Sul o Dr. Robert Briggs Watson aqui deixamos registrada a nossa imperecível gratidão à Fundação Rockefeller (VAZ, 1958, p. 14)

Cabe ressaltar que o auxílio da Fundação Rockefeller não foi o único. Outras instituições nacionais e estrangeiras também contribuíram. Entre as estrangeiras: Academia de Ciências do Terceiro Mundo, BID, Força Aérea dos USA, Organização de Alimentos e Agricultura dos USA, Departamento de Saúde Pública dos USA, OMS, Welcome Trust etc. Já as nacionais: CNPq, CAPES, FAPESP, FINEP, Rotary Club de Ribeirão Preto, Fundação de Pesquisas Médicas de Ribeirão Preto, Comissão Superior de Plano de Institutos, Ministério da Saúde etc. (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962).

4.5 Evolução e Vida

4.5.1 Departamentos

Como a Faculdade não era feita somente com prédios, professores e funcionários, havia a necessidade de sistematizar o ensino e garantir que todas as disciplinas fossem lecionadas. Para tanto, tornou-se indispensável a cooperação de diferentes especialistas (professores) para a elaboração de trabalhos científicos.

Esta cooperação se deu por meio do agrupamento de disciplinas afins em departamentos dirigidos por professores catedráticos que contaria com professores adjuntos especializados e encarregados de ministrarem os cursos de sua especialidade, dentro dos horários e programas previamente estabelecidos pelo departamento.

Desta forma, e seguindo as recomendações do Congresso Panamericano de Educação Médica, realizado em Lima, no Peru (isto já pôde ser visto páginas atrás), Zeferino Vaz reduziu o número de Cátedras e criou departamentos pela reunião de disciplinas similares ou afins.

Quando perguntado onde havia se inspirado na idéia da criação de departamentos, que na estrutura acadêmica brasileira era algo ainda estranho na época, Zeferino Vaz respondeu:

[...] Eu me inspirei nas discussões com meus amigos, grandes médicos, professores insatisfeitos por ver a fragmentação do conhecimento. Você veja. Uma faculdade tem quatro cadeiras de Clínica Médica. O que sucede é que, por via de regra, os quatro têm preferência por ensinar problemas sofisticados de Cardiologia, porque é o chique, é o elegante, em que ele mostra maior cultura. Pouquíssimos ensinam o aparelho digestivo, porque aquilo é meio sujo e tal. Há sempre uns resíduos desagradáveis. Mas as doenças do aparelho digestivo estão aí. Doenças do pulmão. Chegaram a criar uma cadeira de Pneumologia, porque não se ensinava tuberculose. Aparelho renal pouco se ensinava. Então saía uma formação insuficiente, e todos estavam insatisfeitos. Mas quem tinha que romper com essas cátedras já estabelecidas, qual era o professor que renunciava ao seu imperiozinho de cátedra?

Em Ribeirão Preto, como não tinha nada antes, como eu parti do ponto zero, eu pude fazer congregação das disciplinas afins em um mesmo Departamento [...] O que acontecia antes é que o catedrático, mandarim, senhor suzerano medieval, tinha direito de vida e de morte espiritual sobre seus alunos. Quer dizer, ele reprovava ou aprovava quem queria, e ninguém podia discutir (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 65-66).

Esta reunião de disciplinas em uma só unidade foi, de fato, uma inovação para a época, entretanto, embora inovador, o conceito de departamento no Brasil já estava consagrado no Decreto Lei Federal nº 8.393, de 12 de dezembro de 1945, que concedia autonomia didática e disciplinar à Universidade do Brasil. Por isto, a organização didática e administrativa das escolas e faculdades seria em departamentos, formado pelo grupamento das cadeiras afins ou conexas (FERRAZ, 2005, p. 13).

Embora, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto cada departamento tenha compartilhado pontos em comum, cada um teve sua própria característica. Por isso, destacarei, brevemente, a trajetória dos diferentes departamentos que constituíram os anos iniciais da FMRP.

- **Departamento de Histologia e Embriologia:**

Suas atividades se iniciaram no prédio da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto. Posteriormente, transferiu-se para o Prédio Central na Fazenda Monte Alegre, onde foi dotado de laboratório para pesquisas, laboratório para alunos, salas para seminários, biblioteca, câmara escura e, além disso, dependências para a parte administrativa como: gabinete do professor, sala para assistentes e funcionários.

As pesquisas desenvolvidas neste Departamento foram, entre outras, o estudo das técnicas de histometria; estudo das classes nucleares em vários tecidos; estudo sobre a teoria da fixação; estudo das mucoproteínas especialmente nos tecidos conjuntivos; estudos dos efeitos da hipofisectomia sobre ácidos nucleínicos dos núcleos; e estudo das reações tintoriais das células mucosas (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).

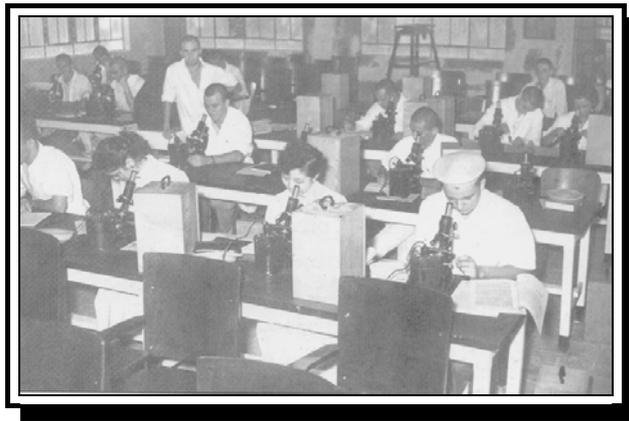


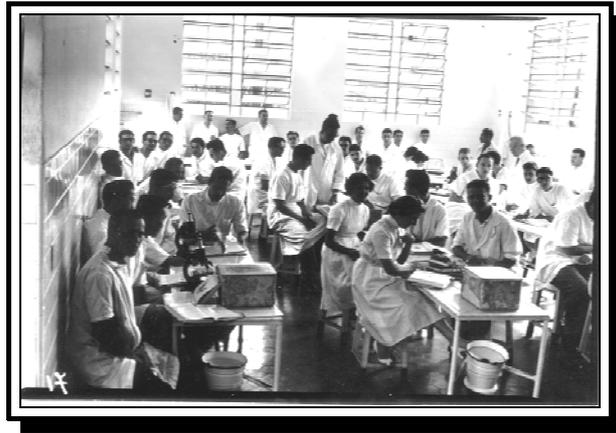
Figura 48 - Aula de microscopia (Departamento de Histologia e Embriologia)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- **Departamento de Anatomia Descritiva e Topográfica:**

O Departamento de Anatomia Descritiva e Topográfica começou suas atividades no prédio da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto. Posteriormente, foi instalado em Monte Alegre, em um bloco arquitetônico isolado e independente dotado de salas de aulas práticas, sala para recebimento de cadáveres, compartimento de maceração, depósitos de peças anatômicas, museu anatômico cujas peças eram preparadas por alunos e professores, Raio X etc. Além disso, possuiu salas para seminários, gabinete para Professor da cadeira, escritório para Assistentes e Instrutores (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).

As pesquisas desenvolvidas foram em diferentes áreas da Anatomia Humana.



**Figura 49 – Primeira aula de Anatomia na FFORP.
(Departamento de Anatomia Descritiva e Topográfica)**

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- **Departamento de Morfologia Humana, Funcional e Aplicada:**

Em 1955, houve a fusão do Departamento de Anatomia Descritiva e Topográfica com o Departamento de Histologia e Embriologia para formar o Departamento de Morfologia Humana, Funcional e Aplicada. Havia muita semelhança entre os dois Departamentos, pois enquanto o Departamento de Anatomia tinha uma visão macroscópica do problema, o Departamento de Histologia e Embriologia tinha uma visão microscópica. Desta forma, o ensino passou a ser mais prático do que teórico, melhor para o aluno.

Nas aulas de Anatomia, por exemplo, especificamente para as de dissecação, os alunos eram agrupados em no máximo quatro pessoas e para cada grupo havia um cadáver à disposição.

- **Departamento de Parasitologia:**

As atividades deste Departamento iniciaram-se no Ginásio de Esportes em Monte Alegre e passaram para o Prédio Central somente a partir da 2ª Turma de alunos, ou seja, em 1953.

A organização do Departamento coube ao Professor Mauro Pereira Barreto que, na Faculdade de Medicina de São Paulo, havia trabalhado com o Professor Samuel Pessoa, considerado por muitos o criador da Parasitologia Médica no Brasil. Desse modo, na FMRP

por meio do Professor Mauro Pereira Barreto, seguiu-se a mesma estrutura do curso instalado na FMSP.

As pesquisas iniciais do Departamento (pesquisas de campo e de laboratórios) versaram sobre flebótomos, tabânidas e outros dípteros de interesse médico, *Trypanosoma* *Cruzi* e *Moléstica* de Chagas, leishmaniose, parasitoses intestinais, cisticercose etc. A maioria dos trabalhos era publicado em revistas específicas (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).

O Departamento mantinha também um posto de experiência de *Moléstia* de Chagas, sob a orientação do Dr. José Lima Pedreira de Freitas, na cidade de Cajúru, próxima a Ribeirão Preto. Neste posto, eram feitas observações de campo sobre *Moléstia* de Chagas e coleta de material entomológico destinado à pesquisa e ao ensino (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).

Em poucos anos o Departamento reuniu condições de até superar o curso dado na FMSP, pois, em Ribeirão Preto, chegou-se a praticamente reproduzir em laboratório todo o ciclo evolutivo da grande maioria dos parasitas.

Pelo Departamento de Parasitologia passaram além dos professores formados em Medicina, também professores com formação em Química, Bioquímica e Veterinária.

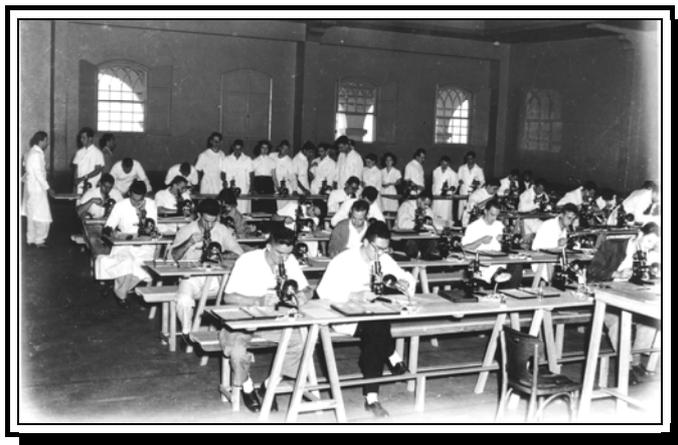


Figura 50 - Aula de Parasitologia no Ginásio de Esportes (1952)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- **Departamento de Higiene e Medicina Preventiva:**

O Departamento de Higiene e Medicina Preventiva ficou aos cuidados do Professor José Lima Pedreira de Freitas.

Membro do Departamento de Parasitologia esteve, em 1955, junto com o Professor Zeferino Vaz, em Viña Del Mar, no Chile, participando de um Seminário cujas recomendações eram no sentido de que a Medicina Preventiva deveria ser ministrada no decorrer do ensino médico a fim de despertar no aluno a importância da prevenção, pois o currículo, nesta época, enfocava demasiadamente a formação curativa (MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 108).

Além das aulas teóricas e práticas de laboratórios, o Dr. Pedreira de Freitas implantou na cidade de Cássia dos Coqueiros (vizinha a Ribeirão Preto) um Centro de Saúde vinculado a FMRP cujo objetivo primordial foi estudar a epidemiologia da Moléstia de Chagas. Neste Centro, além da medicina preventiva, também foi implantado uma medicina curativa. As áreas de atuação eram, na ocasião, Clínica Médica, Clínica Cirúrgica, Pediatria e Ginecologia e Obstetrícia (id., ib., p. 109).

Cássia dos Coqueiros apresentava um enorme número de pessoas portadoras da Moléstia de Chagas. Devido ao alto número de chagásicos, o Centro de Saúde realizava campanhas para conscientização da população. Chegou-se, até mesmo, a oferecer no Centro cursos de trabalhos manuais como tricô, corte e costura e bordado para as mulheres enfocando sempre temas relativos à saúde. Para os homens as reuniões ocorriam aos sábados e domingos, quando não estavam trabalhando na lavoura, e também, aí eram enfocados temas relativos à saúde, principalmente quanto à prevenção da Doença de Chagas. Desta forma, a comunidade local era conscientizada quanto à importância da prevenção da Doença evitando o contato com seu transmissor, o barbeiro (id., ib., p. 110).

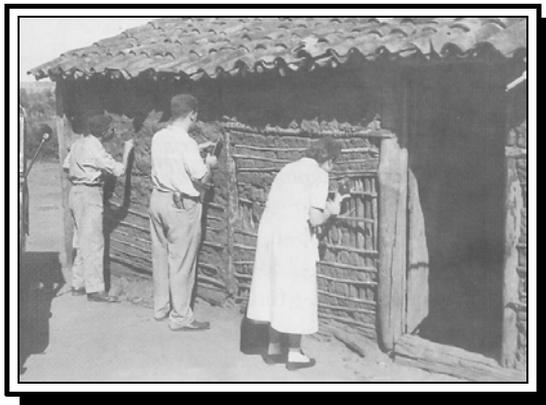


Figura 51 – Coleta do Barbeiro para pesquisa do “Mal de Chagas”

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 111

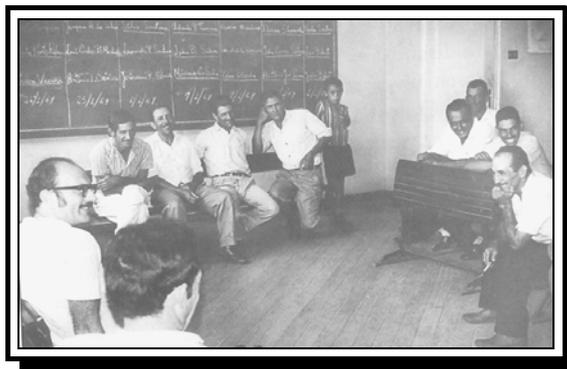


Figura 52 – Reunião, em Cássia dos Coqueiros, com a comunidade local

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 110

- **Departamento de Bioquímica:**

Instalado inicialmente no porão da casa situada na Rua Visconde de Inhaúma, onde se encontrava a Secretaria da FMRP, posteriormente o Departamento de Bioquímica passou para o Prédio Central em Monte Alegre.

O Departamento desenvolveu algumas das seguintes pesquisas: estudo sobre a composição de venenos de serpentes brasileiras (cascavel, jaracucu etc.) e estrutura química da noxa toxina “Crotamina”; investigações sobre a interação de detergentes com proteína, utilizando-se a técnica de dilatometria; estudo sobre o mecanismo de síntese de adrenalina e noradrenalina pela medula suprarenal; investigações sobre a ocorrência da hidrasefumárica em bactérias; e metabolismo de ácidos aminados aromáticos por microorganismo (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).



Figura 53 - Professores e Funcionários do Departamento de Bioquímica

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- **Departamento de Microbiologia e Imunologia:**

O Departamento de Microbiologia e Imunologia foi organizado pelo Professor José Oliveira de Almeida e atendeu aos pedidos de exames feitos pelos clínicos da região.

Sua contribuição original foi a pesquisa de um micróbio, extremamente patogênico, responsável pela febre reumática. Além disso, manteve correspondência com dois grandes centros mundiais sobre o assunto, um situado em Atlanta na Geórgia, USA e outro localizado em Londres, na Inglaterra (op. cit., p. 116).

- **Departamento de Farmacologia:**

O Departamento de Farmacologia foi instalado em 1955 e suas atividades de pesquisa incluíram, desde a montagem da Fisiologia e Farmacologia, necessárias ao curso prático, até a implantação de metodologias neurofarmacológicas.

Em 1957, o Departamento passou a ser chefiado pelo Professor Maurício Oscar da Rocha e Silva que veio a convite do Professor Zeferino Vaz.

De acordo com o Professor Alexandre Pinto Corrado:

A vinda do Prof. Rocha e Silva à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi motivo de mais ampla repercussão, não por ele ser reconhecido por suas qualidades intelectuais de cientista emérito, como, também, por sua posição de destaque, por tratar-se de um dos maiores cientistas da América Latina e, inquestionavelmente, a maior expressão da Farmacologia Brasileira de todos os tempos. Com efeito, ficaram indelevelmente marcadas, na História da Farmacologia Brasileira, as difíceis etapas vencidas pelo Prof. Rocha e Silva, nas décadas de 40 e 50, para impor-se finalmente, no nível internacional, com a descoberta da bradacina, hormônio dos tecidos em torno do qual já foram realizados inúmeros simpósios e congressos e foram publicados algumas dezenas de livros e centenas de trabalhos, e cuja importância fisiopatológica continua a ser tema controverso e sempre atual e, portanto, a merecer o amplo interesse da comunidade científica (CORRADO, 2002, p. 270-276).

Entre várias pesquisas originais desenvolvidas pelo Departamento de Farmacologia destaca-se a obtenção de um peptídeo extraído do veneno da jararaca, que possibilitou o desenvolvimento de novos agentes anti-hipertensivos.

- **Departamento de Fisiologia:**

Entre várias pesquisas desenvolvidas uma delas foi a hemodescodificação, ou seja, a retirada de um hemisfério cerebral para observar suas conseqüências sobre as glândulas endócrinas. Na época, um estudo pioneiro não só no Brasil como entre outros países do mundo (op. cit., p. 118).

A partir de 1971, com a Pós-Graduação, as pesquisas abrangeram diversos setores do conhecimento como: Endocrinologia, Neurologia, Sistema Vascular, Neurofisiologia, Metabolismo Respiratório e Eletrônica Médica (id., ib., p. 119).

- **Departamento de Medicina Legal e do Trabalho:**

O Departamento de Medicina Legal e do Trabalho apresentou alguns problemas que residiram na dificuldade de encontrar e manter professores. Muitos não aceitavam o convite ou depois se transferiam para outros Departamentos.

Entre as razões, estava o fato da Medicina Legal não oferecer atrativos e não dispor de mercado de trabalho compensador – pois eram restritos os postos oferecidos pelo Estado e pelos Institutos de Medicina Legal. Além disso, freqüentemente os professores se viam envolvidos com o crime.

A justiça recorria ao Departamento sempre que havia necessidade de investigar um acidente de trabalho, de paternidade, ou de executar necropsias médico-legais da região. Cabia ao Departamento encaminhar à polícia relatórios à semelhança de um médico legista, embora se tratasse de um docente em tempo integral e dedicação exclusiva.

- **Departamento de Patologia:**

Todo paciente que morria no Hospital das Clínicas era encaminhado automaticamente para a autópsia no Departamento e, com isso, os alunos acompanhavam todo o procedimento e aprendiam correlacionando dados.

Foi através de autópsias sucessivas realizadas pelo Professor Fritz Köberle (responsável pelo Departamento), que ele verificou a incidência de um grande número de casos de alteração no esôfago e no coração que o fez correlacionar o fato com a Moléstia de Chagas comum na região.



Figura 54 - Corpo docente e auxiliares do Departamento de Patologia (o Prf. Fritz Köberle encontra-se na frente de calça preta)

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 123

- **Departamento de Pediatria:**

A partir da criação deste Departamento e sob a responsabilidade do Professor Woiski, o Departamento se destacou nos serviços prestados à comunidade. Organizado de forma que prestasse assistência às crianças da cidade e da zona rural, criaram-se Centros de Atendimentos, principalmente nos bairros mais pobres da cidade e realizou visitas em várias fazendas da região de Ribeirão Preto.

Na Fazenda Iracema, por exemplo, foi organizado um atendimento semanal (geralmente às terças-feiras) realizado por alunos da FMRP e, às sextas-feiras, por alunos da Escola de Enfermagem, que iam até lá para visitar as casas das crianças e verificar até que ponto as orientações encaminhadas pelos alunos do curso médico estavam sendo seguidas (op. cit., p. 126).

Outro exemplo de assistência às crianças se deu na Usina São Martinho. Neste local, instalou-se um Posto de Atendimento à Comunidade onde, duas vezes por semana, o Prof. Woiski ia até lá acompanhado por alunos do curso médico e por alunos do curso de enfermagem. Havia, nesta Usina, 10 colônias com 40 famílias cada uma, o que totalizava, aproximadamente, mil e duzentas crianças assistidas pela sua equipe (id., ib., p. 127).

Na cidade, um exemplo foi a criação de um Centro de Atendimento na Vila Lobato, na época, um bairro simples de Ribeirão Preto. Neste Centro, além do atendimento às crianças, organizou-se um serviço de conscientização da população, ao ponto de selecionar uma ou duas senhoras de cada quarteirão para realizarem visitas domiciliares e, *in locus*, verificarem

se as recomendações – profiláticas – passadas no Centro estavam sendo seguidas (op. cit., p. 127).

Em Monte Alegre, o Prof. Woiski conseguiu uma casa para alojar as crianças portadoras de câncer (pacientes do HC) e suas mães. Às mães cabia cuidar da casa e da alimentação. Havia na casa fogão, geladeira, mesa, cama e outros móveis.

Como o leitor pôde observar, havia a preocupação da medicina extravasar o atendimento meramente curativo e conscientizar a população quanto à prevenção das doenças. Ou seja, havia um envolvimento direto entre o corpo clínico do Departamento de Pediatria e a população que resultavam em benefícios gerais. Aqui novamente fica explícito qual o sentido social da FMRP, ou seja, produzir conhecimento sério e o levar a toda população sem privilégio de classe social.



Figura 55 - Usina São Martinho: treinamento de mães

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 127

- **Departamento de Ginecologia e Obstetrícia:**

Como já destacado em outro momento deste trabalho, coube à FMRP a iniciativa de elevar, dentro do ensino médico brasileiro, o *status* da Pediatria e da Ginecologia e Obstetrícia à altura da Clínica Médica. Em Ribeirão Preto, elas não foram tratadas como simples subsidiárias ou especialidades que os alunos estudassem ou não. Elas foram elevadas à condição de cadeiras fundamentais na formação do médico clínico geral.

Havia, na verdade, a necessidade de o aluno de Medicina perceber a importância filosófica, moral, social e humanística do ato de nascer, assim como de aprofundar estudos sobre o organismo feminino.

- **Departamento de Dermatologia:**

O ensino no Departamento voltou-se, principalmente, para as doenças mais graves que afetavam a região e o país. O Departamento era dotado com um setor de consultas diárias, integrado a outras áreas como uma seção de Micologia, serviço de Alergia, seção de Patologia, laboratório de Imunologia permitindo, assim, cobrir todos os ramos da Dermatologia (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 131).

Foram objetos de estudo a Lepra, a Leishmaniose, a Blastomicose, o Câncer de Pele e a Moléstia de Chagas.

- **Departamento de Oftalmologia:**

O Departamento de Oftalmologia foi organizado em 1959 e contribuiu para várias iniciativas junto à comunidade. Campanhas eram realizadas freqüentemente, com objetivo de instruir a população como prevenir doenças oculares. Exemplo disso foi a Campanha de Prevenção à Cegueira, realizada em visitas às escolas, postos de saúde, além de serem realizados trabalhos em praça pública e em vários órgãos de informação.

A zona rural de Ribeirão Preto também não ficava desprovida dessas campanhas. Os alunos da FMRP, muitas vezes, eram levados de caminhão para instruírem os moradores quanto aos cuidados na prevenção de moléstias oculares.

Como se vê, este é o sentido social da FMRP.

- **Departamento de Ortopedia e Traumatologia:**

O Departamento de Ortopedia e Traumatologia, desde o início, se relacionou muito bem com o Departamento de Morfologia, pois achavam necessário que todos os professores da Ortopedia passassem um tempo na Anatomia, em razão da necessidade do Ortopedista possuir uma sólida base de conhecimentos anatômicos (id., ib., p. 134).

O Departamento era responsável pelo atendimento diário nos ambulatórios e nos vários leitos da enfermaria.

Entre as várias pesquisas desenvolvidas pelo Departamento, duas delas foram: o estudo das Reações de Articulações quando Imobilizadas por Longo Tempo e Fluorescência da Tetraciclina no Osso.

- **Departamento de Psicologia e Psiquiatria:**

O Departamento de Psicologia e Psiquiatria foi organizado, a princípio, pelo Professor chileno Sérgio Rodrigues Gonzalez. A tônica do ensino de Psicologia Médica na FMRP era centrar suas atividades numa orientação psicanalítica embasada, principalmente, na Escola Psicológica-Psiquiátrica do Chile.

Anos depois, o Departamento de Psicologia e Psiquiatria se fundiu com o Departamento de Neurologia, momento em que se introduziu a Eletroencefalografia Clínica.

- **Departamento de Clínica Médica:**

Organizado pelo Professor Hélio Lourenço de Oliveira, o Departamento de Clínica Médica se tornou o maior Departamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Várias disciplinas fizeram parte do seu quadro, diferentemente do que ocorria em outras Faculdades de Medicina, nas quais várias delas eram Cadeiras independentes.

As disciplinas compreendidas no Departamento de Clínica Médica foram: Clínica Médica, Semiologia, Clínica de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, Tisiologia, Cardiologia, Radiologia, Nutrição, Gastroenterologia, Endocrinologia, Hematologia e Terapêutica Clínica.

Inicialmente, o Departamento foi instalado em Monte Alegre numa casa localizada do outro lado do lago que, outrora, serviu de residência para professores da ex-Escola Prática de Agricultura. Como havia galinheiros ao lado da casa e, construídos em prédios com ótima estrutura, os mesmos foram adaptados tornando-se laboratórios.

Em relação às aulas práticas, devido ao fato de a FMRP não ter ainda seu próprio hospital de clínicas – o que ocorreu somente em 1956 com o prédio doado na cidade pela Fundação Sinhá Junqueira –, foi necessário utilizar as instalações da Santa Casa, onde as aulas eram dadas na enfermaria. Quanto às aulas teóricas, eram dadas no Centro Médico de Ribeirão Preto.

Vários professores foram convidados pelo Professor Hélio Lourenço de Oliveira para compor o quadro docente do Departamento. Entre eles, o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira, que se tornou um dos maiores especialistas na área de Nutrição e Alimentação do mundo.

Quando entrevistado, o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira assim relatou o momento que foi convidado pelo Professor Hélio Lourenço de Oliveira para compor o quadro docente do Departamento:

[...] eu me formei na Faculdade de Medicina de São Paulo, ali na avenida Dr. Arnaldo, em 1951. No começo de 1952 fui para os Estados Unidos fazer treinamento na área que me dediquei que é nutrição e alimentação – nutrição clínica. Durante o período que fiquei nos Estados Unidos eu voltei para o Brasil – não lembro bem se em 1953 ou 1954 – e entrei em contato com o professor Hélio Lourenço de Oliveira. O professor Hélio, do Departamento de Clínica Médica da USP, tinha sido convidado para trabalhar na parte clínica aqui em Ribeirão Preto. Quando ele veio para cá trouxe junto um pessoal que trabalhava lá no Hospital das Clínicas e eu comentei com ele que também gostaria de vir para cá – Ribeirão Preto – então fui convidado por ele, ganhei uma bolsa da Fundação Rockefeller e continuei por mais um ano o estágio lá nos Estados Unidos, mas com o compromisso de vir trabalhar aqui em Ribeirão Preto. Voltei para o Brasil em 1955, mas fui contratado somente em 1956. Eu lecionei para a primeira turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Eu dei aulas para todas as turmas durante quarenta e poucos anos que é o tempo que fiquei na Faculdade.

Comecei dar aulas no prédio da Associação Comercial; eles tinham uma sala grande lá, dei aulas de semiologia, nutrição, de uma parte geral de clínica, de nutrologia etc. Eu dei aula também na Santa Casa. Duas turmas depois eu passei a dar aulas no terceiro e no quarto anos de clínica geral, depois dávamos clínica geral no terceiro e quarto anos e depois dávamos especialidades no quinto e no sexto ano, ou seja, cada professor dava a sua especialidade (Entrevista concedida pelo Professor José Eduardo Dutra de Oliveira no dia 22 de setembro de 2005).

Organizado o Departamento, várias pesquisas nele foram desenvolvidas e várias publicações se efetivaram em periódicos nacionais e estrangeiros.



Figura 56 - Laboratórios de Clínica Médica

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 138

- **Departamento de Clínica Cirúrgica:**

O Departamento Clínica Cirúrgica foi organizado pelo Professor Ruy Escorel Ferreira-Santos e concentrou as seguintes disciplinas: Técnica Cirúrgica, Clínica Cirúrgica, Cirurgia

Geral, Cirurgia Torácica e Cardíaca, Cirurgia Pediátrica, Anestesiologia, Neurocirurgia, Cirurgia Vascular, Cirurgia Plástica, Cirurgia Experimental, Endoscopia Peroral, Urologia, Proctologia e Otorrinolaringologia.

No início, assim como em outros Departamentos, muitas coisas foram improvisadas por não haver instalações físicas e materiais adequadas. As aulas, por exemplo, eram dadas nas enfermarias da Santa Casa, em condições desfavoráveis, pois não havia salas de aula precisando, quase sempre, improvisar um lugar.

Um dos grandes problemas foi a falta de um Hospital Escola apropriado. As Cadeiras Básicas do Departamento foram instaladas no Prédio Central em Monte Alegre, onde foram organizados os laboratórios, mas as Cadeiras Clínicas dependiam de um HC. Muitos alunos das primeiras turmas precisaram se deslocar até São Paulo para lá receberem formação de prática cirúrgica em algumas áreas.

Durante as cirurgias os alunos participavam como instrumentadores sendo obrigados a ter o máximo de assepsia possível e conhecer os fios adequados para, por exemplo, pele subcutânea, intestinos etc. Porém, a prática cirúrgica ficava restrita, muitas vezes, somente a cirurgias experimentais em cachorros e ratos.



Figura 57 - Cirurgia realizada por Professores e assistida por alunos

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

4.5.2 Instrumentos Auxiliares à Pesquisa e ao Ensino

- **Biblioteca:**

A Biblioteca da FMRP foi instalada, a princípio, no prédio onde se encontrava a Secretaria na Rua Visconde de Inhaúma, no centro da cidade e, posteriormente, transferida para as instalações em Monte Alegre. Estruturada de forma a apresentar não somente obras básicas de medicina e de ciências físicas e biológicas, a Biblioteca apresentava também exemplares de revistas científicas nacionais e estrangeiras.

Uma das preocupações da Biblioteca foi manter efetivo contato com outras bibliotecas espalhadas pelo mundo e, com isso, possibilitar um ambiente propício ao desenvolvimento científico.

Nas palavras de Zeferino Vaz:

[...] não se pode ensinar nem pesquisar quando não se tenha conhecimento continuado das novas conquistas da ciência no país e no estrangeiro. Um cientista sente-se isolado, fossilizado e angustiado quando não está a par do que se passa em outros centros de pesquisa pela leitura de revistas científica sérias. Elas lhe são indispensáveis porque ele precisa saber se uma idéia de trabalho que lhe ocorreu não foi já resolvida por outros e também para que incorpore ao ensino as novas conquistas da medicina (FERRAZ, 2005, p. 43).

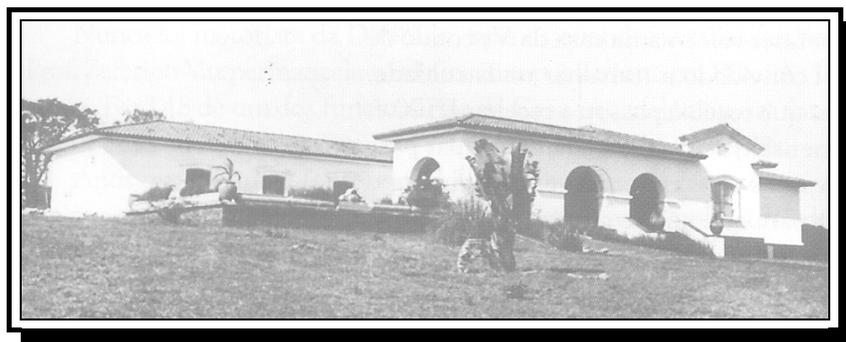


Figura 58 - Vista externa da Biblioteca

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

- **Biotério:**

Impossibilitados de realizar pesquisas em seres humanos, os professores/pesquisadores precisavam realizar suas pesquisas em animais. Por isso, construiu-se na FMRP o Biotério, local onde são criados animais especificamente destinados à Ciência Experimental. Dotado de canis, serpentários, ranários, piquetes para grandes animais etc., o Biotério serviu como fator didático e de investigação.

Didático porque contribuía para que o estudante de medicina tivesse todas as oportunidades de repetir as experiências aprendidas em aula ou de poder planificar suas próprias experiências, *in vivo*, como um processo dinâmico que não o limitava simplesmente a ver lâminas, assistir a experiências ou fazer reações em tubos de ensaio.

Investigativo porque possuía animais em quantidade e qualidade oferecia condições adequadas para executar trabalhos de pesquisa isentos de críticas.

Os animais eram criados em instalações especialmente construídas, com salas de vivência, maternidade e pesagem de rações. Os animais criados, entre outros, eram: coelhos, ratos, camundongos, gatos, cães, carneiros, cobras, escorpiões, urubus, pombos, macacos etc.



Figura 59 - Box para acasalamento de cobaias e separação por sexo

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 78

- **Oficina Mecânica de Precisão:**

Como a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tinha suas bases na investigação científica, ela desde o início contou com aparelhos para equipar os laboratórios dos

Departamentos. Por isso, era necessário instalar uma oficina de precisão que cuidasse do serviço de manutenção destes aparelhos.

Além da manutenção funcionários da oficina também construíram e modificaram outros vários aparelhos para serem aplicados em pesquisas. Alguns chegaram a ser objeto de publicação em revistas nacionais e estrangeiras como, por exemplo, “mesa cirúrgicas para operações de esôfago; escova para coleta de material endometrial; pinça para biópsia transcutânea de coração e outros mais” (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 235).



Figura 60 - Funcionários da Oficina Mecânica de Precisão

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 235

4.5.3 Pós-Graduação e Pesquisa

No Brasil, a Pós-Graduação *stricto sensu* sistematizada substituiu, no final da década de 1960, um modelo de Pós-Graduação que se restringia ao Doutorado.

Com efeito, antes da especialidade *stricto sensu* havia um sistema que consistia em cursos que não exigiam créditos que permitissem o doutorado. Sob a orientação de um professor ou autodidaticamente, o aluno procurava preencher suas insuficiências assistindo a disciplinas bem específicas, ou estudando, por sua conta e risco, matérias que lhe parecessem essenciais para sua formação. Neste sistema, a iniciativa pessoal do aluno era muito importante.

A Pós-Graduação *stricto sensu*, por sua vez, consiste na diferenciação acadêmica planejada, ou seja, feita por meio de um conjunto de disciplinas específicas que os alunos freqüentam e que lhes dão direito a créditos com os quais lhes é possível defender uma Dissertação de Mestrado ou uma Tese de Doutorado.

Os cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* são conceituados como ciclo de cursos regulares em seguimento ao de graduação e, sistematicamente organizados, visam a desenvolver e aprofundar a formação adquirida no âmbito da graduação, conduzindo à obtenção de grau acadêmico (Cf.: SALGADO, 1975, p. 67-74).

Na fase anterior ao modelo *stricto sensu* o docente de ensino superior era admitido, em geral, pela indicação direta do Catedrático, ficando a ele submetido administrativamente e, muitas vezes, cientificamente.

O que ocorria era o docente contratado continuar a aprofundar e ampliar seus conhecimentos, mas sem ordenação e programação definida. No geral, a formação de pessoal docente e de pesquisa era feita ao acaso, de maneira lenta e individualizada a partir de oportunidades oferecidas a poucos. O título de doutor não era entendido como um marco na preparação de pessoal docente e de pesquisa. Tanto que a instituição dos cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* foi o reconhecimento de que esta forma não era adequada às nossas necessidades. Quem nos ensinou primeiro isto foi a Alemanha, onde no final do século XIX já havia sido instituído o modelo professor-pesquisador.

Na verdade, a formação do professor do ensino superior deve ser a mesma do investigador, pois são duas funções que não devem estar de forma alguma separadas. A necessidade de fazer pesquisa do docente é tão importante quanto o exercício do magistério pelo pesquisador. Só assim o professor não se restringe a um simples repetidor de conhecimentos livrescos que amputa o espírito de criatividade nos alunos.

A instituição dos cursos de Pós-Graduação procurou, efetivamente, educar todo aquele que tenta contribuir para o progresso científico (ou clínico no caso da medicina), mesmo sem obter sucessos excepcionais, pois o que vale é a perseguição da novidade, o interesse em descobrir soluções. Nesta tarefa, o professor demonstra não ser simples transmissor de conquistas alheias, mas sim alguém que contribui e aponta ao aluno caminhos certos por meio do exemplo.

No caso da medicina, com o desenvolvimento da Pós-Graduação e conseqüentemente da pesquisa, generalizou-se a medicina científica embasada nos conceitos da química e da física. Neste sentido, não mais a Alemanha, mas sim os Estados Unidos (imitando o modelo alemão) construiu a mais adiantada medicina do século XX. Impondo padrões rigorosos para os cursos de medicina, os Estados Unidos consagraram os Internatos e as Residências Médicas, esta última inspiradora da Pós-Graduação médica brasileira.

A Residência Médica no Brasil passou a ser uma **especialidade** da Pós-Graduação em nível *lato sensu*. Segundo Amorim:

Dadas suas características, Residência e programas de Pós-Graduação não se confundem, mas se completam. Não se confundem no que diz respeito à competência e aos objetivos da Residência tradicional do sistema profissional e se completam no que respeita ao regime de estudos que integra o aluno às dependências das áreas de concentração, ressalvada a compulsoriedade da estrutura interdisciplinar (AMORIM, 1975, p. 34).

A idéia de que o pesquisador de ciência é o tipo de professor que, mais autêntica e vivamente, pode orientar o desenvolvimento da educação científica dos alunos encontrou, na FMRP, a concretização na existência de um corpo docente dedicado em tempo integral ao ensino e à pesquisa tanto nas áreas básicas quanto clínicas-cirúrgicas (CF.: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Pós-Graduação. **Manual de Informação**. Ribeirão Preto, 1989).

Na Universidade de São Paulo, o sistema de Pós-Graduação *stricto sensu* foi, inicialmente, regulamentado pelo Conselho Universitário, em 1969 (Portaria GR n° 885, 25/07/1969). O Diário Oficial do estado, em 30/06/1970, publicou a Portaria GR 1212 de 25/07/1970, aprovando o Regulamento dos Cursos de Pós-Graduação da FMRP-USP. O mesmo órgão publicou, em 28/11/1970, a autorização para os cursos de Pós-Graduação da FMRP-USP nas áreas de: Bioestatística; Farmacologia; Fisiologia; Genética; Morfologia-Biologia Celular. Publicações posteriores (entre o final de 1970 e meados de 1971) autorizaram outras 8 áreas: Clínica Médica; Bioquímica; Tocoginecologia; Pediatria; Medicina Preventiva; Clínica Cirúrgica; Oftalmologia; Neurologia (FRANCI, 2002, p. 373-384).

Com efeito, a FMRP assentada na investigação científica, principalmente pelo seu Programa de Pós-Graduação, procurou desenvolver estudos e soluções de problemas médico-sociais da comunidade da qual está inserida. Afinal, a região de Ribeirão Preto e o Brasil têm problemas médicos específicos, resultantes de sua ecologia e de condições sociais características, não cabendo, portanto, que as soluções dos nossos problemas venham a todo momento de fora, e, sim, que sejam resolvidas com trabalhos próprios.

Desde o início de suas atividades, a FMRP (como pôde ser visto) revolucionou o currículo e os aspectos didáticos. Ou seja, privilegiou o tempo integral do corpo docente; instituiu a departamentalização; equipou seus laboratórios com auxílios de entidades estrangeiras e nacionais; e consolidou a Pós-Graduação, fatores que proporcionaram um ambiente de ensino, pesquisa e assistência às endemias que assolavam a região e, em amplitude, o Brasil. Isto é fato. A FMRP pode não ter solucionado todos os problemas regionais, mas, por certo, contribuiu para que muitos fossem atenuados.

Vários são os exemplos de assistência e pesquisa proporcionados pela FMRP tanto nos anos iniciais, como nos anos subseqüentes. São alguns exemplos:

- Assistência médica preventiva e social às famílias que incluía visitas domiciliares, criado pelo Departamento de Medicina Social em 1956.
- Criação da Liga Brasileira de Combate à Moléstia de Chagas, como iniciativa dos alunos do curso de medicina visava esclarecer à população do mal de Chagas. A divulgação ocorria, geralmente, por meio de palestras educativas a professores da rede pública estadual por meio de conferências a professores, autoridades, populações rurais etc., de várias cidades da região de Ribeirão Preto e até de outros estados.

O objetivo inicial da campanha era o de esclarecer o povo quanto às instruções básicas fundamentais e mínimas necessárias para se reconhecer o “barbeiro” e o modo de transmissão da moléstia. Numerosas conferências foram efetuadas nos colégios e escolas normais da cidade, demonstrações de peças de diapositivos e de “barbeiros”. O rádio e a imprensa foram solicitados e colaboraram grandemente com a campanha. Artigos esclarecedores vários foram publicados em jornais e lidos pelas rádios. A semente da campanha estava lançada e medrou finalmente e com caráter mais eficiente e oficial em 30 de maio de 1956 quando o CARL interessou-se vivamente pelo assunto, bem como o Serviço de Profilaxia da Malária (Jornal **Esteto**, Ribeirão Preto, abril de 1957. Ano V. n° 12. 1ª e 3ª Páginas).

- Pesquisa referente ao mal de Chagas, que culminou na teoria fisiopatológica sobre o mal de Chagas, realizada no Departamento de Patologia pelo Professor Fritz Köberle.
- Pesquisa referente ao desenvolvimento de vacina preventiva contra o mal de Chagas, empreendida pelo Professor (parasitologista) Humberto Menezes, do Departamento de Genética. O jornal “O Diário” de 18 de dezembro de 1977 destacou assim a matéria:

Atualmente encontram-se em observação 50 macacos da espécie *Callithrix* inoculados com doses da vacina e submetidos, posteriormente, à contração do *Trypanosoma Cruzi* mediante um processo de xenor-diagnóstico com o “Barbeiro” – hospedeiro intermediário do parasita causador da doença de que decorrem, entre outros males, lesões cardíacas e nervosas.

[...] Após o êxito das primeiras pesquisas de Menezes o uso da vacina em torno de pesquisas de doenças parasitárias passou a difundir-se e, atualmente, vários cientistas desenvolvem trabalho neste sentido, em todo o país. Não existem, entretanto, vacinas curativas para enfermidades causadas por parasitas – todas possuem caráter preventivo e baseiam-se na inoculação do próprio parasita com sua virulência atenuada. É uma vacina viva, explica o pesquisador (Jornal **O Diário**, Ribeirão Preto, 18 de dezembro de 1977).

- Pesquisa referente à diabete, desenvolvida pelo Professor Renato Migliorini por meio de estudos relacionados ao pâncreas do urubu (presos em viveiro do Biotério).

- Pesquisas desenvolvidas com cobras cascavéis da região de Barretos para combater uma doença raríssima conhecida como “Miotonia”. Esta doença, por razões fisiológicas e farmacológicas, faz com que os movimentos dos músculos não obedeçam ao cérebro tão rapidamente como acontece com uma pessoa normal. Curiosamente, o veneno da cascavel de Barretos, ou melhor, sua “crotamina” produz efeito atenuados (Jornal **O Diário**, Ribeirão Preto, 18 de dezembro de 1977).

- Pesquisas com escorpiões, em cujo veneno existe um componente conhecido como Tityustoxina e que é uma das raras substâncias que se liga a estrutura nervosa e provoca a liberação de neuro-transmissores. Os neuro-transmissores liberados provocam paralisia muscular. As pesquisas realizadas são para atenuar ou solucionar este mal provocado pela picada de escorpião (Jornal **O Diário**, Ribeirão Preto, 18 de dezembro de 1977).

- Pesquisas com ossos de ratos moídos para estudar o processo de formação de cartilagem do osso para aplicação prática em diabéticos, pela falta de insulina no organismo (Jornal **O Diário**, Ribeirão Preto, 18 de dezembro de 1977).

- Pesquisas sobre inflamações desenvolvidas no Departamento de Farmacologia.

- Pesquisas sobre transplantes de medula óssea.

- Pesquisas sobre epilepsia.

- Pesquisa sobre vacina para erradicar a tuberculose.

- Pesquisa sobre o fator potenciador da Bradicinina, substância que foi isolada do veneno da cobra jararaca e que favoreceu o desenvolvimento de drogas anti-hipertensivas, como o capítropil. (Bradicinina é uma substância existente no organismo humano e que participa de processos inflamatórios e em mecanismos de contração muscular, descoberta pelo Professor Mauricio Oscar da Rocha e Silva do Departamento de Farmacologia da FMRP)

(Fascículo nº 33 da revista **Revide** nº 147. Ribeirão Preto. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto).

- Pesquisa do setor de cardiologia do Departamento de Clínica Médica de técnicas que corrigem doenças no coração (microcardiopatía hipertrófica) por meio do infarto. O procedimento é realizado por cateterismo e provoca o infarto de uma determinada área. Dispensa anestesia e oferece rápida recuperação ao paciente (Fascículo nº 33 da revista **Revide** nº 147. Ribeirão Preto. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto).

Quando perguntado ao Professor Fábio Leite Vichi a respeito das pesquisas da FMRP, seu relato foi o seguinte:

[...] eu acredito que a Escola de Medicina marcou uma nova era, porque projetou Ribeirão no cenário nacional e internacional. As pesquisas para a Moléstia de Chagas tiveram aqui seus estudos fundamentais. Bradicilina, cirurgia cardíaca, biópsias, enfim, coisas fundamentais para a cidade, para a sociedade, para a medicina.

A Escola com seu tempo integral, hospitais, pesquisa como obrigação – todo mundo era obrigado a fazer pesquisa, isso não existia – a ênfase na psicologia, porque o homem não é só carne é mente também e fica doente também da cabeça, a ênfase em estatística, como encarar um trabalho científico, uma pesquisa, como dar norma científica etc. Eu acho que haveria um momento que o Brasil fosse mudar, mas por circunstância foi aqui em Ribeirão. Deu certo, era o momento exato, tudo acontece no momento certo, isso não tem dúvida (Entrevista concedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004).



Figura 61 - Remédios produzidos após a descoberta da Bradicilina pelo Professor Maurício Rocha e Silva do Departamento de Farmacologia da FMRP

Fonte: Acervo Particular: Marcelo José Araújo

Por fim, como resultado de várias pesquisas originais desenvolvidas na FMRP, o jornal “Diário de Notícias” de 01 de maio de 1962, publicou **alguns** dos livros editados na FMRP, quando ela completou seu décimo aniversário de funcionamento. São eles:

Apesar de sua curta existência, já começa a denotar sua influência nos livros de consulta os Professores de Monte Alegre. Foram editados algumas obras e todas da mais alta importância. Assinalamos aqui: “Statistique Appliquée a la Biologie Experimentale” em francês de Lucien Alphonse Lison; IIIª Edição do “Tratado de Histoquímica”, em francês, japonês e brevemente em inglês de Lucien Alphonse Lison. “Compêndio de Dermatologia”, em Português de Luiz Marino Bechelli e Guilherme V. Curban e “Compêndio de Farmacologia”, em Português, de Mauricio Rocha e Silva (Jornal **Diário de Notícias**. Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962).

Na verdade, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, ao alicerçar-se na investigação científica, trouxe benefícios para a região e para o Brasil, solucionando ou atenuando, problemas característicos da região e do país.

4.5.4 Primeiros Diretores da FMRP e Primeiras Cátedras

Como visto, o primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi o Professor Zeferino Vaz, que permaneceu no cargo por um período de doze anos, ou seja, de 1952 a 1964.

Devido à sua extensa permanência, manifestações contrárias surgiram por parte de vários professores e de vários alunos. Alegavam que sua presença impedia a realização de concursos públicos para docentes catedráticos e, com isso, a instalação da Congregação (Conselho de Professores), que dependia da existência de um número mínimo de professores (dois terços) com esta titulação.

Após muitas discussões foram abertos concursos para obtenção de títulos e, obtendo-se o número desejado de professores titulados foi, então, instalada a Congregação, sendo sua primeira reunião realizada no dia 02 de abril de 1963 um ano antes da saída de Zeferino Vaz do cargo de direção da FMRP.



Figura 62 - Primeira reunião da Congregação da FMRP

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Com a instalação da Congregação, a administração da FMRP deixou de ser centralizadora e tornou-se mais democrática.

Este fato, aliado a personalidade forte de Zeferino Vaz (que não gostava de dividir responsabilidades), tornou difícil sua permanência na direção da FMRP. Seu sucessor na direção foi o Professor José de Moura Gonçalves e seu Vice, o Professor Jacob Renato Woiski. Pela primeira vez aparecia a figura do Vice-Diretor.

Diretores:

Em 1971, após a direção do Professor José de Moura Gonçalves, coube ao Professor Alberto Raul Martinez a direção da FMRP. Na sua gestão, fato marcante foi que o Reitor da USP, Professor Miguel Reale, editou uma resolução segundo a qual todos os *campi* com mais de uma unidade deveriam manter uma administração centralizada. Ainda em sua gestão, em 1974, o Governador Laudo Natel incorporou à USP a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto e o Instituto de Filosofia, Ciências e Letras, criando-se, assim, a partir de 1975, o *campus* de Ribeirão Preto.

A administração do *campus* foi instalada provisoriamente no Prédio Central da FMRP e seu primeiro coordenador foi o Professor Alberto Raul Martinez.

A Faculdade de Filosofia começou a funcionar junta a Anatomia Patológica e, depois, foram construídos prédios para a Psicologia, a Biologia, a Zoologia, bem como para o Instituto de Química. Posteriormente, foram construídos dois outros prédios para a Faculdade de Odontologia e Farmácia.

A criação do *campus*, em 1975, constituiu um divisor de águas na história da FMRP. A partir disso, muita coisa mudou sob os mais diferentes aspectos. Além de ficar encarregada de sustentar, com seu orçamento, inúmeras atividades das outras unidades, a FMRP perdeu boa parte do seu espaço físico como prédios, casas, laboratórios etc.

Logo em seguida à instalação do *campus*, na gestão do Professor Alberto Raul Martinez, o próximo Diretor da FMRP foi o Professor Sylvio Vergueiro Forjaz, que teve uma gestão marcada por grandes movimentações, como o início da construção do prédio dos anfiteatros, a ampliação da Biblioteca, a inauguração da Casa do Estudante e o Restaurante.

O sucessor do Professor Sylvio Forjaz foi o Professor José Eduardo Dutra de Oliveira que, em sua gestão, terminou as obras do prédio dos anfiteatros iniciadas na gestão anterior, instalou o Centro de Química e Proteínas, o Laboratório de Diagnóstico da Raiva e o Laboratório de Biomecânica, ligado ao Departamento de Ortopedia e Traumatologia.

Concursos

Quanto aos concursos de cátedras da FMRP, o primeiro candidato foi o Professor Luís Marino Bechelli, do Departamento de Dermatologia. A avaliação se deu por provas e títulos, sendo que as provas se compuseram de defesa de tese e prova oral. A defesa da tese versou sobre “Relações imuno-alérgicas entre Tuberculose e Lepra pela correlação entre as reações de Mantoux e Fernandez”. A defesa ocorreu no anfiteatro do HC. No dia seguinte, procedeu-se o sorteio da prova didática, com o qual foi encerrado o concurso (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 156).

A esse se seguiram outros para lotação de diferentes Cátedras, tendo como candidato, respectivamente, os professores Mauro Pereira Barreto (Parasitologia), José de Oliveira Almeida (Microbiologia e Imunologia), José de Moura Gonçalves (Bioquímica), Lucien Alphonse Joseph Lison (Morfologia Humana, Funcional e Aplicada), Fritz Köberle (Patologia), Jorge Armbrust Lima Figueiredo (Neurologia), Maurício Oscar da Rocha e Silva (Farmacologia), entre outros (FERRAZ, 2005, p. 117-118).



**Figura 63 - Primeiro concurso de cátedra da FMRP.
Prof. Luís Marino Bechelli. 24 a 27/04/1961**

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 155

Em relação ao concurso para livre-docente, o primeiro a prestá-lo foi o Professor Eduardo Moacyr Krieger (Fisiologia), em 1962.

Em relação ao doutorado, Merrame Hadura foi o primeiro. Seguiu-se, nesse caso, a legislação universitária em vigor, pois os cursos de Pós-Graduação não haviam sido ainda instituídos.

4.5.5 O Hospital das Clínicas (HC)

No início, por não contar com um Hospital-Escola próprio, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto utilizou, provisoriamente, as instalações da Santa Casa local. Aliás, isto ocorreu à semelhança de outras Faculdades de Medicina do Brasil e mesmo da FMSP que, como já foi visto, durante certo tempo utilizou-se da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

Apesar de a Santa Casa municipal de Ribeirão Preto colocar à disposição toda sua estrutura clínica, contribuindo para a formação médica, ela não possuía, entretanto, as características necessárias de um Hospital-Escola. Ademais, os professores sentiam-se estranhos, pois tinham a impressão de estarem invadindo um local já sedimentado por um corpo clínico que vinha prestando assistência médica há tempos.

Antes mesmo da instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, no Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos da USP, quanto da criação desta Faculdade, já havia sido destacada a importância de se criar um Hospital anexo à FMRP: “[...] a criação do

Hospital das Clínicas anexo à Faculdade é não só subsídio indispensável à formação do médico como ainda servirá para atender às necessidades da população da zona do chamado Nordeste Paulista.” (Cf.: Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos. fl. 122. Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)

A respeito da criação de um Hospital-Escola e de sua filosofia de ensino, Zeferino Vaz assim se manifestou certa vez:

No curso regular da Faculdade preparamos o clínico geral. O especialista há de fazer-se em cursos de pós-graduação. É condição fundamental que os serviços do Hospital-Escola funcionem sob a direção dos professores. Em conseqüência, não é possível ministrar bom ensino em bons hospitais assistências (particulares, municipais etc.) dirigidos por estranhos ao corpo docente, nos quais os professores são apenas hóspedes. Insisto: é mil vezes preferível que a Faculdade disponha de um pequeno hospital, que esteja sob sua exclusiva direção didática e administrativa, do que de um grande hospital dirigido por estranhos (VAZ, 1962, p. 2).

Ressaltava, ainda, Zeferino Vaz que:

O Hospital-Escola não deve atender socorro de urgência porque corre o perigo de que os leitos se encham de acidentados, com sério perigo para a seleção do material de ensino e de investigação. O Hospital-Escola tem estas finalidades essenciais e os interesses da educação médica devem sobrepor-se aos do imediatismo assistencial. Não esquecer nunca que a atividade assistencial só é prestada pelo Hospital-Escola na medida em que serve ao ensino e à pesquisa. A atividade assistencial pura deve caber aos hospitais públicos, de previdência social, santas casas, beneficências e outros, os quais, quando bem organizados, podem servir também para internato e residência dos formandos pelas Faculdades de Medicina (id., ib., p. 3).

A discussão acerca da construção de um Hospital-Escola tomava corpo nos meios médicos e político-sociais de Ribeirão Preto. Após várias discussões, ficou acertada a instalação de um Hospital de Clínicas em um prédio, ainda em construção, cedido sob convênio ao estado de São Paulo pela Fundação Sinhá Junqueira. Localizado na esquina das Ruas Sete de Setembro e Bernardino de Campos, o prédio era composto de quatro andares com capacidade para 150 leitos onde seria, também, instalada uma Maternidade.

O convênio entre a Fundação Sinhá Junqueira e a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi firmado no dia 09 de abril de 1953 e os articuladores deste processo foram o Dr.

Waldemar Pessoa, Presidente da Fundação Maternidade Sinhá Junqueira, Dr. Paulo Gomes Romeo, Presidente do Centro Médico e primeiro Superintendente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, e o Professor Zeferino Vaz, Diretor da FMRP (SÁ, 2002, p. 397-402).

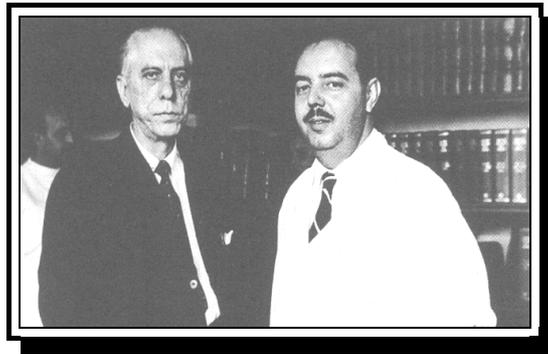


Figura 64 - À esquerda o Dr. Waldemar Pessoa e à direita o Dr. Paulo Gomes Romeo (1º Diretor do HC)

Fonte: SÁ, 2002, p. 398



Figura 65 - Assinatura do termo de concessão da Maternidade Sinhá Junqueira para sediar o HC. Da esquerda para a direita Profª Glete de Alcântara, D. Sinhá Junqueira e Prof. Zeferino Vaz

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

A doação, ao estado de São Paulo, havia sido por regime de comodato, por um período de vinte anos renováveis. A inauguração ocorreu em 11 de novembro de 1954 com a presença de várias autoridades.

Em 24 de dezembro de 1955, ou seja, praticamente um ano após sua inauguração, foi publicada a Lei nº 3274, instituindo em entidade autárquica o HCFMRP-USP (Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo) (MAURO; NOGUEIRA, op. cit., p. 240).

Suas atividades se iniciaram somente em 31 de julho de 1956 após algumas modificações no prédio; afinal, deixou de ser uma maternidade e passou a ser um hospital. Concluídas as reformas passaram a funcionar ali as Clínicas Médica, Cirúrgica, Pediátrica, Obstétrica e Ginecológica.



Figura 66 - Fachada do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (antigo prédio da Maternidade Sinhá Junqueira)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

A Legislação da FMRP previa que os integrantes do corpo docente, todos em RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa) exercessem atividades na chamada Clínica Civil, ou seja, atendessem pacientes, receitasse remédios etc., desde que realizadas dentro do próprio HC.

Na verdade, o Hospital das Clínicas, desde o início de suas atividades, despertou a atenção da população não só de Ribeirão Preto, como de toda região e de estados vizinhos.

Ao enviar seu primeiro relatório ao Governador do estado, o superintendente do HCFMRP Dr. Paulo Romeo, destacou o seguinte:

[...] é forçoso reconhecer que a procura do Hospital diante dos serviços que presta tem sido cada vez maior e é irreprimível essa onda de crescente procura pois que a população pobre do interior passou a sentir no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto mais uma iniciativa do Governo do Estado, proporcionando-lhe ali assistência médico-cirúrgica de alto nível e que só se encontrava nas grandes capitais (FERRAZ, 2005, p. 49 grifo meu)

E acrescenta:

Os pacientes atendidos pertencem, em sua maioria, ao Município de Ribeirão Preto, mas o Hospital já atendeu doentes procedentes e residentes ainda nos Estados de Minas Gerais, Goiás e até Rio Grande do Sul. Não

fora a limitação natural decorrente do Hospital, teria sido maior o número de pessoas atendidas, pois que a qualidade do serviço apresentado e as possibilidades que ele oferece vêm fazendo que o mesmo se torne um centro de atração de doentes (FERRAZ, op. cit., p. 49).

Com a demanda crescendo e com o aumento das atividades da Faculdade de Medicina e da Escola de Enfermagem, o HC necessitava de uma sede própria que atendesse não só à demanda de pacientes, mas, sobretudo, que propiciasse ao corpo docente e discente da Faculdade de Medicina e da Escola de Enfermagem condições mais adequadas para o exercício das atividades de ensino, pesquisa e assistência.

A idéia que predominava era a integração do Hospital ao conjunto da FMRP em Monte Alegre constituindo-se, assim, uma ligação natural e funcional com os departamentos científicos da Faculdade. Desta forma, em 1962, foi assinado o contrato para a elaboração do projeto de construção que daria sede própria ao HCFMRP, com capacidade prevista para 500 leitos.

As obras para construção do novo HC em Monte Alegre iniciaram-se na década de 1960, mas, por várias vezes, foram paralisadas devido à falta de recursos financeiros. Somente em 1978, foi inaugurado integrando os Departamentos Básicos e Clínicos. Na época, ofereceu 525 leitos e realizava cerca de 700 consultas por dia.

O Departamento de Clínica Médica teve sua capacidade de atendimento consideravelmente aumentada. Passou a contar com dois andares, nos quais foram distribuídas as diferentes disciplinas que a compunham e mais a metade de outro andar para a Dermatologia, além das dependências para laboratórios, serviço de radiologia, eletroencefalografia e ambulatórios.

A Patologia passou a ocupar o andar térreo, onde eram realizadas as autópsias e onde, também, facilitava para os alunos e professores assisti-las. As necrópsias ocorriam no subsolo.

Vários laboratórios foram montados no prédio, entre eles, o de Hematologia e de Pediatria. Quanto às enfermarias, foram distribuídas em dois andares e as moléstias infecciosas passaram a contar com isolamento.

A ampliação dos serviços e atendimento prestados pelo Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto não se limitou ao novo prédio. O deslocamento do HC da cidade (do prédio da Maternidade Sinhá Junqueira) para Monte Alegre fez surgir a Unidade de Emergência do Hospital (UE) nas antigas instalações do HC-cidade (no prédio doado pela Fundação Sinhá Junqueira).

Esta Unidade tornou-se responsável pelo atendimento de urgência e emergência. Além das urgências clínicas, passou a abrigar também Unidades de Queimados, Centro de Controle de Intoxicação etc.

O HC implantou também a Medicina Social, ou seja, uma atividade que atuou junto à comunidade como extensão dos serviços prestados no Hospital e que correspondeu à Medicina Preventiva e à Medicina Social. Este Departamento estava vinculado às atividades externas do Hospital, por meio de seus ambulatórios, nos programas de imunização, de vigilância epidemiológica (nos casos de doenças transmissíveis) e em atividades de visita domiciliar aos pacientes atendidos no Hospital. Além disto, a Medicina Social participava, também, de estudos e controle das infecções hospitalares através de estudos epidemiológicos.

Ao longo de sua história, o HCFMRP se consolidou e colocou Ribeirão Preto no rol dos grandes centros médicos do país. O HCFMRP atualmente é Centro de Referência do Ministério da Saúde para várias áreas da Medicina, dentre as quais: Transplantes de Rim, Fígado, Medula Óssea e Córnea; Cirurgia de Epilepsia; Gestão de Alto Risco; Neurocirurgia; Oftalmologia (Banco de Olhos); Doenças Infecciosas (AIDS); Centro de Queimados; Hemoterapia (Hemocentro); Otorrinolaringologia (Implante Coclear); Oncologia; Imunobiológicos Especiais; Erros Inatos do Metabolismo (teste do pezinho); Banco de Leite Humano; Reabilitação e Dermatologia Sanitária (SÁ, op. cit., p. 400).

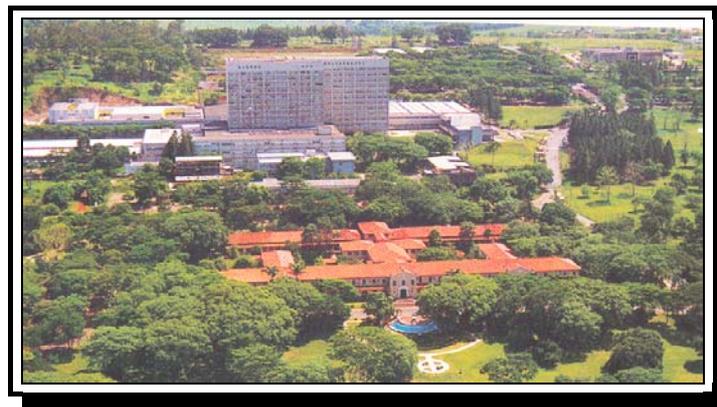


Figura 67 - Em primeiro plano o Prédio Central da FMRP e aos fundos o HCFMRP em Monte Alegre

Fonte: Fascículo nº 29 da revista **Revide** nº 146, Ribeirão Preto

4.5.6 O Corpo Discente

O exame de seleção dos alunos candidatos a cursarem Medicina na FMRP (como já visto) era bastante rigoroso e, aliado ao número reduzido de vagas, poucos conseguiam transpor a barreira do vestibular e se tornar aluno da FMRP.

A maioria dos alunos residia fora de Ribeirão Preto e, distanciados de suas famílias temporariamente, tentavam se adaptar a uma forma de vida nova, cursando, de um lado, uma Faculdade que o mantinha em contato permanente com professores, livros, laboratórios, hospitais etc.; de outro lado, enfrentando problemas de moradia, alimentação, transporte etc.

A vida do aluno da FMRP era bastante movimentada, pois freqüentemente estavam envolvidos com atividades paralelas, tais como: organizar festas, praticar esportes, discutir política, desenvolver atividades culturais, organizar movimentos médico-sociais etc.

De forma geral, eram alunos provenientes de uma classe social abastada economicamente, pois eram integrantes de uma camada social média ou média-alta. Além disso, era composta, na maioria, de homens (brancos), havendo poucas mulheres e, praticamente, nenhum aluno negro. O Professor Fábio Leite Vichi, em seu depoimento relatou: “[...] havia um predomínio masculino absurdo; na minha turma, éramos em sessenta e três; tinha apenas quatro meninas; indivíduos de cor que não branca eram muito raros, minha turma tinha dois japoneses e nenhum preto [...]” (Entrevista cedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004).

A sociedade e o comércio de Ribeirão Preto foram acolhedores. Os alunos (assim como os professores da FMRP), no geral, eram tratados com respeito. Quanto a isto, relatou o Professor Roland Köberle filho do Professor Fritz Köberle que: “[...] qualquer loja que se entrasse era só dizer que era da Faculdade que não precisava pagar na hora, eles deixavam pagar depois. No clube as pessoas também nos receberam muito bem.” (Entrevista cedida pela Dr^a Lilia Köberle e pelo Professor Roland Köberle em 10 de outubro de 2005).

De acordo com o Professor Fábio Leite Vichi:

[...] os estudantes foram muito bem recebidos; a sociedade recebeu muito bem. Havia festas que o Centro Acadêmico dava para a sociedade, bailes, desfiles, shows, práticas esportivas, jogos esportivos, havendo uma reciprocidade, pois a cidade oferecia todas as facilidades possíveis. Mudou até a forma de viver, a moradia, a freqüência a restaurantes. Ribeirão não tinha restaurantes. Com o advento dos estudantes de medicina mudou tudo, mudou a cidade. Eu acho que foi uma influência muito positiva (Entrevista cedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004).

Ribeirão Preto era considerada por quase todos os alunos como um local que oferecia excelente ambiente para estudos. Em seu depoimento, o Dr. Joaquim Portugal relatou: “Nós gostávamos muito da cidade; não havia criminalidade e também era um centro de estudantes; não existiam outras faculdades como existe hoje, então a vida estudantil em Ribeirão Preto era uma maravilha [...]” (Entrevista cedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva no dia 14 de outubro de 2005).

Segundo, novamente, o Professor Fábio Leite Vichi, no início das atividades da FMRP, com a chegada dos estudantes, a população de Ribeirão Preto, por ser conservadora, passou a se queixar de algumas brincadeiras e de posturas políticas por parte dos estudantes.

Em relação aos estudantes, estes sim eram meio bagunceiros, meio penetras. A cidade era muito conservadora e eles eram muito brincalhões. Mudou tanto com a chegada dos estudantes que dois prefeitos - ex-alunos da FMRP - o Palocci e o Nogueira foram prefeitos. A cidade, aos poucos, foi absorvendo essa mudança, mudou muito... Queixa mesmo em relação à Faculdade não tinha. Tinha algumas concepções políticas, pois achavam que a Escola era um centro de esquerdistas, quando esquerdistas no Brasil era nome feio. Mas, aos poucos a cidade, que era conservadora, foi se abrindo (Entrevista cedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004).

Muitos alunos da FMRP ao se formarem, adotaram Ribeirão Preto como local para viver e morar. Vários se tornaram professores da FMRP ou montaram clínicas na cidade. Alguns se casaram com moças da cidade e tiveram filhos ribeirãopretanos.

Vimos há pouco que o vestibular da FMRP era bastante concorrido. Para se ter uma idéia, em 1953, não foram preenchidas todas as vagas, ou seja, de 134 candidatos inscritos, apenas 14 foram aprovados. Houve a necessidade de realizar exame de “segunda época” e apenas 24 candidatos foram aprovados. Portanto, ao todo houve 38 aprovações para 50 vagas à disposição. As aprovações ficaram aquém das vagas oferecidas.

Nos anos subsequentes, houve também a necessidade de exames de “segunda época” para ampliar ou preencher o número de vagas disponíveis. Fato que ocorreu até 1957 quando, então, aboliu-se o segundo exame.

De acordo com alguns ex-alunos entrevistados, devido ao número de candidatos ser menor (quando comparado ao de hoje), fazia com que a Banca examinadora tivesse melhores condições de escolher os mais preparados. Por outro lado, entretanto, criticavam a metodologia dos exames, por acharem que ele não avaliava o candidato em sua amplitude.

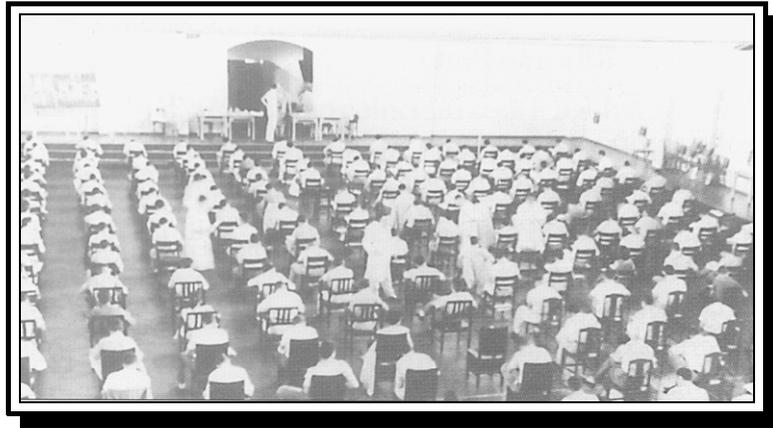


Figura 68 - Candidatos prestando o Exame de Admissão (vestibular) em 1958

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 199

Após ser aprovado, o aluno tinha que passar pelo trote. Obviamente, na primeira turma, isto não ocorreu, mas nas turmas seqüentes esta prática tornou-se comum.

Alguns dos ex-alunos (quando entrevistados) disseram achar a prática do trote um momento capaz de propiciar a integração dos novos alunos; por isso, uma atividade lúdica; outros, no entanto, disseram que havia exageros por parte dos veteranos, obrigando a direção da Faculdade ou professores a intervir e a punir os praticantes.

Em resumo, o trote ocorria da seguinte forma: os calouros (homens) eram obrigados a rasparem a cabeça e a usarem, durante um período, uma boina amarela. As mulheres também usavam esta boina amarela, mas, é claro, não raspavam a cabeça. Sobre o trote, assim se manifestou o Professor Fábio Leite Vichi:

Os alunos, como todo aluno brasileiro, não sei bem porque, tinham uma tradição de recepção, pois eram recebidos com trote que incluía raspagem de cabelo. Havia a aquisição obrigatória da boina amarela. Todo aluno só poderia usar boina amarela. Criou-se, então, na cidade, o mito da boina amarela. A boina amarela tem uma história: na primeira turma não houve trote, então ninguém raspou a cabeça; na segunda já raspavam e procuraram comprar boina azul-marinho como em todo lugar, mas estava em falta, então eles optaram pela boina amarela para no ano seguinte mudar para a azul-marinho, mas o sucesso foi tão grande que eles ficaram com a boina amarela e hoje é um mito na cidade (Entrevista cedida pelo Professor Fábio Leite Vichi no dia 22 de junho de 2004).

O Professor Ulysses G. Meneghelli a respeito da boina amarela disse:

Você não imagina o que era ser um calouro de boina amarela na cidade. Era considerado por todos. Não se tinha dificuldade para arrumar casa e montar república. Entre as garotas a boininha amarela era extremamente requisitada... Na ocasião representou alguma coisa extraordinária (Entrevista cedida pelo Professor Ulysses Garzella Meneghelli no dia 22 de julho de 2004).

Além do trote, o aluno que chegava a Ribeirão Preto tinha que se preocupar com a moradia e com a alimentação; afinal, começava uma vida nova longe da família. Muitos alunos viam-se obrigados a morar em repúblicas ou pensões. No início das atividades, a FMRP não oferecia ainda alojamento para os alunos; somente após algum tempo, é que foi construída a Casa do Estudante.

A Casa do Estudante seria, a princípio, uma série de prédios próximos ao Ginásio de Esportes, com instalações que alojariam os alunos. Entretanto, as coisas não saíram como o esperado e apenas um prédio foi construído e, além disso, entregue tardiamente. Sua inauguração se deu em 1962, quando a Faculdade completava dez anos de existência.



Figura 69 - Casa do Estudante

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 204

De acordo com o Dr. Joaquim Portugal, aluno da Faculdade a partir de 1966:

A casa do estudante naquela época era um horror. Não tinha iluminação, não tinha nada... ficava longe da cidade... tinha um tapume de madeira entre um quarto e outro que, quando um tossia os outros ouviam tudo. As divisórias eram uma raspa de madeira com cola e lá tinha muitos barbeiros, era um criadouro de barbeiros... e quando apagava a luz do campus ficava-se totalmente isolado, nem rádio podia ligar porque todos ouviam o rádio ligado, era terrível a casa do estudante, nem acesso com o ginásio tinha, o pessoal depois que jantava se recolhia ao quarto, mas sem poder fazer barulho... e o acesso a cidade era difícil porque era muito longe e havia mato... na rodovia do café só tinha mato, a estrada era de terra e escura porque não tinha iluminação, na verdade, era como ficar numa cadeia. Só ficava na casa do estudante quem precisava mesmo (Entrevista cedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva no dia 14 de outubro de 2005).

Quanto à alimentação, a maioria dos alunos almoçava na própria Faculdade, pois a locomoção até a cidade era difícil. A FMRP colocava à disposição um ônibus da cidade

(saindo da Praça XV) até a Faculdade em Monte Alegre, mas o ônibus saía pela manhã e voltava à noite.



Figura 70 - Ônibus para transportar os alunos

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Muitos alunos almoçavam na Faculdade. Uma opção era lanchar ou comer as refeições que a Dona Luisa Mamede fazia. Moradora em Monte Alegre, desde a época em que a Fazenda pertencia à família Schmidt, ela foi reaproveitada para trabalhar na FMRP. Dona Luisa tornou-se amiga do Professor Zeferino Vaz que, segundo ela, a achava uma pessoa organizada e preocupada com o bem-estar dos alunos. Segundo relatou Dona Luisa Mamede:

Eu conheci o Dr. Zeferino quando ele fez amizade com meu pai – ele gostava muito do meu pai – e, um dia, ele chegou para mim e disse se era possível eu fazer um lanchinho para os alunos, porque eles – os alunos – só comiam frutas: laranja, goiaba, lima verde que eles catavam no pomar porque não tinha nada de prédio, nada de casa, só tinha o Prédio Central... não tinha nada que se tem hoje, hoje é uma cidade. Eu fiquei uns seis meses fazendo lanchinho para eles. Eu tinha uma charretinha e uma égua; então, eu ia para a cidade e comprava mortadela, queijo, guaranazinho e arrumava tudo direitinho numa sexta, mas eu ficava preocupada, porque eu não tinha condições de servir bem os alunos que iam ser médicos. Então, o professor Zeferino foi em casa – ele achava a minha casa a mais limpa da Fazenda e dizia que eu era limpinha – o professor Zeferino disse em casa para eu não me preocupar que ele me forneceria todo o material e eu só entraria com os ingredientes como o café, o pãozinho e ele arrumou um padeiro que vinha entregar e entregava trinta ou quarenta pãezinhos de manhã e a mortadela, queijo e guaranazinho era eu que arrumava. Ele também arrumou para mim a parte toda de bule, xícaras, um fogãozinho para eu fazer café e eu fazia numa copinha ali onde é o ginásio; tinha uma abertura na parede que eu servia o café e os alunos tomavam nas mesinhas que ficavam do lado de fora, isso quando eles eram liberados das aulas, depois lá pelas três e meia da tarde eu subia com minha charretinha até o Prédio Central na Anatomia amarrava a charretinha numa árvore e servia de novo para eles um lanchinho. Eu tinha uma cadernetinha que anotava tudo, mas eles eram muito honestos comigo, porque eles pagavam direitinho; às vezes, eles

pagavam em dinheiro na hora e às vezes eles pagavam quando vinha a mesada. Eu nunca perdi nada com eles.

Um dia o Dr. Zeferino veio conversar comigo de novo e disse: olha Dona Luisinha e se a senhora fizesse uma comidinha: arroz, feijão, um bife, uma salada... e tinha horta que era da Escola Prática e que tinha ficado para a Faculdade de Medicina. Então, o Zeferino disse que mandava as verduras e o leite para mim e que não cobraria nem as verduras nem o leite; então, eu dava para eles – os alunos – um copo de leite na refeição, um bife, um arroz, uma verdura... ele mesmo, o Zeferino, começou a comer comigo porque eu fazia tudo muito bem organizado (Entrevista cedida por Dona Luisa Mamede no dia 05 de julho de 2005).

Enfim, os alunos da FMRP não ficavam sem refeição. Dona Luísa Mamede se incumbia de organizar a alimentação. Com isto, eles tinham onde almoçar sem precisar se locomover até o centro da cidade.

Outra atividade dos alunos foi se reunir para organizar uma entidade que defendesse seus interesses. Após algumas discussões, inclusive com o Diretor da Faculdade (Professor Zeferino Vaz), realizaram uma assembléia geral, no dia 19 de junho de 1952, e fundaram o Centro Acadêmico Rocha Lima (CARL).

Entidade representativa dos alunos da FMRP frente à sociedade, o Centro Acadêmico tinha como fins: defender e elevar o nome da FMRP-USP; defender o interesse dos seus associados no que fosse de direito e justiça; promover e incentivar atividades que contribuíssem para o desenvolvimento científico, ético, intelectual, artístico, político e social de seus associados; tornar agradável e educativo o convívio entre os associados e os demais Centros Acadêmicos; promover conferências e reuniões sobre assuntos de interesse à comunidade acadêmica; prestar, quando possível, assistência econômica e social aos associados; promover e participar de campanhas para a melhoria das condições médicas, sanitárias e educativas da população; zelar entre o bom entendimento do corpo discente, corpo docente e diretoria da FMRP; manter uma sede que proporcionasse espaço para as atividades do Centro Acadêmico e conforto de seus associados; comemorar fatos e homenagear personalidades (COELHO; FERRARESE, 2002, p. 440).

O CARL era composto por Diretoria Executiva, Departamentos, Coordenadorias e Ligas. No início de suas atividades foram criados alguns Departamentos que, durante anos, ou se dissolveram em outros, ou simplesmente se extinguiram. Havia, também, entre outras a Liga Brasileira de Combate à Moléstia de Chagas, que foi extinta devido ao fato de as endemias chagásicas terem sido controladas e depois erradicadas na região.

Atualmente, os alunos do curso de Medicina da FMRP integram as seguintes Ligas que compõem o CARL:

- Liga de Assistência Médico Social (LAMS). É a mais antiga Liga do CARL atuando desde 1957. Sua finalidade é assistir, médica e socialmente, a população em três frentes distintas: Puericultura, que aborda a prevenção na saúde biopsicossocial de crianças de 0 a 2 anos e na melhoria do desenvolvimento da infância; Geriatría, que enfoca o ensino e a prevenção para uma melhor qualidade de vida do idoso e a busca por um envelhecimento sadio; e a Saúde Reprodutiva, que focaliza a saúde da mulher em idade reprodutiva, tanto na sexualidade quanto na gravidez.
- Liga de Combate à Hanseníase realiza importante trabalho curativo e preventivo contra a hanseníase, por meio de atendimentos ambulatoriais, visitas domiciliares, palestras nas comunidades, seminários para os alunos etc.
- Liga de Combate à AIDS e DSTs atua nas frentes assistencial e preventiva, por meio de atendimento ambulatorial aos pacientes portadores do vírus HIV e com doenças sexualmente transmissíveis, além de atividades educativas como palestras, distribuição de preservativos e panfletos e, também, por meio de apoio psicológico.
- Liga do Trauma iniciou-se em 1995, após um grupo de alunos tomarem conhecimento da assustadora quantidade de mortes ocorridas devido a traumas. O objetivo era combater o problema por meio de discussões, campanhas preventivas, palestras, atendimento ambulatorial e reabilitação às vítimas.
- Liga de Combate ao Câncer surgiu em 1996 com a finalidade de prestar assistência à população, esclarecendo sobre as formas de câncer, fazendo campanhas de prevenção, acompanhando a evolução de pacientes oncológicos.
- Liga de Diabetes seu objetivo é capacitar o aluno para realizar campanhas de esclarecimento a população por meio de palestras preventivas sobre a doença.
- Liga de Hipertensão Arterial (LHA) alunos da FMRP, em conjunto com alunos da Escola de Enfermagem, realizam atividades preventivas e de tentativa de diagnósticos sobre a hipertensão arterial na população.
- Liga Pró-Transplante tem como objetivo criar campanhas de doação de órgãos, distribuir panfletos de esclarecimento sobre as doações e sobre os transplantes de órgãos, atuar junto as equipes de captação de órgãos, preparar palestras e seminários relacionados a transplantes e projetos sociais de apoio aos pacientes transplantados.

- Liga de Saúde Mental tem como finalidade combater o preconceito quanto à doença mental e ajudar na manutenção da saúde mental da população.

Desde 1959, os alunos da FMRP organizaram uma revista científica denominada *MEDICINA*, que passou a ser publicada com pesquisas científicas desenvolvidas pelos próprios alunos. Outro meio impresso usado pelo CARL, desde sua fundação para difundir notícias, pontos de vista, debates, entrevistas, discussões políticas etc., foi o jornal ESTETO. As posições do jornal contribuíram para que o CARL fosse respeitado tanto pela União Estadual dos Estudantes (UEE) como pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Vale lembrar que, nas décadas de 1950 e 1960, no início das atividades da FMRP, os Centros Acadêmicos, de forma geral, representavam uma força nos meios universitários tanto do ponto de vista social e cultural, como político.

A respeito da participação política dos alunos na FMRP a Dr^a Lilia Köberle se manifestou da seguinte forma:

Eu fazia parte da Juventude Universitária Católica, chamada de JUC. Era interessante porque tinha os socialistas (comunistas) e os católicos; então, havia uma disputa entre nós, mas era uma disputa sadia na base da conversa, ninguém jogava bomba em ninguém. Eu fazia parte da política social-católica e o Franco Montoro, na época, era nosso grande líder. Depois, quando veio a Revolução, todos se uniram contra a Ditadura. Foi uma época de muita efervescência política na Faculdade (Entrevista cedida pela Dr^a Lilia Köberle e pelo Professor Roland Köberle em 10 de outubro de 2005).

Outra atividade organizada pelo CARL era a promoção do Show Medicina com participação dos alunos. O Show tinha como objetivo fazer críticas a políticos, professores, pessoas da sociedade etc. Eram apresentadas peças teatrais, balê, bandas de música etc., no Teatro Pedro II, que chegavam a durar até três dias.



Figura 71 - Balê no Teatro Pedro II. Show Med. (1956)

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Outras promoções do CARL que se tornaram tradicionais foram o Baile do Calouro, o Baile Branco e a Festa Junina.

A respeito das atividades do CARL comentou a Dr^a Lilia Köberle:

Quanto aos bailes da Faculdade eram um espetáculo. Tinha o baile do calouro que era o primeiro do ano – em abril – depois a festa junina que era outro espetáculo, tinha também o baile branco. Éramos nós alunos que organizávamos. Os bailes eram no ginásio.

O Centro Acadêmico era na sede que ficava na cidade e nos domingos nós nos reuníamos lá porque tinha sempre uma música para dançar. Tinha barbeiro... lá funcionava o Departamento Feminino, o Departamento Científico etc. Era perto da Catedral. Tinha também o cursinho que era bem mais em conta e proporcionava emprego aos alunos da Faculdade.

O baile de formatura era muito bonito. O baile branco também e era freqüentado por toda a sociedade de Ribeirão Preto. Nós alunos vendíamos mesas. Quem tocava geralmente eram as Orquestras do Silvio Mazzuca, a do Osmar Milane... a cidade participava muito, eles ficavam esperando o baile do branco. A cidade se movimentava, as lojas colocavam nas vitrines roupas brancas... quando abria a venda de ingressos para os bailes formavam filas de pessoas da cidade para comprar mesas (Entrevista cedida pela Dr^a Lilia Köberle e pelo Professor Roland Köberle em 10 de outubro de 2005).

Além do CARL, havia a Associação Atlética Acadêmica Rocha Lima (AAARL), criada em 1952. Com sede em Monte Alegre, dispunha do Ginásio para práticas esportivas, do lago para esportes aquáticos, da praia para descanso e campo de futebol.

Vários foram os eventos esportivos que os alunos da FMRP puderam participar representando a Faculdade.

Dentre todas as modalidades esportivas o futebol era o mais praticado. Tanto alunos como professores e funcionários, sempre que podiam, montavam um time e iam jogar no campo. Outras modalidades, como basquete e natação, também eram praticadas pelos alunos.



Figura 72 - Time de Futebol FMRP (1958)

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 220

Contudo, após seis anos de curso, era chegada a hora de o aluno se formar e, como profissional em Medicina, exercer sua profissão nos mais variados campos de atuação.

Zeferino Vaz fazia questão de que a solenidade de entrega de diplomas fosse regada a muito luxo e simbolismo.

A formatura da primeira turma ocorreu nos dias 10 e 11 de janeiro de 1958.

O cerimonial se iniciava com uma procissão, que saía do Prédio Central da FMRP à noite (às 20 horas), em direção ao Ginásio de Esportes. À frente do cortejo havia os clarins, seguidos do Corpo de Couraceiros da Força Pública do estado de São Paulo e de uma banda. Os doutores se apresentavam de beca, as autoridades eclesiásticas em vestes solenes, as autoridades civis em trajes a rigor, desfilando ao peito comendas e medalhas (Jornal **A Cidade**, Ribeirão Preto, 12 de janeiro de 1958).

Na procissão, seguindo os clarins, os couraceiros e a banda vinham: o secretário da Faculdade, os doutorandos, autoridades civis, militares, eclesiásticas, corpo docente da FMRP, representantes do Conselho Universitário, o Diretor da Faculdade e, encerrando o cortejo, o Magnífico Reitor (Jornal **A Cidade**, Ribeirão Preto, 12 de janeiro de 1958).



Figura 73- Cortejo (Corpo Docente). À frente o Secretário José Bento Faria Ferraz

Fonte: MAURO; NOGUEIRA, 2004, p. 225

Em linhas gerais, o cerimonial das primeiras turmas sempre seguiu este ritual, pois Zeferino Vaz fazia questão que a FMRP fosse vista por todos como um centro criador de cultura médica, inteiramente irmanada à Universidade de São Paulo.

Dos cinqüenta alunos que entraram no curso em 1952, quarenta e três colaram grau. O jornal “Diário da Manhã”, do dia 06 de janeiro de 1958, fez questão de publicar a relação nominal destes que foram os primeiros médicos formados pela FMRP.



Figura 74 - Relação dos doutorandos da 1ª Turma da FMRP em 1957

Fonte: Jornal Diário da Manhã, Ribeirão Preto, 06 de janeiro de 1958

Nos anos subseqüentes, até 1975, o número de formados ocorreu na seguinte ordem:

1958 = 39 doutorandos se formaram;	1967 = 100 doutorandos se formaram;
1959 = 39 doutorandos se formaram;	1968 = 82 doutorandos se formaram;
1960 = 54 doutorandos se formaram;	1969 = 77 doutorandos se formaram;
1961 = 60 doutorandos se formaram;	1970 = 82 doutorandos se formaram;
1962 = 63 doutorandos se formaram;	1971 = 74 doutorandos se formaram;
1963 = 83 doutorandos se formaram;	1972 = 106 doutorandos se formaram;
1964 = 89 doutorandos se formaram;	1973 = 99 doutorandos se formaram;
1965 = 70 doutorandos se formaram;	1974 = 103 doutorandos se formaram;
1966 = 82 doutorandos se formaram;	1975 = 111 doutorandos se formaram.

4.5.7 Os Funcionários

Em vários momentos do texto mencionei a participação dos funcionários para que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tivesse êxito em suas atividades. Portanto, da mesma forma como foi destacado o Corpo Docente e o Corpo Discente, não seria justo deixar de mencionar, em breves linhas, a participação dos funcionários da FMRP e, assim, conhecer de forma mais ampla o processo de instalação e desenvolvimento desta Instituição Escolar.

Alguns dos funcionários já viviam na Fazenda Monte Alegre, ou na Escola Prática de Agricultura, e foram aproveitados pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, realizando serviços dos mais variados possíveis. Muitos trabalharam no campo, cuidando das plantações, outros trabalharam como motoristas, tratoristas, porteiros, faxineiros etc. Vários destes funcionários, com o tempo, foram sendo treinados para trabalhar em laboratórios, no biotério, nos departamentos etc., dada à falta de mão-de-obra especializada que havia.

Outros vários funcionários foram contratados para exercerem funções administrativas e laboratoriais, que exigiam conhecimentos gerais de matemática, de língua portuguesa, de contabilidade, de secretariado, de biblioteconomia, de química, de física etc.

Entre os funcionários, figura de destaque foi o Secretário José Bento Faria Ferraz. Antes de ser chamado por Zeferino Vaz para ser Secretário da FMRP, havia sido secretário de Mário de Andrade.



Figura 75 - Secretário José Bento Faria Ferraz e funcionários da Secretaria

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Zeferino Vaz, não havia escolhido bem o tesoureiro da FMRP. A escolha havia recaído no nome de seu irmão Antonio Vaz Sobrinho. Foi somente com a saída dele da tesouraria é que as coisas começaram a melhorar.

Boa parte dos funcionários residia na “Fazenda” em Monte Alegre. Suas casas eram consideradas boas e gozavam do privilégio de morarem numa Fazenda com pomar, horta, criação de animais e, ainda por cima, no local de trabalho, o que os deixavam próximos da família e sem gasto adicional com transporte ou moradia.

Além disso, possuíam um clube sócio-esportivo com salão de festas, restaurante, campo de futebol, o lago e uma praia, criada por eles, na outra margem a que os alunos pertenciam.

A este respeito Dona Luisa Mamede relatou que:

Tinha o clube. Quem organizou o clube para nós foi o seu Herculano. Lá no prédio onde era o clube tinha sido a cadeia que ficaram presos na época da guerra quando ainda era a Escola Agrícola. O seu Herculano fez um salão grande, bonito. Todo sábado tinha o baile e nós dançávamos bastante (Entrevista cedida por Dona Luisa Mamede no dia 05 de julho de 2005).

Na verdade, lendo vários depoimentos em jornais, vendo várias fotos da época e ouvindo o entusiasmo e o saudosismo da Dona Luisa Mamede, quando entrevistada, é fácil notar que os funcionários sentiam-se bem por trabalhar na FMRP e por morar na “Fazenda”. É certo que contratemplos, desavenças, aborrecimentos existiram, mas, na essência, Monte Alegre era um local bom para se viver.

4.5.8 A Escola de Enfermagem

A criação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto se deu pela Lei Estadual nº 1467, de 26 de dezembro de 1951 (em anexo), que estabeleceu as finalidades da FMRP-USP. Em seu artigo 13 ficou estabelecido que:

Fica criada a Escola de Enfermagem anexa à Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nos moldes da Escola de Enfermagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a qual manterá cursos de enfermagem e de auxiliares de enfermagem nos termos da Lei Federal n. 775, de 06 de agosto de 1949 (Cf.: Coleção das Leis e Decretos do estado de São Paulo de 1951. Tomo LXI. 4º trimestre. 1º vol. Imprensa Oficial do estado de São Paulo. p. 249-255. Fonte: IEB-USP – Institutos de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo).

Além da Escola de Enfermagem (EE), a referida Lei também criou o Hospital das Clínicas (HC), ambos anexos a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP). Na verdade, como suas histórias se entrelaçam, fica difícil mencionar uma, ignorando a outra. Por isso, da mesma forma como já foi destacado o Hospital das Clínicas, destacarei, agora, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP). Não se trata de uma história aprofundada sobre a Escola de Enfermagem, mas da relação que ela mantinha com a FMRP.

Para dirigir a Escola de Enfermagem, Zeferino Vaz convidou a Professora Glete de Alcântara. Licenciada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), não chegou a lecionar nesta especialidade. Diplomou-se, posteriormente, enfermeira pela Escola de Enfermagem da Universidade de Toronto, Canadá, e foi Professora da Escola de Enfermagem de São Paulo. Além disso, foi Presidente da Associação Brasileira de Enfermagem e membro da Organização Mundial de Saúde (OMS). Ou seja, reunia qualidades requeridas para organizar e fazer funcionar a EERP (MAURO; NOGUEIRA, *op. cit.*, p. 253).

Antes da criação desta Escola, a situação da enfermagem em Ribeirão Preto não era nem melhor e nem pior do que a de outras localidades: era apenas representativa da realidade brasileira. Na época, década de 1950, a falta de enfermeiras qualificadas tornava o serviço de enfermagem prestado de baixa qualidade, pois um grande número de enfermeiras não tinha sequer o primário completo, sendo, muitas delas, faxineiras ou empregadas domésticas que, após um cursinho rápido e algum tempo de trabalho e experiência, passavam à condição de enfermeira.

Em Ribeirão Preto, o curso de Enfermagem, por ser em nível superior, exigiu dos candidatos exames vestibulares para admissão. Muitos destes alunos, em sua maioria mulheres, preparavam-se nos cursinhos locais junto com alunos candidatos a Faculdade de Odontologia e Farmácia e a Faculdade de Medicina.

A Escola de Enfermagem iniciou suas atividades escolares em janeiro de 1953, com a abertura da inscrição para o concurso de habilitação (vestibular). O concurso era composto de provas nas áreas de Biologia, Física e Química, além de teste psicológico. No seu primeiro ano de funcionamento, inscreveram-se 30 candidatas e apenas 15 foram habilitadas (Cf.: Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC).

As finalidades da Escola de Enfermagem eram:

a) ministrar, desenvolver e aperfeiçoar o ensino da enfermagem; b) realizar investigações científicas no campo da enfermagem; c) preparar enfermeiras para atenderem diretamente ao paciente em hospitais e unidades sanitárias e para exercerem funções administrativas nos serviços de enfermagem dos mesmos; d) contribuir nos limites de sua competência para a solução dos problemas de saúde da comunidade (Jornal **Diário de Notícias**, Ribeirão Preto, 01 de maio de 1962).



Figura 76 - Aula do curso de Enfermagem. De vestido preto a Profª Glete de Alcântara ao lado do Dr. Paulo Gomes Romeo Diretor do HC

Fonte: Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

A princípio, a EERP foi instalada numa casa, ao lado do HC-cidade, onde seria a Maternidade Sinhá Junqueira e, logo depois, passou para o Palacete Inechi, situado no centro da cidade, onde permaneceu até sua transferência para Monte Alegre em meados da década de 1970.

A relação entre a FMRP e a EERP foi muito boa. O HC passou a ser beneficiado com uma mão-de-obra qualificada. Além de atuarem no HC, as enfermeiras também atuavam em Postos de Saúde, nas fazendas da região, em domicílios etc. Havia entrosamento com vários departamentos da FMRP com destaque ao Departamento de Pediatria.

A instalação da Escola de Enfermagem e sua relação com a FMRP e o HC foi fator que contribuiu para que o atendimento médico produzisse efeitos qualitativos.

SEGUNDA PARTE:

**CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS
PROBLEMAS OBSERVADOS DURANTE A
PESQUISA**

CAPÍTULO III

CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS PROBLEMAS OBSERVADOS DURANTE A PESQUISA

Neste momento caracterizarei e analisarei alguns problemas que considero importantes serem discutidos para ajudar a compreender melhor a relação entre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e a sociedade que a produziu e a moldou.

Desta forma, apresentarei cinco problemas, dos quais cada um terá dois subtítulos: a) **caracterização**: em que serão colocados trechos das entrevistas onde os problemas aparecem; b) **análise**: onde serão analisados os problemas levantados na caracterização, partindo do que os entrevistados pensam e falam sobre sua realidade, assim como, discutir, quando possível, o problema em questão, apoiado no referencial teórico apresentado no início deste texto.

Abordarei, então, os cinco problemas de forma que haja uma compreensão melhor da relação entre escola e sociedade, dentro do limite proposto para este trabalho, ou seja, o de realizar um levantamento histórico do processo de criação, instalação e desenvolvimento da FMRP no período entre 1948 e 1975, partindo do seu contexto histórico mais amplo até chegar ao seu enfoque mais específico, isto é, conhecer suas características, elementos constituintes e, sobretudo, seu sentido social.

Sei que, neste momento do trabalho, outros problemas podem ser suscitados pelo leitor, mas, o que aqui procuro, ao apresentar estes problemas, é estar certo que poderei analisá-los respeitando as fontes que me auxiliaram na construção do texto (documentos e entrevistas) e respeitar o recorte histórico proposto (1948 a 1975).

5.1 Primeiro Problema. Uma Escola destinada a quem?

a) Caracterização do problema:

Este primeiro problema levantado tem como objetivo conhecer o perfil do aluno que estudou na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no período correspondente à pesquisa (1948-1975). O que me motivou a levantar esta pergunta foi o fato de a medicina ser uma profissão de reconhecida tradição. Há muito tempo, ser médico significa ter prestígio, *status* e destaque social, tanto para o núcleo familiar como para a sociedade em geral. Por isso, gostaria de saber quem foi o aluno que estudou na FMRP no período histórico proposto (1948–1975), qual sua origem social, qual seu percurso escolar, qual sua posterior inserção profissional, porque a escolha desta carreira etc., enfim, conhecendo o perfil do aluno que estudou na FMRP saberia a quem esta Escola é destinada.

Porém, antes gostaria, **brevemente**, de retratar o desenvolvimento da profissão médica, por meio de uma abordagem histórica. Afinal, o prestígio desta profissão foi construído socialmente e ao longo da história. Desta forma, retratarei os antecedentes da profissão de forma superficial, pois não é este o escopo deste trabalho; sua função será apenas ilustrativa e servirá para enriquecer a análise proposta.

De acordo com Starr, citado por Machado:

Em tempos dos romanos, os médicos foram primordialmente escravos, libertos e estrangeiros, e a medicina se constituía em uma ocupação inferior. Na Inglaterra do século XVIII, embora se situassem acima dos cirurgiões e boticários, os médicos ocuparam apenas uma posição de classe média e tinham que lutar para ter patrocínio dos ricos com a esperança de comprar uma casa ou um título. Na França do século XIX e princípios do século XX, era comum que os médicos fossem pobres e poucos tinham êxito. Conscientes de que a medicina era um caminho inadequado para alcançar uma posição elevada, buscavam mais um ideal de cultura geral que um logro profissional (STARR *apud* MACHADO, 1995, p. 32-33).

No Brasil, a história da profissão médica também acompanhou um percurso de desprestígio e baixo *status* social. De acordo com Lycurgo dos Santos Filho, citado por Machado:

De humilde condição, simples homens de ofício, por todo decorrer do século XVI e ainda do XVII, são quase todos judeus, cristãos-novos, ou meio cristãos os que vêm exercer profissão médico-farmacêutica. Nômades, como costumavam ser na Europa, perambulam de vila em vila, de povoado em povoado. Caminham léguas e léguas, chegam aonde não existem outro, a clientela afluí, praticam e ganham algum dinheiro. Ficam até que passe o sabor da novidade – um profissional na terra! – e, quando rareiam os fregueses, partem novamente para outra povoação, outro engenho, outras regiões. Uns tantos empregam-se no serviço dos donatários, dos capitães-gerais, dos senhores de engenho. Não passam de criados, serviçais de seu ofício (SANTOS FILHO *apud* MACHADO, 1995, p. 33).

No entanto, o autor admite que havia exceções quanto à posição social:

Foram os “licenciados” que desempenharam o cargo de físico-mor de Salvador, instituído no governo de Tomé de Souza. Tinham diploma. Possuíam carta de “licença” e gozaram de certo prestígio, certa consideração (id., ib., p. 33 grifo meu).

Na verdade, a profissão médica ganhou a dimensão e a credibilidade social que hoje tem em todo mundo, principalmente quando os médicos adquiriram o monopólio de praticar a medicina de forma exclusiva, colocando na ilegalidade e clandestinidade todos os praticantes “curiosos” deste ofício.

A medicina elaborou um projeto bem sucedido, criando uma aliança com o Estado, que produziu efeitos positivos à profissão. A prática exercida por pessoas não habilitadas (sem diploma) passou a ser reconhecida pela justiça como charlatanismo, isto é, como prática ilegal passível de penalidades. Além disso, a profissão médica desenvolveu mecanismos fortemente ideológicos, que fizeram com que os médicos passassem a ser considerados e reconhecidos como profissionais essenciais aos sistemas de saúde acumulando, com isso, prestígio e poder. Ademais, os avanços tecnológicos, principalmente após a 2ª Guerra Mundial, ao mesmo tempo em que abriram novos mercados e novas especialidades, produziram também um acúmulo considerável de poder de decisão nas mãos dos médicos no que se refere à formulação de políticas de saúde (MACHADO, 1995, p. 24-25).

A revolução científica, fruto dos séculos XIX e XX, permitiu grandes avanços no campo das ciências médicas. O conhecimento médico e, conseqüentemente, a prática profissional adquiriram feições científicas. A consulta e a análise clínica passaram a ser a conduta-padrão de um bom médico, dando-lhe poder, prestígio e crédito junto ao paciente. Este poder assumiu feições econômicas. Em quase todo o mundo, em especial nos países desenvolvidos, a atividade médica é uma das atividades mais rendosas entre os profissionais denominados *white-collars* (colarinhos brancos) (id., ib., p. 25-26).

A medicina moderna do século XX buscou, primeiramente, produzir crédito social, validando seus serviços como bens sociais capazes de promover o desenvolvimento social da coletividade; em segundo lugar, fundar seu conhecimento e sua prática profissional na racionalidade científica; terceiro, basear a autoridade técnica do médico na *expertise* técnica, no conhecimento especializado, da mesma forma que seu trabalho tem, em si mesmo, um forte apelo ético alicerçado em um código de atitudes profissionais que rege o ato médico. O fato de a medicina atualmente configurar-se como uma profissão de grande sucesso profissional e de reconhecimento em todo o mundo a torna uma profissão de alta adesão de seus membros ao projeto profissional, o que significa dizer que, uma vez médico, raramente abandona-se o ofício (MACHADO, op. cit., p. 23 – 24).

Após esta breve explanação histórica da profissão médica, chegou a hora de conhecer, pelos depoimentos dos entrevistados, qual o perfil do aluno que estudou na FMRP. Como disse em outra passagem deste texto, o número de entrevistados não me pareceu reduzido e a razão desta afirmação está no fato de cada entrevistado reportar-se aos demais formando com dados e informações que indicam serem histórias de vidas comuns aos médicos formados nesta Faculdade, no período entre 1948–1975. Desta forma, farei transcrições de alguns trechos de depoimentos que revelam um pouco suas histórias social, escolar e profissional.

Depoimento da Dr^a. Lília Köberle:

Qual a escolaridade dos seus pais? Meu pai e minha mãe tinham o ensino superior. Me pai era advogado e minha mãe era professora de educação na Escola Normal.

Eram proprietários de terras? Ambas as famílias (tanto a do meu pai quanto a da minha mãe) eram de fazendeiros de café em Ribeirão Preto. A minha bisavó materna – ela e o marido – quando se casaram ganharam uma sesmaria do Imperador. Eles eram grandes agricultores. A fazenda de café era lindíssima e ia de Serra Azul em Ribeirão Preto até Guataporã. Do lado do meu pai também, mas do lado do meu pai não era de sesmaria, porque a família da minha mãe veio do Rio de Janeiro... era o pessoal da Corte e os noivos ganharam a sesmaria e vieram para cá. A família do meu pai era mineira e eles chegaram ao estado de São Paulo através de compras de terras e do comércio (comércio de café, algodão, amendoim)... eram agricultores.

Quais eram as formas de lazer dos seus pais? Minha mãe, pela educação que teve, gostava muito de ler, de declamar poesias.. ela falava inglês, francês, tocava piano... era uma pessoa muito culta. Meus pais se casaram e foram para Araçatuba. Lá foi interessante, porque ela encontrou um grupo de professores também cultos assim como ela, que estudaram em São Paulo e vieram para o interior para começar a vida... e em Araçatuba eles organizaram um grupo de teatro... isso minha mãe, que era um pessoa mais dada a arte. Meu pai era advogado e gostava muito de estudar; era uma pessoa muito alegre, gostava muito de conversar e o grande hobby do meu pai era ser “rotariano”. Ele foi um dos fundadores do Rotary e a paixão dele

era ir lá e conversar. Meu pai era político. Foi vereador, presidente da Câmara... ele era muito influente... foi muito amigo do Juscelino Kubitschek... do Ulysses Guimarães... eu lembro que ia almoçar de domingo na casa do Ulysses Guimarães; ele morava em Lins e era advogado também. O Ulysses Guimarães era de Rio Claro e se formou com o meu pai; só que meu pai foi para Araçatuba e ele foi para Lins.

Quais eram as suas formas de lazer? Em Araçatuba... o grande prazer da gente era ir à escola. A escola era grande e tínhamos clube de ciências, fanfarra, clube de vôlei... e tinha na cidade o clube que nós íamos nadar, andávamos de bicicleta... era muito bom. Eu também tocava piano, bordava ... essas coisas de menina da época.

Com que idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou? Eu comecei o primário em casa. Minha mãe era professora e me alfabetizou com seis anos. Ela arranjou um grupo de crianças filhos das amigas dela – cinco crianças entre meninos e meninas – que ela alfabetizou em casa. Depois, com seis anos de idade, nós entramos no Grupo Escolar, onde ela era Diretora e a filha da Diretora (eu) tinha que ser sempre a primeira da classe. Essa era minha incumbência.

Como se sustentava para manter os estudos na FMRP? Era com mesada e eu morava na casa do meu avô. Morava na casa da família.

Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam? Havia... e alguns alunos trabalhavam geralmente dando aulas em cursinhos, com representação farmacêutica, vendendo livros etc.

Sente-se realizada com que faz? Muito. Sinto-me muito realizada com que faço.

O que é ser médico? A medicina sempre fez parte da minha vida, sempre estive junto. É uma forma de eu ser. Eu sou médica!

Qual a sua ascendência? Portuguesa.

(Entrevista concedida pela Dr^a Lilia Köberle)

Depoimento do Dr. Segundo Amarille Fiorani:

Qual a escolaridade dos seus pais? Tanto meu pai quanto minha mãe fizeram o curso primário apenas para aprender a ler e a escrever. Minha mãe mal sabe ler e escrever e ela está viva e mora comigo.

Eram proprietários de terras? O meu pai era ferreiro e tinha uma oficina de ferraria e carpintaria. Ele arrendava terra também. Consertava carroceria de caminhões, de carroças, de carros-de-boi e fabricava alguns móveis. Na época das chuvas, ele arrendava terra para fazer plantio. Mas, proprietário mesmo, ele era da oficina de ferraria e carpintaria.

Quais eram as formas de lazer dos seus pais? Do meu pai era caçar e pescar e da minha mãe era doméstica; ela fazia crochê... essas coisas assim.

Quais eram as suas formas de lazer? Em Minas Gerais a única forma de lazer que a gente tinha era caçar e pescar. Eu também jogava bola, mas era pouco.

Com que idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou? Com 14 anos fiz o primário lá em Minas Gerais e o curso era muito bom. Fiz o ginásio também em Minas Gerais. Depois eu fui para São Paulo para trabalhar e estudar. Fui para São Paulo com 17 anos e lá eu fiz o científico no Colégio Paulistano, à noite, e trabalhei durante o dia. Eu trabalhava em escritório de contabilidade. Cheguei a trabalhar com o Lucas Nogueira Garcez.

Eu sempre estudei em escolas particulares. O Colégio Paulistano em São Paulo era particular, em Musambinho o ginásio, o liceu também eram particulares.

Eu entrei na escola direto na quarta série com 12 anos de idade, é que meu avô (que era italiano) era um excelente professor e ele me ensinou muita coisa. Aprendi muito com ele. Para entrar no ginásio eu fiz o curso de admissão que era difícilimo, mas eu entrei.

Enquanto cursou a Faculdade de Medicina o senhor precisou trabalhar? Não. Nem dava para trabalhar porque tinha que estudar o dia todo... meu pai também melhorou de vida e ele podia me ajudar.

Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam? Não me lembro, mas devia ter algum que era representante de laboratório farmacêutico.

Sente-se realizado com que faz? Sinto. Eu fiz aquilo que eu gostaria de fazer. E ainda continuo aqui trabalhando.

Qual a sua ascendência? Italiana.

(Entrevista concedida pelo Dr. Segundo Amarille Fiorani)

Depoimento do Dr. Joaquim A. Portugal da Silva:

Qual a escolaridade dos seus pais? Meu pai e minha mãe foram à escola apenas para aprender a ler e a escrever. Eles tiveram, em média, apenas dois anos de escola primária. Naquele tempo, eles tinham que ser um pouco grandes para poderem ir a cavalo ou mesmo a pé na escola, porque a distância geralmente era longa. Eles aprenderam apenas a ler e a escrever. Minha mãe lia muito, ela devora livros e tinha muito apreço pela educação.

Eram proprietários de terras? Meu pai era um pequeno proprietário rural e, depois, se tornou comerciante, sendo proprietário de um Bar-Restaurante. Mas, eram considerados pobres.

Quais eram as formas de lazer de seus pais? Minha mãe lia muito e meu pai só trabalhava... ele gostava de futebol, jogava futebol nos domingos.

Com que idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou? Eu estudei minha vida toda em escola pública. Eu comecei a estudar aos sete anos num grupo escolar em Sertãozinho; depois, fui para o ginásio e fiz o científico no Colégio Otoniel Motta, em Ribeirão Preto.

Enquanto cursou a Faculdade de Medicina o senhor precisou trabalhar? Na época da Faculdade... era tempo integral, eram oito horas de estudo e à noite tinha que estudar... mas sim, eu trabalhei dentro das possibilidades... eu fui propagandista farmacêutico do laboratório Biossintético, no quarto ano, em 1969, e novamente de outro laboratório em 1971; e eu fazia propaganda dentro do Hospital das Clínicas, então eu trabalhei dois anos e ganhava um salário mínimo que era uma bolsa, uma ajuda de custo, mas que ajudava muito. Eu trabalhei dois anos, mas eu não conseguia me sustentar; esse dinheiro era mais para a minha farra, minha mãe e meu pai me davam mesada; mas era pouco, muito pouco... eu tinha uma qualidade de vida um pouco melhor, podia tomar um chopp, no Pingüim, porque eu trabalhava.

Em relação à sua turma havia alunos que trabalhavam? Na República que eu morava todos trabalhavam com laboratórios, no Hospital das Clínicas. Enquanto estávamos cursando o básico, poucos foram os alunos que trabalharam porque não havia tempo, era muito tempo dedicado aos estudos, era de manhã, à tarde e à noite. Eu tinha um amigo que vendia livros, mas só no começo do ano, ele montava uma banquinha e vendia.

De forma geral, qual era o perfil social dos alunos? Eu acredito que os alunos eram da classe média. Alguns da classe média baixa e outros da classe média alta, mas eram da classe média.

Sente-se realizado com que faz? Muito. E acredito ter influenciado dois filhos que optaram pela medicina, um já é médico e o outro está cursando medicina.

Qual a sua ascendência? Meus pais eram descendentes de portugueses. Somos uma família de origem portuguesa.

A partir destes depoimentos analisarei, embasado principalmente no referencial teórico deste trabalho, a relação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto com a sociedade da qual ela está inserida.

b) Análise do Problema:

Como visto nestes depoimentos, de forma geral, o perfil do aluno que estudou na FMRP no período entre 1948 e 1975 se traduz entre aqueles que advêm de uma classe social economicamente e culturalmente abastada, em que os pais tinham ensino superior, eram fazendeiros, nutriam hábitos culturais, mantinham relacionamentos com pessoas importantes etc.; e de outro lado, o aluno pertencente a uma classe social menos favorecida, ou seja, de uma classe social cujos pais freqüentaram poucos anos a escola, eram trabalhadores manuais, pequenos proprietários etc.; entretanto, que sabiam perfeitamente a importância dos estudos, proporcionando condições físicas e materiais para que o filho estudasse.

Com efeito, a conscientização da importância dos estudos era um fator que permeava a vida do imigrante (observe a ascendência dos depoentes), ou seja, com maior ou com menor propriedade cultural, o fato é que o imigrante via na escola (na educação), uma forma de ascensão ou de manutenção cultural e/ou econômica. Ainda mais quando esta escola era uma escola de medicina cujo curso, como vimos, é sinônimo de prestígio e *status*.

Seus pais te incentivaram nos estudos? Meu pai trabalhou muito para isso e minha mãe tinha como meta que nós (eu e meu irmão) nos formássemos em medicina.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva)

Seus pais te incentivaram nos estudos? Sim. Eles sempre me apoiaram.

(Entrevista concedida pelo Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior)

Seus pais te incentivaram nos estudos? [...] Meus pais sempre me apoiaram tanto do ponto de vista financeiro, como emocional, profissional...

(Entrevista concedida pelo Dr. Segundo Amarille Fiorani)

Neste sentido, quando a FMRP iniciou suas atividades, abriu a possibilidade de estudos para alguns jovens filhos, na maioria, de imigrantes. Como era difícil o acesso a seus estudos, somente um público seletivo e diferenciado conseguia transpor as barreiras impostas. A prova seletiva (o exame de admissão) era apenas uma etapa formal necessária; a reboque dela, o aluno deveria trazer consigo todo um arcabouço cultural, econômico e social que lhe propiciasse e garantisse condições necessárias para, além de iniciar o curso, posteriormente também se manter nele. Cabia, portanto, ao aluno além de deter condições econômicas e materiais, ter capacidade intelectual necessária para entrar no curso, se manter nele e, posteriormente, exercer autonomamente sua profissão.

De acordo com depoimentos de alguns ex-alunos entrevistados:

Tinha que estudar e muito. No último ano a prova de cirurgia foi oral. Os professores sentaram numa muretinha um metro mais alta que a gente e a prova foi oral. Primeiro perguntava um professor, depois outro e depois outro. Não era fácil não.

(Entrevista concedida pelo Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior)

No primeiro ano era massacrante, era só anatomia. Era anatomia, estatística, psicologia, mas anatomia era a mais massacrante, pois era em tempo integral, inclusive nós tínhamos aulas o dia todo até de sábado das sete da manhã às sete da noite.

(Entrevista concedida pela Dr^a. Lilia Köberle)

Na minha época havia o jubilato e o jubilato pegava alguns alunos, geralmente aqueles que vinham por convênio, porque eles vinham muito mal preparados. Nós estávamos acostumados a estudar, no cursinho isso já era uma prática, ou seja, se tivesse que estudar doze horas por dia a gente estudava... agora, quem não fosse disciplinado nos estudos, então reprovava.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva)

Compreendendo a realidade a partir da estrutura econômica é possível verificar que a carreira escolar do aluno da FMRP era determinada por sua origem social e cultural, associada à sua origem econômica, fatores essenciais que determinaram seu sucesso escolar. Ou seja, estamos falando dos **herdeiros** de um capital cultural e econômico.

Na verdade, as referidas relações de força, que estariam na origem de todo o processo de reprodução social, para Bourdieu-Passeron, são constituídas, pelas diferenças nas posses de bens materiais, isto é, naquilo que Bourdieu chama de campo econômico. É essa posição de força, possibilitada pela posse diferencial de bens econômicos, que permite que os grupos assim privilegiados confirmem um valor diferencial à posse de bens simbólicos (cultura, educação, maneiras, etc.), a qual, por sua vez, permitirá que se transmutem em naturais e justas aquelas diferenças econômicas iniciais (SILVA, 1992, p. 31-32).

A origem cultural e social dos ex-alunos da FMRP pode ser definida como resultado de uma prática vivenciada e de um *habitus* (um sistema de disposições duráveis socialmente constituídos que é resultado de antecipações práticas que repousam sobre experiências anteriormente adquiridas) interiorizado por eles, no decorrer de suas vidas. Este sistema de disposições duráveis, de acordo com Bourdieu, é apropriado pelos indivíduos por meio do processo de socialização por eles vivenciados, em um primeiro momento, no meio familiar, e adquirido pelas experiências reproduzidas neste contexto.

Tinha parentes ou amigos que cursavam faculdades? Tinha sim. Na minha família teve uma época que cada parente... cada irmão do meu avô ou do meu pai tinha um filho médico. Na minha geração tinha uns quatro médicos, na geração anterior tinha uns oito... nessa geração dos meus filhos é que os médicos sumiram. Dos netos do Fritz Köberle só tem um médico.
(Entrevista concedida pela Dr^a Lilia Köberle)

Tinha parentes ou amigos que cursavam faculdades? Tinha sim. Tinha alguns amigos, alguns primos.
(Entrevista concedida pelo Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior)

Tinha parentes ou amigos que cursavam faculdades? Meu irmão fazia medicina.
(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva)

Tinha parentes ou amigos que cursavam faculdades? Tinha. Lá no Panamá era comum os jovens cursarem alguma Faculdade. Era comum sairmos para estudarmos em outros países.
(Entrevista concedida pelo Dr. José Agustín Carrasco Mandeville)

A existência do *habitus* é o efeito de um longo processo de aprendizagem que se adquire pelas vivências em diversos campos sociais e se caracterizam como uma ação pedagógica, resultando em um processo de inculcação e assimilação. Mesmo cessando a ação pedagógica, este conjunto de práticas e disposições continuam permitindo aos indivíduos a formação de um sistema de orientação na sociedade.

Assim, todas as experiências acumuladas ao longo deste percurso individual (ou em grupo) produzem os esquemas de percepção, de pensamento e de ação que conduzem os indivíduos em suas práticas e ideologias.

Na concepção de Bourdieu, as práticas e ideologias poderão ser atualizadas em condições favoráveis nos diferentes campos. Assim ele relata:

[...] *habitus* como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhes propiciam uma posição e uma trajetória determinadas no interior de um campo intelectual que, por sua vez, ocupa uma posição determinada na estrutura da classe dominante (BOURDIEU, 1992, p. 191).

O *habitus* é produzido a partir da influência das determinações dos campos externos, encontrados no capital econômico, cultural, social e no *ethos* (sistema de valores), que formam a herança cultural que cada família transmitirá a sua descendência. Essa herança cultural, o capital cultural, é transmitido pelo meio familiar, por intermédio de conhecimentos, saberes, posturas, informações que são herdados e diferem segundo a origem social dos grupos dos agentes. São capitais simbólicos.

A transmissão desta herança ocorre com o sistema de **estratégias de reprodução** que, segundo Bourdieu, são “seqüências objetivamente ordenadas e orientadas de práticas que todo o grupo deve produzir para reproduzir-se enquanto grupo [...] (BOURDIEU *apud* NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 115).

Deste modo, o investimento educativo, em particular, é o responsável pela transmissão do capital cultural. Esta transmissão está ligada à dependência do rendimento escolar, ao investimento prévio de capital cultural da família e ao capital social herdado.

Na verdade, o grau de escolarização dos filhos varia conforme a posição da família na estrutura da sociedade, isto é, dependendo da inserção em uma classe ou camada social, a família estabelece limites na escolarização e delimita o acesso dos filhos a instituições de ensino de qualidade diferenciada como é o caso da FMRP. Além disso, os fatores de ordem cultural presentes nas famílias também direcionam os investimentos e as oportunidades de escolarização dos filhos (ROMANELLI, 1995, p. 448).

Neste sentido, pode-se definir que o capital cultural delega ao seu possuidor a capacidade de transitar, perceber e conviver com o ambiente escolar, facilitando a apropriação das particularidades no seu trajeto escolar permitindo, assim, manter e ampliar seu capital

cultural. O *ethos* também contribui para definir e manter estas atitudes, sendo formado por um conjunto de valores que sustentam esta situação.

Desta forma, percebe-se que o investimento educativo possibilita o acesso às carreiras de maior prestígio e, associado às condições sociais dos alunos, determina as aspirações futuras e delimita o grau em que estas podem ser satisfeitas.

Para Bourdieu, o sistema de ensino contribui diretamente, mas não unicamente, para a reprodução das classes sociais. A escola exerce um papel determinante na reprodução da distribuição do capital cultural e na reprodução da estrutura do espaço social, tornando-se um trunfo fundamental nas lutas pelo monopólio das posições dominantes.

A escola, no geral, e a FMRP, em particular, por meio de seu currículo, sua linguagem, sua arquitetura, seus rituais, a utilização do tempo e pelo *status* do seu curso (como pôde ser visto na primeira parte deste trabalho), tem como função precípua legitimar as desigualdades produzidas no âmbito familiar. Ou seja, ela contribui para que as desigualdades não sejam atribuídas às injustiças socialmente produzidas, mas à falta de capacidade e talento na aquisição escolar da cultura.

O modelo pedagógico da FMRP é como uma espécie de enigma escrito numa linguagem cifrada, que pode ser decifrada por aqueles que receberam a chave de decifração noutra local, ou seja, na família e nas escolas freqüentadas. É este mecanismo de ocultação que permite aos **herdeiros das classes dominadas** sentirem seu fracasso escolar como um fracasso individual e, não, como um fracasso socialmente provocado pelo fato de a FMRP usar um código do qual eles não possuem a chave, isto é, o código da cultura dominante.

Em suma, para Bourdieu as classes dominantes dispõem de um capital cultural mais importante que as demais classes (classes desfavorecidas) e, em virtude disto, conseguem uma melhor colocação escolar nos melhores estabelecimentos de ensino como é o caso da FMRP. Pela apropriação do capital cultural, estes alunos estarão melhores preparados para o ingresso em carreiras de maior prestígio, de maior concorrência como, por exemplo, a medicina.

Noutro sentido, como havia proclamado no referencial teórico que buscava uma compreensão mais ampla e completa da instituição estudada e, com isso, entenderia melhor a quem esta Escola se destina, analisarei, agora, a relação da FMRP com a sociedade a partir da perspectiva de André Petitat. Para este autor, a escola possui aspectos criativos e produtivos na construção de novas realidades, ou seja, a escola é compreendida como um cruzamento de atores vivos (professores, alunos, dirigentes), engajados numa autoconstrução que não se reduz a uma ação meramente reprodutora e, sim, capaz de modificar seus utilizadores e influenciar a estrutura social.

De acordo com esta perspectiva, a teoria da reprodução supõe uma sociedade em que os interesses e a ideologia da classe dominante são impostas sobre a classe dominada, sem haver, por parte desta última, praticamente nenhuma resistência. Esta descrição, no entanto, não corresponde ao que ocorre na realidade em que os trunfos designados da classe dominante nunca são definitivos, porque eles são continuamente contestados, estão permanentemente em conflito com os da classe dominada. Neste sentido, a teoria da reprodução ignora o conflito, as contradições e a resistência, ao se basear num esquema que tende a congelar e a ignorar a história, focalizando e isolando um momento específico, sem levar em conta a perspectiva histórica de longa duração. De forma geral, os atores sociais não são passivos, como a teoria reprodutiva o supõe. A dinâmica social é feita de mais conflito, luta e contradição do que a teoria da reprodução quer admitir.

Alguns depoimentos coletados durante as entrevista exemplificam o exposto:

Eu nasci na cidade de Cravinhos que é uma cidade antiga. Fiz meus estudos primário e ginásial em Cravinhos e vim para Ribeirão Preto fazer o curso científico. Não pensei que faria medicina, mesmo porque, na ocasião, não tinha condições econômicas. Meu pai era marceneiro e minha mãe costureira; por isso, não tinham, evidentemente, condições financeiras. Mas, tudo deu certo e ingressei na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, em 1955 formando-me em 1960. Fiz dois anos de residência no Hospital das Clínicas aqui da Faculdade. Fiz esses dois anos de residência e depois fui contratado para trabalhar no Departamento de Clínica Médica. Fiz doutorado, mas, no meu tempo, não tinha doutorado como nos moldes atuais. Fazia-se uma tese de doutoramento sem cumprir as exigências que hoje são feitas. Fiz meu doutorado em 1969. Depois fiz minha docência e, em 1990, fiz meu concurso para professor titular da Clínica Médica. Eu me especializei em Gastroenterologia Clínica e estou, até hoje, fazendo a minha gastroenterologia clínica. Não tenho consultório médico, porque sempre trabalhei em regime de dedicação exclusiva desde o começo. Atendo alguns casos na “clínica civil”, aqui dentro do Hospital das Clínicas. Sabe... no dia 24 de agosto de 1954, portanto, há cinqüenta anos, eu estava fazendo meu cursinho e de manhã fui na aula do cursinho e naquele dia não teve aula. Não teve aula por um motivo muito justo. Naquela manhã o Presidente Getúlio Vargas havia se suicidado. O Brasil estava em comoção e não se podia dar aula. Então, nossos professores, que eram alunos da Faculdade, resolveram trazer a turma para conhecer o campus de Monte Alegre. Eu não o conhecia até então. Praticamente há cinqüenta anos eu vim pela primeira vez aqui e naquele dia eu tive uma intuição. Eu achei tão bonito esse *campus*! Qualquer coisa me dizia que eu passaria minha vida inteira aqui.

(Entrevista concedida pelo Dr. Ulysses Meneghelli)

[...] Naquela época, o país era essencialmente rural, eu acho que oitenta por cento das pessoas viviam no meio rural. Eu mesmo morei no sítio durante muito tempo, mas aí começou a haver um êxodo rural e eu fui para a cidade. Meus pais continuaram no sítio. Eu fui para a cidade (São José do Rio Preto) para poder estudar. Fiz o ginásio e o colégio em escola pública, na única escola pública de São José do Rio Preto.

Quando terminei o colegial, nós estávamos com alguns problemas sérios. Primeiro que meu pai havia ficado cego. Segundo, que passamos a ter alguns problemas financeiros e precisamos vender o sítio. Meu irmão mais velho já estava fazendo medicina aqui em Ribeirão Preto e o outro irmão estava fazendo economia. Sem dinheiro, eu não podia vir para Ribeirão Preto prestar vestibular [...] fiquei trabalhando numa empresa e estudando em casa. Meu irmão mandava apostilas para mim porque eu não tinha dinheiro para pagar cursinho. No ano seguinte, prestei Medicina em Ribeirão Preto e passei.

Eu fiz Medicina aqui na Faculdade de Ribeirão Preto e depois Pós-Graduação em Bioquímica. Em seguida, fiz o Pós-Doutoramento em Londres, em Neuroquímica – que é a bioquímica do sistema nervoso. Eu não tenho residência médica, comecei a fazer em neurologia, mas como fui nomeado professor parei a residência.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Coutinho Netto)

Meu pai era lavrador. Meu irmão mais velho (que também é médico) estudou numa escola rural, ia a cavalo à escola... minha mãe disse um dia a meu pai: nossos filhos vão ser médicos. Eles trabalharam até velhinhos para que a gente se formasse.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Portugal A. da Silva)

Ao enfatizar sua função reprodutiva, a teoria da reprodução estaria, naturalmente, minimizando o papel da educação (da escola) no processo de transformação e mudança social. Porém, a dinâmica educacional contrapõe-se, em certas circunstâncias, à dinâmica reprodutiva contribuindo, desta forma, para uma certa **transformação da sociedade**, ou seja, para sua **produção**. A educação também gera o novo, cria novos elementos e novas relações, gera resistências que vão produzir situações que não constituem mera repetição das posições anteriores. Em suma, a educação nesta perspectiva não apenas **reproduz**, ela também **produz**.

A educação seria, então, ao mesmo tempo, reprodução e produção, inculcação e resistência, continuidade e descontinuidade, repetição e ruptura, manutenção e renovação. É nesta dialética entre a reprodução do existente e a invenção do novo que se move a sociedade. Seria justamente a tensão constante entre estes dois pólos que caracterizaria o processo de funcionamento da educação (da escola).

A potencialidade produtiva da educação poderia ser usada para outros propósitos que não os da dominação, da submissão e da desigualdade. As possibilidades produtivas da educação centram-se no conhecimento. Sabemos que o conhecimento produz principalmente poder (como mostrou Foucault), mas também sabemos que o conhecimento produz seu

inverso, ou seja, resistência e contestação, libertação e transformação social. É neste sentido que ocorre a participação da escola na produção da sociedade.

De acordo com Petitat, dentro da realidade mutante e evolutiva, produção e reprodução aparecem como dois aspectos emaranhados, ou seja, a escola não faz mais do que produzir as condições de reprodução dos grupos sociais em posição dominante ou dominada, enquanto que participa da produção e da transformação destes mesmos grupos (PETITAT, 1994, p. 194).

De acordo com o autor:

[...] vimos como ela (a escola) transformou o comerciante em um homem capaz de ler e escrever e até mesmo em um homem culto. Sob o Antigo Regime, o colégio escolariza e difunde um humanismo que passa a servir de referência à “gente graúda”, que começa a tomar consciência de sua originalidade no sentido negativo, pois já não era povo, classe da qual se distancia, nem era nobreza, classe da qual procura tomar parte. No sentido oposto, a escola elementar de caridade parece limitar-se estritamente a reproduzir a ordem moral e política; mas, ao mesmo tempo, contribui para produzir uma das mais profundas transformações culturais, participando do movimento que fez recuar a cultura popular oral (id., ib., p. 193-194).

Por fim, a análise feita a partir da teoria de Pierre Bourdieu ajuda a superar uma visão ingênua da função social da escola, principalmente, aquela que impõe à escola a missão de mudar a sociedade como se ela fosse a única responsável por isso. Por outro lado, esta teoria dificulta que se conceba a escola como uma instituição capaz de criar, de ser um espaço para autonomia, pois nega a possibilidade de construir novas realidades.

Foi a partir da teoria de André Petitat que resgatei esta dimensão “utópica” da escola. Ou seja, conhecendo em linhas gerais o perfil do aluno que estudou na FMRP e analisando sua história, no que se refere à sua relação com a sociedade, percebi que ela, a FMRP, se destinou a formar jovens capazes de assumir a direção da sociedade sendo, por isso, uma instância produtiva capaz de gerar mudanças na sociedade. O jovem que nela ingressava buscava também o reconhecimento social por meio da cultura por ela transmitida. Diferenciava-se tanto pelo aspecto financeiro, como pela potencialização da cultura, pela aquisição de um diploma, pelo *status* adquirido na medicina e pelas relações sociais adquiridas nos anos que nela estudou. Este jovem que estudou na FMRP sofreu interferência e interferiu no contexto social que esteve inserido.

5.2 Segundo Problema. Uma Escola de Promoção Social ou uma Escola Assistencial?

a) Caracterização do problema:

Ao levantar este problema meu objetivo foi deixar claro que a FMRP foi (e é) uma Escola de Promoção Social. Ela não é uma Escola meramente assistencial. A FMRP é uma Escola que, desde a sua criação e instalação, se estruturou em princípios investigativos. O médico que nela se forma (o pesquisador) é capacitado para restaurar e a promover a saúde.

Eu vejo a FMRP como algo muito grande. Como um grande foco de pesquisa. Eu acho que a FMRP hoje e sempre foi um grande difusor de sabedoria para o interior. Qualquer problema também é muito mais fácil de se chegar à FMRP do que à USP de São Paulo. Na USP de São Paulo é muito mais complexo.

(Entrevista concedida pela Dr^a. Lilia Köberle)

O que diferencia a FMRP de outras Faculdades eu acredito que seja a pesquisa. Para você ter uma idéia o Capítropil foi descoberto na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e o mundo inteiro usa esse remédio.

(Entrevista concedida pelo Dr. José Augustin Carrasco Mandeville)

Ao produzir ciência em seus laboratórios por meio de princípios investigativos rigorosos e, conseqüentemente, democratizar o conhecimento, a FMRP desempenha seu papel social. Não cabe a ela a responsabilidade de resolver todos os problemas regionais e, em amplitude, nacionais. Seria pretensioso achar isso. O que cabe a ela é por meio de suas pesquisas buscar soluções dentro de seus limites e possibilidades.

b) Análise do Problema:

Como foi visto, a implantação da FMRP conjugou fatores decorrentes do que estava mais avançado, ou em desenvolvimento no contexto nacional e internacional, ou seja, a medicina baseada no método científico. Os princípios que nortearam sua organização, a estrutura curricular proposta para o curso e o recrutamento do corpo docente revelaram a

evolução da institucionalização do binômio ensino-pesquisa. Desde sua fundação, a FMRP sempre esteve comprometida com a geração de conhecimento, ocupando, por meio de suas pesquisas, posição de destaque no país e no exterior. A essência de uma Escola Médica é justamente esta, a produção de conhecimento.

Por meio de suas pesquisas, a FMRP consegue atravessar seus próprios muros e chegar até a população e, desta forma, prevenir, atenuar ou sanar o sofrimento, a dor, de muitos. Por isso, suas pesquisas não são futilmente curiosas, mas, sim, úteis a todos os homens. O conhecimento que ela produz em seus laboratórios não paralisa a ciência, ao contrário, a mantém em constante movimento. Mesmo quando ela estuda o conhecido, o faz apenas como ponto de partida para chegar ao desconhecido e, quando chega ao desconhecido, este se torna conhecido e, uma vez aprimorado, é entregue (seu resultado, sua fórmula final) aos órgãos executivos que, de maneira sistemática, o levará a população.

Não por acaso que a FMRP conseguiu erradicar o mal de Chagas na região de Ribeirão Preto; afinal, foram muitas as pesquisas desenvolvidas para este fim em seus laboratórios que, consubstanciadas, tornaram-se bens públicos, passando a pertencer ao Ministério da Saúde, aos médicos, aos hospitais etc., e, por isso, quantas vidas foram salvas?

Com efeito, a cada dia quantas pessoas renascem nos leitos do HC, justamente porque seus pesquisadores conseguiram transferir a ciência pura pesquisada nos laboratórios da FMRP para a prática cotidiana de seu Hospital e de outros da cidade e do país? Quantas foram as publicações em periódicos nacionais e estrangeiros que democratizaram o resultado de uma pesquisa, levando a classe médica soluções ou avanços científicos que atenuaram ou solucionaram os problemas de seus pacientes?

O verdadeiro princípio ético de uma Universidade e, em particular, de uma Faculdade de Medicina, principalmente em sendo ela pública, é produzir pesquisa democrática e séria. E isto a FMRP faz muito bem. **Esta é sua identidade.** Uma Instituição Escolar que não reproduz apenas o conhecimento, mais que isto, produz conhecimento e o leva a toda população, principalmente àquela mais carente que superlota os corredores do seu HC.

Afinal, é além de seus muros (além de seus laboratórios) que se encontra o sentido fundamental de uma Instituição Escolar.

As palavras do Professor Fábio Leite Vichi expressam muito bem o exposto:

Eu acho que um curso médico tem que se basear no que existe na literatura, na própria história. Existem coisas sempre em mudanças que são estabelecidas, por exemplo, examinar um coração, apalpar um abdômen, escutar um pulmão, mas como é uma coisa dinâmica tem muita coisa sendo produzida, que é a razão da pesquisa. O lema da Escola é que a ciência

impeça a estagnação. A Escola tenta, pelo menos, movimentar-se, fazer coisas novas, por exemplo, o anti-hipertensivo Enalapril foi produzido aqui em Ribeirão e o mundo todo está usando. O Enalapril impede o aparecimento de uma substância que pode mudar, que pode alterar a fisiologia e isso foi descoberto aqui no laboratório de farmacologia. Coisas sobre a doença de Chagas foram produzidas aqui. Toda uma teoria foi elaborada aqui. Técnicas de Histologia. Tudo isso eu acho que são aquisições que partiram daqui.

(Entrevista concedida pelo Prof. Fábio Leite Vichi)

É justamente isto: a produção de conhecimento, que caracteriza a FMRP como uma **Escola de promoção social** e, não meramente, uma Escola assistencial.

A FMRP, produzindo e democratizando o conhecimento, empreende no interior do seu processo educativo ações que contribuem para a humanização plena do conjunto dos homens em sociedade. Neste sentido, o trabalho (médico-pesquisador) não é pensado como um conceito puramente econômico, mas, sim, como categoria central nas relações sociais, ou seja, como atividade central dos homens com a natureza e com os outros homens.

De acordo com Zeferino Vaz:

Convém repetir que, no campo da saúde do homem o Brasil, como todas as nações latino-americanas tem numerosos problemas específicos a resolver, resultantes de condições físicas e sociais peculiares e que não mais podemos ficar na posição passiva de esperar que a solução desses problemas nos venha de fora. Compete às nossas escolas médicas treinar e formar os cientistas isto é, os homens capacitados técnica e espiritualmente a equacionar e a procurar solução para os nossos problemas. Foi esse o caminho seguido pelas nações desenvolvidas e nós não temos outro a percorrer. Mas é óbvio que o objetivo de formar cientistas só se alcança através do estímulo a investigação científica.

O cientista faz-se pesquisando como o ferreiro se faz na forja.

Devemos estar atentos, porém, para o fato de que não é suficiente fazer pesquisas de finalidade utilitária. Estas, por estarem estreitamente associadas com os problemas e necessidades sociais imediatas, atraem a maioria dos homens, pois permitem glórias fáceis e sedutoras. Todavia, a necessidade primordial é para mais pesquisas básicas isto é, para aquelas que descortinam os segredos da natureza, mesmo quando não tenham utilidade imediata aparente. Podem-se citar dezenas de descobertas que só muito mais tarde se revelaram de extrema importância. Há todavia outra razão séria. Exatamente porque a pesquisa básica é mais difícil, exigindo maior empenho e técnicas apuradas, aqueles que são capazes de realizá-las são precisamente os mais capacitados para resolver os problemas inesperados de interesse imediato da coletividade (VAZ, 1962, p. 3, 4).

Ainda, de acordo com Zeferino Vaz:

O papel da ciência, fundamentalmente, é o seguinte. Primeiro, contribuir cientificamente para a busca de soluções para problemas da nosologia específica brasileira. Doenças de Chagas, Xistosomose, Malária, doenças que são características, prevalentemente nossas, e na podemos esperar que as soluções venham de fora. Então, a investigação científica na Faculdade de Medicina, que é a que recebe pacientes de todos os tipos, tem este como um dos objetivos. O segundo objetivo, de extrema importância, é para a educação do médico, para a formação do médico. Porque para o estudante de Medicina, que vive numa faculdade em que todos os professores estão embarcados num programa de investigação científica, o que é que esse professor está mostrando?

Primeiro, uma insatisfação frente ao conhecimento adquirido. Esta insatisfação frente ao conhecimento adquirido inocula-se no estudante. Não é preciso dar aulas não. O estudante em que vive numa escola em que todos estão embarcados em programas de pesquisa científica, o que ele está fazendo nesse programa? Esta buscando conhecimento novo, está buscando remover o horizonte do conhecimento. E, então, o estudante, inoculado dessa insatisfação, quando sai da escola continua um estudante por toda a vida.

Isto é decisivo, porque aí do médico ou de qualquer profissional que sai com seu diploma e depois vai exercer a sua prática satisfeito com os conhecimentos que tem, num mundo em contínua evolução de conhecimentos. Buscar inocular no estudante o conceito de que ele é um estudante por toda a vida, que a fase de faculdade foi uma fase formativa e informativa, mas que é insuficiente, que ele tem que continuar sempre insatisfeito. Mas isso só se inocula quando os professores estão embarcados em programas de iniciação científica.

Então, a necessidade de investigação científica, em toda universidade, tem dois objetivos básicos: primeiro, buscar resolver problemas da comunidade, não esperar que esses problemas recebam soluções de fora, porque eles lá fora estão poucos interessados na solução desses problemas. Segundo, do ponto de vista da formação profissional, é formar um profissional insatisfeito, continuante, frente ao conhecimento já estabelecido, e com espírito crítico frente a esse conhecimento (FRANKEN; GUEDES, 1986, p. 63, 64, 65).

Neste momento, gostaria de ressaltar a importância da pesquisa em instituições de ensino superior (de forma geral e não apenas restrita à Faculdade de Medicina). Afinal de contas, é falácia dizer que se faz ensino superior sem pesquisa. Quando se transmite às gerações novas apenas conhecimentos acumulados pelo gênero humano, o que se está fazendo é apenas ensinar o aluno e não objetivamente educá-lo.

É necessário ter em mente que, em toda transmissão de energia, ocorre sempre perda e isto se aplica também a transmissão de conhecimentos, por isso, cabe essencialmente ao professor de ensino superior desenvolver pesquisa e, desta forma, manter o conhecimento em

constante movimento, pois somente assim se estará promovendo a educação de seus alunos. Ou seja, se estará formando o aluno e, não, simplesmente o informando.

Na verdade, somente o professor que faz do ensino e da pesquisa a finalidade primordial de sua vida está realmente capacitado para manter o alto nível do ensino e promover a educação de seus alunos. O professor investigador educa verdadeiramente porque, pelo exemplo, desenvolve no aluno a força de vontade e a capacidade de pensar. Por isso, cabe ao professor dar ênfase a seminários, discussões bibliográficas e, sobretudo, exigir trabalho científico pessoal dos estudantes, dando-lhes problemas de dificuldades crescentes para resolver. Essa é, com certeza, a única forma de fazer com que o estudante sinta a satisfação profunda de descobrir a sua própria capacidade de transpor dificuldades, incorporando o conceito de que é agradável estudar. Desta forma, ele se tornará um estudante por toda a vida.

As razões desta afirmação sustentam-se nas características básicas da personalidade do investigador, isto é, insatisfação dos conhecimentos adquiridos, curiosidade que o leva a interrogar constantemente a natureza e a tentar obter uma resposta etc., características que devem ser estimuladas pela escola (pelo professor), pois, caso contrário, como bem destacou Gramsci, o ensino se torna enciclopédico e mesquinho.

De acordo com ele:

É preciso perder o hábito e deixar de conceber cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto sob a forma de recipiente a ser enchido, amontoando dados empíricos, fatos lembrados ao acaso e desconexos, que a pessoa deverá arrumar no cérebro como colunas de um dicionário para poder posteriormente, em qualquer circunstância, responder aos vários estímulos do mundo exterior. Esta forma de cultura é deveras prejudicial, especialmente, para criar desajustados, gente que crê ser superior ao resto da humanidade porque armazenou na memória uma certa quantidade de dados e datas, que aproveita todas as ocasiões para estabelecer quase uma barreira entre si e os outros. Serve para criar um certo intelectualismo flácido e incolor [...] (GRAMSCI, 1976, p. 82, 83).

No caso da FMRP, como vimos, é por meio da pesquisa que ela e seus professores aguçam o espírito crítico dos alunos (futuros médicos), porque sabem que somente assim eles adquirirão o conceito fundamental de que as doenças, geralmente, são extremamente complexas sendo, portanto, obrigados a procurá-las por todos os lados, adquirindo, assim, larga visão angular, articulando a dimensão prática com a dimensão teórica, pensada (o trabalho se expressando na práxis).

É lícito, portanto, concluir que a FMRP, por meio do estímulo à investigação científica, contribui decisivamente para o equacionamento e solução dos problemas médico-

sociais da comunidade. Problemas estes que estejam, obviamente, e como já destacado, dentro de seus limites e possibilidades, pois não cabe a ela, de forma alguma, ser a redentora de todos os males sociais.

5.3 Terceiro Problema. Uma Escola de Medicina: que Escola?

a) Caracterização do problema:

Ao elaborar esta pergunta minha intenção foi de deixar bastante claro que a FMRP se preocupou em atender sua população, não somente por meio de uma medicina curativa, mas principalmente, por meio de uma medicina preventiva. A FMRP, como pode ser visto na Primeira Parte deste trabalho quando destacada a sua estrutura didática, revolucionou todo um sistema de ensino vigente nas escolas médicas do Brasil ao implantar, pela primeira vez, a disciplina Medicina Preventiva.

De acordo com Zeferino Vaz:

No Brasil não existia medicina Preventiva. Foi introduzido em Ribeirão Preto. Isso em 52. A Medicina Preventiva foi introduzida lá. Medicina Preventiva por quê? Porque toda a educação médica era feita para preparar o indivíduo para atender doente num consultório, ou num ambulatório, ou num hospital. Então, o médico tinha da doença o conhecimento de um momento, o momento clínico. O que se sucedera antes e o que acontecia depois... (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 59).

É importante deixar claro, mais uma vez, que esta pesquisa se encontra situada em meados do século XX, quando, naquela época, se iniciava um movimento de convergência de duas correntes que corriam separadas: a curativa, a única de que cuidava o médico, e a preventiva, a cargo dos sanitaristas.

O que propunha a FMRP era transcender a função tradicional da medicina de curar simplesmente a doença e exigir uma reorientação da mentalidade do médico, no sentido de não só cuidar da doença como, sobretudo, de dar amparo ao paciente portador da doença, mantendo-o em ótimas condições fisiológicas e psicológicas, para que se atingisse o máximo de eficiência física, mental e social do indivíduo, da família e da coletividade. Enfim, o médico tinha um alvo mais digno a atingir: ele deveria assistir não só o indivíduo como a comunidade (VAZ, 1958, p. 12, 13).

b) Análise do Problema:

De forma geral, o que ocorria era a preocupação das escolas médicas em apenas estudar a doença, identificá-la no leito do hospital e/ou consultório e aplicar a terapêutica para o seu tratamento.

Passo-a-passo, porém, acumularam-se provas históricas que saúde não deveria ser entendida como a simples ausência de doença. O conceito de saúde deveria ser entendido como noção de bem-estar físico e mental e, daí, para um conceito mais amplo que incluía uma adequação de vida social.

Passava-se a entender, portanto, que doença não é alguma coisa isolada que afeta apenas as células do paciente e, sim, algo que envolve todo o ser, inclusive seus afetos, seu comportamento e suas relações com o ambiente. Demonstrava-se que múltiplas são as causas ambientais de qualquer doença e que fatores econômicos, sociais, culturais e de ajustamento afetivo interferem decisivamente não só no aparecimento de doenças como na intensidade ou gravidade com que se manifestam.

Em sintonia com este novo paradigma de saúde, a FMRP passou, então, a privilegiar, na sua estrutura didática, além das conquistas da ciência, a prevenção das doenças. Buscou formar um médico com uma visão mais ampla do quadro da patologia humana, ou seja, da doença que incide sobre o doente. O aluno tinha como dever inculcar, durante toda sua formação, que a saúde podia e devia ser entendida como um estado completo de bem-estar físico, mental e social e, não somente, a ausência de doenças.

A respeito dessa mudança de paradigma e da estrutura didática da FMRP, Zeferino Vaz assim se manifestou:

O bacilo do Koch. Agora, como pode esse bacilo de Koch desencadear o ... Que condições econômico-sociais, que condições de aculturação...? Vivem quantas pessoas nesse quartinho aqui? Um velho com tuberculose semiclínica desseminando. Onde está a fossa e o poço que servem a mesma família? Que distância tem, para explicar uma série de infecções?

Tudo era ignorado, porque a prevenção e a higiene não eram problemas do médico. E isto vem desde o período lendário da Medicina. Lembre-se que o deus da Medicina era Esculápio. Deus. Esculápio teve duas filhas. Higiéia e Panacéia. Higiéia cuidando da prevenção e Panacéia cuidando do tratamento. E caminharam separadas até 1930.

[...] Porque o médico clínico não tinha nenhuma ligação com problema de higiene. [...] Ele nunca pensou em termos de prevenção e de higiene e, muito menos, de recuperação. E a medicina moderna tem que preparar um médico com uma outra visão, com uma outra mentalidade. Foi o que se buscou fazer quando criei Ribeirão Preto.

Medicina preventiva e social, criando um médico com uma outra visão do quadro da patologia humana, ou da doença que incide sobre o homem, com uma visão dinâmica. Não a estática, de um momento da doença, que é o momento clínico, mas uma visão cinematográfica, uma visão que parte da... Quando ele recebe o doente no consultório, ele tem que estar pensando em como, que circunstâncias ambientais de todos os tipos contribuíram para que ele apresentasse este quadro clínico, sabido que as condições psicológicas, não só podem determinar, primeiramente, uma doença, mas contribuem para modificar, realmente, e nitidamente, o quadro clínico de uma mesma doença.

Por isto, também se pensou na recuperação funcional. Então o médico é formado para pensar na prevenção, no tratamento e na recuperação, funcional e psicológica (FRANKEN; GUEDES, op. cit., p. 59, 60, 61).

Tornou-se claro, na FMRP, que a disciplina Medicina Preventiva, então criada, deveria oferecer um conjunto de conhecimento, atitudes e destrezas que, adquiridos pelos estudantes, evitaria, com sua aplicação, a ocorrência ou o avanço da enfermidade mediante uma atenção médica integral. Este conjunto de conhecimentos, atitudes e destrezas deviam permitir ao estudante integrar ações preventivas ante as curativas.

A respeito da FMRP privilegiar uma medicina preventiva-sanitarista, assim se manifestou o Dr. Joaquim Coutinho Netto, em seu depoimento, quando entrevistado.

Ela tem essa visão, ela tem a visão da medicina preventiva. Nós incutimos nos alunos seis anos de medicina preventiva. Os alunos ficam dentro dos muros da Faculdade durante quatro anos. No quinto e sexto anos é que vão fazer estágio. Basicamente, no quarto ano, eles já terminaram a medicina formativa de dentro dos muros, por isso, no quinto e no sexto anos o aluno passa a trabalhar no Centro de Saúde-Escola na medicina da família. Eles passam a visitar famílias em bairros pobres junto com para-médicos (nutricionistas, enfermeiros etc.), tendo por trás a cobertura do Hospital **(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Coutinho Netto)**.

Como pôde ser visto na Primeira Parte deste trabalho, devido a região de Ribeirão Preto apresentar um grande número de pessoas portadoras da Doença de Chagas, a FMRP resolveu implantar na cidade de Cássia dos Coqueiros um Centro de Saúde. Lá ocorriam, por parte dos alunos e professores da Faculdade, campanhas de conscientização da população quanto à prevenção da doença, ao ensinarem maneiras de como se evitar contato com seu transmissor, o barbeiro.

Não somente na cidade de Cássia dos Coqueiros, a FMRP organizou, também na cidade de Ribeirão Preto e na zona rural, Centros de Atendimento que visavam orientar à comunidade quanto a princípios profiláticos para evitarem vários tipos de doenças.

Volto a afirmar que este é o sentido social da FMRP, ou seja, produzir conhecimento sério e o levar a toda população sem privilégio de classe social.

Na verdade, este movimento sanitarista (de saúde pública) promovido pela FMRP conseguia interferir na situação da saúde da população da cidade de Ribeirão Preto, da sua zona rural, de cidades circunvizinhas e de cidades de outros estados, atenuando ou erradicando surtos epidêmicos, doenças infecciosas etc., por meio da produção social da saúde.

A meu ver, a FMRP trouxe benefícios múltiplos à assistência médica. Ela cumpriu e cumpre, dentro de seu limite, seu papel social como instituição pública. É utópico pensar que a ela caberia resolver todo problema médico-sanitário da região e do país.

5.4 Quarto Problema. Como era o envolvimento da FMRP com a população?

a) Caracterização do problema:

Este quarto problema levantado partiu de uma pergunta que fiz antes mesmo de iniciar a pesquisa acerca da história da FMRP. Ou seja, gostaria de saber como era o envolvimento da FMRP com a população da cidade de Ribeirão Preto e da região.

No entanto, esta pergunta acabou sendo respondida ao realizar a pesquisa de campo, pois verifiquei que a FMRP atendeu a população da cidade, da região e de estados vizinhos, levando às pessoas não somente um serviço médico de qualidade por meio de seu hospital, de suas unidades de tratamento, de seus profissionais que passaram a residir na cidade, montando clínicas médicas etc., como, também, por meio de uma medicina preventiva, através de campanhas profiláticas que atingiam, principalmente, as populações mais carentes. Alguns depoimentos coletados nas entrevistas acerca dos benefícios que a FMRP trouxe para a cidade e para a região foram:

Passou-se a ter um serviço médico de alta qualidade beneficiando muita gente. As pessoas precisavam procurar outros centros para se tratarem e, com a instalação da Faculdade, encontraram aqui uma medicina mais evoluída. Além disso, trouxe benefícios para a educação e para a assistência. O Hospital inicialmente tratava quase que exclusivamente de uma categoria de pacientes: o indigente. O indigente era aquele cuja

assistência médica não tinha cobertura por nenhuma entidade estatal ou particular. Eram os colonos das fazendas, as pessoas da periferia que não tinham onde se tratar. Elas passaram a ser atendidas no Hospital das Clínicas. A Faculdade trouxe junto um Hospital de Clínicas. Eu acredito que o grande benefício foi o acesso a uma saúde de boa qualidade.

(Entrevista concedida pelo Prof. Ulysses G. Meneghelli)

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto trouxe assistência médica para toda região, não só, trouxe assistência para o Sul de Minas, Oeste de Minas... naquele tempo, nas cidades do interior, se tinha poucos médicos especialistas e muitos generalistas. Cidades como São Carlos e Araraquara, por exemplo, não tinham médicos especialistas. Na Rede Pública só tinha médicos especialistas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, ou em Campinas, ou em São Paulo. Hoje, isso não ocorre mais, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto formou especialistas.

(Entrevista concedida pelo Prof. Joaquim A. Portugal da Silva)

O cidadão da região sabe que ele não precisa ir a São Paulo para tratar de alguma doença, porque o que não se resolver em Ribeirão Preto, em São Paulo também não resolve. Nós estamos em perfeita sintonia com os EUA, tanto que começa lá, em seguida nós também temos. Essa Faculdade tem inserção internacional. É a que mais publica no Brasil. Temos o maior número de alunos de Pós-Graduação do país por número de docentes. Temos, também, a Pós-Graduação mais produtiva do país – proporcional por número de docentes – com o maior número de publicações internacionais de todas as Escolas brasileiras. Isso, além de nos dar muito orgulho, dá muita segurança para a região, pois se o sujeito tiver um problema, Ribeirão resolve. Outra coisa, a cidade e a região têm uma capacitação médica excelente porque veio daqui da Faculdade. A excelência médica não reflete apenas aqui dentro, ela reflete também do lado de fora. A classe médica da cidade vem aqui fazer cursos e treinamentos igual ao que fazemos e depois leva isso para a cidade. Com isso, a população da cidade se sente segura, porque sabe que se precisar terá assistência de boa qualidade e, mais ainda, a melhor do país.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim Coutinho Netto)

Na verdade, as fontes que consultei para entender e redigir a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (que destaco no Referencial Teórico no início do texto), entre elas documentos, jornais e entrevistas, foram unânimes ao retratarem que a FMRP desempenhou satisfatoriamente seu papel levando às pessoas um serviço médico de alta qualidade.

Entretanto, ao realizar as entrevistas observei em alguns depoimentos que, se por um lado, se deu satisfatoriamente o envolvimento entre a FMRP com a população da cidade e da região, por outro lado, o mesmo não ocorreu entre a FMRP e a população médica da cidade. Por isso, em primeiro lugar, gostaria de destacar melhor esta problemática e, com isso, entender de modo mais completo a relação entre a FMRP e a sociedade; e, em segundo lugar,

para atender ao pedido do Dr. Joaquim Coutinho Netto que, quando entrevistado, relatou que esta problemática nunca havia sido discutida e isto se fazia importante.

b) Análise do Problema:

No início de suas atividades, o HC da FMRP, mesmo atendendo a um respeitável número de pacientes, conseguia suprir a demanda, pois tinha um corpo médico formado primeiramente por professores da Faculdade; depois, por alunos que se tornaram professores e por alunos residentes (estagiários), constituindo, assim, um clã avesso a entrada de “corpos” estranhos em seu meio. Afinal, como não precisavam do médico da cidade para ajudá-los, eles não se esforçavam para que este médico trabalhasse no Hospital e adquirisse, desta forma, mais e melhor experiência profissional além de uma complementação salarial.

Entretanto, esta situação se modificou com a construção do Hospital das Clínicas no *campus* da FMRP quando, então, o número de leitos do Hospital aumentou consideravelmente exigindo que seu corpo clínico se ampliasse para suprir o número de atendimentos. Foi neste momento que os médicos da FMRP se viram obrigados a abrir o clã e a chamarem a classe médica da cidade, pedindo para que eles lhes ajudasse.

O depoimento do Professor Joaquim Coutinho Netto ilustra muito bem esta situação. De acordo com ele:

Hoje está melhor. Com a construção do Hospital foi preciso buscar médicos da cidade. Hoje deve ter mais de mil médicos atendendo – estou colocando junto os residentes – porque a Faculdade disponibiliza cento e cinquenta vagas de residência por ano. Como, em média, os residentes ficam três anos, temos, mais ou menos, quatrocentos e cinquenta residentes pagos com bolsas de estudo, ajudando no atendimento.

No começo, os médicos ou vinham de fora ou eram formados aqui dentro – endogenia. Foi se formando uma família e a relação dessa família com o pessoal de fora (classe médica) era muito pequena, porque ela não precisava deles. Foi se construindo, assim, uma animosidade com a classe médica da cidade, por causa do fechamento, do encastelamento. Para um profissional médico da cidade, trabalhar aqui era complicado, primeiro porque ele teria que trabalhar de graça; segundo que ele não era do ninho. No começo, a história foi assim. Mas isso mudou. Precisou mudar. A partir da construção do Hospital das Clínicas, o clã precisou se abrir porque não dava mais conta no atendimento, precisando para isso de gente de fora. De repente, passou-se de trezentos leitos da Unidade de Emergência para mais de mil leitos, precisando, assim, contratar novos médicos e, com isso, a Faculdade foi buscar esse profissional na cidade, pedindo, por favor, venham nos ajudar porque não estamos dando conta. E esses médicos da cidade vieram e a maioria trabalhando de graça.

Depois, abriram-se concursos para pagar esse pessoal; mas isso foi irrisório, porque começou-se a pagar oitocentos reais por mês, é como se continuasse

não pagando; é apenas uma ajuda de custo o que continua sendo um voluntarismo. Mas, com isso, a relação melhorou muito com a classe médica da cidade, a Faculdade se abriu para eles, ela estava encastelada e hoje não está mais.

(Entrevista concedida pelo Prof. Joaquim Coutinho Netto)

Outra situação que contribuiu (e contribui) para um certo mal-estar entre a FMRP e a classe médica da cidade é o fato do médico da cidade poder ajudar no atendimento a pacientes no Hospital das Clínicas, mas o médico (professor-pesquisador) da FMRP não poder ajudar gratuitamente no atendimento a pacientes da Santa Casa (pública), ou em clínicas e hospitais particulares da cidade, auxiliando um amigo, pois isso, sob aspectos burocráticos, denotaria burla ao regime de tempo integral, do qual o professor da Universidade de São Paulo trabalha. Ou seja, a recíproca não ocorre.

Muitas vezes, o médico (professor-pesquisador) da FMRP, devido a suas pesquisas ou estágios no exterior, sabe realizar, por exemplo, um tipo de cirurgia que seus amigos que prestam serviços em hospitais particulares não sabem. No entanto, devido ao regime de tempo integral, o médico da FMRP não pode ir neste hospital particular ajudá-lo, pois correria o risco de ser processado judicialmente, dado o fato, novamente, de poder estar burlando o regime de tempo integral. Com isso, muitas vezes o paciente que, ou tem plano de saúde ou tem condições financeiras para pagar os serviços do hospital particular, acaba sendo transferido para o HC da FMRP, não pagando os serviços do hospital particular que vive disto, acarretando outra situação geradora de mal-estar.

A respeito disto, o Professor Joaquim Coutinho Netto disse:

Muitas vezes, o médico da Faculdade aprendeu certa cirurgia no exterior e só ele sabe fazer aquela cirurgia e o paciente que precisa dessa cirurgia tem plano de saúde e está internado num Hospital particular, acontece que o médico da Faculdade não pode ir até lá ajudar por causa da dedicação exclusiva podendo, facilmente, ser processado. O que precisa ser feito é transferir o paciente aqui para o Hospital das Clínicas, sendo que ele – o paciente – é privado e pode pagar pela cirurgia e o Hospital particular precisa desse dinheiro para sobreviver. Com isso, tiramos ganhos dos colegas da cidade causando, assim, um mal estar para todos. Nosso sistema de assistência acaba competindo com o sistema privado que investe dinheiro, o que não é justo. São questões burocráticas que até hoje estão mal resolvidas.

(Entrevista concedida pelo Prof. Joaquim Coutinho Netto)

Ainda, de acordo com o Dr. Coutinho, os problemas não param por aí:

Numa estrutura dessa do Hospital das Clínicas, o SUS passa também a não conseguir manter o sistema. O Hospital, então, implanta uma Fundação, que passa a atender pacientes particulares. Nesse momento, cria-se outro problema, porque passa-se a competir com o sistema privado. Usa-se praticamente toda a infra-estrutura do Estado para o sistema privado. Essa é uma nova evolução do problema. O Estado não tem dinheiro para ampliar as instalações do Hospital, para comprar novos aparelhos ou para consertar outros que se encontram quebrados, então, implanta-se uma Fundação para buscar recursos extra-orçamentários e, assim, ajudar na manutenção dessa estrutura que é muito grande. Isso sendo feito por uma Fundação que passa a atender convênios particulares. O Hospital não pode atender convênios particulares porque ele é público; mas, a Fundação pode. E essa Fundação trabalha dentro do Hospital das Clínicas. Agora... isso é legal? É, é legal! É moral, é ético? Não, acho que não! Ora, num hospital particular o médico tem que pagar secretária, água, luz, telefone etc., enquanto aqui não precisa pagar isso, pois se usa tudo do Estado. Muitas vezes, o paciente com plano de saúde prefere ser atendido aqui no Hospital das Clínicas porque o médico que atende também é professor da Faculdade. O professor da Faculdade acaba recebendo um adicional salarial para atender no Hospital das Clínicas, a Fundação paga um adicional, mas, de forma geral, isso cria um problema, por isso, temos que achar uma solução para disciplinar tudo isso e não trazer prejuízos para os colegas da cidade.

(Entrevista concedida pelo Prof. Joaquim Coutinho Netto)

O que, felizmente, atenua este fato é a possibilidade de os médicos da cidade poderem se atualizar em cursos oferecidos pela FMRP. Isto contribuiu para que a cidade e a região sejam assistidas por médicos melhores capacitados.

[...] a cidade e a região têm uma capacitação médica excelente porque veio daqui da Faculdade. A excelência médica não reflete apenas aqui dentro, ela reflete também do lado de fora. A classe médica da cidade vem aqui fazer cursos e treinamentos igual ao que fazemos e depois leva isso para a cidade. Com isso, a população da cidade se sente segura, porque sabe que se precisar terá assistência de boa qualidade e, mais ainda, a melhor do país.

(Entrevista concedida pelo Prof. Joaquim Coutinho Netto)

Como disse linhas atrás, observei que seria importante destacar esta problemática, porque ela ajudaria a entender melhor a relação da FMRP com a sociedade em que está inserida. Não apenas. Ao ouvir o depoimento do Dr. Coutinho e sentir em sua voz o incômodo que esta situação provocou (e provoca) e que nem todos os profissionais da FMRP sentem-se à vontade de comentar, torno a dizer que fiz questão de trazê-la à luz para conhecimento daqueles que se interessam por esta temática, sem nunca, é claro, ter tido a pretensão de apresentar qualquer tipo de solução.

5.5 Quinto Problema. Por que mais homens que mulheres na FMRP?

a) Caracterização do problema:

O que me motivou a discutir este quinto problema foi o fato de ter observado que, no período correspondente à pesquisa (1948-1975), principalmente nos primeiros anos, o número de homens estudando na FMRP era muito superior ao número de mulheres. Para se ter uma idéia, dos 1.456 médicos formados nesse período, aproximadamente 160 eram mulheres, ou seja, pouco mais de 10% dos formandos era do gênero feminino. Até mesmo o corpo docente contratado era composto somente por homens.

De acordo com o Dr. José Eduardo Dutra de Oliveira:

Havia mais homens. Isso é um negócio interessante. Depois começou a aumentar bastante o número de mulheres. Tinha uma coisa interessante também. Em Cuba, onde eu fui algumas vezes, era quase só de mulher. Interessante porque lá a medicina era uma profissão de mulheres. Na época que eu fui, na década de oitenta, a proporção aqui no Brasil era de setenta a oitenta por cento de homens; lá em Cuba, era o contrário: setenta, oitenta por cento de mulheres.

Aqui no Brasil não só o corpo docente era composto majoritariamente por homens, o corpo docente também. Dos professores pioneiros que aqui vieram todos eram homens. Depois, quando começou a se formar as turmas e os alunos a fazerem residência e a participarem de pesquisa então aumentou o número de mulheres em cargo docente. Hoje, acredito, seja mais ou menos quarenta por cento de mulheres e sessenta por cento de homens, mas aumentou bastante em relação ao começo da Faculdade.

(Entrevista concedida pelo Dr. José Eduardo Dutra de Oliveira)

Outros depoimentos dos entrevistados corroboram o fato de haver poucas mulheres em suas turmas.

Havia poucas. Eram poucas as mulheres. Havia japonesas.

(Entrevista concedida pelo Dr. José Agustín Carrasco Mandeville)

Havia, mas havia muito poucas.

(Entrevista concedida pelo Dr. Segundo Amarillo Salezzi Fiorani)

Poucas, muito poucas.

(Entrevista concedida pelo Dr. Joaquim A. Portugal da Silva)

Seis mulheres e cinquenta e quatro homens.

(Entrevista concedida pela Dr^a Lilia Köberle)

Para se ter uma idéia do quão reduzido era o número de mulheres na FMRP, algumas alunas se organizaram e criaram um Departamento Feminino, como um organismo do Centro Acadêmico Rocha Lima para que, com isso, tivessem a possibilidade de se reunir e discutir assuntos de seus interesses. De acordo com o jornal *O Esteto* (jornal organizado pelo próprio Centro Acadêmico), a finalidade do Departamento Feminino era, entre outras coisas, “conjugiar as alunas da Faculdade proporcionando-lhes melhor ambiente e ainda desenvolver nas atividades do C.A.R.L. a parte eminentemente feminina dos trabalhos” (Jornal **O Esteto**, setembro e outubro de 1956, 5ª página).

Como havia anunciado que buscava uma compreensão melhor entre a FMRP e a sociedade que a produziu e a moldou passarei, então, a analisar, em linhas gerais, a possível razão deste fenômeno e, conseqüentemente, sua transformação no decorrer dos anos.

b) Análise do Problema:

Atendo-se a este fenômeno, concluí que esta relação discrepante entre homens e mulheres no curso de Medicina da FMRP não era caso isolado nem da FMRP e nem da profissão médica de forma geral. Ou seja, no Brasil nos vários ramos da economia, até aproximadamente a década de 1950, a presença masculina era hegemônica. Afinal, é só lembrar que a industrialização, aqui, iniciou-se tardiamente.

Na verdade, o espaço da mulher era posto como sendo o doméstico, onde seu lugar natural seria a casa e sua função primordial ter e cuidar dos filhos. Somente algumas moças (isto no século XX e principalmente após 1950), geralmente filhas de famílias detentoras de alto capital econômico, cultural e social venciam os obstáculos culturais e se inseriam em cursos superiores, notadamente nos de carreiras liberais, como é o caso da medicina.

Além deste aspecto geral, outro fato que também contribuía para fortalecer o número de homens no curso da FMRP (segundo o Dr. Geraldo Borges quando entrevistado) era que estas moças bem nascidas prestavam o vestibular da FMRP, porém, muitas não eram aprovadas. Esta situação somente se alterou quando mudou a metodologia da avaliação. A este respeito, relatou o Dr. Geraldo Borges:

No meu tempo quase não entrava mulher. Eram três provas: química, física e biologia e as mulheres geralmente ficavam na química e na física, então, muitas prestavam, mas poucas entravam. Depois quando passou a ser pelo

CESCEM, outras disciplinas começaram a fazer parte do exame, o que, a meu ver melhorou mais, porque passou a avaliar o aluno de uma forma mais integral; passou a ter também testes e não só respostas como antes, física e química por exemplo, podia ser respondida por meio dos testes de múltiplas escolhas.

(Entrevista concedida pelo Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior)

Num sentido geral, o fenômeno da crescente participação das mulheres no mundo do trabalho é fato que se pode observar em nível mundial, alterando definitivamente o quadro de trabalhadores em praticamente todos os setores da economia. A medicina, em particular, e a saúde, de forma geral, acompanharam este processo e têm experimentado uma das mais altas taxas de feminilização no mundo do trabalho.

Na FMRP isto não foi diferente; alguns anos após sua instalação, o número de mulheres aumentou consideravelmente, haja vista que, em 1957, se formaram cinco mulheres e, em 1972 vinte e duas, sendo que em 1975, ano limite desta pesquisa, quinze mulheres se formaram.

Se até pouco tempo, o ofício da medicina era uma prática masculina, esta situação vem se alterando de modo progressivo e irreversível com a chegada das mulheres a um mundo até então hegemonicamente masculino.

Esta questão passa a ser importante, pois afeta nuclearmente a profissão médica, a ponto de alguns autores a denominarem como “transição de gênero” que, somada ao advento da revolução científica, acarretou um processo de divisão social do trabalho médico. Neste sentido, o processo de especialização passa a ser um traço característico desta nova ordem racionalizadora e, a mulher, apesar de atualmente ser encontrada em todas as especialidades, sua concentração reside, principalmente, nas denominadas especialidades cognitivas e nas especialidades tecnológicas e/ou burocráticas.

Numa concepção sociológica, as especialidades médicas, segundo Machado, 1995, p. 26, 27 podem ser classificadas da seguinte forma:

a) Especialidades cognitivas: são aquelas que lidam diretamente com o paciente. Sua relação profissional se baseia fundamentalmente no conhecimento cognitivo adquirido na faculdade médica. O raciocínio clínico é acentuadamente valorizado. A tradição do médico-físico da antiguidade é aqui assegurada por meio de uma medicina exercida de modo artesanal. Exemplos: clínicos gerais, pediatras, psiquiatras, geriatras etc.;

b) Especialidades técnico-cirúrgicas e de habilidades: também lidam diretamente com o paciente, mas não de forma tão direta e cotidiana, como ocorre com os “médicos cognitivos”. A relação médico-paciente é tendencialmente burocratizada, padronizada e, quase sempre, programada. Neste caso, o que predomina no processo de trabalho é o conhecimento técnico, ou seja, habilidades técnicas inerentes ao ato em si, quase sempre de forma pontual e precisa. Frequentemente, estas intervenções (em sua maioria cirúrgicas) exigem apoio de diagnósticos clínicos, radiológicos ou laboratoriais. A relação médico-paciente é mediada por equipes de apoio e de equipamentos sofisticados que auxiliam na conduta e nos procedimentos. Exemplos: cirurgias gerais, cardiovasculares, plásticas etc.;

c) Especialidades intermediárias: são as especialidades, ou áreas da prática médica que associam mais estreitamente as habilidades técnicas (cirurgia) à base cognitiva das ciências médicas (clínica), intermediando estas duas áreas distintas. Tais modalidades rompem com as barreiras destes dois mundos aparentemente isolados: o mundo dos clínicos e o mundo dos cirurgiões. Não há, nestes casos, predominância da técnica ou da validação da base cognitiva. Formando verdadeiras clínicas autônomas estão aquelas especialidades que possuem esta autonomia de processo de trabalho, o que significa dizer que sua atividade condensa os dois ramos básicos da medicina, dispensando quase sempre interferências de colegas especialistas para a finalização do diagnóstico e intervenção. Exemplos: oftalmologistas, ortopedistas etc.;

d) Especialidades tecnológicas e/ou burocráticas: adotam regularmente a padronização no processo de trabalho com alto controle burocrático. A relação médico-paciente, de natureza pessoal e intransferível, cede lugar a relação coletiva, na qual o objeto é quase sempre impessoal referindo-se a populações, a coletividades. São frutos de projetos sociais mais avançados e voltados à pesquisa.

A crescente presença feminina nos cursos médicos, somada à transformação social das últimas décadas, alterou consideravelmente nichos tradicionalmente masculinos. A este respeito relatou o Professor Fábio Leite Vichi:

[...] está havendo um incremento do sexo feminino e vai chegar o dia que o sexo feminino vai ultrapassar o sexo masculino como acontece em vários países. Na Rússia, o predomínio feminino é quase que total; mesmo nos Estados Unidos têm muitas mulheres, tem algumas especialidades quase que propensas às mulheres, por exemplo, ginecologia, pediatria, neurologia, radiologia... hoje já tem ortopedista mulher, neurocirurgiã, especialidades que a gente não pensava nunca que mulheres fossem tomar, mas elas vão fazer todas as especialidade e bem como os homens.

(Entrevista concedida pelo Prof. Fábio Leite Vichi)

Na verdade, a mulher, concorrendo em iguais condições com os homens no mercado de trabalho, ganhou espaço e respeito na profissão médica cujo valor social e *status* são, ainda, superiores às outras tradicionais carreiras. A rápida e irreversível feminilização do contingente médico tem deixado marcas importantes na conformação da profissão. São mulheres que, cada vez mais, assumem o ofício da medicina em áreas estratégicas da atividade médica, tais como: ginecologia, obstetrícia, pediatria, medicina sanitária e psiquiatria. Este fato social tem-se traduzido em enorme transformação da profissão.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Devido ao número de candidatos ao curso médico na Faculdade de Medicina de São Paulo da USP crescer assustadoramente, inicia-se, por parte da sociedade, uma pressão tremenda para ampliar o número de vagas e, assim, suprir as necessidades vigentes.

O corpo docente da Faculdade de Medicina da USP era solidário ao aumento do número de vagas, mas entendia que esta necessidade jamais poderia depreciar a qualidade do ensino. Surgiu, então, a idéia de descentralizar o ensino médico, centrado, naquela época, na capital, e levá-lo para locais distantes, preferencialmente para o interior do estado. Afinal, a instalação de escolas de ensino superior no interior do estado de São Paulo possibilitaria benefícios múltiplos como, por exemplo, oferecer ao aluno um custo de manutenção extremamente menor do que na capital e, no caso de uma Faculdade de Medicina, fixar o futuro médico na zona rural onde poderia desenvolver pesquisas e clinicar, tendo como preocupação atender problemas específicos da saúde da região.

As expressões populares a favor do aumento de número de vagas tomaram corpo e a partir disso, o então candidato ao governo do estado de São Paulo, Adhemar de Barros, prometeu, em sua campanha eleitoral, em 1947, que, uma vez eleito, criaria a Universidade do Interior, nas cidades de Ribeirão Preto e São Carlos.

Após a promessa do candidato, as autoridades locais começaram a se mobilizar para sua efetivação, passando a refletir nas manifestações e articulações dos políticos na Assembléia Legislativa do estado.

O representante legal na Assembléia Legislativa do estado de São Paulo, por Ribeirão Preto, era o Deputado Estadual Luís Augusto Gomes de Mattos. No dia 08 de agosto de 1947, o Deputado Luís Augusto G. Mattos apresentou um Projeto de Lei, explicando as razões para a implantação de uma Universidade em Ribeirão Preto. O mesmo havia feito o Deputado Petrilli, representante de São Carlos, para instalação de uma Universidade naquela cidade.

Após muitas discussões, inclusive com pareceres da Comissão de Ensino e Regimento da USP, os Projetos de Leis apresentados sofreram alterações nas suas redações finais até que, finalmente, em setembro de 1948, foi aprovado, tornando-se a Lei de nº 161, que dispôs sobre a criação de uma Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto e uma Escola de Engenharia em São Carlos, ambas vinculadas à Universidade de São Paulo. Ou seja, construíram Unidades Escolares da USP e não Universidades como se previa no início.

Com efeito, ficou bastante claro para mim, durante o desenvolvimento desta pesquisa, que a USP somente consentiu com a idéia de expansão de suas atividades para outras localidades do estado de São Paulo, quando julgou que este processo estava inteiramente sob o seu controle.

A escolha para a instalação de uma Faculdade de Medicina na cidade de Ribeirão Preto, com o consentimento da Universidade de São Paulo, não se deu por acaso. A escolha da cidade ocorreu, principalmente, por causa de suas razões históricas e sociais, ou seja, pela educação e comportamento das pessoas, pela sua cultura, pela sua economia, pelas escolas existentes, pelo atendimento médico-hospitalar, enfim, porque a cidade oferecia estrutura humana e material necessárias para sediar uma Faculdade de Medicina. Outras cidades do interior do estado de São Paulo poderiam até ter condições estruturais semelhantes a Ribeirão Preto para sediar esta Faculdade, mas isto não me cabe julgar, não é o escopo deste trabalho. O que constatei durante a pesquisa é que uma série de fatores contribuíram para que Ribeirão Preto sediasse esta Faculdade de Medicina e, dentro do limite, procurei apresentá-los em todo o decorrer da sistematização, principalmente, quando destaco a cidade de Ribeirão Preto.

Criada a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo na cidade de Ribeirão Preto pelo Legislativo do estado, cabia, então, ao Executivo Estadual a sua instalação. Para isso foi necessário que as autoridades de Ribeirão Preto (políticos, representantes de classes, clero, imprensa etc.) se organizassem e se mobilizassem. A cidade criou uma Comissão Pró-Instalação Imediata da FMRP, integrada por médicos, dirigentes dos hospitais, representantes de entidades cívicas e culturais etc., ou seja, houve um espírito de colaboração para que a instalação fosse efetivada o mais breve possível. Afinal, a FMRP não atenderia somente cidadãos ribeirãopretanos, mas toda uma região desejosa e necessitada por assistência médica. Alguns estados vizinhos, como Minas Gerais e Goiás, também seriam contemplados com sua instalação.

Após várias discussões das autoridades de Ribeirão Preto, dos representantes da Universidade de São Paulo e do Executivo Estadual, decidiu-se que a instalação física da FMRP seria, provisoriamente, num casarão situado no centro da cidade ao lado da Catedral onde foi instalada a Secretaria, a Biblioteca e a Cadeira de Bioquímica. Provisoriamente, também, foram utilizadas as dependências da Faculdade de Farmácia e Odontologia (instituição privada que ficava próxima ao casarão), onde funcionaram as Cadeiras de Anatomia, Histologia e Embriologia.

Somente em 1953, as instalações da FMRP transferiram-se definitivamente para as dependências da ex-Escola Prática de Agricultura, situada numa antiga fazenda produtora de

café e distante poucos quilômetros do centro de Ribeirão Preto. Após algumas adaptações necessárias, a FMRP passou a funcionar num local onde se formou um verdadeiro *campus* universitário, dotado de toda infra-estrutura e onde passaram a coabitar professores, alunos e funcionários, conservando os aspectos de um ambiente rural, onde se passou a produzir conhecimento científico relevante numa área dotada de casas para professores e funcionários e alojamento para estudantes.

Em relação a estrutura didática da FMRP, a preocupação central foi conciliar o ensino e a pesquisa, pois entendiam seus idealizadores que o ensino jamais deveria ser alijado da pesquisa. Na verdade, a grande preocupação estava em produzir cientistas (pesquisadores) para contribuírem para o desenvolvimento do estado, atenuando ou erradicando as endemias comuns a região e, com isso, propiciarem condições para alavancar o progresso. Neste sentido, era fundamental que a FMRP entregasse todas as cátedras à responsabilidade de professores com alto valor científico.

O curso de medicina passou a ser ministrado em seis anos, sendo os cinco primeiros de ensino técnico-prático e o sexto de disciplinas optativas, momento em que o aluno deveria escolher entre clínica ou cirurgia. Além disso, a FMRP continha todas as disciplinas exigidas pela legislação federal no que respeitava ao ensino da medicina e obedecia, também, às normas gerais do ensino médico da Faculdade de Medicina de São Paulo, acrescidas de algumas modificações que a tornaram revolucionária, como: a implantação das disciplinas Psicologia Médica e Medicina Preventiva; a organização departamental; e a obrigatoriedade do tempo integral do seu corpo docente.

A contratação de professores ocorreu com seriedade, sendo os critérios para seleção bastante rigorosos, pois os professores deveriam ser competentes, terem performance, terem didática, terem vocação própria à pesquisa (este era um requisito fundamental) e terem disposição para se mudarem para Ribeirão Preto, uma cidade distante dos grandes centros. A maior parte dos professores contratados era proveniente da FMSP que, na época, tinha um número excedente de professores (um total de 138 professores excedentes) dotados de todas as qualidades requeridas. Alguns professores estrangeiros de renome internacional na área em que atuavam também foram contratados. Alguns desses professores estrangeiros permaneceram na FMRP; outros, por não se adaptarem, retornaram a seus países de origem.

Com efeito, a Direção da FMRP atuara de forma a deixar claro que ela, de maneira alguma, seria uma filial da FMSP; por isso, cabia aos docentes, entre outras coisas, residirem na cidade de Ribeirão Preto, ou nas casas cedidas dentro do *campus*, pois assim permaneciam em tempo integral no local de trabalho, fato que propiciaria a criação e manutenção de

vínculo com a Faculdade, com suas diretrizes e seus ideais. Além disso, contribuiria para o relacionamento com os alunos e com os funcionários resultando num ambiente sério de trabalho e de um clima propício à superação de obstáculos.

Em relação ao Corpo Discente da FMRP, ficou bastante claro para mim, durante a pesquisa que, mesmo a Universidade de São Paulo, expandindo algumas unidades para o interior do estado, ela sabia que isto, na prática, não solucionaria o problema do número de alunos excedentes, vítimas do controle de vagas; afinal, eram apenas algumas dezenas de vagas abertas. No entanto, se estavam selecionando os melhores professores, obviamente devia-se selecionar também os melhores alunos; por isso, de maneira alguma se facilitou a admissão dos novos alunos, aceitando o ingresso de alunos com menor preparo. Isto pôde ser constatado pela descrição dos primeiros vestibulares e pela exigência do controle de vagas.

Na verdade, não se cogitava discutir a exclusão e realizar a inclusão nos termos que hoje são concebidos e definidos estes conceitos. O essencial era manter o prestígio da Universidade de São Paulo e começar a construir o prestígio da nova Faculdade por meio da qualidade do ensino ministrado, cuja iniciativa só poderia dar certo se contasse com alunos devidamente preparados. Esta, por certo, era a opinião predominante na época, num momento em que a escola pública de nível elementar e médio gozava de boa reputação.

De forma geral, verifiquei, por meio das entrevistas realizadas, que os alunos das primeiras turmas da FMRP provinham, na maioria, de cidades do interior do estado de São Paulo e, em menor quantidade, de cidades de estados vizinhos como Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Isto revelou que a FMRP, de fato, foi uma escola regional, pois descentralizou e difundiu o ensino e o atendimento médico a estudantes e a pessoas do interior.

De acordo com os relatos, a maioria dos estudantes da FMRP descendia de imigrantes, destacadamente de italianos e portugueses. O perfil deste imigrante era, no geral, de pessoa disposta a trabalhar no campo, sobretudo nas fazendas de café. Conscientes de alguns direitos trabalhistas (herdados em seus países de origem), vários deles conseguiram acumular recursos financeiros e se estabelecerem nas pequenas e médias cidades do interior.

Outros, porém, tornaram-se proprietários de grandes fazendas. O importante a destacar, contudo, é que estes imigrantes, no geral, tinham consciência da importância de uma boa educação, pois à medida que melhoravam as condições financeiras, obtendo recursos de classe média, tratavam de matricular seus filhos em escolas públicas e os assistir da melhor forma possível para que viessem a se tornar futuros “doutores”.

Observei que a escolaridade dos pais (do chefe da família) variou entre alguns com pouco ensino escolar, cuja dedicação era voltada mais a produção rural; outros com cursos técnicos dirigidos a funções de prestação de serviços, como marcenaria, alfaiataria, escritórios contábeis etc.; e outros, ainda, detentores de diplomas de nível superior de ensino como, advogados, administradores, médicos etc. No caso das mães, a maioria tinha pouca escolaridade e trabalhava na própria casa, desempenhando funções domésticas. Algumas mães com mais escolaridade eram professoras ou diretoras de escola.

De forma geral, constatei que eram famílias com poucos filhos. De acordo com os depoimentos, o número de filhos ficou em torno de dois a quatro. Neste sentido, tenho como hipótese que por serem europeus ou descendentes de europeus, tinham consciência da importância de educarem bem os filhos e lhes oferecerem condições adequadas de vida e de estudos, restringindo-se, assim, o tamanho da prole. Quando perguntados se os pais haviam incentivado seus estudos para entrarem e, conseqüentemente, estudarem na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, foram unânimes em dizer que conseguiram estudar pelo apoio, incentivo e insistência da família. Esta valorização dos estudos e o apoio por parte da família representaram, para estes profissionais, um importante capital cultural.

Ainda, de acordo com os depoimentos, a escolha pelo curso de medicina ocorria, essencialmente, pelos seguintes fatores: por já haver na família alguma tradição médica; porque os pais queriam ter um filho doutor, concretizando, assim, sonhos antigos; ou simplesmente por vocação própria e devido ao prestígio social da carreira.

Por meio dos relatos dos entrevistados, observei algumas características elencadas da FMRP que eram comuns a todos, ou seja, que a FMRP era uma instituição séria, competente e rigorosa exigindo dele (aluno) muita dedicação aos estudos. Recordam, os entrevistados, da convivência laboriosa e amistosa entre professores e alunos, da valorização da pesquisa e, principalmente, da preocupação com a excelência acadêmica. Além disso, recordam também das atividades ligadas ao Centro Acadêmico Rocha Lima (CARL), a participação em Ligas assistenciais, a atividades culturais dentro e fora da FMRP, aos debates e manifestações políticas, a participação em atividades esportivas etc. Em suma, eram estudantes em tempo integral.

Após formados, os alunos da FMRP, de forma geral, foram atuar nas mais diversas áreas da medicina, sendo que a maioria tornou-se “médico civil”, atendendo pacientes em hospitais, prontos-socorros, consultórios, presídios etc. Outros, porém, optaram pela carreira acadêmica de ensino e pesquisa.

De uma forma ou de outra, tenho certo que a FMRP irradiou profissionais médicos para as mais diversas cidades do estado de São Paulo e do Brasil. Profissionais que aprenderam e disseminaram a importância não somente da medicina curativa, mas, essencialmente, a importância da medicina preventiva.

Quase todos os formandos que optaram pela clínica em consultórios particulares atendem, atualmente, também no sistema de saúde público do município em que vivem. Alguns até mesmo gostariam de prestar serviços somente no sistema público; entretanto, como este remunera muito mal o profissional médico, eles se vêem obrigados a trabalhar em clínicas particulares, atendendo, na maior parte das vezes, a pacientes conveniados. Desta forma, muitos dos entrevistados relatam que atendem pacientes das mais diferentes classes sociais, contribuindo, assim, para a melhoria da saúde pública. Ademais, alguns participam de organizações não governamentais que prestam assistência médica aos mais carentes.

De outro lado, porém, encontrei os ex-alunos que optaram pela docência e pela pesquisa, tornando-se professores e pesquisadores seguindo a carreira acadêmica com todos os seus rituais.

Outro aspecto de destaque é quanto ao Hospital das Clínicas da FMRP. Instalado provisoriamente num prédio doado pela Fundação Sinhá Junqueira, onde seria implantada uma maternidade, suas atividades iniciaram-se em 1956. Aos poucos, a demanda de pacientes foi crescendo e o HC passou a necessitar de uma sede própria que atendesse não só a demanda de pacientes, mas, sobretudo, que propiciasse ao corpo docente e discente condições mais adequadas para o exercício das atividades de ensino, pesquisa e assistência. Desta forma, em 1962, foi assinado o contrato para a elaboração do projeto de construção que daria sede própria ao HC com capacidade para 500 leitos e que seria uma ligação natural e funcional com os departamentos científicos da Faculdade. Em 1978, iniciou suas atividades oferecendo 525 leitos e realizando cerca de 700 consultas diárias. Não somente, o HC implantou uma medicina social que atuou junto à comunidade como extensão dos serviços prestados no Hospital e que correspondeu a uma medicina preventiva.

Merece destaque, também, a Faculdade de Enfermagem, anexa a FMRP, pois a partir da sua criação, passou-se a habilitar enfermeiros qualificados numa região cujo diploma de enfermagem era raro. Além disso, proporcionou mão-de-obra qualificada para exercer funções de enfermagem no Hospital das Clínicas.

De forma a sistematizar o ensino e garantir que todas as disciplinas fossem lecionadas, a FMRP inovou e criou departamentos por meio do agrupamento de disciplinas afins. Os departamentos eram dirigidos por professores catedráticos que contavam com professores

adjuntos encarregados de ministrar cursos de suas especialidades. Esta reunião de disciplinas em uma só unidade foi, para a época, uma verdadeira inovação. Reduzindo-se o número de cátedras, reduzia-se também a fragmentação do conhecimento. O que sucedia antes da criação de departamentos é que, por via de regra, os professores catedráticos responsáveis por cadeiras semelhantes ensinavam aos alunos apenas problemas sofisticados, ou seja, privilegiavam apenas um tipo de conhecimento em detrimento de outro. A FMRP conseguiu romper com isto. Embora cada departamento tenha compartilhado pontos em comum, cada um teve sua própria característica o que possibilitou democratizar o ensino.

Aspecto de destaque, também, foi quanto à investigação científica, pois constatei, durante a pesquisa, que a FMRP, principalmente pelo seu programa de pós-graduação, procurou desenvolver estudos e soluções de problemas médico-sociais da comunidade na qual está inserida. Tendo claro que a região de Ribeirão Preto tem problemas específicos, resultantes de sua ecologia e de condições sociais características, era esperado que a FMRP buscasse soluções próprias a estes problemas, e isto, dentro de seu limite, ela fez. É obvio que não cabia a ela o peso de solucionar todos os problemas existentes, mas de acordo com as fontes que pesquisei, constatei que ela contribuiu para que muitos deles fossem solucionados e/ou atenuados.

Outro ponto abordado neste trabalho foi quanto à contribuição da Fundação Rockefeller à FMRP. Viabilizando auxílios financeiros em programas de controle e erradicação de doenças endêmicas, essa Fundação, após examinar as orientações filosóficas, os princípios e propósitos da FMRP, passou a beneficiar sua instalação e seu desenvolvimento, doando uma vultuosa quantia em dinheiro para equipar seus departamentos e laboratórios. Além disso, passou também a subvencionar a FMRP oferecendo bolsa de estudos no exterior (EUA) para aperfeiçoamento do seu corpo docente.

Ao concluir este trabalho, não poderia deixar de destacar a figura do Professor Zeferino Vaz. Desde as primeiras discussões acerca da implantação da FMRP, o Professor Zeferino esteve no centro dos debates. Responsável pela criação dessa Faculdade, tornou-se seu diretor por um período de doze anos, de 1952, ano de sua instalação, até 1964.

Considerado por muitos como um ditador, devido suas posturas autoritárias, ele era, na verdade, um centralizador. Pude constatar que, se a FMRP teve suas bases alicerçadas em terreno sólido e fértil, priorizando a pesquisa, o ensino, a qualidade do corpo docente e discente, a inovação e revolução na estrutura didática, a qualidade da extensão universitária etc., o responsável por tudo isso foi, principalmente, o Professor Zeferino Vaz. Observei pelas fontes consultadas que Zeferino Vaz não era benquisto por todos; afinal era um homem

bastante polêmico; mas estou certo que se a FMRP é hoje um grande pólo produtor e irradiador de ciência, isto se deve muito a sua figura.

Em relação a quem era destinada a FMRP, observei, a partir da estrutura econômica, que ela, por meio de seu currículo, sua linguagem, sua arquitetura, seus rituais etc., era destinada aos herdeiros de um capital cultural, econômico e social produzidos, num primeiro momento, na família, e depois nas escolas que frequentou e no meio social que cresceu. Ou seja, que a FMRP por meio de mecanismos de ocultação privilegiava os herdeiros da classe dominante.

Por outro lado, observei, também, que a FMRP possuía aspectos produtivos e criativos na construção de novas realidades. Ou seja, compreendida como um cruzamento de atores vivos (professores, alunos, dirigentes), engajados numa autoconstrução capaz de modificar seus utilizadores e influenciar na estrutura social, a FMRP atuou num processo de transformação e mudança social.

Portanto, foi por meio dessa dialética entre a reprodução do existente e a invenção do novo, que a FMRP movimentou a sociedade.

Outro aspecto a destacar é quanto a FMRP ser uma Escola de promoção social e não uma Escola meramente assistencial. A essência dessa afirmação está no fato da FMRP ter sido estruturada, desde sua criação, em princípios investigativos. Ao produzir ciência e ao democratizar o conhecimento tornando-o um bem público ela desempenhou (desempenha) seu papel social. Por meio de suas pesquisas ela consegue atravessar seus próprios muros e chegar até a população prevenindo, atenuando ou sanando várias doenças. **Esta é a sua identidade.** E isto pude constatar ao pesquisar seus vários documentos e ao ouvir alguns depoimentos de quem fez parte da sua história.

Outro ponto de destaque é quanto à importância da FMRP atender sua população não somente por meio de uma medicina curativa, mas principalmente por meio de uma medicina preventiva. Cabia ao aluno da FMRP inculcar-se durante toda a sua formação, que a saúde devia ser entendida como um estado completo de bem-estar físico, mental e social e não somente a ausência de doenças. A FMRP revolucionou o sistema de ensino vigente nas Escolas Médicas do Brasil e implantou, pela primeira vez, a disciplina Medicina Preventiva. Criou, até mesmo, um departamento específico para esse fim, o Departamento de Higiene e Medicina Preventiva. Várias campanhas de conscientização eram promovidas pelos professores e alunos da FMRP, visando ensinar à comunidade como prevenir doenças por meio de comportamentos e atitudes profiláticas como, por exemplo, prevenir a doença de Chagas, evitando o contato com seu transmissor, o barbeiro. Essa postura de assistir o

indivíduo *in loco* e entender quais meios o levavam a adoecer e, com isso, prevenir doenças era, em meados do século XX, uma atitude que transcendia a função tradicional da medicina meramente curativa.

Quanto ao envolvimento da FMRP com a população de Ribeirão Preto e da região constatei, pelas fontes consultadas, que a FMRP desempenhou satisfatoriamente seu papel, levando as pessoas um serviço médico de alta qualidade. O problema observado foi quanto à relação entre a FMRP e a população médica da cidade, pois enquanto o médico que trabalhava na cidade podia (e era necessário para ajudar a controlar a demanda de pacientes) trabalhar no HC da FMRP, o mesmo não ocorria com o médico (professor – pesquisador) da FMRP. Pois ele não podia auxiliar um amigo ajudando no atendimento a pacientes da Santa Casa ou em clínicas e hospitais particulares da cidade. Afinal, isso denotaria, sob aspectos burocráticos da USP, burla do regime de tempo integral. Muitas vezes o médico-professor da FMRP sabia realizar procedimentos clínicos que seus amigos de clínicas particulares não sabiam, mas ele era impedido de auxiliá-lo, causando, com isso, um certo mal-estar. O que atenuou este fato foi a possibilidade dos médicos da cidade poderem se atualizar em cursos oferecidos pela FMRP.

Ao analisar este problema, minha intenção foi a de poder entender melhor a relação da FMRP com a sociedade da qual está inserida, sem ter tido a pretensão de apresentar qualquer tipo de solução para isto.

Em relação ao fato da FMRP ter apresentado em seus anos iniciais um número de homens consideravelmente superior em relação ao número de mulheres, o que procurei foi destacar que, em meados do século XX, isso não era um fenômeno isolado do curso de Medicina da FMRP, mas sim um fato comum em vários ramos da economia.

Observei que, em particular, no caso da FMRP, alguns dos motivos que levaram a Faculdade a apresentar um número menor de mulheres foi o fato da metodologia do exame de admissão estar centrado em questões dissertativas de física e química, disciplinas estas que as mulheres apresentavam maiores dificuldades para solucionar problemas.

Ao apresentar este problema minha intenção foi, também, de entender melhor a relação entre a FMRP com a sociedade que produziu e a moldou.

Por fim, quero deixar claro que ao redigir este texto, historiando e analisando como ocorreu a criação, a instalação, o desenvolvimento e a consolidação da FMRP, procurei sempre respeitar as fontes que me auxiliaram. Estou certo que os documentos não falam por si e, por isso mesmo, este é um trabalho de pesquisa interpretativo. Agora, estou certo também que em nenhum momento procurei fazer críticas desmedidas. O que procurei, dentro do limite

proposto (1948–1975), foi realizar uma pesquisa qualitativa e resgatar o sentido histórico e social desta instituição que, a meu ver, honrou e respeitou a região, contribuindo para o seu desenvolvimento.

A FMRP prestou e presta relevantes serviços à sociedade da qual está inserida. Em seus primeiros anos, vários estudos objetivaram solucionar problemas que afligiam a população naquela época, como foi o caso da Moléstia de Chagas. Trabalhos de pesquisa levados a efeito por vários professores proporcionaram a erradicação deste mal e tornaram-se referência para este tipo de estudo não só no Brasil como no exterior. Ademais, várias Ligas de combate e prevenção a doenças concentraram-se em atividades rendosas à comunidade, que se beneficiou por meio de aconselhamentos e prevenções às enfermidades. Por isto, procurei a todo momento deixar claro que esta é uma instituição de Promoção Social.

Espero, sinceramente, que este trabalho de pesquisa tenha contribuído com outros pesquisadores desta área e, tenha feito avançar um pouco mais os estudos acerca desta temática. Se isto ocorreu, estou satisfeito.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- AMORIM, D.S. Princípios e objetivos dos cursos de Pós-Graduação nas áreas biomédicas. In: **III Simpósio Nacional de Pós-Graduação nas Áreas Biomédicas**. Ribeirão Preto, 1975. p. 32-36.
- ARIÉS, P. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1981 vol. 3.
- AZANHA, J.M.P. **Uma idéia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1992.
- AZEVEDO, F. **A educação e seus problemas**. 2. ed., São Paulo: Nacional, 1946.
- _____. **A cultura brasileira**. 5. ed., São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- BINZER, I. V. **Os meus romanos**. Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. 6. ed. rev. e bilíngüe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Tradução de Carmem C. Varrieli et. al; Coord. Trad. João Ferreira; Ver. Geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. 12. ed., Brasília: Editora da UNB, 2004.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução: Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. 3.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- _____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 41-64.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Orgs.) **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 83-126.
- _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUFFA, E. **A evolução da questão das fontes de investigação na área de História: a leitura histórica na Universidade: a ótica dos pesquisadores**. Texto apresentado no 11º COLE, Campinas, julho de 1997.
- _____. Contribuição da história para o enfrentamento dos problemas educacionais contemporâneos. **Em Aberto**. Brasília: INEP.
- BURKE, P. **A escola dos annales (1929 – 1989); a Revolução Francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

- BURKE, P. **A escrita da história**: 2.ed. Novas Perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARDOSO, C. F. **Uma introdução à história**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CARDOSO, C.F., BRIGNOLI, H.P. **Os métodos da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, C.F., VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da história**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- COELHO, G.G.; FERRARESE, S.R.B. Centro Acadêmico Rocha Lima. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set., 2002. p. 440-446.
- COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva. In: **Os Pensadores**. 2. ed. São Paulo: Editora Abril, vol. 33, 1983.
- CORRADO, A.P. Departamento de Farmacologia. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set., 2002. p. 270-276.
- CROCE, B. **A História**: pensamento e ação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- CUNHA, L.A **A universidade reformanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. **A universidade temporã**: da colônia à era Vargas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- _____. **A universidade crítica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- DALLABRIDA, N. (Org.) **Mosaico de Escolas**: modos de educação em Santa Catarina na primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.
- _____. **A fabricação escolar das elites**. Florianópolis: Cidade Futura.
- DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. (Org.). **Aventura antropológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1986.
- DEMARTINI, Z.B.F. histórias de vida na abordagem de problemas educacionais. In: SIMSON, O.R.M. von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália – Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.
- _____. Questões teórico-metodológicas da história da educação. In: SAVIANI, D.; LOMBARDI, J.C.; SANFELICE, J.L. (Org.) **História e história da educação**: o debate teórico-metodológico atual. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.
- DEMO, P. **Educação e qualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

- Diário Oficial do estado de São Paulo, 28, nov., 1951, n° 265. In: MORAES, M.A.S. **Monte Alegre: dos tempos do café à Faculdade de Medicina**. FMRP-USP. Brodowski, SP: Editora & Serviços Folha LTDA, 1992. p. 29.
- DURKHEIM, E. **As regras do Método Sociológico**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1983.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- Fascículo n° 33 da revista **Revide** n° 147. Ribeirão Preto. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.
- FERRAZ, J.B.F. **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP: criação e impacto no ensino médico**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2005.
- FERREIRA, A.B. de H. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- _____. **Microfísica do poder**. Organização e Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FRANCI, C.R. Pós-Graduação *Stricto Sensu* na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set. 2002., p. 373-384.
- FRANKEN, T., GUEDES, R. (entrevistadores) **Entrevista com o professor Zeferino Vaz** (depoimento, 1977). Rio de Janeiro: FGV/CPDOC – História Oral, 1986 (História da Ciência – Convênio FINEP/CPDOC).
- FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise no trabalho: perspectivas de final de século**. 2. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.
- GATTI, JR. D. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. Revista **Ícone**. v. 6, n. 2, jul./dez., 2000. p. 131-147.
- _____. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAUJO, J.C. S.; GATTI JR., D. (Orgs.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: Edufu, 2002. (Coleção memória da educação).

GATTI JR., D.; OLIVEIRA, L.H.M.M. “História das instituições educativas: um novo olhar historiográfico. In: **Cadernos de História da Educação**. Universidade Federal de Uberlândia. v.1., n.º. 1 (jan./dez. 2002). Uberlândia: UFU, 2002.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Problemas de filosofia e história. In: _____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

_____. **Socialismo e cultura em escritos políticos**. Lisboa: Seara, 1976.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. 2. ed. Revidado e Atualizado. São Paulo: Loyola, 2004.

HERSCHMANN, M; KROPFS, S.; NUNES, C. **Missionários do progresso**. Médicos, Engenheiros e Educadores no Rio de Janeiro, 1870-1937. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, L. Construindo um objecto: para uma análise crítica da investigação portuguesa sobre a escola. Apud. MAGALHÃES, J. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, R.; MAGALHÃES, J. (Orgs). **Para a História do Ensino Liceal em Portugal**: actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895). Braga: Universidade do Minho, 1999.

LOMBARDI, J.C. História e Historiografia da Educação: atentando para as fontes. In: LOMBARDI, J.C.; NASCIMENTO, M.I.M. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palmas, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação).

MACHADO, M. H. (Org.) **Profissões de saúde**: uma abordagem sociológica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

_____. (Org.) **Os médicos no Brasil**: um retrato da realidade. Editora Fiocruz. 1997.

MAGALHÃES, J. P. de. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C. e SANFELICE, J.L.(Orgs). **História da educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas, S.P: Autores Associados, 1999.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Mônaco. 4. ed., São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Marx e a pedagogia moderna**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira. São Paulo: Cortez, 1991.

MARINHO, M.G.S.M.C. **Norte Americanos no Brasil**: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MARTINS, C. B. (Org.). **Ensino superior brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARX, K. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. O processo de produção do capital. vol. 1, 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. Prefácio à “Contribuição à Crítica da Economia Política”. In: MARX, K; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Editora Alfa Omega, v.1, s/d. p. 301.

MAURO, J.E.M.; NOGUEIRA, A.R. **A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP**: primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004.

MEDICINA: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Hospital das Clínicas. Ribeirão Preto, SP: vol. 25, nº 1, jan./mar., 1992.

MENEGHEL, S.M. **Zeferino Vaz e a UNICAMP – uma trajetória e um modelo de universidade**. 1994. 174 f. Dissertação (Mestrado) UNICAMP. Campinas, SP. 1994.

MONARCHA, C. **Escola Normal da Praça**: o lado noturno das luzes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1999.

MORAES, M.A.S. **Monte Alegre**: dos tempos do café à Faculdade de Medicina. FMRP-USP. Brodowski, SP: Editora & Serviços Folha LTDA, 1992.

NOGUEIRA, M.A. Trajetórias Escolares, Estratégias Culturais e Classes Sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. **Teoria e educação**. Porto Alegre, 1991.

NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.) **Escritos de educação**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NOSELLA, P. **Uma nova educação para o meio rural**: sistematização e problematização da experiência educacional das escolas da família agrícola do movimento de educação promocional do Espírito Santo: PUC, 1977, 203 p. Mestrado (Filosofia da Educação) – PUC-SP.

_____. Aspectos teóricos da pesquisa educacional: da metafísica ao empírico, do empírico ao concreto. **Educação e Sociedade**. nº19, 1984.

_____. **Universidade de São Paulo**: escola de engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948 – 1971. São Carlos: EdUFSCar, 2000.

_____. **Qual compromisso político?** ensaios sobre a educação brasileira pós-ditadura. 2. ed. Bragança Paulista, SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2002.

_____. **A Escola de Gramsci**. 3. ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2004.

- NOSELLA, P.; BUFFA, E. Escolástica ou Historicismo? In: NOSELLA, P. **Qual compromisso político?** ensaios sobre a educação brasileira pós-ditadura. 2. ed. Bragança Paulista, SP: IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 2002. p. 71 -80.
- NÓVOA, A. (Coord.). Para uma análise das instituições escolares. In: _____. **As organizações escolares em análise**. D. Quixote, Lisboa, 1992. p. 15 – 41.
- NUNES, C. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, nº 6, 1992. p. 151–182.
- NUNES, C. **O passado sempre presente**. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____. Pesquisa Histórica: um desafio. **Cadernos da ANPED**. nº 2, 1989.
- NUNES, C.; CARVALHO, M. Historiografia da educação e fontes. **Cadernos da ANPED**. Caxambu: MG., 1992.
- ORTIZ, R. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- PASTORE, J. **O ensino superior em São Paulo**: os aspectos quantitativos e qualitativos de sua expansão. vol. 3. São Paulo: Ed. Nacional, Institutos de Pesquisas Econômicas, 1971.
- PETITAT, A. Entre história e Sociologia: uma perspectiva construtivista aplicada à emergência dos colégios e da burguesia. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, nº 6, 1992. p. 135 – 150.
- _____. **Produção da escola, produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PISTONE, S. Vocábulo Historicismo. In: BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 12ª ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004. vol. 1. p. 581.
- PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.
- Revista **Pesquisa Fapesp**. nº 97, mar., 2004.
- Ribeirão Preto**. 1. ed. Ribeirão Preto, SP: Mic Editorial Ltda., 1995.
- ROCHA E SILVA, M. Discurso de saudação feito ao Professor Zeferino Vaz. Ribeirão Preto, 08 de março de 1961. In: FERRAZ, J.B.F. **Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP: criação e impacto no ensino médico**. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2005. p. 135.
- ROMANELLI, G. O significado da educação superior para duas gerações de famílias de camadas médias. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 76, nº 184, set./dez., 1995. p. 445-476.
- ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 18. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

SÁ, M.F.S. O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set., 2002. p. 397-402.

SALGADO, C. Estrutura e organização dos cursos. In: **III Simpósio Nacional de Pós-Graduação nas Áreas Biomédicas**. Ribeirão Preto, 1975. p. 67-74.

SALM, C. **Escola e trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTORO, J.R. Departamento de Puericultura e Pediatria. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set., 2002. p. 349-366.

SANTOS, J.S. Da Fundação do Hospital das Clínicas à Criação da Unidade de Emergência e sua Transformação em Modelo Nacional de Atenção Hospitalar às Urgências. In: **Medicina Ribeirão Preto**. Edição Comemorativa dos 50 anos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. vol. 35, n. 3, jul./set., 2002. p. 403-418.

SANTOS, M.C.L. dos (Org.). **Universidade de São Paulo: alma mater paulista: 63 anos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Imprensa Oficial, 1998.

SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C. e SANFELICE, J.L (Org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.

SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: LOMBARDI, J.C.; NASCIMENTO, M.I.M. (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Curitiba, PR: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Palmas, PR: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS); Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação).

_____. **Escola e democracia**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SAVIANI, D. MENDES, D.T., BOSI, A, HORTA, J.S.B. **Filosofia da educação brasileira**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

SCHAFF, A. **História e verdade**. Traduzido por Maria Paula Duarte, 6 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHWARTZMAN, S. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Nacional. 1979.

_____. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Tradução de Sérgio Bath. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia. 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, T.T. **O que produz e o que reproduz em educação**: ensaios de sociologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1971.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Cinquentenário da Universidade de São Paulo: 1934 – 1984**. São Paulo: 1985.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Pós-Graduação. **Manual de Informação**. Ribeirão Preto, 1989.

USP. Reitoria. Assistência Técnica do DAS. Construções efetuadas pela Sociedade Construtora de Imóveis S/A para a instalação da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto. In: MAURO, J.E.M.; NOGUEIRA, A.R. **A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP**: primeiros tempos, através dos documentos e pela voz de seus construtores. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2004. p. 65.

VAZ, Z. **Discurso de Paraninfo da 1ª Turma de Médicos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo**. 1958.

_____. **Oração de despedida do fundador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**. Prof. Dr. Zeferino Vaz Presidente do Conselho Estadual de Educação. Março de 1964, p. 6.

_____. **Relatório sobre o tema educação médica apresentado à Confederação Nacional da Indústria e ao SESI**. Ribeirão Preto, 03 de março de 1962. (SIARQ-UNICAMP).

_____. **Tempo integral, educação médica e investigação científica**. Ribeirão Preto. 1962.

VICHI, F.L. **Aspectos históricos e personagens da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**: comemoração do cinquentenário da Fundação da Faculdade. Ribeirão Preto, SP: Gráfica Canavaci, 2002.

WARDE, M. J. Anotações para uma historiografia da educação brasileira. **Em Aberto**. Brasília: INEP, ano 3, nº 23, set./out., 1984.

_____. Contribuição da história para a educação. **Em Aberto**. Brasília: INEP, nº 17, jul./set., 1990, p. 3 – 11.

Internet:

LACERDA, A. L. Retratos do Brasil: uma coleção do Rockefeller Archive Center. Disponível em: <<http://www.scielo.br/img/fbpe/hcsm/v9n3/html/14076img.htm>>

<http://www.kidlink.org/portuguese/waila/ribeirao.html>.

<http://www.fmrp.usp.br/fotos.php>.

<http://www.fmrp.usp.br/paginas/faculdade/historia.htm>.

**DOCUMENTOS
CONSULTADOS**

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- Coleção das Leis e Decretos do estado de São Paulo de 1951. Tomo LXI. 4º trimestre. 1º vol. Imprensa Oficial de estado de São Paulo. p. 249-255. Fonte: IEB-USP – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.
- Comissão de Constituição e Justiça. Parecer nº 1221, de 1948 sobre Projeto de Lei nº 10 de 1947.
- Of. E. 060353/050853. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Relatório para reconhecimento dos cursos na FMRP junto ao MEC. (Centro de Memória da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto)
- Ofício enviado ao Senhor Ministro da Educação e Saúde pelo Vice-Reitor em exercício da USP Professor Antonio Carlos Cardoso, pedindo autorização ao Conselho Nacional de Educação para funcionamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Fonte: Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)
- Ofício nº 13/48, A.T.L. – Proc. 621/48, A.T.L. de Adhemar de Barros Governador do estado de São Paulo enviado ao Sr. Lincoln Feliciano Presidente da Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. 10 de setembro de 1948.
- Processo nº 12927/59. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (59.1.12927.1.5) Arquivo 6A.
- Processo nº 1732/53. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (53.1.1732.1.8). CX: 676. (Acervo Central da USP)
- Processo nº 18272/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (51.1.18272.1.3) CX: 370. (Acervo Central da USP)[
- Processo nº 18754/52. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (52.1.18754.1.9) CX: 544. (Acervo Central da USP)
- Processo nº 30774/64. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. (64.1.30774.1.8) Arquivo 4A (Acervo Central da USP)
- Processo nº 3320/51. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Referente a instalação da Faculdade acima citada. Referência: 308/Casa Civil. CX: 311. (Acervo Central da USP)
- Processo nº 3846/52. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Assunto: Instalação da Faculdade acima citada. CX: 511. (Acervo Central da USP)

-
- Processo nº 4296/52. Universidade de São Paulo. Reitoria. Interessado: José Bento Faria Ferraz (e outros). Assunto: Solicitando a nomeação dos interessados para compor o corpo administrativo da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Referência e.5/952/FMRP. CX 453. (Acervo Central da USP)
 - Reitoria da Universidade de São Paulo. Conselho Universitário. Processo nº 14.138-47. Parecer da Comissão de Ensino e Regimentos.
 - Relatório do Verificador do Curso de Ciências Médicas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. p. 8-9. Fonte: Acervo Documental do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da UNICAMP (SIARQ – UNICAMP).
 - Universidade de São Paulo. Boletim Radiofônico. Ano II. São Paulo, 24 de agosto de 1951. nº 44. “Entrevista concedida ao programa ‘Momento Universitário’ pelo Prof. Zeferino Vaz, Membro do Conselho Universitário, sobre a próxima instalação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”.

**JORNAIS
CONSULTADOS**

JORNAIS CONSULTADOS**JORNAL “DIÁRIO DA MANHÃ” DE RIBEIRÃO PRETO:****1948**

- Sábado, 21 de agosto de 1948: “*Criada a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.

1949

- Domingo, 25 de setembro de 1949: “*Uma Faculdade para Ribeirão Preto*”.

1950

- Sábado, 13 de maio de 1950: “*A Faculdade de Medicina será instalada em Ribeirão Preto*”.
- Terça-feira, 23 de maio de 1950: “*A vinda do Drº Miguel Reale, para importantes estudos*”.
- Quinta-feira, 25 de maio de 1950: “*A FMRP desperta grande entusiasmo nos meios estudantis*”.
- Sábado, 27 de maio de 1950: “*Acidente com avião do senhor Miguel Reale*”.
- Terça-feira, 30 de maio de 1950: “*Ensino*”.

1951

- Quinta-feira, 15 de fevereiro de 1951: “*Reunidas as forças vivas de Ribeirão Preto para instalação da Faculdade de Medicina*”.
- Sexta-feira, 16 de fevereiro de 1951: “*FMRP em 1952*”.
- Domingo, 25 de fevereiro de 1951: “*Faculdade de Medicina*”.
- Quarta-feira, 07 de março de 1951: “*Doada ontem pela ‘Cidade Universitária’ à Prefeitura Municipal grande área de terra para a construção da Faculdade de Medicina*”.
- Sexta-feira, 09 de março de 1951: “*O momento político – Faculdade de Medicina*”.
- Domingo, 11 de março de 1951: “*Terão início ainda esse ano as obras da Faculdade de Medicina*”.
- Quarta-feira, 21 de março de 1951: “*Acadêmicos da Faculdade de Medicina*”.

- Terça-feira, 10 de abril de 1951: “*Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto*”.
- Quinta-feira, 12 de abril de 1951 “*Trabalha ativamente a comissão pró-instalação da Faculdade de Ribeirão Preto*”.
- Sexta-feira, 13 de abril de 1951: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Terça-feira, 17 de abril de 1951: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Quarta-feira, 09 de maio de 1951: “*Fala o Prof. Samuel Pessoa sobre a Faculdade de Medicina*”.
- Quarta-feira, 30 de maio de 1951: “*Prontos os planos para a instalação da Faculdade de Medicina local*”.
- Sábado, 09 de junho de 1951 “*Duas autoridades do ensino superior verificarão os laboratórios da Faculdade de Farmácia e Odonto*”.
- Terça-feira, 12 de junho de 1951: “*Centro de debates culturais*”.
- Quarta-feira, 13 de junho de 1951: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sábado, 16 de junho de 1951: “*Solicitado conste uma verba no próximo orçamento para a criação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sábado, 11 de agosto de 1951: “*Professor Zeferino Vaz em Ribeirão Preto*”.
- Domingo, 12 de agosto de 1951: “*Funcionará em 1952 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sábado, 29 de setembro de 1951: “*O Professor Zeferino Vaz trata da instalação da Faculdade de Medicina nesta cidade*”.
- Terça-feira, 02 de outubro de 1951: “*Instalando a Faculdade de Medicina nesta cidade prova Lucas Garcez não ter candidato próprio*”.
- Quarta-feira, 03 de outubro de 1951: “*Será instalada hoje a Faculdade de Medicina: uma grande aspiração de Ribeirão Preto que se concretiza*”.
- Sexta-feira, 09 de novembro de 1951: “*Funcionará em 1952 a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sábado, 24 de novembro de 1951: “*2ª feira as primeiras providências para instalação da Faculdade de Medicina*”.
- Terça-feira, 27 de novembro de 1951: “*A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto será o maior centro médico da América Latina*”.
- Sábado, 01 de dezembro de 1951: “*Vultoso crédito para Faculdade de Medicina local*”.

- Sábado, 8 de dezembro de 1951: *“Aprovada a Estruturação da Faculdade de Medicina”*.
- Quinta-feira, 19 de dezembro de 1951 *“Viável instalação da Faculdade na Escola Prática”*.
- Sábado, 27 de dezembro de 1951 *“O senhor Lucas Nogueira Garcez assinou o Decreto da Estruturação da Faculdade de Medicina”*.
- Domingo, 28 de dezembro de 1951 *“Escola Prática de Agricultura e Faculdade de Medicina”*.

1952

- Quarta-feira, 23 de janeiro de 1952: *“Localização da Faculdade de Medicina na atual Escola Prática de Agricultura”*.
- Terça-feira, 05 de fevereiro de 1952: *“Manutenção de curso de agricultura junto a Faculdade de Medicina”*.
- Terça-feira, 26 de fevereiro de 1952: *“O Prof. Zeferino Vaz no Centro de Debates Culturais”*.
- Domingo, 02 de março de 1952: *“Que será a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- Terça-feira, 04 de março de 1952: *“Movimentados debates em torno da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- Quarta-feira, 09 de março de 1952: *“A palestra do Professor Zeferino Vaz no Centro de Debates”*.
- Sexta-feira, 28 de março de 1952: I. *“Ribeirão Preto completa hoje 89 anos de sua existência”*. – II. *“Centro Médico de Ribeirão Preto”*.
- Sexta-feira, 04 de abril de 1952: *“Instalação da Faculdade de Medicina onde funciona a Escola Prática – Nomeados os catedráticos 1º ano do curso médico”*.
- Domingo, 06 de abril de 1952: *“Concurso de Habilitação para a matrícula no 1º ano do curso médico”*.
- Terça-feira, 08 de abril de 1952: *“Abertas as inscrições para a matrícula na Faculdade de Medicina”*.
- Quinta-feira, 17 de abril de 1952: *“Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- Sábado, 19 de abril de 1952: *“Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- Domingo, 20 de abril de 1952: *“Associação Paulista de Medicina”*.

- Domingo, 27 de abril de 1952: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Quarta-feira, 30 de abril de 1952: “*Instalação da Faculdade de Medicina na Escola Prática*”.
- Domingo, 04 de maio de 1952: “*Terminaram os vestibulares*”.
- Terça-feira, 06 de maio de 1952: “*Marcada para o dia 17 a aula inaugural da Faculdade de Medicina*”.
- Quinta-feira, 15 de maio de 1952: “*Aula Inaugural da Faculdade de Medicina*”.
- Sexta-feira, 16 de maio de 1952: I. “*Sessão da Escola Prática à Universidade de S.Paulo*”. II. “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sábado, 17 de maio de 1952: I. “*Instalação oficial da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*” – II. “*Os 50 candidatos aprovados*”.
- Domingo, 18 de maio de 1952: “*Solenidades inaugurais dos cursos da Faculdade de Medicina*”.
- Terça-feira, 20 de maio de 1952: “*A Escola Prática continuará suas atividades*”.
- Sexta-feira, 03 de outubro de 1952: “*Na Faculdade de Medicina*”.
- Quinta-feira, 27 de novembro de 1952: “*Funcionará no próximo ano a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto*”.
- Domingo, 30 de novembro de 1952: “*No Centro de Debates Culturais*”.
- Terça-feira, 02 de dezembro de 1952: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Terça-feira, 09 de dezembro de 1952: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Sexta-feira, 19 de dezembro de 1952: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.

1953

- 17 de março de 1953: I. “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”. II. “*Editais de matrículas*”.

1955

- 20 de setembro de 1955: “*Congresso Nacional de Medicina será realizado em Ribeirão Preto*”.

1958

- 06 de janeiro de 1958
- 12 de janeiro de 1958

1962

- Sábado, 14 de abril de 1962: I. *“Quase um milhão de dólares”*. II. *“Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto estabelecimento que orgulha São Paulo”*. III. *“Aniversário da Faculdade de Medicina: acontecimento de rara expressão cultura”*¹. IV. *“Professores e jornalistas reunidos pela Tupi canal 3”*.

1979

- Quinta-feira, 05 de julho de 1979.

JORNAL “FOLHA DE MANHÃ” DE RIBEIRÃO PRETO**1954**

- 28 de março de 1954: *“Firma-se a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto como um grande centro de investigações científicas”*.

JORNAL “A GAZETA” DE RIBEIRÃO PRETO**1948**

- 24 de setembro de 1948 *“Quarenta e cinco mil dólares da Rockefeller para a Faculdade de Medicina”*.

1956

- 01 de setembro de 1956: *“Honrosas Verificações”*.

1957

- 03 de abril de 1957: *“A Epopéia da Fundação de uma Faculdade”*.

1959

- 04 de junho de 1959: *“Repercutiu em Ribeirão Preto a doação da Fundação Rockefeller à Faculdade de Medicina”*.

JORNAL “DIÁRIO DE SÃO PAULO” DE SÃO PAULO**1954**

- 25 de janeiro de 1954: “*Faculdade de Medicina de Rib. Preto: marco cintilante de grandeza e progresso cultural*”.
- Sem data: “*O Brasil desconhece este gigante FMRPUSP*”.

JORNAL “A TRIBUNA” DE RIBEIRÃO PRETO**1952**

- 02 de outubro de 1952: “*Razões para o não fechamento da E.P.A. de Ribeirão Preto*”.

JORNAL “A CIDADE” DE RIBEIRÃO PRETO**1952**

- 04 de setembro de 1952: “*1º Congresso Regional da Associação Paulista de Medicina*”.

1955

- 15 de julho de 1955: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- Quinta-feira, 01 de setembro de 1955: “*Criação do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto*”.
- Sexta-feira, 16 de setembro de 1955: “*Projeta-se no estrangeiro a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.

1958

- 04 de janeiro de 1958: “*Juscelino em ribeirão Preto*”
- 05 de janeiro de 1958: “*Dona Sinhá Junqueira será homenageada pela Primeira Terma de Médicos da FMRP*”.
- 07 de janeiro de 1958: “*Formatura da Primeira Turma*”.

- 08 de janeiro de 1958: “*Primeira Turma da Faculdade de Medicina*”.
- 09 de janeiro de 1958: “*Festa de Formatura da Primeira Turma*”.
- 10 de janeiro de 1958: “*Formatura da Primeira Turma da FMRP*”.
- 12 de janeiro de 1958: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.

JORNAL “DIÁRIO DA NOITE” DE RIBEIRÃO PRETO

1952

- 08 de fevereiro de 1952: “*Entre as melhores do continente: a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.

1953

- 08 de outubro de 1953: “*Condenando o critério que se segue nos exames para a Faculdade de Medicina*”.

JORNAL “A TARDE” DE RIBEIRÃO PRETO

1952

- 03 de janeiro de 1952: “*O maior centro científico do continente*”.
- 28 de janeiro de 1952: “*Preciso do apoio da população para futura universidade*”.

JORNAL “DIÁRIO DE NOTÍCIAS” DE RIBEIRÃO PRETO

1951

- 16 de fevereiro de 1951: “*Missão oficiosa e não oficial...*”.
- 18 de fevereiro de 1951: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”.
- 26 de junho de 1951: “*Práticos em assuntos agrícolas*”.
- 12 de agosto de 1951: “*Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - uma realidade!*”.
- 03 de outubro de 1951: “*Patrimônio de cultura entregue a Ribeirão Preto*”.
- 09 de outubro de 1951: “*Uma página de ouro na história de Ribeirão Preto*”.
- 27 de novembro de 1951: “*Será o maior centro médico da América Latina*”.

- 14 de dezembro de 1951: *“A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- 18 de dezembro de 1951: *“Pretende-se levar para a Escola Prática de Agricultura a Faculdade de Medicina”*.
- 19 de dezembro de 1951: *“Faculdade de Medicina será mesmo na Escola Prática de Agricultura”*.
- 28 de dezembro de 1951: *“Não estão de acordo com o fechamento da Escola Prática de Agricultura”*.

1954

- 31 de março de 1954: *“O significado e os ideais da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.
- 12 de maio de 1954: *“Recepção consagrada recebeu Fleming”*.

1958

- 05 de janeiro de 1958: *“Aviso da Cúria. Baile de Formatura da FMRP”*.
- 08 de janeiro de 1958: *“Acontecimento Social de Relevância: ultima-se preparativos para a festa de formatura dos doutorandos da FMRP”*.
- 09 de janeiro de 1958: *“Formatura da Primeira Turma”*.
- 10 de janeiro de 1958: *“Hoje a colação de grau da primeira turma de médicos de Ribeirão Preto”*.
- 11 de janeiro de 1958: *“Colação de grau da primeira turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.

1959

- 30 de maio de 1959: *“300 mil dólares doados a Faculdade de Medicina”*.

1962

- 01 de maio de 1962: *“Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto”*.

JORNAL “FOLHA DA NOITE” DE RIBEIRÃO PRETO**1956**

- 26 de setembro de 1956: “*Pesquisa de um remédio contra o mal de Chagas*”.

JORNAL “O DIÁRIO” DE RIBEIRÃO PRETO**1958**

- 05 de janeiro de 1958: “*Homenagem da 1ª Turma de médicos de Ribeirão Preto*”.
- 07 de janeiro de 1958: “*Grandes solenidades programadas para a colação de grau dos médicos*”.
- 08 de janeiro de 1958: “*A festa da colação de grau dos primeiros médicos de Ribeirão Preto*”.
- 09 de janeiro de 1958: “*Amanhã as solenidades de colação de grau dos jovens médicos locais*”.
- 11 de janeiro de 1958: “*Homenageia o município os primeiros médicos formados em Rib. Preto*”.
- 12 de janeiro de 1958: “*Realizou-se o monumental baile dos doutorandos em Medicina*”.

1977

- Domingo, 18 de dezembro de 1977: “*Medicina, 25 anos depois (edição especial)*”.

JORNAL “ÚLTIMA HORA” DE RIBEIRÃO PRETO**1956**

- 09 de janeiro de 1956: I. “*Terá 80 vagas a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*”. II. “*Criação do Hospital das Clínicas local*”. III. “*Auxílio 280 mil dólares da Fundação Rockefeller*”.
- Terça-feira, 18 de dezembro de 1956: “*Arrancar os doutores do asfalto*”.

JORNAL “O ESTADO DE S. PAULO”

- 27 de maio de 1959: “300 mil dólares para a USP”.

JORNAL “ESTETO” (Órgão Oficial do CARL da FMRP)

1955 Maio n° 3. Junho n° 4. Setembro n° 5. Dezembro n° 7.	1956 Abril n° 8. Setembro/Outubro n° 11.
1957 Abril n° 12. Junho n° 13 Outubro n° 14.	1958 n° 15.
1959 Setembro/outubro.	1960 Dezembro n° 19.
1961 Maio n° 21.	1962 Abril n° 24. Junho (Estetinho – suplemento do Esteto).
1963 Maio n° 26.	1966 Março n° 28.

RECORTES NÃO IDENTIFICADOS

- “Fixará o futuro médico numa zona rural e criará um novo centro universitário”.
- “Ensino médico e tempo integral”.
- “Numerosos cientistas reunir-se-ão em Ribeirão Preto no próximo mês”.

- *“Razões contrárias ao fechamento da Escola Prática de Agricultura de Ribeirão Preto”.*

SEM DATA

- A Cidade - sem data *“Nasceu a primeira criança no Hospital das Clínicas”.*
- Diário da Manhã – sem data *“Maternidade do Hospital de Clínicas. Entrega dos prêmios ao menino Edson. Solenidade realizada ontem no moderno nosocômio local”.*
- Diário de Notícias – sem data *“Inaugurada a Maternidade Sinhá Junqueira”.*

SUMÁRIO

APÊNDICES	284
Roteiro de Entrevistas (2º Roteiro)	285
Roteiro de Entrevistas (1º Roteiro)	290
ANEXOS	293
Entrevistas	294
Dr. Fábio Leite Vichi (22/06/2004)	295
Dr. Ulysses G. Meneghelli (22/07/2004)	306
Dr. Joaquim Coutinho Netto (18/10/2004)	315
Dr. José Eduardo Dutra de Oliveira (22/09/2005)	329
Drª. Lilia Köberle e Prof. Roland Köberle (10/10/2005)	340
Dr. Joaquim A. Portugal da Silva (14/10/2005)	357
Dr. Segundo Amarille Salezzi Fiorani (01/11/2005)	369
Dr. Geraldo Ferreira Borges Júnior (07/11/2005)	379
Dr. Jose Agustin Carrasco Mandeville (08/11/2005)	390
Dona Luísa Mamede (05/07/2005)	398
LEIS	402
Lei nº 161 de 24 de setembro de 1948	
Lei nº 1467 de 26 de dezembro de 1951	
Lei nº 2029 de 24 de dezembro de 1952	

APÊNDICEs

ROTEIRO ENTREVISTA (2º roteiro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Em que ano começou a estudar na FMRP (Turma): _____

1ª PARTE

I – ORIGEM SOCIAL

- Qual a ascendência dos seus pais?
- Qual era (é) a profissão dos seus pais?
- Qual a escolaridade de seus pais?
- Seus pais eram proprietários de terras? Ou comércio? Ou Empresas? Ou imóveis urbanos? (casa própria).
- Seus pais tinham carro, TV?
- Quais eram as formas de lazer de seus pais? (leitura, música, teatros, passeios, viagens etc.).
- Local de moradia (onde você nasceu e onde viveu?).
- Quantos irmãos você tem? Qual seu lugar na fratria?
- Quais eram suas formas de lazer? (leitura, música, teatros, jogos educativos, passeios etc.).
- Por que escolheu medicina? (qual foi a influência da sua família na escolha da profissão?).
- Seus pais gostariam que você tivesse outro tipo de profissão?
- Seus pais te incentivaram nos estudos?
- Você tinha amigos ou parentes que cursavam faculdade? Seus irmãos fizeram faculdade?

II – PERCURSO ESCOLAR

- Com que idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou? (primário e secundário).
- Precisou trabalhar enquanto estudava? (se sim, o trabalho atrapalhou seus estudos?) – (continuou trabalhando e estudando por muito tempo?).
- Repetiu alguma série?
- Era estudioso?
- Aprendeu alguma língua estrangeira antes de entrar na FMRP?
- Fez curso preparatório para entrar na FMRP?
- Como era o vestibular? (prestou só uma vez?) – (em que cidade prestou o vestibular?) – (achou a prova fácil ou difícil?) – (o vestibular da FMRP era considerado mais fácil que o vestibular da FMSP?).
- Por que escolheu a FMRP? (Por que não a FMSP ou alguma outra?) – (Os alunos preferiam primeiro a FMSP e depois a FMRP?).
- Com que idade entrou na FMRP?
- Precisou trabalhar enquanto estudava na FMRP? (Se sim, sentiu alguma dificuldade em relacionar trabalho e estudo?).
- Se não trabalhava, como se sustentava para estudar?
- Em relação a sua turma você se lembra se havia alunos que trabalhavam? Perfil social da turma.
- Onde morou enquanto estudava? (república, casa dos pais, casa de parente, casa de amigos, viajava todo dia etc.).
- Tinha carro ou algum outro veículo?
- Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?).
- Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?
- O número de alunos por disciplina era grande ou pequeno?
- Qual disciplina achava mais difícil? Por quê?
- Qual disciplina gostava mais? Por quê?
- Quais as maiores queixas dos alunos e dos professores?
- Como era o relacionamento entre alunos e professores?
- Havia mulheres na sua turma?
- Havia alunos negros?

- Durante o curso na FMRP aprendeu outra língua?
- Por que optou por essa especialização médica?
- Como era o relacionamento dos alunos com a cidade?
- Fez parte da política (movimento) estudantil?

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

- Por que optou (pela Pesquisa - pela sala de aula) ou (pelo consultório) ou (pelo Pronto-Socorro) ou (pelo Hospital)?
- Se optou pela **Pesquisa**, que tipo de pesquisa desenvolve? A FMRP tem publicação própria? Onde são publicadas as pesquisas? Que tipo de pesquisa (conhecimento) produz a FMRP? A FMRP se distingue pela pesquisa?
- Se optou pelo **Consultório** qual é a classe social do paciente que procura seus serviços?
- Sente-se realizado com que faz? Em algum momento se arrependeu de ter feito medicina?
- O que é (para você) ser médico?
- Quais características principais diferenciam o médico da FMRP dos de outras instituições?
- Como você vê a FMRP hoje?
- Hoje, qual é a sua forma de lazer? (leitura, teatro, música, viagens etc.).
- Fala alguma língua estrangeira?
- Quantos filhos têm?
- Espera que eles sejam médicos também? (O que eles fazem?).

2ª PARTE

- Conte um pouco a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).
- Como a criação da FMRP repercutiu no imaginário dos sujeitos da época? (da população da cidade).

- Em geral, qual era a origem (classe social) dos colegas? A qual família pertenciam? (perfil sócio-econômico) – (origem geográfica.) – (tipo de escola que vinham os alunos) etc.
 - Qual médico saiu da FMRP? (consultório, pesquisador) e a quem eles atendem?
 - Que benefício a FMRP trouxe para Ribeirão Preto e para a região? De que forma trouxe esses benefícios?
 - A Faculdade de Medicina conseguiu interferir na concepção de vida, de morte, de saúde, de remédios para a população da cidade e da região?
 - Há queixas da população? Quem se queixa e do que se queixa?
 - Em resumo, qual o sentido social desta Faculdade?
-
- Tempo livre para algum comentário do entrevistado.

ROTEIRO ENTREVISTA (1º roteiro)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 – Conte um pouco a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

- 2 – Como a criação deste estabelecimento de ensino repercutiu no imaginário dos sujeitos (população da cidade) da época? E hoje, como repercute?

- 3 – Por que pensaram instalar uma Faculdade de Medicina numa antiga fazenda? (espaço físico e prédios).

- 4 – Qual era (é) a origem dos alunos? {Sua classe social: a qual família pertenciam (pertencem) - o perfil sócio-econômico-. A origem geográfica etc.}. Como era a forma de acesso à Faculdade de Medicina? Era vestibular? Que tipo de vestibular? De que tipo de escola geralmente vinha os alunos desta Faculdade?

- 5 – Que benefício a Faculdade de Medicina trouxe para Ribeirão Preto e para a Região? De que forma trouxe esses benefícios?

- 6 – Quais as maiores queixas dos alunos e dos professores?

- 7 – Quais as maiores queixas da população? Quem se queixa e do que se queixa?

- 8 – Afinal, os profissionais formados nesta Faculdade para onde foram? (consultórios, hospitais, pronto-socorros, política, pesquisa). Ficaram na cidade, na região ou foram para outras localidades distantes e menos desenvolvidas no estado ou no país? A quem eles atendem?

- 9 – A Faculdade de Medicina transmite apenas conhecimentos já produzidos em outros lugares ou produz também conhecimentos novos? Pesquisas? Quais?

10 – O Currículo da Faculdade permaneceu com as mesmas características dos primeiros anos (nº de alunos, pesquisa, departamentos etc.) ou passou por mudanças significativas? Quais as principais?

11 - A Faculdade de Medicina conseguiu interferir na concepção de vida, de morte, de saúde, de remédios para a população da cidade e da região?

12 – Em resumo, qual o sentido social desta Faculdade?

13 – Conte um pouco sua história de vida. {Formação acadêmica / Em que turma se formou}.

Outros nomes para serem entrevistados.

Documentos ou **livros** para consulta – (fontes de jornais – quais?)

Literatura local sobre Ribeirão Preto e a Faculdade.

UFSCar, PPGE, São Carlos, SP.

ANEXOS

ENTREVISTAS

PROF. FÁBIO LEITE VICHI

ENTREVISTA

P – Conte um pouco a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

R - Bem... essa história realmente eu vou contar porque evidentemente eu não vivi. Ribeirão era uma cidade muito importante de tradição médica, tradição de ensino, tinha muitos colégios e muitas escolas secundárias. Em 1924, foi criada uma Escola de Odontologia, uma escola que ficou muito famosa. Desde aquela época os habitantes da cidade desejavam - tinham um sonho - que era ter uma escola de medicina, mas o sonho estava se tornando eterno, perpétuo, quando, então, em 1947, num comício na Praça XV um dos candidatos, Adhemar de Barros, falou que se ele ganhasse a eleição em Ribeirão instalaria a Universidade do Interior. Isto no comecinho de 1947. Mas, parece que a mesma promessa ele fez em São Carlos também em 1947. Já eleito ele viajou para Goiânia, parou no aeroporto daqui e prometeu de novo para um radialista, Sebastião Porto, que construiria em Ribeirão a Universidade do Interior. Daí, os dois representantes - de Ribeirão Preto, Luís Augusto de Matos e de São Carlos, Miguel Petrilli - apresentaram projeto da “Universidade do Interior” na Assembléia Nove de Julho. Porém, o Presidente da Assembléia chamou os dois parlamentares e disse que nenhuma universidade poderia sair, pois já tinha a USP, mas aconselhou os dois parlamentares a escolherem um tipo de escola e ele, então, se empenharia para que elas fossem concretizadas. Em Ribeirão escolheu-se uma Escola de Medicina em 1947.

O Governador já eleito Adhemar disse para a cidade se movimentar. Todas as forças vivas da cidade se empenharam. Centro Médico, os Hospitais, os Colégios, a Câmara, a Prefeitura, a cidade... e o movimento foi crescendo. A Associação Paulista de Medicina que era presidida pelo doutor Jairo Ramos também apoiou. Em São Paulo tinha duas escolas de medicina: a Escola Paulista que era uma escola particular de 1930 (trinta e pouco) e a USP que já era USP, mas que foi instalada como não USP em 1913, mas o CTA da Escola de Medicina, presidida pelo doutor Locke, apoiou entusiasticamente, então o movimento foi

crescendo, crescendo, já havia o projeto e o projeto já havia sido aprovado. Em 1950, eu acho, a USP que também via com bons olhos, nomeou uma comissão presidida, então, pelo Professor Zeferino Vaz que era professor na Escola de Veterinária. O movimento progrediu, contou com a participação das forças vivas da cidade e, em 1952, já instalada - já criada - começou a contratação dos primeiros funcionários, dos primeiros professores. Em 17 de maio de 1952, ela foi inaugurada.

A Escola tinha muitas novidades, muitas coisas inéditas. Havia uma redução de Departamentos (escolas tradicionais no Brasil tinham trinta, trinta e cinco cadeiras, aqui foram reduzidas para dezoito), todos os professores tinham que trabalhar em tempo integral, a pesquisa era obrigatória, os escopos da Escola eram atendimento à comunidade, ensino e pesquisa... tudo foi atingido. Deu-se muita ênfase à psicologia, à estatística, coisas de que no Brasil não se tinha muita noção. Já no início propôs-se e lutou-se por um hospital de clínicas que foi de começo muito difícil. A cidade não tinha ainda uma boa infra-estrutura, o local em que está a Faculdade não tinha quase nada, era ermo, desértico, tinha sido uma Escola de Agronomia, Escola Prática de Agricultura, que faliu, estava desocupada, então, ela se instalou na cidade usando recursos da Escola de Odontologia, da Santa Casa e do Centro Médico, mas a Escola foi criada com muita perspectiva de sucesso, muita novidade.

O Zeferino Vaz foi o primeiro diretor, ele era médico, se formou em 1931 ou 1932, na USP, que não era USP ainda, mas ele nunca exerceu a medicina, ele já começou a trabalhar como parasitologista e logo foi ampliado pela Escola de Veterinária. Em 1937, acho que ele era Vice-Diretor, depois chegou a Diretor, foi eleito para Conselheiro da USP, ele participou do Conselho Universitário. Por causa disso provavelmente ele foi escolhido, ele era muito jovem, muito bem relacionado, muito ativo, muito dinâmico, era uma cabeça pensante, pensava rápido, muito entusiasmado, foi uma escolha que deu certo. Quando ele veio para Ribeirão era muito jovem, quer dizer, ele não tinha cinqüenta anos, tinha quarenta e poucos.

P – Como a criação deste estabelecimento de ensino repercutiu no imaginário (população da cidade) dos sujeitos que vivenciaram esse momento histórico?

R - No interior..., um dos objetivos da criação da escola era a descentralização, por isso, seria uma Escola bem longe da capital. Aqui na região a influência foi muito grande, pois modificou, especializou, dinamizou os atendimentos médicos da região. Ribeirão passou a ser um pólo de ensino e de difusão, ondas divergentes saíam daqui além, é claro, do estudo

de doenças regionais, como por exemplo a doença de Chagas que foi muito estudada aqui. No imaginário deve ter havido um sentimento de descentralização e de difusão ao mesmo tempo e de atendimento aos estudantes da região, aos corpos médicos, enfim da sociedade de toda a região. Foi uma Escola regional, a primeira Escola do Brasil interiorizada. Não tinha mais nenhuma, Goiás não tinha, Mato Grosso não tinha, norte de São Paulo não tinha, Minas tinha só em Belo Horizonte. Foi um progresso.

Na minha turma eu tinha muitos colegas de Goiás, do Mato Grosso, do Paraná, eu sou da sexta turma. Veio muita gente de São Paulo e do interior. Vieram alguns de Campinas, de Bauru, eu mesmo sou de Amparo, uma cidade pequena. A Escola repercutiu, eu fazia cursinho em São Paulo e a Escola já era famosa, havia um certo misticismo em torno dela, uma Escola muito prestigiada desde o começo e desde o começo eu creio que ela atendeu às necessidades. Quanto aos pacientes tinha muita gente principalmente aqui do interior, da região, mas vinha muita gente do norte do Paraná, sul de Minas, Goiás, Mato Grosso e até do exterior, mas no começo a localização era mais aqui do município, da região, vinham em leva, eles fretavam ônibus e vinham se tratar no Hospital das Clínicas que era na cidade. O Hospital das Clínicas começou em 1956. Era uma maternidade particular que não chegou a funcionar como tal. Era uma fundação dos Junqueiras... Sinhá Junqueira que era uma senhora casada com um grande capitalista da região que não tinha filhos e que tinha como grande ideal fazer uma maternidade que foi construída, mas que depois ela cedeu para o Governo do Estado, mas os pacientes eram do interior, da região e de outros Estados, com destaque para Goiás e Minas.

P – Qual era (é) a origem dos alunos? {Sua classe social: a qual família pertenciam (pertencem) enfim, o perfil sócio-econômico}.

R – Bem... eu acho que numa escola pública reflete mais ou menos o perfil da sociedade brasileira. Havia um predomínio de alunos de classe média. Muitos poucos eram bem privilegiados, e muitos poucos também eram de privilégio muito baixo. Por exemplo, havia um predomínio masculino absurdo, na minha turma éramos em sessenta e três, tinha apenas quatro meninas, indivíduos de cor que não branca eram muito raros, minha turma tinha dois japoneses e nenhum preto. Muitos alunos eram de Ribeirão, muitos da região, por exemplo, minha turma tinha muita gente de Franca, Igarapava, enfim, era bem centralizado.

P – Como era a forma de acesso à Faculdade de Medicina? Era Vestibular? Que tipo de vestibular? De que tipo de escola geralmente vinham os alunos desta Faculdade?

R - Os alunos, a grande maioria, provinha de escola pública, de ginásio, de científico, tinha o vestibular que se realizava no mesmo dia em todos os institutos, não podia fazer exame aqui e em São Paulo. Ou era aqui ou era em São Paulo, o término das inscrições era sempre no dia 20 de janeiro para todos os institutos. Aqui em Ribeirão a gente fazia a inscrição e em fevereiro começava o vestibular. O vestibular era de provas escritas e prova oral. Prova escrita em biologia, física, química e português que era opcional. Podia-se fazer exame só aqui em Ribeirão ou só na USP de São Paulo ou só na Luís de Queiros ou só em São Carlos e todos começavam iguais, começavam no mesmo dia e a correção era feita aqui, a Banca examinadora vinha de São Paulo. Para o exame vestibular pagava-se uma taxa pequena, uma taxa mais simbólica. Era indispensável ter o diploma de científico, geralmente era científico, ou normal ou clássico que eram coisas indispensáveis, e o ano de cursinho que era opcional, mas que quase todos fizeram, aqui em Ribeirão já tinha cursinho. Na minha turma foram quatrocentos concorrentes para oitenta vagas, mas entraram apenas sessenta e dois, havia uma proporção de oito, nove para cada vaga..., predomínio quase que total de homens sobre mulheres... atualmente, não sei como está porque estou aposentado há uns oito, dez anos, mas acho que tem uma divisão muito grande, quer dizer, está havendo um incremento do sexo feminino e vai chegar o dia que o sexo feminino vai ultrapassar o sexo masculino como acontece em vários países. Na Rússia o predomínio feminino é quase que total, mesmo nos Estados Unidos têm muitas mulheres, tem algumas especialidades quase que propensas às mulheres, por exemplo, ginecologia, pediatria, neurologia, radiologia... hoje já tem ortopedista mulher, neurocirurgiã, especialidades que a gente não pensava nunca que mulheres fossem tomar, mas elas vão fazer todas as especialidade e bem como os homens.

P – Em relação a classe social daquela época e a de hoje o senhor vê alguma diferença?

R - Eu acho que está sendo cada vez mais um curso elitista, na minha turma só três tinham carro, hoje eu vou à Faculdade de Medicina e todo mundo tem carro. Virou o que é nos Estados Unidos, carro é material de consumo. Eu acho que o curso está ficando cada vez

mais elitista. Os alunos provenientes de uma classe social cada vez melhor, cada vez mais abastada. Eu acho que hoje são cada vez mais ricos. Por exemplo, aqui em Ribeirão não tinha casa de estudantes, a gente se instalava ou em pensão ou fazia república, eu morei nas duas, mas casa de estudantes não tinha, a gente ia para a Escola e aqui a Escola fica oito ou dez quilômetros distante, a gente ia de ônibus, ônibus municipal que pegava na Praça XV e ia pra lá, quer dizer, não havia muita facilidade, os alunos se reuniam no Centro Acadêmico que foi criado logo depois e contou muito com a participação do Diretor, o Zeferino Vaz. O Zeferino tinha sido aluno, companheiro, trabalhado junto com o Rocha Lima que foi o segundo injustiçado na ciência brasileira, o primeiro foi o Carlos Chagas. O Rocha Lima fez descobertas fundamentais, mas era um esquecido aqui no Brasil e o Zeferino renasceu formando o Centro Acadêmico Rocha Lima, então a gente se reunia no Centro Acadêmico e na sociedade que logo depois constitui-se numa sociedade esportiva: Social Acadêmica.

P – Que benefício a Faculdade de Medicina trouxe para Ribeirão Preto e para a região e de que forma trouxe esses benefícios?

R – Primeiro, do ponto de vista médico, mudou a medicina em Ribeirão com uma medicina mais científica. Os hospitais começaram a seguir a Faculdade. Mudou aqui, como mudou também nas cidades vizinhas. Foi uma influência muito positiva, uma influência muito favorável. Do ponto de vista social também mudou muito, os estudantes foram muito bem recebidos, a sociedade recebeu muito bem. Havia festas que o Centro Acadêmico dava para a sociedade, bailes, desfiles, shows, práticas esportivas, jogos esportivos havendo uma reciprocidade, pois a cidade oferecia todas as facilidades possíveis. Mudou até a forma de viver, a moradia, a frequência a restaurantes. Ribeirão não tinha restaurantes. Com o advento dos estudantes de medicina mudou tudo, mudou a cidade. Eu acho que foi uma influência muito positiva.

O Centro Acadêmico teve várias novidades, novidades culturais, novidades esportivas, novidades sociais. Tinha um jornal que existe até hoje - “O Esteto” - que era um jornal veemente, revistas, bailes, shows. Os alunos, como todo aluno brasileiro não sei bem porque, tinham uma tradição de recepção, pois eram recebidos com trote que incluía raspagem de cabelo. Havia a aquisição obrigatória da boina amarela. Todo aluno só poderia usar boina amarela. Criou-se, então, na cidade, o mito da boina amarela. A boina amarela tem uma história: na primeira turma não houve trote, então ninguém raspou a cabeça; na segunda já

rasparam e procuraram comprar boina azul-marinho como em todo lugar, mas estava em falta, então eles optaram pela boina amarela para no ano seguinte mudar para a azul-marinho, mas o sucesso foi tão grande que eles ficaram com a boina amarela e hoje é um mito na cidade, mudou até nisso, se caracterizou.

P – Quais as maiores queixas dos alunos e dos professores?

R – Bem... os alunos se queixavam muito da solidão, do isolamento. O que a gente fazia aqui era estudar. A cidade era isolada, distante da capital, das praias, onde aconteciam as coisas. Os professores também se queixavam da solidão, do isolamento, da falta de gente para discutir seus problemas. Mesmo com o surgimento de clubes, de teatro, de literatura, de reuniões em casas de cultura, de cinema etc., mesmo assim os professores se sentiam muito isolados.

P – Havia alguma queixa diretamente em relação a Faculdade?

R - Não, acho que não. Havia muita união, mesmo com funcionários. Eu acho que queixa desse tipo não existia. Eu acho que queixa existia era da distância. Eu lembro que o Dr. Zeferino era “muito vivo”, lépido, de pensamento muito rápido, então ele vendo a queixa dos professores disse: “não... eu vou conversar com a diretoria da VASP e vai ter um avião que sai daqui de Ribeirão toda sexta à tarde para São Paulo e de São Paulo na segunda de madrugada com tudo pago”, essas coisas nunca existiram... Zeferino era mestre nisso. Lembro, também, de uma coisa muito engraçada. Havia muita falta de energia na cidade e isso para o laboratório de patologia era uma tragédia porque não podia ligar as geladeiras e os cadáveres se decompunham. Por isso, então, o professor de patologia, Dr. Fritz Köberle, foi se queixar com o Zeferino e falou: “não é possível, cai a eletricidade e os cadáveres apodrecem, todos se estragam”, então, o Zeferino disse: “Köberle, você veio na hora certa, porque estou com o projeto do reator atômico para a Faculdade”, e o Fritz que também era muito gozador disse: “bom... a água para resfriar o reator o senhor já tem do lago.” Quer dizer, o Zeferino “vendia o peixe”. No começo muitos professores vieram da Europa e eles pensavam que Ribeirão fosse uma capital, jamais uma cidade do interior. Muitos se decepcionaram e se queixaram, mas depois se tornou um ambiente mais calmo. O aspecto científico foi muito

valorizado. Logo surgiu uma biblioteca muito boa. Isso compensava. Mas no começo eles ficavam muito isolados, isso não tem dúvida.

P – Quais as maiores queixas da população? Quem se queixa e do que se queixa?

R - Acho que queixa em relação aos professores não havia. Deveria só ter elogios, porque eles vieram engrandecer a cidade e a região. Em relação aos estudantes, estes sim eram meio bagunceiros, meio penetras. A cidade era muito conservadora e eles eram muito brincalhões. Mudou tanto com a chegada dos estudantes que dois prefeitos - ex-alunos da FMPR - o Palocci e o Nogueira foram prefeitos. A cidade aos poucos foi absorvendo essa mudança, mudou muito... Queixa mesmo em relação à Faculdade não tinha. Tinha algumas concepções políticas, pois achavam que a Escola era um centro de esquerdistas, quando esquerdistas no Brasil era nome feio. Mas, aos poucos a cidade que era conservadora foi se abrindo.

P – Afinal, os profissionais formados nesta Faculdade para onde foram? (consultórios, hospitais, pronto-socorros, política, pesquisa). Ficaram na cidade, na região ou foram para outras localidades distantes e menos desenvolvidas no estado ou no país? A quem eles atendem?

R - Eu acho que a Faculdade foi como atirar uma pedra em um lago formou-se ondas irradiadoras. No começo a concentração maior foi aqui em Ribeirão e na região, mas depois difundiu-se para todo lugar. Em todos os ramos de atividade médica têm egressos daqui da Escola. Tem em hospitais, em escolas, em consultórios, em pronto-socorros, em locais de atendimento de urgência etc. Por exemplo, aqui em Ribeirão o Secretário da Saúde é ex-aluno. Muitos foram para a política - é uma vocação natural. Houve uma irradiação de ondas cada vez mais longe e em todos os setores. Muitos continuaram na Faculdade e fizeram carreira universitária, muitos abriram consultório, muitos passaram a atender em hospitais etc. Daqui de Ribeirão nós tivemos um reitor da USP que foi o professor doutor Hélio Lourenço de Oliveira que depois foi aposentado pelo AI 5. É um professor lembrado até hoje, ele faleceu em 1985, mas marcou uma época da Escola. Foi uma das pessoas mais inteligentes que passou pela Escola, ele creio era meio socialista, quer dizer, o que ele pensava no íntimo a

gente nunca sabe, mas ele chegou a reitor e foi aposentado pelo AI 5. Depois ele foi para o Egito, passou pela Organização Mundial de Saúde e quando voltou abriu um consultório aqui do lado. Voltou para a Faculdade e quando faleceu era Diretor.

Os profissionais formados na Faculdade foram para todos os lugares. Alguns ficaram na Escola e, como a Escola tinha uma tradição em pesquisa, muitos foram para a pesquisa. Mas, na verdade, era uma minoria, porque é uma Escola para formar médicos, “médicos civis” como a gente fala, para fazer o que todo médico faz, ou seja, atender doente, dar receita, consultar, mandar falar trinta e três, apalpar a barriga, isso em consultórios, hospitais, pronto-socorros etc.

Se for em Franca tem muitos médicos aqui de Ribeirão, se for em São Carlos seguramente tem, se for em Araraquara também tem, se for em Brasília, Goiânia também tem.

Pesquisa é muito importante. Eu acho que ciência é um diálogo entre natureza e pesquisador – pensador - é como construir um grande edifício - são tijolos. Eu me lembro bem que nos Estados Unidos no hospital tudo é importante. O sujeito que limpa o chão é um anônimo, mas é uma pessoa muito importante, porque o hospital tem que ser um lugar limpo. Na Escola é lógico que tem pessoas privilegiadas que as circunstâncias ajudaram, são professores que chefiam, mas o sujeito simples, o bedel, o funcionário é uma pessoa muito importante como é importante o aluno. Tudo é relativo. A pesquisa pode ser feita no consultório, não precisa ganhar o prêmio Nobel. Aliás, o Brasil nunca ganhou o prêmio Nobel e não é por isso que deixa de produzir pesquisas importantes. O Brasil não ganhou o prêmio Nobel por circunstâncias porque aqui tem cientistas, pesquisadores tão importantes como em qualquer outro lugar, não tem um privilégio racial, geográfico, isso eu acho que não existe, acho que a gente tem potencialmente as mesmas condições que os outros.

Em consultório a pesquisa é feita casuisticamente. Pode-se ter um caso de hipertensão, daí pode-se catalogar, ver o sexo, ver a causa, ver a idade, ver a raça, ver os exames que foram feitos, a evolução, ver o tratamento etc., quer dizer, tem que ser casuística, às vezes um caso só pode dar muitas informações, evolução principalmente, tratamento.

Emitindo uma opinião pessoal, eu acho que Ribeirão teve várias eras. A primeira foi a era do café até 1929 – 1930, depois eu acredito que a Escola de Medicina marcou uma nova era, porque projetou Ribeirão no cenário nacional e internacional. As pesquisas para a Moléstia de Chagas tiveram aqui seus estudos fundamentais. Bradicilina, cirurgia cardíaca, biópsias, enfim, coisas fundamentais para a cidade, para a sociedade, para a medicina.

A Escola com seu tempo integral, hospitais, pesquisa como obrigação - todo mundo era obrigado a fazer pesquisa, isso não existia – a ênfase na psicologia, porque o homem não é só carne é mente também e fica doente também da cabeça, a ênfase em estatística, como encarar um trabalho científico, uma pesquisa, como dar norma científica etc. Eu acho que haveria um momento que o Brasil fosse mudar, mas por circunstância foi aqui em Ribeirão. Deu certo, era o momento exato, tudo acontece no momento certo, isso não tem dúvida.

P – Que tipo de pesquisa a Faculdade de Medicina produz?

R - Eu acho que um curso médico tem que se basear no que existe na literatura, na própria história. Existem coisas sempre em mudanças que são estabelecidas, por exemplo, examinar um coração, apalpar um abdômen, escutar um pulmão, mas como é uma coisa dinâmica tem muita coisa sendo produzida, que é a razão da pesquisa. O lema da Escola é que a ciência impeça a estagnação. A Escola tenta pelo menos movimentar, fazer coisas novas, por exemplo, o anti-hipertensivo Enalapril foi produzido aqui em Ribeirão e o mundo todo está usando. O Enalapril impede o aparecimento de uma substância que pode mudar, que pode alterar a fisiologia e isso foi descoberto aqui no laboratório de farmacologia. Coisas sobre a doença de chagas foram produzidas aqui. Toda uma teoria foi elaborada aqui. Técnicas de Histologia. Tudo isso eu acho que são aquisições que partiram daqui. A Bradicilina foi descoberta em São Paulo, mas seu descobridor, o doutor Rocha e Silva, depois veio para Ribeirão e montou aqui um Centro de Estudos sobre Bradicilina que foi um dos mais importantes do mundo. Eu vi o doutor Rocha e Silva fazer uma conferência em Chicago onde foi recebido como ganhador de prêmio Nobel. Ou seja, foi uma descoberta fundamental consolidada aqui em Ribeirão. Em todas as esferas. Eu acho que é uma Escola que produziu e produz muita coisa. Muita coisa polêmica, muita coisa discutível. Em ciência não tem uma verdade definitiva, tudo está em dinamismo, em evolução.

Aqui a gente trata de coisas que já existiram, que pré-existiram, porque medicina é isto, a ciência é isto. Começar uma coisa nova é muito difícil, tem que usar coisas que já foram começadas, tem que ter uma cadeia. Muitas coisas tiveram um ganho aqui.

P – Quanto ao currículo da Faculdade permaneceu com as mesmas características dos primeiros anos (nº de alunos, pesquisa, departamentos etc.) ou passou por mudanças significativas?

R - Eu acho que o currículo mudou muito. Por exemplo, informática não tinha, não existia. Projetor de slides não existia. Internet nem se imaginava.

Outro dia, pouco antes dele falecer, encontrei com um professor meu, que foi um grande cirurgião, o doutor Ferreira Santos, ele tinha escrito um livro de memórias e eu perguntei: “professor, se o senhor fosse estudar medicina hoje o senhor teria muita dificuldade?” E ele respondeu: “Eu nunca estudaria, seria incapaz, porque mudou tanto”.

Outro dia, também, conversando com um aluno ele disse que nem em cadáver quase não se trabalha mais e, de primeiro, a gente classificava a instituição pelo número de cadáveres, quantos cadáveres por aluno, agora diz que é o mínimo possível. Mudou tudo. A gente não sabe, não antevê como será o médico do futuro. Eu sou do tempo, e não sou tão velho assim, que para pedir um exame de sangue... primeiro precisava ver se fazia, depois se o laboratório era de confiança, depois como interpretar; hoje se tira um pouco de sangue coloca no analisador e sai trinta, quarenta exames, aí se dosa tudo. O médico não precisa mais tirar história, ele grava, a secretária mede a pressão. Mudou tudo. Aquele médico que tira história, que conversa, que analisa, que apalpa a barriga é muito diferente. O futuro a gente não tem idéia de como vai ser. Quando eu vinha da minha cidade para Ribeirão eu viajava à noite toda de trem, hoje o pessoal pega um carro e vem num instante. No meu tempo televisão não existia. Os recursos da mídia não existiam. Nós anotávamos a lição. O máximo que se tinha era o esteto e o aparelho de pressão, eu sou do tempo que os médicos não acreditavam em medida de pressão. Células tronco, eu não consigo entender essas coisas. Clone, eu não consigo entender, não cabe mais. A evolução é muito grande. De primeiro se tinha dez remédio, agora se tem milhares e milhares, então não tenho cabeça para guardar tudo isso. Currículo de clínica médica mudou muito. As doenças não mudaram, mas a visão das doenças... Doenças em que se fazia semiologia, percutia, fazia diagnóstico de pneumonia por exame físico, hoje não tem mais isso. Hoje, se faz cirurgia por robô, isso era uma coisa inconcebível. Cirurgião precisava ter destreza, habilidade, mão firme para fazer, agora é o robô que faz. Eu acho que o currículo seguramente mudou. Não sei se para melhor, é uma outra era. Uma era de velocidade muito rápida. Eu conheci médicos formados em 1910 que não usavam o esteto, que escutavam com o ouvido, agora qual era melhor, o esteto ou o ouvido? Seguramente o esteto. Mas, com o ouvido ouvia-se também, era outra abordagem. Nós temos que entender que tem médicos que não são nem menos nem mais importantes, que são apenas de outra geração, de outros tempos. Eu tenho uma carta de um médico que foi em

1902 para a França e ele ficou encantado com os recursos da radiologia, de poder ver por dentro, hoje é uma coisa ultrapassada, se faz ressonância. Seguramente o currículo mudou.

P – A Faculdade de Medicina conseguiu interferir na concepção de vida, de morte, de saúde, de remédios para a população da cidade e da região?

R - Eu acho que concepção de morte não. O que se teve foi morte menos sofrida. Quer dizer, para morte menos sofrida ela empunhou vários recursos como CTI, UTI etc. Quanto a concepção de vida, os estudos em fisiologia, de realização de prática de exercício, de higiene, aleitação, uso de remédios – uso profilático -, vacinas, tudo isso acho que a escola mudou positivamente.

P – Em resumo, qual o sentido social dessa Faculdade?

R - Se nós pensarmos que cinquenta anos atrás não se tinha nada e ver o que se tem hoje, se formos lá “na fazenda” e vemos aqueles prédios, aqueles laboratórios, aquelas bibliotecas que são um receptáculo de saber, então, acredito, mudou muito. Foi um catalisador e centralizador de conhecimento. Bibliotecas, reuniões, congressos, prédios, edifícios, quer dizer, melhorou o conhecimento, aprimorou o conhecimento, facilitou, foi um núcleo que irradiou saber e acho que nesse aspecto foi muito bom. Se pensarmos antes e agora, acho que caminhou bastante. Acho que o homem hoje está tão pobre como era antes, mas isso independe da medicina. A medicina, em particular, conseguiu profilaticamente melhorar as condições de vida das pessoas, a perspectiva de vida que se tem pela frente, o conhecimento, a facilidade. A população tem em geral bons olhos para a Faculdade porque é uma instituição que não lesa, mas auxilia. Eu acredito que foi uma instituição que deu certo.

Ribeirão Preto, 22 de junho de 2004.

PROF. ULYSSES GARZELLA MENEGHELLI**ENTREVISTA**

P – Conte um pouco a história da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

R – Bem... o que vou contar é o que vivi desde a minha juventude quando ocorreu a fundação desta Faculdade. Peço que você desculpe algumas falhas de memória, afinal faz mais de cinquenta anos que ocorreu a fundação desta Escola.

Na verdade, o que sei, é que esta Escola não nasceu nem da aspiração do município, nem da aspiração da região - como muitas vezes acontece quando um determinado município acha que por ser o centro de uma região muito poderosa precisa ter um belo chafariz, um belo teatro e, é claro, uma faculdade de medicina. Não. Não foi assim. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nasceu dentro da USP em São Paulo, pois a procura de vagas para o curso de medicina avolumava e não dava conta de atender a todos. Era a época dos chamados excedentes, ou seja, alunos que obtinham média de aprovação nos vestibulares, porém não tinham vagas. A Escola, com isso, ficava sem absorver jovens notadamente capazes. A USP, então, resolveu descentralizar o ensino - tanto no campo da medicina como em outros campos, como é o caso da Engenharia de São Carlos – levando para o interior um ensino superior de boa qualidade. Quanto à Faculdade de Medicina, houve uma dúvida entre Bauru e Ribeirão Preto, o que fez a política local e da região se movimentar para que esta Faculdade fosse instalada aqui. As prefeituras de todas as cidades vizinhas sabendo dessa possibilidade, sabendo que poderia ter uma Faculdade da USP, fizeram com que as forças vivas locais se organizassem no sentido de facilitar as condições para sua implantação aqui em Ribeirão Preto. Logo depois, se não me engano, em 1948, se deu a promulgação da lei que criou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, iniciando, em 1952, suas atividades. Essa época, 1952, eu estava fazendo meu primeiro colegial. No meu tempo, depois do ginásio, fazia-se o colegial em três anos, melhor dizendo, esse colegial era o curso científico de três anos que era o intermediário entre o curso ginásial e o curso superior. Fiz esse científico e acabei entrando aqui na Faculdade em 1955.

P – Como a criação deste estabelecimento de ensino repercutiu no imaginário (da população da cidade) dos sujeitos daquela época? E hoje, como repercute?

R – Acredito ser mais fácil responder a primeira parte do que a segunda. Eu estava no primeiro ano colegial e a notícia da instalação de uma Escola de Medicina em Ribeirão criou um alvoroço. Ribeirão Preto era uma cidade pequena com aproximadamente cinquenta e cinco mil habitantes e distante de São Paulo trezentos e poucos quilômetros sendo cem quilômetros de asfalto e duzentos quilômetros de estradas de terra. A criação desta Faculdade mudou a cabeça de muitos jovens. Eu sou um exemplo disso. Quando entrei no curso científico não tinha ainda certeza do que queria. Não pensei que faria medicina, mesmo porque, na ocasião, não tinha condições econômicas para estudar em São Paulo. Meu pai era marceneiro e minha mãe costureira, por isso, não tinham, evidentemente, condições financeiras para me sustentar em São Paulo num curso desse. Quando a Faculdade de Medicina chegou aqui em Ribeirão houve um entusiasmo muito grande. Eu me lembro que, em 1952, quando foi instalada a Faculdade, teve um dia que fomos dispensados das aulas do curso científico porque naquele dia seria dada a aula inaugural da Faculdade de Medicina. Havia uma comoção na cidade. A aula inaugural, a princípio, estava programada para ser dada no Teatro Pedro II que, na ocasião, não era apenas um teatro e, sim, um cine-teatro. Porém, se percebeu que era pequeno e transferiram a aula para o Cine São Jorge e eu estava lá presente. Assisti à primeira aula, à aula inaugural desta Faculdade, dada, se não me engano, no dia 17 de maio de 1952 e ministrada pelo Governador Lucas Nogueira Garcez. A criação desta Faculdade foi uma coisa fabulosa para a cidade e para a região. Acredito que se pode considerar a história de Ribeirão Preto em antes e depois da Faculdade de Medicina. Ocorreu uma divisão. Torceu-se a história de Ribeirão. A cidade passou a ser conhecida porque sediou uma Faculdade que já nasceu grande. Não foi uma Faculdade que simplesmente se perguntou: quem tem um livro de oftalmologia vai ser o professor de oftalmologia ou, então, aquele ali opera bastante vai ser o professor de cirurgia. Não. Não foi assim. Eu acredito que um ou outro professor foi esporadicamente um médico de Ribeirão Preto, mas a grande massa dos professores veio dos grandes centros do Brasil e do exterior. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, de repente, teve um professor de anatomia que veio da Itália, teve um professor de fisiologia que veio da França, teve um professor de farmacologia que veio da Alemanha, teve um professor de clínica e outro de cirurgia que vieram do Hospital das

Clínicas de São Paulo, ou seja, o corpo clínico foi absolutamente selecionado e, tanto quanto percebíamos, muito pouco influenciado por injunções políticas.

Hoje, acredito, mudou um pouco. Mas, o peso da Faculdade continua muito grande. Costuma-se dizer que Ribeirão Preto é conhecida por duas coisas: o chopp do Pingüim e a Faculdade de Medicina. Para se ter uma idéia, em 2002, Ribeirão Preto teve a maior produção científica da USP. Esse Hospital que nos encontramos agora foi considerado um dos dez melhores do SUS em todo o Brasil recebendo o prêmio Qualidade. Isso indica que somos importantes no cenário médico brasileiro tanto em assistência como em pesquisa.

As pessoas da cidade são agradecidas por terem em Ribeirão essa Faculdade. A cidade recebeu a Faculdade de braços abertos. Você não imagina o que era ser um calouro de boina amarela na cidade. Era considerado por todos. Não se tinha dificuldade para arrumar casa e montar república. Entre as garotas a boininha amarela era extremamente requisitada... Na ocasião representou alguma coisa extraordinária. É inegável o ribeirão-pretano orgulhava-se de sua Faculdade de Medicina.

P – Por que pensaram em instalar uma Faculdade de Medicina numa antiga fazenda?

R – Acredito que foram as circunstâncias. Instalada a Faculdade de Medicina aqui em Ribeirão, tivemos as primeiras aulas na antiga Faculdade de Farmácia e Odontologia que ficava na cidade; na sede da Faculdade, que ficava ao lado da Igreja Matriz, e no Centro Médico. Eu sou da quarta turma. Aqui em “Monte Alegre” havia uma Escola Agrícola que foi fundada na década de trinta ou quarenta. A maior parte dessas construções é dessa época. Ribeirão era uma cidade muito agrícola, talvez hoje continue sendo. A Escola Agrícola teve seu apogeu, depois foi decaindo, então veio com toda força a Faculdade de Medicina. Fez-se algum arranjo, que eu não sei bem como aconteceu, e se instalou a Faculdade de Medicina no prédio central e em outras dependências dentro da Fazenda Monte Alegre que era uma antiga fazenda de café pertencente à família Schmidt.

Não foi por causa da Fazenda Monte Alegre que se criou a Faculdade de Medicina. O que ocorreu foi poder unir o útil ao agradável, pois as instalações da Escola Agrícola já existiam e num lugar belíssimo de duzentos alqueires. Depois da Faculdade de Medicina, outras faculdades se agregaram como a Faculdade de Farmácia e de Odontologia que era particular e se integrou a USP, a Faculdade de Filosofia e outras.

P – Qual era (é) a origem dos alunos? (sua classe social, a qual família pertenciam (pertencem) – o perfil sócio-econômico. A origem geográfica etc.) Como era a forma de acesso a Faculdade? Era vestibular? Que tipo de vestibular? De que tipo de escola geralmente vinha os alunos desta Faculdade?

R – O vestibular era normal. Tínhamos provas escritas de física, química e biologia. Tínhamos, também, provas práticas. Isso era possível porque o número de candidatos não era muito grande. No entanto, era uma dificuldade entrar na Faculdade, realmente era muito difícil. Eu me lembro que, na época que entrei na Faculdade, freqüentemente havia necessidade de se fazer dois exames vestibulares, porque no primeiro não se preenchiam as vagas. Depois, é claro, isso foi mudando com o tempo. O tipo de vestibular mudou. O número de candidatos cresceu muito.

Quanto à origem dos alunos, acredito que grande parte vinha e continua vindo do interior de São Paulo. Não só de São Paulo, também de Minas Gerais e de outros Estados. Tínhamos muitos alunos de Minas Gerais e de Goiás. Tínhamos e temos muitos alunos de São Paulo - capital.

Quanto à origem sócio-econômica eu acredito que havia de todas as classes. O ensino gratuito evidentemente favorecia as classes menos abastadas, além da vantagem dos cursos secundários serem muito bons o que ajudava alunos de poucos recursos conseguirem estudar numa escola superior. Isso, eu acho, ainda existe. Um fator que contribuía também era o alojamento para os estudantes. Não comportava todos os alunos, mas ajudava muito. O custo de vida em Ribeirão também não era muito caro, era mais barato que São Paulo e isso contava muito.

P – Que benefício a Faculdade de Medicina trouxe para Ribeirão Preto e para a região? De que forma trouxe esses benefícios?

R – Passou-se a ter um serviço médico de alta qualidade beneficiando muita gente. As pessoas precisavam procurar outros centros para se tratarem e com a instalação da Faculdade encontraram aqui uma medicina mais evoluída. Além disso, trouxe benefícios para a educação e para a assistência. O Hospital inicialmente tratava quase que exclusivamente de uma categoria de pacientes: o indigente. O indigente era aquele cuja assistência médica não tinha cobertura por nenhuma entidade estatal ou particular. Eram os colonos das fazendas, as

pessoas da periferia que não tinham onde se tratar. Elas passaram a ser atendidas no Hospital das Clínicas. A Faculdade trouxe junto um Hospital de Clínicas. Eu acredito que o grande benefício foi o acesso a uma saúde de boa qualidade.

P – Quais as maiores queixas dos alunos e dos professores?

R – Vou começar pelos professores. Você deve ter tido problemas para entrar aqui no campus por causa da manifestação dos grevistas que fecharam o principal portão de acesso. Você sabe que os professores hoje estão em greve por reivindicações salariais. Eu acho que essa é a principal queixa dos docentes aqui da Faculdade. A política salarial dos baixos salários.

Outra queixa é quanto à manutenção da Faculdade, ou seja, a manutenção dos equipamentos, a manutenção dos edifícios. Afinal, estamos com mais de cinquenta anos de existência.

Quanto aos alunos eu não sei qual seria a maior queixa. Eu acho essa pergunta meio difícil de responder.

P – Quais as maiores queixas da população? Quem se queixa e do que se queixa?

R – Acredito que a população talvez se queixa porque ela é, de forma geral, carente de assistência médica. A população não é bem assistida em nível primário e secundário. Aqui, na Faculdade de Medicina, damos uma assistência médica terciária e, muitas vezes, não conseguimos atender a todos. Esse Hospital atende mais de mil e quinhentas pessoas por dia, isso mostra a importância do Hospital no programa de saúde da região. Certamente, tem quem se queixa porque sua consulta foi marcada para depois de não sei quanto tempo, ou porque sua cirurgia foi postergada para daqui a não sei quanto tempo etc. Acredito que essa deva ser a maior queixa.

P – Para onde foram os profissionais formados nesta Faculdade? (consultórios, hospitais, pronto-socorros, política, pesquisa). Ficaram na cidade, na região ou foram para outras localidades distantes e menos desenvolvidas no estado ou no país? A quem eles atendem?

R – Formou-se, caiu na vida, então se esparrama pelo Brasil e em diferentes concentrações. Acredito que grande número fica em Ribeirão ou em grandes cidades e um número menor vai para cidades mais distantes. Isto não é uma particularidade desta Faculdade, acho que acontece em todas as faculdades. Muitos formados na Faculdade de Ribeirão estão em São Paulo, em outros Estados do Brasil e muitos estão no exterior. Temos vários alunos que se formaram aqui e foram exercer suas atividades no exterior, principalmente, nos Estados Unidos. Temos hoje um ex-aluno que é Ministro. Temos um ex-aluno que é Deputado Federal, ex-alunos que são vereadores e deve ter algum que seja prefeito por aí... Um bom número também seguiu carreira acadêmica, carreira universitária.

P – A Faculdade de Medicina transmite apenas conhecimentos já produzidos em outros lugares ou produz também conhecimentos novos? Pesquisa? Quais?

R – Desde a implantação da Faculdade de Medicina pelo Professor Zeferino Vaz, ficou bem claro que essa seria uma Faculdade que iria produzir ciência. Essa era uma das premissas do Zeferino Vaz para a formação da Faculdade. Ao longo desses cinquenta anos houve grande interesse pela pesquisa nos mais variados terrenos. Quando a Faculdade foi instalada havia uma doença que se alastrava por essa região: a doença de Chagas. Nada mais natural do que uma instituição científica pesquisar as coisas referentes à sua região, no caso da medicina, pesquisar, portanto, as doenças da região. Isso foi feito. A Faculdade, por isso, tem uma longa tradição e uma vasta contribuição no estudo da doença de Chagas, desde sua implantação até hoje.

No Departamento de Farmacologia dessa Faculdade se criou - se deu as bases para a criação - de um remédio muito usado hoje: o captopril. Esse remédio serve para hipertensão arterial. Foram, sobretudo, os trabalhos que começaram com Rocha e Silva e depois continuados por Sérgio Ferreira no Departamento de Farmacologia. Esse remédio não foi patenteado aqui, foram conhecimentos que nasceram aqui. O remédio, depois, foi patenteado pela grande indústria farmacêutica.

P - O Currículo da Faculdade permaneceu com as mesmas características dos primeiros anos (nº de alunos, pesquisa, departamentos etc.) ou passou por mudanças significativas? Quais as principais?

R – Houve muitas mudanças. Quando fiz meu curso – nas primeiras turmas – fazia-se, por exemplo, na área clínica, cursos de clínica médica ou cirurgia. Agora, os alunos fazem os cursos por especialidades, houve uma fragmentação do ensino em especialidades. Os cursos básicos foram modificados. Os cursos de anatomia foram reduzidos. Houve uma expansão de conhecimentos em química, bioquímica, biologia molecular etc., em detrimento de outros cursos. Por exemplo, as particularidades anatômicas que antes precisávamos estudar. Hoje não é assim. Procura-se estudar mais uma anatomia com base na radiologia do que uma anatomia no cadáver. O ensino de semiologia médica também foi reduzido e eu, em particular, acho que foi um prejuízo que se deu. Mesmo assim, tenho certeza que continuamos formando bons médicos.

P – A Faculdade de Medicina conseguiu interferir na concepção de vida, de morte, de saúde, de remédios para a população da cidade e da região?

R – Eu acredito que sim. Eu acredito que a Faculdade conseguiu inculcar, principalmente na população da cidade e da região, uma conscientização mais elevada quanto a prevenção de doenças.

P – Em resumo, qual o sentido social desta Faculdade?

R – O sentido social foi formar profissionais competentes. Hoje, temos cerca de cento e vinte faculdades de medicina no Brasil e nem todas formam profissionais competentes. Há todo um empenho da Faculdade de formar bons profissionais e nisso há um atrelamento ao Hospital das Clínicas, pois o Hospital das Clínicas serve de campo de treinamento para aqueles que saem da Faculdade. Não que seja privilegiado o aluno que sai da Faculdade de Medicina, mas o que sai da Faculdade tem a oportunidade de fazer sua residência nesse Hospital. Essa é uma contribuição social muito grande.

Temos cerca de seiscentos estudantes de graduação e cerca de quinhentos residentes. Temos, também, na esfera do ensino, o curso de Pós-Graduação que se destaca na Faculdade. Temos mais de mil estudantes de Pós-Graduação, ou seja, uma produção científica muito grande. É importante ressaltar que quando o atual sistema de Pós-Graduação no Brasil foi instalado, em 1970, ele encontrou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto pronta para

desempenhar plenamente as exigências necessárias, tanto que nossos cursos de Pós-Graduação foram os pioneiros ou estão dentre os pioneiros no Brasil.

Isso tudo, sem dúvida, tem um grande sentido social.

P – Conte um pouco sua história de vida.

R – Eu nasci na cidade de Cravinhos que é uma cidade antiga. A cidade antes era cafeeira, hoje é canavieira. Fiz meus estudos primário e ginásial em Cravinhos e vim para Ribeirão Preto fazer o curso científico. Quando entrei no curso científico não tinha ainda certeza do que queria. Não pensei que faria medicina, mesmo porque, na ocasião, não tinha condições econômicas para estudar em São Paulo. Meu pai era marceneiro e minha mãe costureira, por isso, não tinham, evidentemente, condições financeiras para me sustentar em São Paulo num curso desse. Mas, tudo deu certo e ingressei na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto em 1955 me formando em 1960. Era da quarta turma.

Fiz dois anos de residência no Hospital das Clínicas aqui da Faculdade. Na verdade, no antigo Hospital das Clínicas que atualmente é a nossa Unidade de Emergência lá no centro da cidade, pois esse Hospital que estamos foi instalado em 1978. Até 1978, ele funcionava lá na cidade. Fiz esses dois anos de residência e depois fui contratado para trabalhar no Departamento de Clínica Médica. Comecei a trabalhar com dois professores daqui: o Dr. Clóvis Bühler Vieira e o Dr. Renato Alves de Godoy. Já estou com quarenta e um, quase quarenta e dois anos de USP.

Fiz doutorado, mas no meu tempo não tinha doutorado como nos moldes atuais. Fazia-se uma tese de doutoramento sem cumprir as exigências que hoje são feitas. Fiz meu doutorado em 1969. Depois fiz minha docência e, em 1990, fiz meu concurso para professor titular da Clínica Médica. Eu me especializei em Gastroenterologia Clínica e estou até hoje fazendo a minha gastroenterologia clínica. Não tenho consultório médico porque sempre trabalhei em regime de dedicação exclusiva desde o começo. Atendo alguns casos na “clínica civil”, aqui dentro do Hospital das Clínicas.

Sou casado, tenho três filhos e cinco netos - um até com dezessete anos. Nenhum dos meus filhos seguiu a carreira médica e meus netos ainda não têm idade para isso. Essa é um pouco da minha vida.

Sabe... nós estamos a um mês de uma data que me marca muito. No dia 24 de agosto de 1954, portanto, há cinqüenta anos, eu estava fazendo meu cursinho e de manhã fui na aula do cursinho e naquele dia não teve aula. Não teve aula por um motivo muito justo. Naquela

manhã o Presidente Getúlio Vargas havia se suicidado. O Brasil estava em comoção e não se podia dar aula. Então, nossos professores, que eram alunos da Faculdade, resolveram trazer a turma para conhecer o campus de Monte Alegre. Eu não o conhecia até então. Praticamente há cinquenta anos eu vim pela primeira vez aqui e naquele dia eu tive uma intuição. Eu achei tão bonito esse campus! Qualquer coisa me dizia que eu passaria minha vida inteira aqui.

Ribeirão Preto, 22 de julho de 2004.

PROF. JOAQUIM COUTINHO NETTO

ENTREVISTA

(...) não existe medicina regional, não é como engenharia regional, o médico bem formado é bom médico em qualquer lugar. Aqui na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto decidi que o importante não era aumentar o número de vagas diretamente na área médica e, sim, aumentar o número de vagas em cursos multidisciplinares como, por exemplo, o curso de Nutrição. Este é um curso que não temos aqui na região a não ser em escolas particulares, ora, por que, então, a nossa Faculdade que é pública não abrir esse curso? Essa é uma maneira pragmática do Estado contribuir com a educação sem gastar muito, pois aumenta-se o número de vagas na Faculdade de Medicina, mas não diretamente no curso de Medicina. Olhando aqui para nossa região se vê que não há necessidade de aumentar o número de vagas em Medicina nessa Faculdade, pois há uma boa demanda de médicos. Onde tem lógica montar uma Faculdade de Medicina pública para se ter mais médicos é em regiões menos desenvolvidas como, por exemplo, Rondonópolis, Palmas etc., porque, com isso, se cria um núcleo em torno da Faculdade muito importante que se passa a agregar toda a região. A Faculdade pública vai dar assistência com uma política para cem, duzentos anos, enquanto a iniciativa privada, por exemplo, não pode fazer isso. Para o Estado, diferentemente de um grupo privado, o interesse é de todos, é de toda a região. É treinar, dar assistência, mais importante ainda é expandir o conhecimento, é levar conhecimento para que todos melhorem. É importante que haja uma medicina sanitária, agora... você acha que a iniciativa privada vai montar um hospital assistencialista? Ela quebra. Você acha que a iniciativa privada vai querer trabalhar para o SUS tratando de dor de barriga, febre ou criança desnutrida, afinal, se a criança é desnutrida é porque a família não tem dinheiro, ela não pode pagar o médico e se ela não pode pagar o médico para o grupo privado não há interesse, para as ONGs sim, mas o grupo privado não, pois eles investiram dinheiro e é justo que tenham retorno. O grupo privado faz assistência médica de qualidade, mas não assistência para a população que não pode pagar, isso é o Estado quem tem que fazer.

P – Que benefício a Faculdade de Medicina trouxe para Ribeirão Preto e para a região? De que forma trouxe esses benefícios?

R - A nossa Faculdade de Medicina faz isso que eu disse a pouco muito bem. É só olhar o Hospital que temos, é o maior Hospital de assistência do interior do país e, mais ainda, maior que muitos hospitais de capitais do Brasil. Ele tem mil e quatrocentos leitos. Em Minas Gerais, mesmo, não tem nenhum igual. Acredito que maior que ele só em São Paulo e no Rio de Janeiro.

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tem dois Hospitais: esse do campus – Hospital das Clínicas - e a Unidade de Emergência que fica no centro da cidade que até hoje existe e onde eu me formei. Essa Unidade de Emergência, que também é um Hospital ligado ao Hospital das Clínicas, tem quase quatrocentos leitos. É um Hospital igual ao que a maioria das cidades e normalmente as outras Faculdades de Medicina têm.

Uma outra visão aqui da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto é o Centro de Saúde-Escola que, na verdade, é a Medicina da Família. Isso é muito interessante, porque aí é que está a assistência, a assistência primária e secundária em que a pessoa não precisa chegar até o Hospital a não ser em casos complexos que dificilmente se resolva. Isso acaba esvaziando um pouco o Hospital. Essa é uma política que tem que ser feita. Por exemplo, se uma pessoa está com dor de barriga não precisa vir até o Hospital, isso é caso de Posto de Saúde. Essa é uma visão da nossa Faculdade, aliviar o nosso serviço, caso contrário, não agüentamos. A função da Universidade é formar recursos humanos, sozinha ela não agüenta manter um Hospital desse porte, por isso, a manutenção do Hospital fica sob responsabilidade da Casa Civil do Governo do Estado.

O Hospital das Cínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi criado pela Universidade de São Paulo e durante muito tempo foi mantido pela própria Universidade, por isso, ele continua administrado pela Universidade de São Paulo, a chefia fica sob a responsabilidade da Faculdade de Medicina. Depois, com as dificuldades da USP manter o Hospital ela passou para a Casa Civil do Governo do Estado, o dinheiro hoje vem do Estado. Temos, hoje, dois tipos de funcionários: os funcionários da USP como, por exemplo, a administração – que são os professores – e os outros funcionários do Hospital pagos pelo Estado. A manutenção dos custos com comida, medicamentos, água, luz etc., também são do Estado, senão a Universidade quebraria. Agora... o que aconteceu é que o Estado também não estava enviando verba suficiente para manter o Hospital, mesmo a Casa Civil do Governo não

estava agüentando, o que precisou ser feito foi abrir o Hospital para o SUS. Hoje ele também tem verba do SUS que é do Governo Federal. Como o sistema do SUS é descentralizado, o paciente primeiro procura um Posto de Saúde da Prefeitura – que também tem verba do SUS – o Posto procura resolver o atendimento primário e secundário – como pequenas cirurgias de ambulatório – se não resolver aí então sim traz para o H.C. encaminhado com uma guia. O Hospital atende e depois devolve essa guia para a Prefeitura para ela então cobrar do Governo Federal. Tanto que o Hospital das Clínicas é um Hospital regional - não só regional estadual – pois ele atende, por exemplo, todo sul de Minas, o Estado de Mato Grosso, etc., não é porque o paciente não é do Estado de São Paulo que não será atendido. O Hospital é regional, é mantido também pelo SUS. Outro caso é quanto o seguro-saúde. Muitas vezes o paciente passa pela Unidade de Emergência e tem seguro-saúde - Unimed, Amil etc. - e o Hospital não tem ainda instrumento legal de como cobrar dessa pessoa, porque ele entrou com um plano de saúde, mas vai ser atendido pelo SUS. Com isso, a seguradora acaba ganhando um lucro extra.

Voltando, então, a questão das vagas, a Faculdade aumentou o número de vagas, mas em cursos multidisciplinares. A Faculdade percebeu que o importante não era haver somente a relação médico-paciente, teria que haver, também, os para-médicos. O médico, por exemplo, faz a parte de nutrição clínica, mas ele não é nutricionista. Era preciso de um profissional que cuidasse da alimentação, do comportamento do paciente. A Faculdade, por isso, abriu novos cursos usando seus próprios recursos. Abriu-se cursos - dentro da Faculdade de Medicina - de Nutrição, Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Bioinformática Médica – este último junto com a Faculdade de Filosofia - enfim, vários cursos dentro da Faculdade de Medicina e usando seus próprios recursos. Os alunos desses cursos são alunos da Faculdade de Medicina. Ou seja, a Faculdade de Medicina tem cem vagas para Medicina, trinta vagas para Nutrição, quarenta vagas para Fisioterapia, trinta vagas para Terapia Ocupacional, mais algumas vagas para Bioinformática Médica – todos cursos da Faculdade de Medicina - o que fez com que ela aumentasse o número de vagas. Na verdade, mais que dobrasse o número de vagas. Hoje a Faculdade de Medicina oferece duzentos e sessenta vagas.

P – O aluno que é formado na Faculdade de Medicina tem, obrigatoriamente, que fazer residência?

R – Não. O nosso curso, por exemplo, termina agora em outubro. O exame de residência é feito geralmente em dezembro ou janeiro, por isso, as aulas terminam agora justamente para ele poder estudar e se preparar porque é um concurso público nacional. É como um vestibular. É um novo vestibular. O exame é extremamente sério. Depois da primeira fase do exame, tem-se uma nota de corte e, então, se o aluno passou volta para a segunda fase dentro da sua especialidade. A segunda fase é um exame teórico, tem uma banca multidisciplinar com professores de fora, de outras escolas.

Na medicina funciona assim: todos os alunos fazem seis anos e se formam em medicina, ou seja, são médicos. Depois o aluno que quiser presta o exame de residência de acordo com sua especialidade, por exemplo: se o aluno quiser cirurgia-plástica, primeiro ele faz seis anos de medicina, depois presta concurso para residência na especialidade cirurgia-geral - que são mais dois anos - e depois presta exame novamente para especialidade cirurgia-plástica que são mais três anos (11 anos ao todo). Com urologia é praticamente a mesma coisa: primeiro o aluno faz seis anos de medicina geral, depois presta exame de residência e faz dois anos de cirurgia-geral, presta novamente exame e faz mais dois anos de urologia (10 anos ao todo). Dermatologia, por exemplo: primeiro o aluno faz seis anos de medicina geral, depois presta exame para residência e faz dois anos de clínica-médica-geral, novamente presta exame e faz mais dois anos de dermatologia (10 anos ao todo).

P – Como é a relação do Hospital e da FMRP com a população de Ribeirão Preto?

R – Hoje está melhor. Com a construção do Hospital foi preciso buscar médicos da cidade. Hoje deve ter mais de mil médicos atendendo - estou colocando junto os residentes - porque a Faculdade disponibiliza cento e cinquenta vagas de residência por ano, como em média os residentes ficam três anos temos mais ou menos quatrocentos e cinquenta residentes pagos com bolsas de estudo ajudando no atendimento.

No começo, os médicos ou vinham de fora ou eram formados aqui dentro - endogenia. Foi se formando uma família e a relação dessa família com o pessoal de fora (classe médica) era muito pequena, porque ela não precisava deles. Foi se construindo, assim, uma animosidade com a classe médica da cidade por causa do fechamento, do encastelamento. Para um profissional médico da cidade, trabalhar aqui era complicado, primeiro porque ele teria que trabalhar de graça, segundo que ele não era do ninho. No começo a história foi

assim. Mas isso mudou. Precisou mudar. A partir da construção do Hospital das Clínicas - criado em 1978, se não me engano - o clã precisou se abrir porque não dava mais conta no atendimento, precisando para isso de gente de fora. De repente, passou-se de trezentos leitos da Unidade de Emergência para mais de mil leitos, precisando, assim, contratar novos médicos e, com isso, a Faculdade foi buscar esse profissional na cidade, pedindo, por favor, venham nos ajudar porque não estamos dando conta. E esses médicos da cidade vieram e a maioria trabalhando de graça.

Depois, abriram-se concursos para pagar esse pessoal, mas isso foi irrisório porque começou-se a pagar oitocentos reais por mês é como se continuasse não pagando, é apenas uma ajuda de custo o que continua sendo um voluntarismo. Mas, com isso, a relação melhorou muito com a classe médica da cidade, a Faculdade se abriu para eles, ela estava encastelada e hoje não está mais.

No nosso caso - como professores da Faculdade de Medicina – por sermos contratados por regime de dedicação exclusiva, não podemos sair da Faculdade e ir à Santa Casa fazer uma cirurgia de graça. Sempre ficaria a dúvida se recebeu ou não pagamento. O que conotaria uma espécie de burla do tempo integral. Por isso, o pessoal da Faculdade não dá essa assistência para não criar um mal estar. Mesmo trabalhando de graça para ajudar isso não era permitido. Essas coisas não são contadas, e precisam ser. É interessante ver que o médico de fora pode vir aqui ajudar, mas sob um aspecto burocrático a recíproca não ocorre.

Muitas vezes o médico da Faculdade aprendeu certa cirurgia no exterior e só ele sabe fazer aquela cirurgia e o paciente que precisa dessa cirurgia tem plano de saúde e está internado num Hospital particular, acontece que o médico da Faculdade não pode ir até lá ajudar por causa da dedicação exclusiva podendo, facilmente, ser processado. O que precisa ser feito é transferir o paciente aqui para o Hospital das Clínicas sendo que ele - o paciente - é privado e pode pagar pela cirurgia e o Hospital particular precisa desse dinheiro para sobreviver. Com isso, tiramos ganhos dos colegas da cidade causando, assim, um mal estar para todos. Nosso sistema de assistência acaba competindo com o sistema privado que investe dinheiro, o que não é justo. São questões burocráticas que até hoje estão mal resolvidas. Continuando esse problema.

Enfim, os médicos da cidade que estão aqui nos ajudando no Hospital das Clínicas ganham um salário irrisório que em termos econômicos não compensa. O que acaba compensando para eles é o convívio com quase três mil médicos. Aqui eles também aprendem, participam de congressos, reuniões clínicas etc., o que na cidade tem pouco. Seria,

então, como uma educação continuada. Mas, o correto, seria que eles ganhassem um bom salário.

P – Mas, em alguns casos, esse médico que aqui ajuda não acaba levando alguns pacientes para serem diagnosticados em seus consultórios?

R – Isso não é verdade. Primeiro, porque o paciente que se trata aqui no Hospital das Clínicas é um paciente do SUS. A grande maioria dos nossos pacientes não tem convênio médico. Se esse paciente for no consultório o médico vai ter que atender de graça. Segundo, os recursos aqui do Hospital são muito maiores do que os das clínicas deles e são de graça.

Mas, os problemas com a classe médica da cidade não param por aí. Numa estrutura dessa do Hospital das Clínicas o SUS passa também a não conseguir manter o sistema. O Hospital, então, implanta uma Fundação que passa a atender pacientes particulares. Nesse momento, cria-se outro problema, porque passa-se a competir com o sistema privado. Usa-se praticamente toda a infra-estrutura do Estado para o sistema privado. Essa é uma nova evolução do problema. O Estado não tem dinheiro para ampliar as instalações do Hospital, para comprar novos aparelhos ou para consertar outros que se encontram quebrados, então, implanta-se uma Fundação para buscar recursos extra-orçamentários e, assim, ajudar na manutenção dessa estrutura que é muito grande. Isso sendo feito por uma Fundação que passa a atender convênios particulares. O Hospital não pode atender convênios particulares porque ele é público, mas a Fundação pode. E essa Fundação trabalha dentro do Hospital das Clínicas. Agora... isso é legal? É, é legal! É moral, é ético? Não, acho que não! Ora, num hospital particular o médico tem que pagar secretária, água, luz, telefone etc., enquanto aqui não precisa pagar isso, pois se usa tudo do Estado. Muitas vezes, o paciente com plano de saúde prefere ser atendido aqui no Hospital das Clínicas porque o médico que atende também é professor da Faculdade. O professor da Faculdade acaba recebendo um adicional salarial para atender no Hospital das Clínicas, a Fundação paga um adicional, mas, de forma geral, isso cria um problema, por isso, temos que achar uma solução para disciplinar tudo isso e não trazer prejuízos para os colegas da cidade.

P – Como é a relação entre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e os cidadãos ribeirão-pretanos?

R – Sem dúvida, é muito boa, porque se oferece um serviço de qualidade para a população. Se o sujeito sofre um acidente ele sabe que se correr no Hospital das Clínicas será muito bem atendido.

O cidadão da região também sabe que ele não precisa ir a São Paulo para tratar de alguma doença, porque o que não se resolver em Ribeirão Preto, em São Paulo também não resolve. Nós estamos em perfeita sintonia com os EUA, tanto que começa lá, em seguida nós também temos. Essa Faculdade tem inserção internacional. É a que mais publica no Brasil. Temos o maior número de alunos de Pós-Graduação do país por número de docentes. Temos, também, a Pós-Graduação mais produtiva do país - proporcional por número de docentes – com o maior número de publicações internacionais de todas as Escolas brasileiras. Isso, além de nos dar muito orgulho, dá muita segurança para a região, pois se o sujeito tiver um problema, Ribeirão resolve. Outra coisa, a cidade e a região têm uma capacitação médica excelente porque veio daqui da Faculdade. A excelência médica não reflete apenas aqui dentro, ela reflete também do lado de fora. A classe médica da cidade vem aqui fazer cursos e treinamentos igual ao que fazemos e depois leva isso para a cidade. Com isso, a população da cidade se sente segura, porque sabe que se precisar terá assistência de boa qualidade e, mais ainda, a melhor do país.

P – A maioria dos médicos que se forma na Faculdade de Medicina para onde vai? (consultórios, hospitais, pronto-socorros, pesquisa, política). Fica na cidade, na região ou vai para outras localidades distantes e menos desenvolvidas do estado ou do país?

R – A maioria vai para consultórios. Eles acabam ficando aqui na região e boa parte fica aqui na cidade. Ribeirão Preto que tem o maior número de médicos per capita do país. Ribeirão Preto é uma cidade muito bonita e com uma boa infra-estrutura. O pessoal acaba não querendo mais ir embora daqui.

P – A medicina de Ribeirão Preto é uma medicina sanitaria?

R – Ela tem essa visão, ela tem a visão da medicina preventiva. Nós incutimos nos alunos seis anos de medicina preventiva. Os alunos ficam dentro dos muros da Faculdade durante quatro anos. No quinto e sexto anos é que vão fazer estágio. Basicamente, no quarto ano, eles já terminaram a medicina formativa de dentro dos muros, por isso, no quinto e no sexto anos o aluno passa a trabalhar no Centro Saúde- Escola na medicina da família. Eles passam a visitar famílias em bairros pobres junto com para-médicos (nutricionistas, enfermeiros etc.), tendo por trás a cobertura do Hospital.

Agora... tem o seguinte, quem quer ser médico sanitaria e tratar só de pobre? Ele vai ganhar quanto de salário? O Posto de Saúde costuma pagar mais ou menos mil reais para trabalhar quatro horas diárias, se ele trabalhar em dois Postos de Saúde vai ganhar mais ou menos dois mil reais. Ora, ele não precisava ser médico para ganhar isso. Esse é um salário de profissional que não tem nível universitário. Essa é uma situação que também tem que se levar em conta, pois se ele não fizer residência nem em Posto de Saúde vai poder trabalhar porque no Estado de São Paulo se exige residência médica. O que ele pretende é montar um consultório. Ele não quer trabalhar num Posto de Saúde e ganhar pouco. Pode até trabalhar no Posto de Saúde, mas para complementar o salário, pois esse não é seu objetivo primário. Agora... pode ter certeza, se o salário no Posto de Saúde fosse de oito, dez mil reais, ele faria residência e iria trabalhar no Posto de Saúde. Ele seria aquele médico de família. Mas para isso o salário teria que garantir um bom padrão de vida para ele e para a família dele. Se ele trabalhar só no Posto de Saúde nem casa própria vai conseguir ter. Vai se desmotivar e não vai investir em cursos, não vai investir numa medicina continuada. Muitos dos cursos são pagos e são caros. Por exemplo, se quiser fazer um curso de ultrasonografia vai gastar mais ou menos doze mil reais. Como ele vai pagar isso?

P – Existe alguma queixa em relação aos alunos?

R – Não, não existe. O aluno que entra aqui é um aluno vitorioso, porque ele passou por um filtro, por um dos vestibulares mais difíceis do país e num dos cursos mais concorridos. Eles são vitoriosos e eles sabem disso. São altamente selecionados.

P – Os alunos que entram aqui provêm de uma classe social muito parecida? Qual o perfil sócio-econômico e a origem geográfica deles?

R – Sim, são homogêneos. São ricos. São alunos que vêm de classe social média-alta. Indicador disso são os carros deles. Os carros são os espelhos. Muitos vêm para a aula nos primeiros dias com carros importados como: Mercedes-Benz, Ferrari - já houve caso -, depois ficam com vergonha e não vêm mais. Muitos alunos vêm da cidade de São Paulo e da grande São Paulo. Também, praticamente quinze milhões de habitantes estão lá! A outra metade, praticamente vem do interior do Estado de São Paulo. Em geral, eles não têm problemas financeiros. Têm todo um suporte por trás. Caso tenham algum problema financeiro a Faculdade pode mantê-los porque oferece bolsas como: bolsa-trabalho, bolsa-alimentação, moradia etc. Entrou na Faculdade de Medicina ele sai e sai com uma bruta formação. Com a melhor do país.

Os alunos são homogêneos mesmo na sua formação. Praticamente todos sabem falar uma língua estrangeira, todos sabem mexer com computador, todos têm computador em casa. Muitos sabem falar inglês melhor que os professores. Eles têm facilidade para se instalarem na cidade porque a família tem recursos. Se algum aluno tem pouco recurso – e isso não é a regra – a regra é que os alunos de Medicina têm condições sócio-econômicas maiores que os outros alunos dos outros cursos do vestibular, a Faculdade oferece condições, como eu disse, moradia, alimentação etc.

A cidade tem um certo respeito pelo aluno da medicina porque sabe que é um aluno muito estudioso. A cidade gosta do aluno porque ele faz muita campanha. Hoje, por exemplo, dia do médico, os alunos estão em campanha na cidade. Ontem estavam em campanha do câncer de mama. Todo mês tem uma campanha e os alunos estão a campo atendendo a população, com isso, se cria uma empatia muito grande com a população.

P – A população tem alguma queixa da Faculdade?

R – Não, pelo contrário, acho que ela se sente protegida pela Escola.

P – E vocês professores, têm alguma queixa?

R – Não. Nós não temos do que nos queixar porque o Estado tem dinheiro. Nossos laboratórios de pesquisa são muito ricos, se não são ricos é porque o professor não pediu o dinheiro adequado, mas sempre tem do lado um laboratório que socorre, porque nós trabalhamos como um todo. As condições de trabalho são excelentes.

Vamos pegar 1978, por exemplo, quando eu fui para a Inglaterra. Eu já tinha feito o doutoramento aqui e eu lhe garanto que chegando lá depois de dois meses não tinha dificuldade de ser o líder de pesquisa deles. Isso é normal, porque quando se chega em qualquer centro de pesquisa fora do país tudo o que eles têm lá nós também temos aqui ou, pelo menos, já conhecemos aquilo. Pode ser que eles tenham um aparelho de dois ou três anos mais novo, mas nós também temos aquele aparelho aqui.

P – Qual é a sua formação?

R – Eu fiz Medicina aqui na Faculdade de Ribeirão Preto e depois Pós-Graduação em Bioquímica. Em seguida, fiz o Pós-Doutoramento em Londres em Neuroquímica - que é a bioquímica do sistema nervoso. Eu não tenho residência médica, comecei a fazer em neurologia, mas como fui nomeado professor parei a residência. Por isso, não tenho título de residência.

P – Fale um pouco sobre sua história de vida.

R – Meu pai era português (imigrante) que chegou no Brasil com vinte e nove anos solteiro e foi para a região de São José do Rio Preto onde comprou um sítio pequeno de quinze alqueires e começou a plantar arroz, algodão e um pouco de café. Minha mãe nasceu aqui no Brasil, nasceu em Brodowski, mas meus avôs eram imigrantes, meu avô veio da Itália e minha avó veio da França e eles se conheceram aqui no Brasil, lá em Brodowski.

Naquela época o país era essencialmente rural, eu acho que oitenta por cento das pessoas viviam no meio rural. Eu mesmo morei no sítio durante muito tempo, mas aí começou a haver um êxodo rural e eu fui para a cidade. Meus pais continuaram no sítio. Eu fui para a cidade – São José do Rio Preto – para poder estudar. Fiz o ginásio e o colégio em escola pública, na única escola pública de São José do Rio Preto, que se chamava Instituto de Educação Monsenhor Gonçalves.

Quando terminei o colegial, nós estávamos com alguns problemas sérios. Primeiro que meu pai havia ficado cego. Segundo, que passamos a ter alguns problemas financeiros e precisamos vender o sítio. Meu irmão mais velho já estava fazendo medicina aqui em Ribeirão Preto e o outro irmão estava fazendo economia. Sem dinheiro, eu não podia vir para Ribeirão Preto prestar vestibular e como não tinha dinheiro minha opção seria ser padre, entrar no exército ou entrar na polícia. Para entrar no exército precisaria prestar exame na Academia das Agulhas Negras, para entrar na polícia precisaria prestar exame na Academia do Barro Branco. Acontece que no ano que me formei no colegial não houve exame na Academia das Agulhas Negras. Resolvi prestar vestibular em Biologia em São José do Rio Preto numa Faculdade isolada que era do Estado e hoje é da UNESP. Mas, eu não passei em São José do Rio Preto na Biologia e fiquei trabalhando numa empresa e estudando em casa. Meu irmão mandava apostilas para mim porque eu não tinha dinheiro para pagar cursinho. No ano seguinte, prestei Medicina em Ribeirão Preto e passei.

Quando eu prestei o exame na Medicina aqui em Ribeirão Preto era, mais ou menos, seiscentos candidatos para cem vagas, ou seja, a dificuldade para entrar era bem menor e as escolas públicas eram boas, enquanto as escolas particulares eram poucas e de baixa qualidade.

Como passei em Ribeirão Preto, pensei em ficar, pois já tinha meu irmão que morava aqui. Comecei a morar com ele e pedi demissão na empresa em São José do Rio Preto. Esta empresa era de transporte e eu trabalhava no escritório.

Com a ajuda do meu irmão tudo ficou mais fácil, porque comecei a cursar a Faculdade e também a dar algumas aulas junto com ele no COC (Curso Osvaldo Cruz) que meu irmão e um grupo de amigos da Faculdade de Medicina fundaram. O que ocorreu na verdade é que eles precisavam de dinheiro e então resolveram abrir um cursinho. Quando eu entrei na Faculdade meu irmão já estava no sexto ano e ele me ofereceu para dar aula no lugar dele, aulas de química. O cursinho não cobrava julho, dezembro, janeiro e fevereiro (período de férias), nesses meses nós não ganhávamos dinheiro, por isso, eu tinha que guardar para suprir esses meses, pois precisava também ajudar em casa meu pai estava vivo, mas estava cego, minha mãe ajudava ele, mas eles tiveram que desfazer de alguns bens. Cheguei a ficar sócio do COC comprando as ações de meu irmão. Mas, todos nós depois vendemos as ações.

P – Fale um pouco dos seus filhos.

R – Com meus filhos as coisas foram diferentes. Tive, eu e minha mulher que também é professora, condições de oferecer a eles estudos em escolas particulares. Atualmente, o ensino na escola pública caiu muito. Tivemos condições de pagar uma escola de inglês, uma escola de redação etc., visando o vestibular que eles lá na frente iriam prestar. Hoje, dos meus três filhos, dois são médicos e estudaram em Universidades Federais, e o outro ainda faz Medicina Veterinária. É uma história interessante, os outros dois que são mais velhos já eram médicos e começaram a falar para ele que ainda estava fazendo colegial para prestar Medicina que era bom e começaram a levá-lo para ver plantões. Acontece que nos plantões aparece de tudo, ele assustou e disse: “eu não quero saber disso para minha vida. Não vou ser médico.” Na verdade, isso não poderia ter sido feito porque é um treino. Na Medicina o aluno é treinado para ver tudo isso, não se pode jogar um aluno do primeiro ano, por exemplo, para atender um sujeito baleado ou acidentado com sangue esparramado para todo lado, é devagar, o sujeito tem que ser preparado para isso, porque se não desmaia mesmo.

Sabe... o pessoal da minha idade, da minha geração praticamente todos vieram de escolas públicas e quase ninguém era rico, é lógico que ninguém, também, era miserável, mas a demanda do consumo não existia. Não precisava ter carro, na minha turma de medicina – nós éramos em cem - ninguém tinha carro, todos andavam de ônibus. Hoje é o contrário, se não tem carro é porque o pai não quer dar, mas não é por problema econômico. É raro o aluno da Medicina não ter carro e carro melhor que dos professores. Nas casas que moram também têm móveis, geladeira, microondas, dvd, televisão grande etc., quer dizer, o consumo é muito grande. Na minha época não precisava de nada disso. O que precisava era uma mesa, um fogão, cada um com uma mesa de estudo, o guarda-roupa e uma cama, mas isso era normal, nem geladeira nós tínhamos foi no quarto ano que fizemos uma “vaquinha” e compramos uma geladeira. Mas ninguém tinha porque nos outros lugares era igual, o que normalmente tinha era uma mesa de estudo, a cama e o fogão. Hoje, meu filho que estuda fora, por exemplo, tem apartamento, tem máquina de lavar, tem microondas, tem dvd, tem empregada, paga condomínio etc., ou seja, tem mais ou menos tudo o que tem em casa e eu ainda mando dinheiro para ele; na minha época eu que precisava mandar dinheiro para meu pai.

Hoje, o consumo mudou e é natural, pois mudou para melhor.

A minha mulher é auxiliar de direção em uma escola da Prefeitura e o ensino lá é de boa qualidade, extremamente bom, é uma das melhores escolas de Ribeirão Preto. Os professores são bons, a Prefeitura valoriza o professor, a pré-escola talvez seja melhor do que muitas escolas privadas, mas o grande problema que minha mulher vê é o aluno se sentir derrotado, pois ele acha que o vencedor é o aluno da escola particular. Os professores são excelentes e dão aulas, mas só que eles não estudam, para eles o máximo é terminar o segundo grau e arrumar um emprego. Eles dizem: a USP não é para mim. Claro que é! Mas para isso ele precisa sentar e ler aquilo que o professor ensinou que é de excelente qualidade. Muitos desses professores dão aula em escolas particulares e chegam até a fazer mais esforço para que esses alunos rendam, para tirar a diferença, mas não, eles não estudam, tanto que eles não prestam exame aqui. Como coordenador da FUVEST eu já fui até a escola falar para eles que têm sim que prestar exame e tentar estudar aqui, tem que concorrer com os outros alunos a alguma vaga que a Universidade oferece. Mas é uma cultura. É igual paciente do SUS, você sabia que paciente do SUS é o que mais processa médicos? Os médicos morrem de medo de paciente do SUS, porque o paciente já vai para a consulta médica achando que o médico que vai atendê-lo é o pior médico, que não vai tratá-lo igual ao paciente que pode pagar a consulta e, na verdade, o médico vai atender todos os pacientes iguais. Ele não vai é fazer salamaleque o que não pode e nem deve, o médico não vai conversar com o paciente sobre o que não tem a ver com a saúde, com a família, com o local que ele mora para ver se aquilo não tem influência com a doença, só isso, o profissionalismo. Agora... claro que com o paciente particular ele pode gastar mais tempo, às vezes o pai, a mãe acompanham o paciente o que toma mais tempo, mas também o médico está ganhando mais, muito mais, mas não é a parte profissional, a parte profissional é a mesma coisa, os assuntos no consultório acabam sendo outros. Então, o paciente do SUS sempre acha que por mais que o médico faça ainda está fazendo pouco por ele o que não é verdade, sendo que ele é atendido exatamente igual ao paciente que está pagando, às vezes até com mais cuidado porque ele geralmente é um paciente mais debilitado, então se chama uma equipe multidisciplinar – como psicólogos - para acompanhá-lo. Às vezes o paciente que paga a consulta nem tem esse tratamento, porque ele pode pagar o psicólogo, o nutricionista, então ele mesmo acaba indo procurar esses profissionais. O problema que o paciente do SUS quando processa, ele processa o médico e não o sistema, ele não processa a Prefeitura, ele processa o médico - pessoa física - que vai ter que gastar dinheiro próprio para pagar um advogado. Geralmente esses processos não dão em nada porque não têm nada de errado, mas o médico que atendeu o paciente vai ter que gastar um dinheirão, enquanto o paciente não gasta nada porque ele contrata um defensor público.

Essa acaba sendo uma forma do paciente reclamar do sistema ou então tentar ganhar uma indenização do médico que para ele é rico. Os advogados estão dizendo que nesse século, o século XXI, tem três tipos de médicos: os que já foram, os que estão sendo, e os que serão processados. Com isso, surgiu uma nova situação que é o médico anotar tudo o que ele fez porque, caso contrário, se ele for processado acaba sendo a palavra dele com a do paciente.

Ribeirão Preto, 18 de outubro de 2004.

(Dia do Médico).

PROF. JOSÉ EDUARDO DUTRA DE OLIVEIRA

ENTREVISTA

(...) eu me formei na Faculdade de Medicina de São Paulo, ali na avenida Dr. Arnaldo, em 1951. No começo de 1952 fui para os Estados Unidos fazer treinamento na área que me dediquei que é nutrição e alimentação – nutrição clínica. Durante o período que fiquei nos Estados Unidos eu voltei para o Brasil – não lembro bem se em 1953 ou 1954 – e entrei em contato com o professor Hélio Lourenço de Oliveira. O professor Hélio era chefe do Departamento de Clínica Médica na USP e tinha sido convidado para trabalhar na parte clínica aqui em Ribeirão Preto. Quando ele veio para cá trouxe junto um pessoal que trabalhava lá no Hospital das Clínicas e eu comentei com ele que também gostaria de vir para cá – Ribeirão Preto – então fui convidado por ele, ganhei uma bolsa da Fundação Rockefeller e continuei por mais um ano o estágio lá nos Estados Unidos, mas com o compromisso de vir trabalhar aqui em Ribeirão Preto. Voltei para o Brasil em 1955, mas fui contratado somente em 1956. Eu lecionei para a primeira turma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Eu dei aulas para todas as turmas durante quarenta e poucos anos que é o tempo que fiquei na Faculdade.

Comecei dar aulas no prédio da Associação Comercial, eles tinham uma sala grande lá, dei aulas de semiologia, nutrição, de uma parte geral de clínica, de nutrologia etc. Eu dei aula também na Santa Casa. Duas turmas depois eu passei a dar aulas no terceiro e no quarto anos de clínica geral, depois dávamos clínica geral no terceiro e quarto anos e depois dávamos especialidades no quinto e no sexto ano, ou seja, cada professor dava a sua especialidade.

P – O senhor foi para a “Fazenda Monte Alegre” quando?

R – Eu cheguei aqui em Ribeirão e alguns professores já moravam lá na Fazenda Monte Alegre. Aquilo tinha sido uma Escola Prática de Agricultura e tinha as casas dos professores. Quando eu cheguei essas casas – acho que tinha umas quinze casas – já estavam ocupadas por outros professores, por isso, fui morar na fazenda do meu avô aqui em Bonfim Paulista e só entrei numa casa depois – numa fileira de casas novas que fizeram para os docentes – e nela morei por quinze ou vinte anos no *campus* da Faculdade de Medicina.

De 1979 a 1983 eu fui Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e consequentemente Presidente do Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas e nessa posição de Diretor da Faculdade de Medicina eu fiquei também como Coordenador do *campus* da USP, ou seja, coordenador de tudo... da Escola de Enfermagem que mudou para lá, de Odontologia que era particular e passou para lá, Farmácia, depois a Filosofia.

P – Como era a relação da Faculdade de Medicina com a Escola de Enfermagem?

R – Quando veio a Faculdade de Medicina veio logo em seguida a Faculdade de Enfermagem, mas essa Faculdade ficou no centro de Ribeirão Preto perto da praça XV. A Faculdade de Enfermagem tinha uma ligação muito grande com a Faculdade de Medicina. A ligação com a Faculdade de Odontologia também aumentou bastante até que as duas passaram a fazer parte do mesmo *campus* da Faculdade de Medicina que se tornou um *campus* bastante biológico.

Eu lembro – como Diretor da Faculdade de Medicina e Coordenador do *campus* - que ocorreu um fato curioso: uma briga. A turma da medicina queria que as casas do *campus* fosse somente da medicina e eu achava que não devia porque afinal o *campus* era da USP e essa discussão foi grande até que passou a ser de todo mundo.

Os estudantes também tinham a sua própria casa e os estudantes que estavam chegando para as novas Faculdades começaram a reclamar porque queriam ter uma casa para poderem ficar. Chegou até ter invasão de casas. O estudante de medicina tinha o Ginásio e não queria que os alunos de outras Faculdades usassem.

P – O senhor que morou na Fazenda Monte Alegre - no *campus* - pode dizer como era o convívio de vocês professores e de vocês com os funcionários?

R – Eu acho que era um convívio muito bom. Nós tínhamos uma relação muito boa. Nós mantínhamos reuniões dentro da Faculdade porque não tinha estrada, a estrada era de terra, o lugar era meio afastado, então se tinha uma vivência no *campus*, nossos filhos, por exemplo, freqüentavam uma escola que ficava em frente a Faculdade de Medicina, uma escola de freiras belgas e holandesas, uma escola particular. Eu me lembro que havia algumas discussões de professores catedráticos e de professores não catedráticos porque os professores

catedráticos ficavam do lado direito do Prédio Central e os não catedráticos ficavam do lado esquerdo. Esta divisão existia, de certa forma, desde a época da Escola Prática de Agricultura porque nesta Escola os agrônomos ficavam do lado direito do Prédio Central, onde as casas eram maiores, e os funcionários do lado esquerdo, onde as casas eram menores. Mas, a convivência era muito boa, pois se morava na “Fazenda” com uma porção de gente, íamos juntos a missa que no começo era realizada no Prédio Central e só depois foi construída uma capela ecumênica... enfim, a relação entre todos era muito boa.

Numa outra parte da “Fazenda” tinha a casa dos funcionários, dos funcionários braçais, que era uma colônia, então éramos uma comunidade e convivíamos muito bem.

No lago havia uma prainha que os funcionários freqüentavam e isso era dos funcionários, os docentes quase não participavam... sabe, tinha uma vida própria e uma idéia que não era fazer uma Universidade de Ribeirão Preto.

P – Teve um movimento para construção da URP (Universidade de Ribeirão Preto).

R – Teve, mas nossa posição era que continuasse sendo vinculada a Universidade de São Paulo. Nós não queríamos que perdesse o vínculo. A Universidade de São Paulo era famosa, prestigiada, já tinha o *campus* de Piracicaba... esse era o maior motivo. Houve muita discussão nesse tempo para a criação da URP, mas eu achava que deveria ter mais integração entre a USP e a população da cidade.

P – O senhor achava que a USP ficava um pouco “de costas” para a cidade?

R – Ficava. A USP era meio encastelada.

P – A população tinha alguma queixa da Faculdade de Medicina?

R – Eu acho que tem um pouco de queixa porque todo mundo procura o Hospital das Clínicas, mas não a cidade de Ribeirão Preto, a região de certa forma, porque o atendimento não é fácil...

P – Como a Faculdade de Medicina repercutiu no imaginário das pessoas da cidade?

R – Eu acho que repercutiu como sendo algo muito importante, afinal estava vindo para Ribeirão Preto uma Escola de Medicina com alunos, professores catedráticos – verdadeiras sumidades – ... a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi a primeira Escola importante de medicina construída fora das capitais. Essa idéia de trazer para o interior uma Escola de alto padrão – não só de alto padrão, pois ela era a melhor Escola de Medicina do Brasil – ela era diferente das outras Escolas, tinha uma estrutura inovadora, o trabalho dos professores era em tempo integral – isso era uma inovação – e até hoje isso é uma inovação porque mesmo em São Paulo, Rio de Janeiro o que se tem são alguns professores em tempo integral e aqui em Ribeirão Preto todos os professores são em tempo integral.

P – Fale um pouco do tempo integral geográfico.

R – Era chamado geográfico porque o professor tinha clínica particular, mas tinha que fazer pesquisa... era tempo integral, somente algumas vezes por semana é que ele podia atender clínica civil. Eu, por exemplo, nunca fiz clínica. Eu fiz um pouquinho só de clínica e depois... até tem uma história interessante do meu pai que também foi professor só que na Faculdade de Medicina de São Paulo na USP e depois começou a clinicar aqui em Batatais e Brodowski e ele falava assim: se você quer ganhar pouco dinheiro e passar fome, faça tempo integral; agora se você quer ganhar dinheiro então você faça clínica civil, principalmente na área que é a minha área – alimentação, nutrição - quer ganhar dinheiro mesmo, vai emagrecer gordo.

Eu estou dizendo que aqui fez isso, um professor de pediatria que tinha uma das maiores clínicas civis de São Paulo, o professor Woiski, veio para Ribeirão Preto. Ele não era cientista, ele não sabia mexer muito no laboratório, mas ele fez até um curso de bioquímica, ou seja, num ambiente onde a pesquisa era muito valorizada. O tempo integral era integral para fazer pesquisa, de manhã se dava aula e a tarde se fazia pesquisa e no caso do tempo geográfico algumas vezes por semana podia fazer atendimento as pessoas, podia fazer clínica civil.

P – Que tipo de médico saiu da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto?

R - Eu acredito que o programa feito no ensino médico no começo da Faculdade seguia muito o programa da Faculdade de Medicina de São Paulo onde se tinha um treinamento geral de dois anos e depois se passava pelas clínicas como: cardiologia, pneumonologia, cirurgia, pediatria, etc. Não era um médico generalista que aprende tudo e só depois de formado se especializa na residência médica. Aqui em Ribeirão Preto foi a primeira vez também que se colocou ênfase na medicina preventiva e social, principalmente com o professor Pedreira de Freitas que começou a trabalhar nas comunidades em Brodowski, em Santo Antonio da Alegria, em Cássia dos Coqueiros... essa era uma parte nova e não era somente medicina preventiva, pediatria também era assistida nessas cidades pequenas. Então, ocorreu uma formação muito maior que nas outras Escolas na chamada medicina preventiva e social, nas outras Escolas era Faculdade de Medicina denominada “hospitalcentrica”, ou seja, o hospital é que forma a Faculdade de Medicina e isso ocorre até hoje.

Eu fundei, depois que sai da USP, uma outra Faculdade de Medicina aqui em Ribeirão Preto na UNAERP e sempre disse: eu não quero hospital. Eu quero hospital da comunidade, eu quero a clínica da comunidade, ou seja, tirar do hospital. Essa Faculdade que eu implantei, no começo, era uma medicina comunitária, desde o primeiro ano os alunos iam numa creche, numa escola, numa fábrica iam para conhecer o indivíduo não doente, porque as Escolas em geral formam muito o médico da doença, o médico é o médico da doença, não é o médico da saúde. Com a medicina preventiva inaugurada com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nós começamos sair um pouco, começamos a levar a Escola em outras localidades. Na UNAERP, por exemplo, logo no início do curso eu implantei o seguinte: comunidade sadia e que assistência o sujeito tem de medicina na comunidade sadia. Depois eu implantei outra parte que é ciências sociais e humanas aplicadas a medicina e depois a parte biológica. Mas, de um modo geral, as Faculdades de Medicina eram somente a parte biológica, a parte de hospital. Aqui na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto começou essa coisa nova que é a prevenção e que eu continuo defendendo, mas que está muito presa, porque o que se pensa ainda por aí é: vamos fazer uma Faculdade de Medicina porque se tem um hospital. Eu comecei a Faculdade de Medicina de Botucatu, eu fui o primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Botucatu e foi construída lá porque tinha um hospital, tinha um hospital regional, não lembro se de lepra ou tuberculose, um hospital enorme.

P – As pesquisas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto têm influenciado positivamente a população?

R – Não só influenciado positivamente como aqui, eu acredito, ainda continua sendo o maior centro de pesquisa de Faculdades de Medicina do Brasil e reconhecida internacionalmente pela pesquisa. Até seja possível que São Paulo faça mais pesquisa, São Paulo é maior do que aqui. A estrutura daqui teve um negócio que foi bom e um outro negócio que eu acho que não foi muito bom por causa do ensino. Uma das características do ensino aqui que foi diferente da de São Paulo, diferente das outras Escolas brasileiras era assim: lá em São Paulo se tinha um Departamento de Clínica Médica, depois um Departamento de Cardiologia, depois um Departamento de Cirurgia que tinha um sub-departamento com um professor catedrático que fazia cirurgia do estômago, outro que fazia outra cirurgia etc., aqui em Ribeirão Preto a estrutura do Departamento de Clínica Médica reuniu num só Departamento todas as especialidades e isso foi muito bom no ponto de ensino. Em São Paulo, por exemplo, nós tínhamos o Departamento de Clínica Médica um, o Departamento de Clínica Médica dois e Departamento de Clínica Médica três, cada um totalmente em detrimento do outro, ou seja, se o Departamento um quisesse dar só a parte do pulmão, ele só dava a parte de pulmão e se o Departamento dois também só quisesse dar a parte de pulmão, ele também só dava a parte de pulmão e ninguém dava a parte de coração. Aqui em Ribeirão Preto já não acontecia isso porque a estrutura de ensino era um Departamento com Chefe de Departamento e com divisões, então não havia chance de não se dar alguma coisa, do ponto de vista de ensino, o fato de se ter essa estrutura departamental, número reduzido de Departamentos e muito mais integrado para que não houvesse repetição, eu acho que foi bom, agora, do ponto de vista de carreira universitária não foi tão bom, porque lá em São Paulo se tinha três, quatro, cinco, dez catedráticos e aqui em Ribeirão só se podia ter um e isso tornava difícil o acesso a carreira universitária.

Mas, aqui em Ribeirão Preto, todos os professores sempre foram e são dedicados à pesquisa. Nossos alunos que se tornaram professores todos foram treinados na pesquisa, depois foram para os Estados Unidos isso também tem um lado bom e um lado ruim, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto quando foi fundada foi boa porque trouxe um sujeito da Europa, um sujeito de São Paulo, um sujeito do Rio de Janeiro, então se trouxe para cá gente boa, mas com formações diferentes, mas aqui a segunda geração, a terceira geração... formou-se um *inbreeding* a formação do pessoal da casa mesmo, dificilmente alguém de fora

vem fazer concurso aqui, nós temos vários professores associados e todos formados aqui e do ponto de vista de ciência, de pesquisa, de pensamento, mesmo terem ido estagiar no exterior, isso limita um pouco.

P – Qual o sentido social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto?

R – Eu acho que o sentido social da Faculdade de Medicina é o atendimento da sociedade, da saúde. Eu acho que ainda falta um pouco o sentido de Faculdade de Saúde e não Faculdade de doença. O médico - e eu até brinco um pouco - o médico não gosta de você se você não estiver doente. Ele só gosta de você se você estiver doente. Então o sentido preventivo, por exemplo na minha área que é nutrição e alimentação, o sentido social e preventivo é muito grande. Quer dizer, se você for bem alimentado você não vai ficar doente por isso que a alimentação é muito importante na saúde. O Departamento de Medicina Social e Preventiva aqui não é o mais prestigiado, o mais prestigiado é o que faz a cirurgia, o que trata da doença, muito das pesquisas são concentradas e dirigidas ao diagnóstico e ao tratamento, ou seja, quero ver se está doente, se você estiver doente se dará um jeito de te tratar, mas socialmente eu acho que a medicina deveria ter um posicionamento preventivo, posicionamento para garantir a saúde.

P – Mesmo com o currículo inovador da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto voltado à medicina preventiva isso não se consolidou efetivamente?

R – Não. Embora tenha sido pioneira no sentido de ter a medicina preventiva, esse espírito, essa consciência social do médico como prevenção, como garantir a saúde não prevaleceu como dominante da Escola. Não é uma Escola de medicina preventiva é uma Escola um pouco de medicina preventiva, mas muito de tratar o doente.

P – Fale um pouco de seu pai.

R - Meu pai foi professor de fisiologia e livre-docente na Faculdade de Medicina da USP em São Paulo trabalhando muito com vitaminas. Depois ele saiu da USP e foi ser Diretor Científico num laboratório. Até, naquela época, tinha vitaminas Dutra. Ele foi o inseminador

das pesquisas iniciais sobre vitaminas e seus efeitos. Era meio ligado a uma parte do que desenvolvo hoje que são nutrientes. Ele foi médico clínico, depois entrou na fisiologia onde mostrou a importância das vitaminas na alimentação, quais alimentos tinham vitaminas, o que a falta de vitaminas provocava.

P – Fale um pouco de sua mãe.

R – A minha mãe era dona de casa ... ela fez os cursos... por circunstância ela era aqui de Ribeirão Preto. Eu vim para Ribeirão Preto também porque eu tinha uma ligação familiar. Meu avô era fazendeiro aqui em Bonfim Paulista. Meu pai conheceu minha mãe – ele se formou no Rio de Janeiro – e depois que trabalhou na USP veio trabalhar como médico clínico em Brodowski e em Batatais e aí ele conheceu minha mãe. Depois eles se casaram e foram morar em São Paulo.

P – Dos filhos do casal só o senhor se tornou médico?

R – Só eu me tornei médico. Eu tenho uma filha que é médica e que se formou aqui em Ribeirão Preto e atualmente é professora titular em São Paulo e Chefe do Departamento de Clínica Médica na USP. Ela é nova tem apenas trinta e nove anos de idade.

P – O senhor precisou trabalhar enquanto estudava?

R – Não. Eu tinha uma situação econômica boa pelo fato de meu pai ter saído da carreira universitária que pagava mal e entrou na parte de laboratórios. Inclusive ele trouxe outros pesquisadores para trabalhar nesse laboratório. Ele desenvolveu pesquisas dentro do laboratório. Economicamente era melhor a posição dele dentro do laboratório como de assistente da Faculdade de Medicina.

P – Quanto aos seus alunos, qual era a classe social que eles pertenciam?

R – Eu acho que a classe social da maioria deles era média e média alta. Praticamente nem dava para eles trabalharem porque o curso era em tempo integral. Quando o aluno estava no quinto ano ou no sexto ano e ele já começava a fazer plantão então alguns trabalhavam

para sua sobrevivência não dependendo dos pais, mas de um modo geral eram alunos de uma classe média e média alta.

P – Por que os alunos escolheram a Faculdade de Medicina de Ribeirão e não a Faculdade de Medicina da USP em São Paulo?

R – Eu acredito - e não tenho dúvida - que tanto a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto quanto a Faculdade de Medicina de São Paulo são de alto padrão. A preferência por Ribeirão Preto – e temos aqui pessoas de várias cidades e de vários estados – se dava principalmente por pessoas que moravam aqui na região que preferiam fazer o concurso aqui.

P – Havia mais homens que mulheres no curso?

R – Havia mais homens. Isso é um negócio interessante. Depois começou a aumentar bastante o número de mulheres. Tinha uma coisa interessante também. A minha área, que é alimentação e nutrição, eu falo assim: estude nutrição e conheça o mundo. Eu viajei muito pelo mundo inteiro: Austrália, Nova Zelândia, China, Indochina, Índia, Rússia... mas eu estou falando isso por quê? Em Cuba, onde eu fui algumas vezes, era quase só de mulher. Interessante porque lá a medicina era uma profissão de mulheres. Na época que eu fui, na década de oitenta, a proporção aqui no Brasil era de setenta a oitenta por cento de homens, lá em Cuba era o contrário setenta, oitenta por cento de mulheres.

Aqui no Brasil não só o corpo discente era composto majoritariamente por homens, o corpo docente também. Dos professores pioneiros que aqui vieram todos eram homens. Depois quando começou a se formar as turmas e os alunos a fazerem residência e a participarem de pesquisa então aumentou o número de mulheres em cargo docente. Hoje, acredito, seja mais ou menos quarenta por cento de mulheres e sessenta por cento de homens, mas aumentou bastante em relação ao começo da Faculdade.

P – Havia alunos negros?

R – Olha... não tinha quase nenhum. Alguns alunos negros que estudaram aqui eram bolsistas de outros países. Sujeitos da África e geralmente filhos de reis. Eu estive na África - na Nigéria - e notei que há em alguns casos cinquenta reis. Nós fomos numa igreja – eu e

minha esposa – e naquele grupo que estava na igreja havia um rei, então na cidade tinha uma porção de tribos e de reis e alguns desses sujeitos que vinham aqui eram maus alunos, mas tinham uma posição social dentro da sociedade deles muito alta. Alguns desses sujeitos, quando fui Diretor, me deram problemas como: freqüência, estudos etc.

P – Como era o número de alunos por turma?

R – Começou com cinqüenta alunos, depois passou para oitenta alunos porque foi criado um curso de ciências biológicas, então os alunos faziam os três primeiros anos em conjunto e depois escolhiam ou medicina ou ciências biológicas. Só que começou haver discussões porque os alunos perceberam que fazer medicina era melhor, então passou-se para cem o número de alunos. Esse número de alunos era um número razoável.

Na época que eu fui Diretor começou a Pós-Graduação e a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi a grande pioneira da Pós-Graduação em Medicina no Brasil. Hoje, nós temos mais alunos de Pós-Graduação do que de Graduação. Temos mais ou menos seiscentos alunos de Graduação e mais de mil alunos de Pós-Graduação. É uma Pós-Graduação de altíssimo nível, muito diferenciada com os alunos também trabalhando em tempo integral e pesquisa, aumentou muito a pesquisa também por causa da Pós-Graduação.

P – Havia queixa dos alunos em relação aos professores?

R – Quanto a parte de ensino eu acredito que as queixas que haviam eram poucas. As queixas eram geralmente de caráter político.

P - Como o senhor vê a Faculdade de Medicina hoje?

R – Eu vejo a Faculdade de Medicina mantendo um alto padrão de ensino, um alto padrão de pesquisa, um alto padrão de assistência à comunidade, mas eu sinto a falta de professores de fora. Eu trabalhei nos Estados Unidos como professor visitante na Universidade de Cornell, duas vezes eu estive nos Estados Unidos como professor visitante e lá eles escolhem o professor assim: determinada Universidade está precisando de um professor de cirurgia é muito difícil que eles peguem o aluno daquela Escola que trabalhou com um determinado professor, então numa situação que precisa de professor se procura nos

Estados Unidos inteiro, enquanto aqui o professor geralmente foi formado na Faculdade em que estudou.

P – O que é ser médico para o senhor?

R – Eu acho que ser médico é aquele indivíduo que vai trabalhar numa área humana, numa área de pessoas e que ele vai se tornar um especialista, um pesquisador que vai ajudar no conhecimento dele e na sua formação. Mas, eu acho que nossas Escolas falham um pouco no treinamento humano do indivíduo, do aluno... então ele é capaz de entrar num hospital e dizer: aquele é um paciente cardíaco... ele não fala assim: aquele é o João. O treinamento em ciências sociais aplicada em medicina – e foi isso que eu procurei implantar na outra Faculdade de Medicina aqui de Ribeirão Preto – é quase ausente no currículo das Faculdades de Medicina em geral. O doente é um professor do médico, pois ele vai contar o que está sentindo, mas vai contar como pessoa e não como doente. O médico para mim tem que ter um humanismo muito grande, saber entender a pessoa e isso é tão importante como a sua técnica, como a sua especialização.

Ribeirão Preto, 22 de setembro de 2005.

DR^a LILIA KÖBERLE e PROF. ROLAND KÖBERLE**ENTREVISTA****1^a PARTE****I – ORIGEM SOCIAL****P – Qual a ascendência dos seus pais?**

(Dr^a Lilia) R – Meus pais são brasileiros. Nós somos uma família de origem portuguesa e sem nenhuma mistura de outras nacionalidades. Nosso nome de família é Freitas de Carvalho, ou seja, totalmente brasileiro.

P – Qual era a profissão dos seus pais?

(Dr^a Lilia) R – Meu pai era advogado e minha mãe era professora de educação na Escola Normal.

P – Qual era a escolaridade dos seus pais? A senhora já disse que seu pai era advogado...

(Dr^a Lilia) R – Tanto meu pai quanto minha mãe tinha o ensino superior.

P – Os seus pais eram proprietários de terras? Comércio? Empresas?...

(Dr^a Lilia) R – Não. Eles não eram, mas as famílias sim. Ambas as famílias - tanto a do meu pai quanto a da minha mãe - eram de fazendeiros de café em Ribeirão Preto. A minha bisavó materna – ela e o marido – quando se casaram ganharam uma sesmaria do Imperador. Eles eram grandes agricultores. A fazenda de café era lindíssima e ia de Serra Azul em Ribeirão Preto até Guataparã.

Do lado do meu pai também, mas do lado do meu pai não era de sesmaria porque a família da minha mãe veio do Rio de Janeiro... era o pessoal da Corte e os noivos ganharam a sesmaria e vieram para cá. A família do meu pai era mineira e eles chegaram ao estado de São Paulo através de compras de terras e do comércio (comércio de café, algodão, amendoim)... eram agricultores.

P – A senhora morou na fazenda?

(Dr^a Lilia) R – Não. Eu não. Minha mãe sim. Minha bisavó - que era a grande produtora de café – pagava para os netos mais velhos... inclusive cada neto primogênito ia para São Paulo para estudar num Colégio Inglês, então minha mãe que era a primogênita foi para São Paulo estudar num Colégio Inglês e teve uma educação muito aprimorada. Isso do lado da minha mãe cujo pessoal veio do Rio de Janeiro... da Corte.

Do lado do meu pai eles tinham dinheiro, os filhos ficavam trabalhando com os pais, tinham uma educação aprimorada, mas não tanto como ir estudar num Colégio Interno com sete anos de idade e sair com vinte ou vinte e dois anos de idade. Foi o que aconteceu com a minha mãe.

P – Os seus pais tinham carro, TV?

(Dr^a Lilia) R – Tinham. Eu sou proveniente de uma família abonada. Não éramos milionários, meu pai tinha que trabalhar, minha mãe dava aulas, mas era uma classe média.

P – Quais eram as formas de lazer dos seus pais?

(Dr^a Lilia) R – Minha mãe, pela educação que teve, gostava muito de ler, de declamar poesias.. ela falava inglês, francês, tocava piano... era uma pessoa muito culta. Meus pais se casaram e foram para Araçatuba. Lá foi interessante porque ela encontrou um grupo de professores também cultos assim como ela que estudaram em São Paulo e vieram para o interior para começar a vida... e em Araçatuba eles organizaram um grupo de teatro... isso minha mãe que era um pessoa mais dada a arte.

Meu pai era advogado e gostava muito de estudar, era uma pessoa muito alegre, gostava muito de conversar e o grande hobby do meu pai era ser “rotariano”. Ele foi um dos

fundadores do Rotary e a paixão dele era ir lá e conversar. Meu pai era político. Foi vereador, presidente da Câmara... ele era muito influente... foi muito amigo do Juscelino Kubischek... do Ulysses Guimarães... eu lembro que ia almoçar de domingo na casa do Ulysses Guimarães ele morava em Lins e era advogado também. O Ulysses Guimarães era de Rio Claro e se formou com o meu pai só que meu pai foi para Araçatuba e ele foi para Lins.

P – Onde a senhora nasceu e viveu?

(Dr^a Lilia) R – Eu nasci em Ribeirão Preto no centro da cidade perto de onde é hoje o shopping Santa Ursula. Depois fui criada em Araçatuba e voltei para Ribeirão para fazer medicina.

P - Quantos irmãos a senhora tem? Qual seu lugar na fratria?

(Dr^a Lilia) R – Tenho três irmãos. Eu sou a mais velha.

P – Quais eram as suas formas de lazer?

(Dr^a Lilia) R – Em Araçatuba... era tão bom. Era uma cidade simples e o grande prazer da gente era ir à escola. A escola era grande e tínhamos clube de ciências, fanfarra, clube de vôlei... e tinha na cidade o clube que nós íamos nadar, andávamos de bicicleta porque é uma cidade muito plaina... e essa amizade vinha muito de bailes, nos conhecíamos muito nos bailes... tanto é que meu marido vivenciou um pouco isto comigo porque quando ficamos noivos e ele foi passar as férias comigo participávamos de bailes nas casas dos amigos... então era muito bom. Eu também tocava piano, bordava ... essas coisas de menina da época.

P – Por que a senhora escolheu medicina? (qual foi a influência da sua família na escolha da profissão?)

(Dr^a Lilia) R – Meu avô era médico. Ele era filho daquela baronesa do café e foi fazer medicina porque era o filho mais velho. Ele foi fazer medicina no Rio de Janeiro. Minha mãe também, pela tradição da família ela por ser a filha mais velha ia fazer medicina, tanto é

que ela foi para o Colégio Inglês quando tinha sete anos e quando fez dezesseis anos para dezessete ia entrar na Faculdade de Medicina, mas estourou a crise de 1930 - que afetou o café - e a família ficou pobre. Para não perder a fazenda eles mudaram para a fazenda e minha mãe teve que vir de São Paulo, então como ela não pôde ser médica foi ser professora e ela sempre dizia para mim: você vai ser médica porque esta é a profissão ideal para mulher. Eu não entendia muito porque, mas já que é bonito ser médico... então foi assim. Não era vocação, era porque já estava escrito nas estrelas e eu achei uma idéia interessante. Era difícil entrar, passar no vestibular, mas com jeito se consegue. Interessante que meu irmão não teve esta pressão da minha mãe, mas ele resolveu ser médico também.

P – A senhora tinha amigos ou parentes que cursavam faculdades?

(Dr^a Lilia) R – Tinha sim. Na minha família teve uma época que cada parente... cada irmão do meu avô ou do meu pai tinha um filho médico. Na minha geração tinha uns quatro médicos, na geração anterior tinha uns oito... nessa geração dos meus filhos é que os médicos sumiram. Dos netos do Fritz Köberle só tem um médico.

II – PERCURSO ESCOLAR

P – Com idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou?

(Dr^a Lilia) R - Eu comecei o primário em casa. Minha mãe era professora e me alfabetizou com seis anos. Ela arranhou um grupo de crianças filhos das amigas dela - cinco crianças entre meninos e meninas – que ela alfabetizou em casa. Depois, com seis anos de idade nós entramos no Grupo Escolar onde ela era Diretora e a filha da Diretora – eu – tinha que ser sempre a primeira da classe. Essa era minha incumbência.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

(Dr^a Lilia) R – Não precisei, mas gostaria.

P – Repetiu alguma série?

(Dr^a Lilia) R – Nunca. Eu nem podia pensar nisto.

P – Era estudiosa?

(Dr^a Lilia) R – Era, mas eu gostava de outras coisas. O curso era bom, a escola era boa. Tinha que estudar... naquela época não tinha televisão... era mais fácil... tinha que ser bom aluno.

P – Aprendeu alguma língua estrangeira antes de entrar na FMRP?

(Dr^a Lilia) R - Aprendi inglês na escola. Não tive curso particular. Aprendi inglês e francês na escola, mas o suficiente para ler livros. Não sabia falar muito bem, porque nossos professores não tinham viajado para o exterior e por isso falavam com sotaque. Mas, como o vocabulário era bom, para mim foi suficiente quando viajei para os Estados Unidos.

P – Fez algum curso preparatório para entrar na FMRP?

(Dr^a Lilia) R – Fiz um ano de cursinho em Ribeirão Preto. Eu sai de Araçatuba e fiz um ano de cursinho em Ribeirão.

P – Como era o vestibular? Prestou só uma vez? Em que cidade prestou? O vestibular da FMRP era considerado mais fácil que o vestibular da FMSP?

R – Era muito puxado. Tínhamos exames de Física, Química e Biologia. Não tinha Português, por exemplo. Depois que sai do Colegial vim de Araçatuba para Ribeirão Preto e prestei, mas fiquei como excedente porque eram sessenta vagas e eu fiquei classificada em número sessenta e seis, por isso, não passei na primeira. Mas na segunda tentativa eu entrei.

O vestibular era muito difícil. Eram provas escritas. Não tinha testes, era tudo dissertativa. Em relação ao vestibular da FMSP era mais ou menos igual, mas cada Universidade fazia o seu.

P – Por que escolheu a FMRP? Os alunos geralmente preferiam primeiro a FMSP e depois a FMRP?

(Dr^a Lilia) R – Por questão de família. Na verdade, eu preferia ir para São Paulo, mas a família... e depois eu tinha meus primos estudando em Ribeirão.

A primeira opção na época era São Paulo, era USP São Paulo e depois Escola Paulista. Ribeirão Preto era mais para o pessoal do interior porque era mais prático. Ribeirão Preto na época era uma Escola para alunos do interior. O pessoal de São Paulo na minha turma era pouco, a grande maioria mesmo era do interior.

P – Com idade a senhora entrou na FMRP?

(Dr^a Lilia) R – Eu entrei com dezenove anos.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

(Dr^a Lilia) R – Não. Eu gostaria, mas não precisei. Nós poderíamos dar aulas em cursinho, mas isto nunca me ocorreu em fazer... os tipos de trabalhos geralmente eram: dar aulas em cursinhos, ser representante farmacêutico e vender livros... mas nenhum desses era do meu perfil, eu não gosto de vender nada.

P – Como se sustentava para manter os estudos? Era com mesada?

(Dr^a Lilia) R – Era com mesada e eu morava na casa do meu avô. Morava na casa da família.

P – Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam?

(Dr^a Lilia) R – Havia... e alguns alunos trabalhavam em algum tipo de atividade que eu falei anteriormente.

P – Tinha carro ou algum outro tipo de veículo?

(Dr^a Lilia) R – Não. Na época não. Apesar de ser filha de advogado... eram muito pouco os que tinham carro... alguns tinham lambreta porque o status da época era ter lambreta. Nós andávamos a pé ou de ônibus.

P – Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?)

(Dr^a Lilia) R – Teve, mas poucos alunos. Eu tive um colega chamado Washington que era de Goiânia e entrou muito bem colocado, mas quando viu anatomia teve um negócio e foi embora... não ficou uma semana e foi embora. Alguns não passavam e iam ficando para trás e por isso geralmente desistiam.

P – Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?

(Dr^a Lilia) R – Eu já conhecia porque era de Ribeirão Preto.

P – Como era o número de disciplinas por ano?

(Dr^a Lilia) R – No primeiro ano era massacrante, era só anatomia. Era anatomia, estatística, psicologia, mas anatomia era a mais massacrante, pois era em tempo integral, inclusive nós tínhamos aulas o dia todo até de sábado das sete da manhã às sete da noite.

P – Qual disciplina a senhora achava mais difícil? Por quê?

(Dr^a Lilia) R – Anatomia... quer dizer, não era a mais difícil... Fisiologia também era difícil só que era mais fácil de estudar... Anatomia era aquela coisa de decorar músculos... Neuroanatomia era insuportável... Bioquímica eu também não gostava muito, mas isso era no segundo ano.

P – E qual disciplina gostava mais?

(Dr^a Lilia) R – Eu gostava de Clínicas. Eu queria ser médica... os anos básicos foram chatos.

P – Quais eram as maiores queixas dos alunos e dos professores?

(Dr^a Lilia) R – Não tinham queixas. Eram todos felizes.

P – Como era o relacionamento entre os alunos e os professores?

(Dr^a Lilia) R – Era muito bom. Era muito aberto. Havia muito respeito porque eram professores magníficos e ao mesmo tempo muito democráticos. Por exemplo, o Dr. Covian que dava Fisiologia era um pai para a gente, era uma graça. O Lison que dava Anatomia falava um francês arrastado... meu sogro (Friz Köberle) era uma pessoa maravilhosa.

P – Além da senhora havia outras mulheres?

(Dr^a Lilia) R – Seis mulheres e cinquenta e quatro homens.

P – Havia alunos negros?

(Dr^a Lilia) R – Não, nenhum. Havia uma aluna boliviana e um aluno peruano que eram convidados. Eles eram bolsistas e os dois eram filhos de médicos. Tinha muito japonês.

P – Durante o curso aprendeu outra língua?

(Dr^a Lilia) R – Não, porque não tinha necessidade. Nós tínhamos que saber inglês e eu já sabia.

P – Por que optou por essa especialização médica?

(Dr^a Lilia) R – Isso é uma longa história... eu não sabia o que fazer. Eu me formei e me perguntei: e agora o que eu vou fazer?

Eu fui para os Estados Unidos com meu marido e lá tive que fazer um pouco de tudo. O primeiro ano americano é diferente que o do Brasil. Meus colegas se formavam e iam fazer Residência. Nos Estados Unidos eu tive que fazer um internato, um estágio em cada especialidade: Cirurgia, Pediatria, Ginecologia... isto tudo para poder escolher melhor... mas eu já sabia o que não queria. Eu não queria Cirurgia. Eu adorava Ginecologia e Obstetrícia, principalmente Obstetrícia, e era muito boa aluna, uma das melhores da turma. Mas, eu pensava... vou me casar, vou ter filhos então eu não vou ficar levantando à noite para buscar cegonha na maternidade. Então, só sobrou Clínica e na Clínica eu escolhi Endocrinologia.

P – Como era o relacionamento dos alunos com a cidade de Ribeirão Preto?

(Dr^a Lilia) R – Era ótimo. Era fantástico. A cidade nos acolhia com braços abertos. Os alunos faziam serenatas para as meninas. Havia casamento entre alunos. As meninas da cidade paqueravam muito os meninos da Faculdade... era interessante que elas nos agradavam muito – nós que éramos alunas da Faculdade – porque por nosso intermédio elas entravam na Faculdade. Entravam nos bailes.

P – Fez parte da política estudantil?

(Dr^a Lilia) R – Eu fazia parte da Juventude Universitária Católica chamada de JUC. Era interessante porque tinha os socialistas (comunistas) e os católicos, então havia uma disputa entre nós, mas era uma disputa sadia na base da conversa, ninguém jogava bomba em ninguém. Eu fazia parte da política social-católica e o Franco Montoro, na época, era nosso grande líder. Depois, quando veio a Revolução, todos se uniram contra a Ditadura. Foi uma época de muita efervescência política na Faculdade.

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

P – Por que optou pelo consultório e não pela pesquisa?

(Dr^a Lilia) R – Eu acho que por viajar muito... para os Estados Unidos, para São Paulo e também por causa dos filhos. Eu cheguei a ser docente na UFSCar e comecei a fazer Mestrado, cheguei a qualificar, mas não defendi. Eu gosto mesmo do consultório. Gosto de pesquisa também, mas não da pesquisa pura de laboratório.

Eu estou no consultório, mas também trabalho na rede pública.

P – Sente-se realizada com que faz?

(Dr^a Lilia) R – Muito. Sinto-me muito realizada com que faço.

P – Em algum momento se arrependeu?

(Dr^a Lilia) R – Nunca.

P – O que é ser médico?

(Dr^a Lilia) R – A medicina sempre fez parte da minha vida, sempre esteve junto. É uma forma de eu ser. Eu sou médica!

P – Como a senhora vê atualmente a FMRP?

(Dr^a Lilia) R – Eu a vejo como algo muito grande. Como um grande foco de pesquisa. Eu acho que a FMRP hoje e sempre foi um grande difusor de sabedoria para o interior. Qualquer problema também é muito mais fácil de se chegar à FMRP do que à USP de São Paulo. Na USP de São Paulo é muito mais complexo. Como a FMRP cresceu e ficou enorme acho que perdeu um pouco aquela característica bucólica.

P – Quantos filhos têm?

(Dr^a Lilia) R – Quatro filhos. Apenas um médico. Tem uma advogada, uma na computação e um artista que está nos Estados Unidos e tem uma banda.

2ª PARTE**P – Conte um pouco a história da FMRP-USP.**

R - (Prof. Roland) ... o problema não era vir ao Brasil, meu pai – Fritz Köberle – pegou um licença de três anos, então vir para o Brasil não era o problema. O problema era saber se depois de três anos ficaríamos ou não no Brasil, porque a princípio ficar três anos poderia ser até uma aventura, mas ficar o resto da vida no Brasil era uma escolha difícil. A motivação era que aqui por ser um país novo se poderia fazer a diferença e na Áustria - de onde éramos - é um país antigo, inclusive era o expoente da medicina antes da Primeira Guerra Mundial, mas o país ficou pequeno e realmente as perspectivas de se fazer coisa nova era muito menor que no Brasil. Meu pai descobriu a etiologia da doença de Chagas e isso deu um alento para se fazer coisa nova e nós acabamos ficando aqui no Brasil.

P – Seu pai foi convidado pelo Professor Zeferino Vaz para vir aqui lecionar na FMRP?

R - (Prof. Roland) Isso, ele foi convidado pelo Professor Zeferino Vaz. A primeira vez que ele foi convidado ficou em casa porque não se interessou muito... aí nós medimos qual seria a distância mais próxima de Ribeirão Preto para se poder esquiar... era na Bolívia, mais ou menos uns dois mil quilômetros de distância de Ribeirão Preto... então, nós achamos melhor não vir para Ribeirão Preto porque o prazer da nossa vida era esquiar. Mas, meu pai tinha um amigo que trabalhava na Embaixada Brasileira em Viena e ele falou: você tem que ir Köberle, afinal são três anos e se você não gostar pode voltar. E, nesse segundo convite, nós resolvemos vir para o Brasil.

P – Vocês imaginavam que Ribeirão Preto era uma cidade do interior, distante de tudo?

R – (Prof. Roland) Não sabíamos nada. Nós viemos despreparados. Chegamos a ler dois livros... mas é preciso ver que a cultura européia é uma cultura muito formal e aqui no Brasil não é assim, quando alguém dizia: aparece lá em casa... você ia e chegava lá e não tinha ninguém. Quer dizer, isso não queria dizer nada. Nós morávamos na Faculdade de Medicina e tinha um ônibus, a estrada era de terra e isso dificultou bastante a inserção social. Apesar da sociedade ser muito aberta. Qualquer loja que se entrasse, era só dizer que era da Faculdade que não precisava pagar na hora, eles deixavam pagar depois. No clube também as pessoas nos receberam bem.

P – Qual era sua idade quando veio para Ribeirão Preto?

R – (Prof. Roland) Eu tinha dezesseis anos e meus irmãos tinham dezessete, quatorze e nove.

P – O currículo da FMRP por ser inovador privilegiando o tempo integral, a departamentalização, a medicina preventiva etc., atraiu seu pai?

R – (Prof. Roland) Não, porque esses conceitos ele não tinha. Ele veio para implantar um curso de Patologia e porque gostava muito do Rocha Lima. Quando nós viemos para São Paulo ficamos uma tarde na casa do Rocha Lima. Ele por ter trabalhado em Hamburgo sabia alemão.

O grande desafio do meu pai era ter que aprender português, porque chegamos em outubro-novembro e ele tinha que dar aulas em março e em quatro meses não dá para aprender uma língua direito, então tinha que dar aulas sem saber falar português direito e isso era uma frustração terrível.

P – Qual era a atividade da sua mãe?

R – (Prof. Roland) Minha mãe era dona de casa.

P – Por que você optou em ser professor de Física?

R – (Prof. Roland) Meu avô era médico. Meu pai era médico... meu avô pai da minha mãe era médico e reitor de uma universidade... minha mãe era de uma família aristocrática da Áustria e meu pai era de uma família pobre, não chegava a ser pobre... era normal. Eu optei por Física porque queria conhecer melhor os segredos da natureza e também porque aqui no Brasil - quando morávamos na Faculdade - lia muitos livros da biblioteca do meu pai, desde os pré-socráticos até Kant.

P - Qual a impressão do seu pai e de vocês da família quando viram a FMRP?

R – (Prof. Roland) Nós moramos quase três meses no Hotel Umuarama no centro da cidade e todos morando em dois quartos era meio difícil. A Faculdade estava numa fazenda onde ainda não tinha praticamente nada, não tinha árvores porque lá era cultivado café, então o que se via era uma terra roxa e quente, muito quente. Na Áustria se usa muito shorts, bermuda e aqui tinha que usar paletó e gravata... era uma loucura.

P – Como a FMRP repercutiu no imaginário das pessoas?

R – (Prof. Roland) Era uma cidade pequena e realmente fez muita diferença. Em Ribeirão tinha o Teatro Pedro II com o cinema junto, a Recreativa... então fez uma diferença muito grande. As pessoas olhavam como sendo uma grande coisa.

P – Como era a convivência de vocês com a de outras famílias que moravam também nas casas dentro da Faculdade – na Fazenda?

R – (Prof. Roland) Era uma convivência muito boa. As casas atrás – no quintal – eram separadas por cercas, então nós conversávamos muito... no meu caso e dos meus irmãos não tinha muitas pessoas da nossa idade e por isso nosso contato social era mais na Recreativa. Nós íamos na Recreativa quase todo dia e o clube era na cidade.

Na Faculdade nós andávamos a cavalo, porque tinha cavalo lá. Quando chegamos à Faculdade havia o lago, mas não podia nadar, era perigoso. Pra quem vem em um país

tropical e encontra um lago e dizem que não pode nadar... nós fomos as primeiras pessoas a nadar no lago e depois acabou sendo aceito que se pudesse nadar. Anos depois foi feita uma praia no lago. Nós pulávamos no lago daquela pontinha onde passa a rua... a praia demorou para ser construída, primeiro foi construída a praia dos professores e depois a praia dos estudantes que era do outro lado. Meu pai foi a primeira pessoa que trouxe *windsurf* para o Brasil lá da Califórnia... e nós praticávamos *windsurf* no lago da Faculdade... isso em 1974.

Depois de um ano morando no Brasil o que se tinha para fazer: escutar música, ir à Recreativa e principalmente viajar. Para um europeu o que tem de interessante para ver no Brasil? Os índios. Então, em 1954, nós fomos visitar os Xavantes em Mato Grosso na Serra do Roncador. Os índios nunca tinham visto uma pessoa de olhos azuis e me deram um nome Xavante que é: “Tatujacaré”, ou seja, olho de jacaré.

(Dr^a Lilia) - Na Faculdade havia dois conjuntos de casas... do lado direito do Prédio Central – olhando para o lago – ficavam as casas dos professores catedráticos e, do lado esquerdo, a dos outros professores não catedráticos. As casas quanto ao conforto eram iguais, mas as casas dos catedráticos eram maiores, os quintais eram maiores, mas havia menos casas no bloco do lado dos catedráticos. Do lado dos professores não catedráticos havia mais casas e era muito mais divertido, havia mais crianças, mais adolescentes, era muito mais divertido, tanto é que os professores saiam de lá para se aposentar com pesar. Mas, havia um bom intercâmbio entre os professores catedráticos e os não catedráticos.

(Prof. Roland) - Agora... tinham professores que moravam praticamente de graça na Faculdade, construíam casas na cidade e alugavam para colegas. Isso era um grande celeuma... meu pai ficou muito irritado com isso.

(Dr^a Lilia) - Tinha também as casas dos funcionários que era uma colônia e ficava do outro lado do lago.

(Dr^a Lilia) – Não tinha piscina. Para ir à piscina tinha que ir à cidade - no clube - depois é que foi construído o ginásio de esporte e a piscina.

(Dr^a Lilia) – Quanto aos bailes da Faculdade eram um espetáculo. Tinha o baile do calouro que era o primeiro do ano - em abril - depois a festa junina que era outro espetáculo, tinha o baile branco. Éramos nós alunos que organizávamos. Os bailes eram no ginásio.

O Centro Acadêmico era na sede que ficava na cidade e nos domingos nós nos reuníamos lá porque tinha sempre uma música para dançar. Tinha barbeiro... lá funcionava o Departamento Feminino, o Departamento Científico etc. Era perto da Catedral. Tinha também o cursinho que era bem mais em conta e proporcionava emprego aos alunos da Faculdade.

O baile de formatura era muito bonito. O baile branco também e era freqüentado por toda a sociedade de Ribeirão Preto. Nós alunos vendíamos mesas. Quem tocava geralmente eram as Orquestras do Silvio Mazzuca, a do Osmar Milane... a cidade participava muito, eles ficavam esperando o baile do branco. A cidade se movimentava, as lojas colocavam nas vitrines roupas brancas... quando abria a venda de ingressos para os bailes formavam filas de pessoas da cidade para comprar mesas.

(Dr^a Lilia) – Nós também montávamos peças de teatros e encenávamos e geralmente eram encenadas no Teatro Pedro II.

(Dr^a Lilia) – A eleição para o Centro Acadêmico era muito disputada... tinha duas facções antes dos militares – os Católicos e os Socialistas – e depois todos contra os militares.

(Dr^a Lilia) – A importância da Faculdade de Medicina em Ribeirão Preto foi muito grande. De fato, foi um grande centro irradiador de pesquisas, pois vinha gente de vários lugares, de outros estados... era o que o Zeferino queria, uma Faculdade de Medicina para o interior.

P – A Faculdade de Medicina era elitista?

R – (Prof. Roland) – (Dr^a Lilia) - Não havia esse conceito de elitista. Não havia esse “clima”. A Faculdade sempre foi bem aceita por todos.

P – Para vocês qual é o sentido social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto?

R – (Prof. Roland) – Social... para mim qualquer Universidade tem... aliás dando um testemunho e sendo mais contundente, a Democracia é a morte da Universidade, porque depois da quartelada de 1964 as pessoas começaram a achar que a Democracia era a solução

para tudo e absolutamente não é verdade, pois se pode encarar a Universidade como um meio de ascensão social – como muita gente acha – agora, se se acha que a função da Universidade é educar para criar ciência e tecnologia para competir neste mundo maluco de hoje, criar emprego, então ela não pode ser dominada por uma Democracia, ela tem que ser eficiente e avaliada por aquilo que ela tem feito, eu acho que tem que ter Democracia no começo... então se pergunta para a sociedade que tipo de Universidade se quer, quem paga, quem não paga e para o que ela serve... ela serve então para ascensão social, então tudo bem se tem um tipo de Universidade... ela serve para promover ciência e tecnologia, então se entrega a Universidade para quem sabe e ele se vira, se ele não produz o que foi exigido ele deve ser substituído... agora, Democracia é uma interferência diária no funcionamento... quanto mais amplos os temas mais Democracia tem que ter, mas quando se tem que fazer uma coisa, ora, então faça. Se você monta uma fábrica e a todo momento se tem reunião para discutir como se faz, nada funciona... mas na Universidade acham que não.

P – Como era a relação da Escola de Enfermagem com a Faculdade de Medicina?

R - (Dr^a Lilia) – Era um complemento muito importante. Tinha a Dona Glete que era uma pessoa fantástica, muito culta e que foi a primeira Diretora.

P – Por que vocês vieram morar em São Carlos?

R – (Prof. Roland) – É que chegou uma hora que não dava mais para ficar em São Paulo e eu sai para o interior de São Paulo para ver qual Departamento poderia absorver físicos-teóricos. Em Ribeirão Preto fui conversar, mas tinha que convencer os médicos que físico não é aquele sujeito que vai consertar o aparelho que quebrou... por isso não fiquei em Ribeirão Preto e acabei vindo para São Carlos, mas vim sozinho e gostei da cidade, achei que aqui seria melhor para os meus filhos crescerem.

Nós demoramos cinco anos para decidir em vir definitivamente para cá porque em São Carlos não tinha escola secundária de ótima qualidade e em São Paulo tinha. Nossa grande preocupação foi a educação dos nossos filhos. A escola pública naquela época era de alta qualidade. Nós tiramos nossa filha de uma escola particular em São Paulo e a colocamos

numa escola pública porque era uma escola que estudava crianças de uma classe muito alta e era “cheio de frescuras” e ela iria ficar muito “dondoca”.

(Dr^a Lilia) – Eu também encontrei aqui em São Carlos vários amigos médicos – tínhamos praticamente a mesma idade – e formávamos uma rede boa de amizades, coisa que eu não tinha em São Paulo.

São Carlos, 10 de outubro de 2005.

DR. JOAQUIM A. PORTUGAL DA SILVA

ENTREVISTA

1ª PARTE

I – ORIGEM SOCIAL

P – Qual a ascendência dos seus pais?

R – Meus pais eram descendentes de portugueses. Somos uma família de origem portuguesa.

P – Qual era a profissão dos seus pais?

R – Meu pai era lavrador... Meu irmão mais velho – que é médico – estudou numa escola rural, ia a cavalo na escola... minha mãe disse a meu pai: nossos filhos vão ser médicos. Meu pai, então, comprou um Bar-Restaurante... ele cuidava do bar e minha mãe do restaurante. Eles trabalharam até velhinhos para que a gente se formasse.

Meus dois avós, pais do meu pai, vieram como imigrantes de Portugal e eram funcionários da Fazenda Monte Alegre atual Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – eu sou de Sertãozinho – meus avós se casaram na Fazenda Monte Alegre e lá trabalharam. Economizaram algum dinheiro e conseguiram comprar uma propriedade rural em Sertãozinho e quando minha avó ficou viúva os filhos já eram adultos então ela vendeu a propriedade e distribuiu as partes aos filhos, com isso, meu pai teve um pequeno pecúlio para comprar uma propriedade rural que depois ele vendeu para se tornar comerciante.

P – Qual era a escolaridade dos seus pais?

R – Meu pai e minha mãe foram à escola apenas para aprender a ler e a escrever. Eles tiveram em média apenas dois anos de escola primária. Naquele tempo, eles tinham que ser um pouco grande para poderem ir a cavalo ou mesmo a pé na escola porque a distância

geralmente era longa. Eles aprenderam apenas a ler e a escrever. Minha mãe lia muito, ela devora livros e tinha muito apreço pela educação.

P – Os seus pais eram proprietários de terras? Comércio? Empresas?...

R – Meu pai era um pequeno proprietário rural e depois se tornou comerciante sendo proprietário de um Bar-Restaurante. Mas, eram considerados pobres.

P – Os seus pais tinham carro, TV?

R – Não existia isso... na minha cidade nós jogávamos futebol na rua porque não havia carro. Carro só existia de aluguel... nem os médicos tinham carro.

P – Quais eram as formas de lazer dos seus pais?

R – Minha mãe lia muito e meu pai só trabalhava... ele gostava de futebol, jogava futebol de domingo.

P – Por que o senhor escolheu medicina?

R – Talvez eu tenha sido influenciado pela minha mãe, mas na minha época as pessoas que eu mais admirava na minha cidade eram os médicos. Ser médico numa cidade pequena era uma coisa fantástica. Era a pessoa mais importante da cidade e eu admirava muito o serviço deles.

P – Seus pais te incentivaram nos estudos? O senhor disse que sua mãe...

R – Meu pai trabalhou muito para isso e minha mãe tinha como meta que nós – eu e meu irmão – nos formássemos em medicina.

P – Seu pai pensava em outro tipo de profissão para vocês?

R – A profissão fomos nós que escolhemos. Quando eu terminei o colegial, como todo aluno que termina o colegial, a gente tem que se decidir... a gente tinha poucas opções... tinha Engenharia, Direito e Medicina e entre as três eu sempre achei que medicina é a mais nobre delas.

P – O senhor tinha amigos ou parentes que cursavam faculdades?

R – Meu irmão fazia medicina, mas outros parentes não... meus parentes eram geralmente comerciantes ou proprietários rurais.

II – PERCURSO ESCOLAR

P – Com idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou?

R – Eu estudei minha vida toda em escola pública. Eu comecei a estudar aos sete anos num grupo escolar em Sertãozinho, depois fui para o ginásio e fiz o científico no Colégio Otoniel Motta em Ribeirão Preto.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

R – Na época da Faculdade... era tempo integral, eram oito horas de estudo e à noite tinha que estudar... mas sim, eu trabalhei dentro das possibilidades... eu fui propagandista farmacêutico do laboratório Biossintético no quarto ano em 1969 e novamente de outro laboratório em 1971 e eu fazia propaganda dentro do Hospital das Clínicas, então eu trabalhei dois anos e ganhava um salário mínimo que era uma bolsa, uma ajuda de custo, mas que ajudava muito. Eu trabalhei dois anos, mas eu não conseguia me sustentar, esse dinheiro era mais para a minha farra, minha mãe e meu pai me davam mesada, mas era pouco, muito pouco... eu tinha uma qualidade de vida um pouco melhor, podia tomar um chopp no Pingüim porque eu trabalhava.

P – Repetiu alguma série?

R – Repeti o segundo ano do ginásio. Aliás, todos repetimos. Só passaram seis alunos de trinta e cinco que havia na classe. Na verdade, eu repeti por incompetência do sistema de ensino, porque a classe toda repetiu...

P – Era estudioso?

R – Não, não era. Eu fui estudioso quando tive que estudar. Eu era inteligente e não precisava estudar, eu passava de ano com muita facilidade... mas, eu levei um choque muito grande quando fui fazer o cursinho... eu estudei para passar, mas não para competir e não passei no primeiro ano de cursinho – eu só prestei em Ribeirão Preto era a única opção – e, no ano seguinte, eu estudei por volta de dezesseis horas por dia fazendo cursinho à noite e estudando durante o dia e consegui entrar em Ribeirão Preto em terceiro lugar.

P – Por que Ribeirão Preto e não São Paulo?

R – Meus pais não tinham dinheiro para me manter em São Paulo. Mesmo em Ribeirão Preto era difícil, eu sabia das dificuldades do meu pai, às vezes o comércio não ia bem e em Ribeirão Preto eu tinha a opção de poder viajar todo dia... já em São Paulo não podia pensar numa coisa dessa.

Eu acabei ficando em Ribeirão Preto sem precisar viajar, mas a duras penas, pois era difícil para os meus pais.

P – O senhor morou na casa do estudante?

R – A casa do estudante naquela época era um horror. Não tinha iluminação, não tinha nada... ficava longe da cidade... tinha um tapume de madeira entre um quarto e outro que quando um tossia os outros ouviam tudo. As divisórias eram uma raspa de madeira com cola e lá tinha muitos barbeiros, era um criadouro de barbeiros... e quando apagava a luz do campus ficava-se totalmente isolado, nem rádio podia ligar porque todos ouviam o rádio ligado, era terrível a casa do estudante, nem acesso com o ginásio tinha, o pessoal depois que jantava se recolhia ao quarto, mas sem poder fazer barulho... e o acesso a cidade era difícil porque era

muito longe e havia mato... na rodovia do café só tinha mato, a estrada era de terra e escura porque não tinha iluminação, na verdade, era como ficar numa cadeia. Só ficava na casa do estudante quem precisava mesmo.

P – Aprendeu alguma língua estrangeira antes de entrar na FMRP?

R – Não, porque não havia essa preocupação como existe hoje.

P – Como era o vestibular? Em que cidade prestou? O vestibular da FMRP era considerado mais fácil que o vestibular da FMSP?

R – Era muito difícil... muito difícil mesmo. Tinha que se matar para passar. Eu fiz dois vestibulares, o primeiro vestibular era composto por perguntas, havia dez perguntas de Física e era muito difícil, tinha que ser gênio para passar e também não media o grau de conhecimento... tinha também perguntas de Química e de Biologia este tipo de vestibular não era um vestibular justo.

O segundo vestibular que eu fiz passou a ser o CESCEN e aí já podia concorrer em vários lugares. A minha primeira opção foi Ribeirão Preto e tinha testes, múltiplas escolhas, com mais de cem perguntas e aí é possível saber do conjunto total da matéria e não ser punido por causa de uma determinada matéria, esse tipo de vestibular era mais justo porque abrangia todo currículo de matérias.

O primeiro vestibular, acredito, era equivalente ao de São Paulo. No segundo vestibular eu também prestei para a USP de São Paulo porque já era o CESCEN – com é a FUVEST hoje – então podia prestar para seis ou sete Faculdades e tinha a primeira opção, a segunda opção etc.

P – Com que idade o senhor entrou na FMRP?

R – Eu entrei em 1966... eu tinha 21 anos.

P – Os alunos preferiam primeiro a FMSP e depois a FMRP?

R – Nós não tínhamos uma visão tão globalizada como agora. Na região que eu morava a meta era a medicina de Ribeirão Preto. Nós tínhamos uma visão muito regionalista e entrar em Ribeirão Preto era o que de mais brilhante podia acontecer, ostentar uma boininha amarela era como usar uma coroa, as pessoas respeitavam e a gente usava enquanto estava careca... a gente virava bom partido.

P – Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam?

R – Na República que eu morava todos trabalhavam com laboratórios no Hospital das Clínicas. Enquanto estávamos cursando o básico poucos foram os alunos que trabalharam porque não havia tempo, era muito tempo dedicado aos estudos, era de manhã, à tarde e à noite. Eu tinha um amigo que vendia livros, mas só no começo do ano, ele montava uma banquinha e vendia.

P – De forma geral, qual era o perfil social dos alunos?

R – Eu acredito que os alunos eram da classe média. Alguns da classe média baixa e outros da classe média alta, mas eram da classe média.

P – Tinha carro ou algum outro tipo de veículo?

R – Não. Ninguém tinha carro. Na minha turma de cem alunos acho que dois ou três tinham carro. Mesmo lambreta era alguns poucos que tinham.

P – Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?)

R – Teve. Na minha época havia o jubilato e o jubilato pegava alguns alunos geralmente aqueles que vinham por convênio porque eles vinham muito mal preparados. Nós estávamos acostumados a estudar, no cursinho isso já era uma prática, ou seja, se tivesse que estudar doze horas por dia a gente estudava... agora, quem não fosse disciplinado nos estudos, então reprovava.

P – Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?

R – Muita emoção... muita emoção mesmo.

P – Como era o número de alunos por disciplinas?

R – No primeiro ano nós tínhamos turma A e turma B, eram cem alunos e vinte faziam Ciências Biológicas e oitenta Ciências Médicas e quem terminava Ciências Biológicas voltava um ano e meio e terminava medicina dois anos depois, mas saiam com dois diplomas, alguns mais espertos faziam pós-graduação e saiam biólogo, médico e mestre, mas tinha que estudar muito para isso.

Nossas aulas eram em anfiteatros e a Faculdade era muito bem aparelhada, eu não sei agora, mas a Faculdade era muito bem aparelhada, a gente até admirava a quantidade de aparelhos que havia dentro da Faculdade, era uma coisa fantástica.

P – Qual disciplina o senhor achava mais difícil? Por quê?

R – A mais difícil para mim era Matemática. Eu tive Matemática no primeiro ano.

P – E qual disciplina gostava mais?

R – A que gostava mais era Cirurgia até porque já tinha alguma coisa de prática. No quarto ano nós íamos para o Hospital, já tínhamos pacientes... eu gostava disso.

P – Quais eram as maiores queixas dos alunos e dos professores?

R – As pessoas são diferentes... nós tínhamos professores fantásticos, mas alguns deles eram muito distante e nós sempre valorizamos muito o relacionamento humano, não basta ser apenas um excelente professor... muitos estavam mais preocupados com suas pesquisas... por outro lado, havia professores que tinham afinidades com a gente.

P – Como era o relacionamento entre os alunos e os professores?

R – Era muito bom. Nas aulas práticas geralmente conversamos... o relacionamento era muito bom, tomávamos cafezinho juntos...

P – Havia mulheres na sua turma?

R – Poucas. Muito poucas.

P – Havia alunos negros?

R – Tinha apenas dois negros na minha turma, um que era brasileiro e outro que veio através de convênio e é amigo meu... ele está atualmente em Rio Claro é o José Agustin Carrasco Mandeville um grande cardiologista... ele é filho de Diplomata e ele se deu muito bem diferentemente de muitos paraguaios e bolivianos e eu acredito que era devido ao fato dele ser filho de Diplomata, pois ele tinha uma formação intelectual e cultural muito boa, ele acompanhou o curso sem nenhum problema.

P – Durante o curso de medicina o senhor aprendeu outra língua?

R – Na verdade, eu não aprendi e sinto muito por isso. Na Faculdade a gente não tem muito tempo... e eu também fazia parte do time da escola, eu era titular do time e estava sempre participando de competições... eu sempre procurei estar entre os quarenta ou trinta primeiros alunos de uma turma de oitenta, cem alunos... eu não era lá do fundo, dos últimos alunos, mas também não era lá da frente, dos primeiros. Outro fator é que meu orçamento era muito justo e por isso não tinha dinheiro extra para isso, além de não ver, particularmente, tanta necessidade em se aprender outra língua.

P – Por que optou por essa especialização médica?

R – Eu queria ser cirurgião, achava que médico devia ser cirurgião – era uma visão que a gente tinha naquele tempo – e da área cirúrgica em que eu estagiei achei que Urologia era a mais bonita.

P – Como era o relacionamento dos alunos com a cidade de Ribeirão Preto?

R – Nós gostávamos muito da cidade, não havia criminalidade e também era um centro de estudantes de toda a região, não existiam outras faculdades na região como existem hoje, então a vida estudantil em Ribeirão Preto era uma maravilha, nós tínhamos muitas festas, muitas namoradas e mesmo sem dinheiro a gente vivia muito bem.

P – Fez parte da política estudantil?

R – Eu nunca fui dirigente, mas sempre procurei participar de tudo na Universidade. Particpei de muita passeata, corri muito de soldado e como era atleta achava graça naqueles soldadinhos despreparados correndo atrás de mim na Praça XV eu pulando canteiros e bancos e eles tropeçando nos bancos... A gente tinha algumas reuniões secretas... mas eu achei melhor me distanciar disto tudo porque o perigo era muito grande e eu queria ser médico e não prisioneiro. Naquele tempo morria, eles matavam mesmo e sem explicação.

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

P – Por que optou pelo consultório e não pela pesquisa?

R – Eu queria exercer a medicina prática. Eu acho muito bonito a pesquisa, mas eu queria ser médico e atender paciente, fazer cirurgia.

P – Qual é a classe social dos pacientes que procuram seu consultório?

R – Eu sou médico também no serviço público. Eu tenho meu consultório, mas sempre atendi no serviço público na Prefeitura, então eu atendo todas as classes sociais, desde os considerados ricos até os mais pobres. Na verdade, eu atendo muito mais pacientes no Centro de Especialização do que no meu consultório. Eu sou especialista e não generalista. Eu prestei concurso para especialista em Urologia e sou referencia para seis ou sete cidades como Porto Ferreira, Dourado, Ibaté etc. Até presidiário eu atendo, eu opero presidiário, a partir do momento que ele é paciente não tem nenhuma diferença em relação aos outros pacientes.

P – Sente-se realizado com que faz?

R – Muito. E acredito ter influenciado dois filhos que optaram pela medicina, um já é médico e o outro está cursando medicina.

P – O que é ser médico para o senhor?

R – A realização de um grande sonho. Acredito que é aquilo que se faz com carinho e ganha um dinheiro para conseguir se sustentar e sustentar a família e também poder ajudar o próximo.

A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, assim como a Faculdade de Medicina de São Paulo, foram construídas para formar médicos e pesquisadores de alta qualidade e desde o primeiro ano de Faculdade nós aprendemos com muito rigor a respeitar o cadáver e depois o paciente com qual se estuda. O trabalho com ética na pesquisa sempre foi muito forte na Universidade de São Paulo. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto nos ensinou que ética, responsabilidade e honestidade são coisas muito importantes, isso a Faculdade enfatizava muito, não era só a parte científica, a parte moral também.

P – Como o senhor vê atualmente a FMRP?

R – Eu acredito que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto sempre foi e sempre será uma boa Faculdade.

P – Hoje, qual é sua forma de lazer?

R – Sair com os amigos. Até um ano atrás era jogar futebol, hoje meu joelho e minha angioplastia não deixam mais. Vou a bailes com minha esposa, jantares com amigos... Gosto muito de pescar, mas não estou indo mais pescar porque depois que eu fiz a angioplastia não quero ficar longe dos meus cardiologistas.

P – Quantos filhos têm?

R – Tenho três filhos. Tenho um filho Médico que se formou na USP em São Paulo, tenho outro filho que está estudando Medicina na Estadual de Londrina e o terceiro está fazendo Direito no Mackenzie em São Paulo e atualmente está em Londres fazendo um curso de inglês.

2ª PARTE**P – Conte um pouco a história da FMRP-USP.**

R – Eu acredito que os seis anos que passei na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foram os melhores da minha vida. Nós estudávamos muito, mas conseguíamos viver, participar de competições... tinha também os bailes, o Baile do Calouro, o Baile do Branco que movimentava a cidade toda e os bailes eram no Ginásio de Esportes, a Formatura também era no Ginásio.... tinha a praia também, tinha três praias, a praia dos estudantes, a praia dos funcionários e a praia dos professores.

P – Como a FMRP repercutiu no imaginário das pessoas da cidade?

R – Eu acredito que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto era motivo de orgulho para toda região. Quando ela foi criada eu era ainda criança, eu fui atendido na Faculdade quando era criança, mas, tenho certo, que ela sempre foi orgulho de toda região.

P – Os alunos da FMRP eram provenientes de várias localidades?

R – Na verdade, quando a Faculdade entrou no CESCEM que era um vestibular do estado a Faculdade começou a ter alunos de todo o estado sendo que a maioria era de São Paulo e da região.

P - Por que o senhor veio para São Carlos?

R – Eu vim para São Carlos a convite. Eu tinha um grande amigo aqui que me convidou porque precisavam de mais um Urologista. A esposa do Dr. Segundo Amarille – que é Urologista em Araraquara – era enfermeira aqui em São Carlos e ele me indicou para este amigo meu – éramos todos amigos em comum.

P – Que benefício a FMRP trouxe para Ribeirão Preto e para a região?

R – A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto trouxe assistência médica para toda região, não só, trouxe assistência para o Sul de Minas, Oeste de Minas... naquele tempo nas cidades do interior se tinha poucos médicos especialistas e muitos generalistas. Cidades como São Carlos e Araraquara, por exemplo, não tinham médicos especialistas. Na Rede Pública só tinha médicos especialistas na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto ou em Campinas ou em São Paulo. Hoje, isso não ocorre mais, a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto formou especialistas.

São Carlos, 14 de outubro de 2005.

DR. SEGUNDO AMARILLE SALEZZI FIORANI**ENTREVISTA****1ª PARTE****I – ORIGEM SOCIAL**

P – Qual a ascendência dos seus pais?

R – Meus pais são brasileiros e descendentes de italianos.

P – Qual era a profissão dos seus pais?

R – Meu pai era agricultor e minha mãe doméstica.

P – Qual era a escolaridade dos seus pais?

R – Tanto meu pai como minha mãe fizeram o curso primário apenas para aprender a ler e a escrever. Minha mãe mal sabe ler e escrever e ela está viva e mora comigo. Tem 95 anos de idade.

P – Os seus pais eram proprietários de terras? Comércio? Empresas?...

R – O meu pai era ferreiro e tinha uma oficina de ferraria e carpintaria. Ele arrendava terra também. Consertava carroceria de caminhões, de carroças, de carros-de-boi e fabricava alguns móveis. Na época das chuvas, ele arrendava terra para fazer plantio. Mas, proprietário mesmo, ele era da oficina de ferraria e carpintaria.

P – Os seus pais tinham carro, TV?

R – Não existia isso naquela época.

P – Quais eram as formas de lazer dos seus pais?

R – Do meu pai era caçar e pescar e da minha mãe era doméstica ela fazia crochê... essas coisas assim.

P – Local de moradia (onde o senhor nasceu e viveu?)

R – Eu nasci em Minas Gerais em Musambinho e lá eu fiz o curso primário e o serviço militar; depois eu fui para São Paulo para poder trabalhar e estudar e estudei em São Paulo no Colégio Paulistano; depois disso eu prestei o vestibular em São Paulo e como não passei fui para Ribeirão Preto e entrei na Medicina de Ribeirão Preto.

P – Quantos irmãos o senhor tem?

R – Meus irmãos são falecidos. Eles são falecidos desde pequenos, quando eram crianças em Minas Gerais. Mas, nós éramos três irmãos e eu era o do meio.

P – Qual era a sua forma de lazer?

R – Em Minas Gerais a única forma de lazer que a gente tinha era caçar e pescar. Eu também jogava bola, mas era pouco.

P – Por que o senhor escolheu medicina?

R – Escolhi pela própria vocação. Eu sempre gostei, eu admirava os médicos e vi nisso tudo uma coisa que me agradava e depois a família me apoiou.

Meu pai me deu educação até o ginásio, depois tive que ir para São Paulo para estudar e trabalhar porque em Minas Gerais não dava e, justiça seja feita, São Paulo sempre abrigou todo mundo e a gente conseguia trabalhar e estudar em São Paulo porque lá oferecia condições.

P – Seus pais gostariam que o senhor tivesse tido outro tipo de profissão?

R – Não. Meus pais sempre me apoiaram.

P – Os seus pais te incentivavam nos estudos?

R – Incentivavam. Meu pai me ajudou muito. Em Ribeirão Preto na Faculdade de Medicina meu pai me dava uma mesada. Durante todo o curso de medicina meu pai me ajudou financeiramente. Meus pais sempre me apoiaram tanto do ponto de vista financeiro como emocional, profissional...

P – O senhor tinha amigos ou parentes que cursavam faculdades?

R – Não. Que eu saiba não. Fui ter alguns amigos depois.

II – PERCURSO ESCOLAR

P – Com idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou?

R – Com 14 anos fiz o primário lá em Minas Gerais e o curso era muito bom. Fiz o ginásio também em Minas Gerais. Depois eu fui para São Paulo para trabalhar e estudar. Fui para São Paulo com 17 anos e lá eu fiz o científico no Colégio Paulistano à noite e trabalhei durante o dia. Eu trabalhava em escritório de contabilidade. Cheguei a trabalhar com o Lucas Nogueira Garcez.

Eu sempre estudei em escolas particulares. O Colégio Paulistano em São Paulo era particular, em Musambinho o ginásio, o liceu também eram particulares.

Eu entrei na escola direto na quarta série com 12 anos de idade, é que meu avô – que era italiano – era um excelente professor e ele me ensinou muita coisa. Aprendi muito com ele. Para entrar no ginásio eu fiz o curso de admissão que era difícilimo, mas eu entrei.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

R – No primário e no ginásio não, porque eu era criança... se bem que tinha que trabalhar um pouco na terra, porque como te disse meu pai era arrendatário. Já no científico, trabalhava durante o dia e estudava à noite.

P – O trabalho em algum momento atrapalhou seus estudos?

R – Não, mas era apertado. Eu não tinha nem sábado nem domingo porque precisava estudar o dia todo, pois a matéria ficava atrasada. Estudava na firma quando dava tempo, estudava na Praça da República quando saía para fazer algum serviço na rua e sobrava tempo... sempre que tinha uma brechinha eu aproveitava para estudar. À noite eu ia fazer cursinho e só ia comer alguma coisa por volta da meia noite mais ou menos.

P – Repetiu alguma série?

R – Eu repeti um ano no científico, porque tinha que trabalhar e estudar.

P – Aprendeu alguma língua estrangeira antes de entrar na FMRP?

R – Não, mas eu falava mais ou menos o inglês porque trabalhava numa firma onde se falava muito o inglês. Eu fui para os Estados Unidos falando um pouco de inglês, não falo inglês fluente, mas consigo me virar. Eu fiquei em Havard quase um semestre no General Hospital fazendo estágio.

P – Como era o vestibular? Em que cidade prestou? O vestibular da FMRP era considerado mais fácil que o vestibular da FMSP?

R – Era muito difícil, tanto é que eu entrei numa segunda chamada em Ribeirão Preto. Eu prestei várias vezes vestibular na USP Pinheiro e não consegui passar até que prestei em Ribeirão como segunda opção e aí eu consegui passar. E eu fiquei muito satisfeito, acho que até mais satisfeito do que se tivesse entrado na USP São Paulo.

O vestibular da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto era a mesma coisa que o vestibular da USP de São Paulo, os dois eram muito difíceis.

P – Os alunos preferiam primeiro a FMSP e depois a FMRP?

R – Não, não foi isso... é que a Medicina de Ribeirão Preto é muito mais nova que a Medicina de São Paulo.

P – Com idade o senhor entrou na FMRP?

R – Acho que entrei com 23 anos.

P – Enquanto cursou a Faculdade de Medicina o senhor precisou trabalhar?

R – Não. Nem dava para trabalhar porque tinha que estudar o dia todo... meu pai também melhorou de vida e ele podia me ajudar.

P – Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam?

R – Não me lembro, mas devia ter algum que era representante de laboratório farmacêutico.

P – Onde o senhor morou enquanto estudava?

R – Eu morei em Ribeirão Preto numa República na Rua Quintino Bocaiúva.

P – Tinha carro ou algum outro tipo de veículo?

R – Não tinha nada. Naquela época um ou outro que tinha carro, mas era muito raro.

P – Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?)

R – Que eu saiba não. Acho que todos se formaram.

P – Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?

R – Tinha um corpo docente muito bom. Tinha que estudar muito. A impressão que eu tive foi muito boa. Nós passávamos o dia todo lá. Foi lá mesmo que eu fiz residência médica em cirurgia geral, depois eu fiz especialização em Urologia e depois fiz minha Tese de Doutorado que eu acabei defendendo na UNICAMP, por isso, eu sou Doutor pela UNICAMP.

P – Qual disciplina o senhor achava mais difícil? Por quê?

R – Eu nunca fui muito adepto de Ginecologia e Obstetrícia... também de Dermatologia, de Ortopedia.

P – E qual disciplina gostava mais?

R – Eu gostava de Cirurgia Geral e depois escolhi Urologia.

P – Quais eram as maiores queixas dos alunos e dos professores?

R – Não tinha queixa... era muito apertado, os professores exigiam muito, era comum ficar de segunda época, dependência, tudo para evitar reprovações.

P – Como era o relacionamento entre os alunos e os professores?

R – Muito bom. Sempre foi muito bom.

P – Havia mulheres na sua turma?

R – Havia, mas havia muito poucas.

P – Havia alunos negros?

R – Não havia. Mesmo nas outras turmas era raro ver alunos negros.

P – Durante o curso de medicina o senhor aprendeu outra língua?

R – Não, eu sempre falei um pouco de inglês, francês e italiano... e italiano por causa da família.

P – Por que optou por essa especialização médica?

R – Foi por causa do Professor Ciconelli de Ribeirão Preto.... porque quando terminei Cirurgia Geral eu não sabia o que fazer e aí ele me convidou para fazer Urologia porque havia uma vaga e eu acabei indo para a Urologia

P – Como era o relacionamento dos alunos com a cidade de Ribeirão Preto?

R – Boa, muito boa... eu casei em Ribeirão Preto, inclusive um filho meu nasceu lá... eu casei com uma Enfermeira do Hospital das Clínicas e hoje, inclusive, ela é professora de enfermagem na UNIARA.

Eu usei a boina amarela e essa boina fazia um baita sucesso. Nós usávamos até o cabelo crescer, depois não precisava mais usar... as mulheres também usavam, elas não raspavam o cabelo, mas mesmo assim elas usavam. Nós freqüentávamos muito a Única, hoje eu nem sei mais se existe, mas lá era o *footing*.

P – Fez parte da política estudantil?

R – Não. Eu nunca mexi com isto.

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

P – Por que o senhor optou pelo consultório e pela sala de aula?

R – Eu nunca me desliguei da Faculdade. Em Ribeirão Preto eu fiquei como Auxiliar de Ensino, depois conclui meu doutoramento e fiquei como contratado na FMRP, assim como sou contratado hoje para lecionar em Catanduva. Eu desenvolvo pesquisa porque tem que desenvolver pesquisa, não adianta apenas lecionar.

Eu consigo conciliar bem o consultório e o ensino... além disso eu sou também agropecuarista... eu consegui fazer coisa na minha vida que eu nem sei como deu certo... é uma coisa extraordinária... algo me orientou... eu consegui comprar duas fazendas brutas, puro mato, primeiro eu comprei em São Carlos e eu consegui formar essa fazenda com a ajuda do Banco do Brasil e é lá que está meu filho que toma conta da fazenda, onde ele cria os filhos, ele mora lá; depois eu consegui formar outra fazenda no Mato Grosso e é meu filho quem cuida também, lá nós criamos gado e aqui em São Carlos nós criamos búfalo.

P – Qual é a classe social dos pacientes que procuram seu consultório?

R – Eu trabalho com convênios como a Unimed, Benemed e o Hospital São Paulo. Eu não trabalho em hospital público. Hospital público só trabalhei na Faculdade. Em Pronto Socorros eu também nunca trabalhei... fui sempre docente.

P – Sente-se realizado com que faz?

R – Sinto. Eu fiz aquilo que eu gostaria de fazer. E ainda continuo aqui trabalhando.

P – Quantos filhos o senhor têm?

R – Tenho um casal. Um mora na fazenda – o homem – e a filha que é enfermeira casou com um médico, um cirurgião vascular. Ela fez enfermagem na USP de Ribeirão Preto. Já o menino fez escola técnica de comércio e foi para a fazenda.

P – Como o senhor vê atualmente a FMRP?

R – Eu não tenho mais tanto contato com a FMRP, mas ela sempre foi uma excelente Faculdade.

P – O que é ser médico para o senhor?

R – É gostar da profissão... mas, hoje trabalhar não está muito fácil porque tudo é com convênio.

P – Qual característica diferencia o médico formado na FMRP dos de outros formados em outras instituições?

R – É a qualidade de ensino.

P – Hoje, qual é sua forma de lazer?

R – É ir à fazenda no final de semana e andar no mato, fazer caminhada, apreciar a natureza...

2ª PARTE

P – A FMRP era uma escola para a elite?

R – É... tinha que ser mais ou menos, tinha que ter um status mais ou menos... não precisava ser milionário, mas a família tinha que ter um pouco de dinheiro porque não podia trabalhar, o pai tinha que ajudar com a manutenção como comida, roupa, material...

P – Que tipo de médico saiu da FMRP?

R – Saiu muitos professores. E também médicos generalistas e especialistas.

P – Que benefício a FMRP trouxe para Ribeirão Preto e para a região?

R – Trouxe um benefício muito grande. A Faculdade deu um grande impulso a Ribeirão Preto. A cidade começou a ficar conhecida com a instalação da Faculdade.

Agora... hoje em dia se tem muita Faculdade de Medicina o que aumentou a quantidade, mas não a qualidade do ensino. Muitos médicos se formam, mas não têm condições de fazerem uma boa residência. Muitos saem mal formados, saem fracos. Além disso, os médicos formados precisam trabalhar em vários lugares para conseguirem sobreviver. E outro fator que agrava são os convênios que pagam muito mal.

P – Havia queixa da população?

R – No começo sim e da parte médica. Os médicos da cidade reagiram por causa da concorrência dos professores... Já a população da cidade, esta nunca se queixou. A FMRP sempre trouxe vantagens para eles, afinal passaram a ter assistência de altíssima qualidade. A Faculdade trouxe grandes benefícios para toda a região e para estados vizinhos.

Araraquara, 01 de novembro de 2005.

DR. GERALDO FERREIRA BORGES JÚNIOR

ENTREVISTA

1ª PARTE

I – ORIGEM SOCIAL

P – Qual a ascendência dos seus pais?

R – Brasileiros. Meus avós são brasileiros. Meus tataravôs são brasileiros. São todos brasileiros.

P – Qual era a profissão dos seus pais?

R – Meu pai era farmacêutico, mas ele não era formado, ele era provisionado. Antigamente, as pessoas tinham direito de ter farmácia, de manipular formas, porque não havia número suficiente de profissionais para virem ao interior... hoje isto não existe mais... mas, meu pai era um bom farmacêutico, um bom prático, sabia química... ele tinha farmácia em Catanduva e Novo Horizonte.

Minha mãe era doméstica.

P – Qual era a escolaridade dos seus pais?

R – Primário. Tanto meu pai como minha mãe.

P – Os seus pais eram proprietários de terras? Comércio? Empresas?...

R – No começo meu pai era pobre, meu avô era um sitiante modesto, pequeno... meu pai trabalhava em farmácia e conseguiu juntar um dinheirinho para comprar uma farmácia. Ele fez sociedade com o irmão dele que era contador e dessa sociedade eles passaram a comprar alguns sítios e depois fazendas. Quando eu tinha 15 anos de idade meu pai tinha três fazendas e três farmácias, duas em Catanduva e uma em Novo Horizonte.

Eu era um verdadeiro playboy. Eu fiquei três anos fazendo o primeiro colegial. Eu não estudava, eu não queria estudar. Meu pai era rico... porque eu iria estudar? Mas, quando meu pai perdeu tudo... e ele perdeu tudo por má gestão de negócio, não tinha nem mulher e nem jogo, ele se desentendeu com meu tio e passou a tomar conta das fazendas, mas o que ele sabia mesmo era ser farmacêutico e, com isso, ele acabou perdendo as fazendas e junto as farmácias. Aí eu me vi na obrigação de tomar um rumo. Voltei a estudar, com 18 anos de idade eu voltei a fazer o colegial.

P – Os seus pais tinham carro, TV?

R – Tinha. Meu pai tinha carro. Com 14 anos eu já guiava. Meu pai precisava do carro para ir nas fazendas.

P – Quais eram as formas de lazer dos seus pais?

R – Nenhuma. Eles só trabalhavam. Assistiam televisão. Teatro meus pais nunca foram. Raramente eles iam ao cinema.

P – Qual seu local de moradia? Onde o senhor nasceu e viveu?

R – Eu nasci em Elisiário na região de São José do Rio Preto, de Catanduva... foi lá que meu pai montou a primeira farmácia, de lá meu pai expandiu para Novo Horizonte e Catanduva. Eu morei em Elisiário, depois Novo Horizonte e depois Catanduva.

P – Quantos irmãos o senhor têm? E qual seu lugar na fratria?

R – Quatro irmãos. Eu sou o segundo na fratria. Tenho uma irmã mais velha que depois de casada e com filhos fez letras e hoje é uma excelente professora de língua portuguesa; minha outra irmã mais nova fez sociologia e leciona história; e meu irmão caçula fez arquitetura e hoje é arquiteto.

P – Qual era sua forma de lazer quando criança?

R – Eu fazia de tudo. Jogava futebol, brincava na fazenda... eu não parava, fazia de tudo.

P – Por que o senhor escolheu medicina?

R – A influência maior foi do meu pai por ele ser farmacêutico. Mas eu também sempre gostei muito de física, química, matemática e biologia. Eu acho que só não me daria bem sendo advogado porque eu não gosto de línguas, poesias... mas engenharia e medicina sim. Se eu voltasse no passado eu teria feito novamente medicina e em Ribeirão Preto.

P – Seus pais gostariam que o senhor tivesse tido outro tipo de profissão?

R – Não. Meus pais queriam que eu fizesse medicina. No meu tempo havia cinco profissões: Direito, Engenharia, Medicina, Odontologia e Farmácia.

P – Seus pais te incentivaram nos estudos?

R – Sim. Eles sempre me apoiaram.

P – O senhor tinha amigos ou parentes que cursavam faculdades?

R – Tinha sim. Tinha alguns amigos, alguns primos.

II – PERCURSO ESCOLAR**P – Com que idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou?**

R – Em escolas públicas e que eram de boa qualidade. O ginásio eu fiz em Catanduva e o colegial eu fiz em Ribeirão Preto... depois eu fiz o cursinho para prestar o vestibular.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

R – Precisei, quando meu pai faliu. Eu fui chefe do restaurante da Faculdade de Medicina lá no campus e eu tinha subsídios da Faculdade, tanto que era eu quem comprava meio boi, duzentos quilos de arroz, de feijão... eu comprava quase tudo, eu fiquei um ano no restaurante. No ano seguinte, nós montamos um mimeógrafo. Compramos para pagar em 12 meses, mas em 3 meses já estava pago, daí nós compramos um maior e depois de seis meses eu já tinha comprado um lambreta com meu dinheiro, saía pelo menos uma vez por semana para jantar em restaurante chique em Ribeirão Preto e tudo com dinheiro meu. Dai para frente meu pai não precisava mais me ajudar. No quinto ano de faculdade eu já tinha carro.

Eu e meu amigo Herculano fomos os pioneiros do sistema de impressão do COC (Colégio Osvaldo Cruz).

P – Repetiu alguma série?

R – Repeti apenas o primeiro ano do colegial, como eu já disse, porque eu não queria estudar.

P – Era estudioso?

R – Não, não era. Eu sempre fui malandro. Eu só fui estudioso quando precisei estudar.

Na Faculdade eu era estudioso, mas não era “CDF” eu estudava o que era necessário. Eu trabalhava, não dava para ser muito estudioso. Eu cheguei a trabalhar e a estudar tanto que tomava até comprimido para não ficar com muita fome e nem com muito sono.

P – O senhor aprendeu alguma língua estrangeira antes de entrar na FMRP?

R – Não. Eu estudei muito latim. Sei bastante verbo em latim. Francês, eu sei muito bem verbo, falo um pouco, mas eu não entendo.

P – Como era o vestibular? Em que cidade prestou? O vestibular da FMRP era considerado mais fácil que o vestibular da FMSP?

R – Era muito difícil. Se prestasse vestibular em Ribeirão Preto, era só em Ribeirão Preto, não dava para prestar em outra Faculdade. As provas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Faculdade de Medicina de São Paulo e Escola Paulista eram no mesmo dia e no mesmo horário. A pessoa que estava em São Paulo e estava prestando a USP não podia nem prestar a Paulista que é na mesma cidade. O exame era teórico e as provas eram feitas em três dias: no primeiro dia todos faziam, daí esperava três dias as correções e quem tivesse sido aprovado ia para o segundo dia de prova – muitos dos que prestavam a primeira prova não iam para a segunda, era eliminatório – depois fazia no segundo dia outra prova – no primeiro dia eu não me lembro, mas acho que era física, no segundo dia acho que era química e no terceiro dia acho que era biologia, todas as provas com perguntas e respostas – depois de feito o segundo dia de prova, esperava-se mais três dias e depois fazia a última prova no terceiro dia.

P – O senhor prestou uma vez só o vestibular?

R – Não, eu prestei duas vezes. A primeira vez que eu prestei achei que tinha passado e não passei, aí, no segundo ano, eu estudei em casa, estudei que nem louco. Eu não fiz cursinho.

P – Os alunos preferiam primeiro a FMSP e depois a FMRP?

R – Não... eu mesmo, por exemplo, não gostava e não gosto de São Paulo... o vestibular também era no mesmo dia e horário só podia prestar um deles. Acho que três anos depois que eu prestei então implantaram o CESCEM com opção entre uma e outra. Mas o vestibular de Ribeirão Preto e de São Paulo era igual, era do mesmo jeito... é que em São Paulo tinha mais gente, mas a parte teórica era igual.

A única coisa é que em São Paulo eles tinham a Residência Médica melhor que a gente, mas hoje é tudo a mesma coisa.

P – Com que idade o senhor entrou na medicina de Ribeirão Preto?

R – Com 21 anos.

P – O trabalho em algum momento atrapalhou os estudos?

R – Não. Quando chegava a época de exames eu passava à noite estudando – e eu tinha essa capacidade de ficar estudando à noite porque sempre fui boêmio e porque tomava um remedinho para ficar acordado – dava para conciliar muito bem as duas coisas. Eu tinha que trabalhar e estava ótimo trabalhar porque eu conseguia comprar as coisas, tinha independência.

P – O seu pai lhe ajudava?

R – Me ajudava. Nessa época o meu pai estava pobre, mas ele queria me ajudar, então eu falava para ele: manda tal quantia, mas essa quantia era mais ou menos 20% do que eu precisava porque o que faltava eu conseguia trabalhando. No último ano eu passei a me dedicar só aos estudos porque queria e tinha que me formar.

P – Em relação a sua turma havia alunos que trabalhavam?

R – Havia. Muitos trabalhavam com representação de vendas de laboratórios. Eu mesmo no quinto ano trabalhei com representação.

P – De forma geral, qual era o perfil social dos alunos?

R – Era uma classe média baixa.

P – Onde o senhor morou enquanto estudava?

R – Em república. Alugava casa na cidade, comia em pensão.

P – Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?)

R – Teve um colombiano. Geralmente, esse pessoal que vinha por intercâmbio era fraco, mas nesse caso é que ele não queria mesmo estudar. Ele ganhava dinheiro para vir aqui estudar, depois ele foi para o Rio de Janeiro e sumiu. Teve um outro também que bebia muito, o apelido dele era “zé pinga” ele chegou a ir para o segundo ano com a gente, mas depois desistiu... um dia ele passou aqui no meu consultório em Piracicaba com uma cara de bêbado contando uma história triste eu dei um dinheiro para ajudá-lo, mas acho que ele deve ter morrido de tanto beber.

P – Por que o senhor veio para Piracicaba?

R – Eu cheguei a ser professor de Urologia na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, mas um dia um amigo meu chegou e me perguntou quanto eu ganhava, aí eu disse que como professor tinha tirado naquele mês o valor líquido de um mil e oitocentos, aí ele me disse: para mim faltou duzentos para ganhar vinte mil. Eu disse: médico ganha isso, então eu vou embora, não fico mais aqui. Eu já estava com família, filho e outro amigo meu me disse para ir para Cuiabá porque lá não tinha Urologista, então eu fui para Cuiabá, mas lá era o fim do mundo, não dava para ficar... e nisso um outro amigo meu de Rio Claro disse para eu vir aqui para Piracicaba, eu nem conhecia Piracicaba, mas vim para cá e gostei.

P – Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?

R – Foi muita emoção. Antigamente a gente passava de ônibus na rodovia e dava para ver a Faculdade de Medicina. Era linda. Eu ficava pensando: será que um dia eu vou estudar aqui? E quando entrei fiquei muito feliz.

P – Como era o relacionamento entre os alunos e os professores?

R – Ótimo. Era ótimo. Um dia eu e o Herculano estávamos passeando pelo campus num sábado e o professor Covian – catedrático – nos chamou e nós pensamos que ele fosse ficar bravo com alguma coisa porque nós estávamos andando na grama, mas que nada, ele foi nos mostrar os experimentos dele com gatos... E a coisa que mais me impressionou quando eu

entrei na medicina foi que antes no cursinho, na escola, sempre tinha ainda alguma coisa para aprender, enquanto na medicina não, era o máximo, aprendia tudo, nós aprendíamos coisas que haviam sido descobertas ontem, os professores eram atualizadíssimos.

P – Havia mulheres na sua turma?

R – Havia seis. No meu tempo quase não entrava mulher. Eram três provas: química, física e biologia e as mulheres geralmente ficavam na química e na física, então, muitas prestavam, mas poucas entravam. Depois quando passou a ser pelo CESCEM outras disciplinas começaram a fazer parte do exame, o que a meu ver melhorou mais porque passou a avaliar o aluno de uma forma mais integral, passou a ter também testes e não só respostas como antes, física e química por exemplo, podia ser respondida por meio dos testes de múltiplas escolhas.

P – Havia alunos negros?

R – Tinha só um. Ele era panamenho. Muito boa gente.

P – Durante o curso de medicina o senhor aprendeu outra língua?

R – Não. Eu sabia falar razoavelmente espanhol. Quando tinha que ler um livro em inglês eu pegava o montava um vocabulário de palavras que não conhecia e procurava no dicionário, depois de um tempo essas palavras se tornam repetidas no livro e a leitura fica mais fácil. Em inglês, eu sei ler, mas não sei nada de gíria, porque ficava apegado ao vocabulário.

P – Como era o relacionamento dos alunos com a cidade de Ribeirão Preto?

R – Muito bom... excelente. Sempre que nos reunimos para lembrarmos os velhos tempos, nos reunimos lá em Ribeirão Preto. Todos nós temos um carinho muito grande pela cidade.

P – Fez parte da política estudantil?

R – Não da política, mas como eu trabalhava com reprodução eu tinha fardos de papel para ser distribuído e precisei até esconder na casa da minha sogra para não ser pego e ser preso. Mas, eu não achava a política ruim não. Eu estava estudando, estava trabalhando, tinha o meu dinheiro, para mim estava tudo muito bom.

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

P – Que tipo de médico saiu da FMRP?

R – Os pesquisadores - que são aqueles que ficaram na Faculdade – e os de consultórios.

P – Qual é a classe social dos pacientes que procuram seu consultório?

R – Todas as classes, mas a maioria é pobre que conseguiu ter acesso a um plano de saúde porque a fábrica que ele trabalha lhe ofereceu. Muitos que vêm aqui não têm dinheiro nem para comprar o remédio, às vezes quando tenho eu dou amostras grátis. Eu não trabalho no SUS, só trabalho particular e com convênio.

P – A FMRP formou médico sanitaria?

R – Formou. Alguns se destacaram. Sua formação era voltada à medicina sanitaria.

P – Sente-se realizado com que faz?

R – Muito. Muito mesmo.

P – O que é ser médico para o senhor?

R – A minha vida é ser médico. Eu não queria ser médico para ganhar dinheiro, porque eu sempre consegui ganhar dinheiro. Eu vim para Piracicaba porque ficar como

professor em Ribeirão Preto era sacerdócio e quando vim para cá eu implantei vários serviços que aqui ainda não existiam. Consegui, via política, um aparelho para que fosse instalado na Santa Casa e trouxe para cá vários médicos especialistas para trabalharem junto comigo e hoje nós somos referência em Urologia aqui em Piracicaba e na região. Eu procuro estar em constante sintonia com tudo o que acontece na FMRP. Nós montamos dentro da Santa Casa um Pronto Socorro Urológico e eu dou plantão de terça de manhã e de quinta-feira o dia todo.

P – O que diferencia a FMRP da FMSP?

R – Nenhuma. O que existe é a diferença de oportunidade que há depois de formado. Em São Paulo, por exemplo, havia mais oportunidade de montar uma clínica médica do que em Ribeirão Preto.

P – Como o senhor vê atualmente a FMRP?

R – Ela está cada vez melhor. Eu estou tendo contato constante com ela.

P – Hoje, qual é sua forma de lazer?

R – Eu nado e gosto de cozinhar.

P – Quantos filhos têm?

R – Tenho três filhos e nenhum médico. Uma filha fez Economia, um filho fez Química com Pós-Doutoramento e minha outra filha fez Propaganda e Marketing.

Eu gostaria que os três tivessem feito medicina, principalmente meu filho homem.

2ª PARTE

P – O senhor achava que a FMRP era uma Escola para a elite?

R – Não. Eu estava dentro. E quando estava fora não tinha porque achá-la elitista.

P – Havia meritocracia?

R – Tinha que estudar e muito. No último ano a prova de cirurgia foi oral. Os professores sentaram numa muretinha um metro mais alta que a gente e a prova foi oral. Primeiro perguntava um professor, depois outro e depois outro. Não era fácil não.

Piracicaba, 07 de novembro de 2005.

DR. JOSÉ AGUSTIN CARRASCO MANDEVILLE

ENTREVISTA

1ª PARTE

I – ORIGEM SOCIAL

P – Qual a ascendência dos seus pais?

R – Eu sou do Panamá. No começo do século XX com a construção do Canal do Panamá muitos trabalhadores que participaram da sua construção vieram de várias partes do mundo. Da minha família alguns vieram da Colômbia, outros das Antilhas, da Inglaterra, da França etc. Mandeville, que consta no meu nome, é francês e Carrasco é espanhol... a família do meu pai falava francês em casa, eu lembro que minha avó quando ia em casa falava francês. A minha mãe, falava inglês... eu lembro também que meu avô – o pai da minha mãe – falava inglês e a minha avó – a mãe da minha mãe – falava espanhol... minha mãe cresceu aprendendo a falar inglês e espanhol e depois se tornou professora de inglês. A minha mãe fez magistério, depois seguiu os estudos e fez Pós-Graduação nos Estados Unidos. O meu pai falava francês e inglês – mas todos conversavam a maior parte do tempo em espanhol – ele fez Administração de Empresas e administrava uma cadeia de hotéis – três hotéis – ele também tinha Pós-Graduação em Administração também nos Estados Unidos e, além disso, ele era tradutor juramentado de inglês e espanhol... quando eu ia para a casa de férias e precisava de um dinheirinho ele falava para mim: eu tenho uma tradução para fazer se você me ajudar eu te dou o dinheiro... e eu passava um tempo das férias fazendo tradução do inglês para o espanhol ou do espanhol para o inglês. Eu sou trilingüe, falo espanhol, inglês e português. Francês eu não falo bem.

Eu já dei aula aqui no Brasil em escolas de inglês. Na Faculdade de Medicina eu fiz várias traduções para o pessoal, geralmente os *abstracts* que levam para Congressos.

P – Qual era a profissão dos seus pais?

R – Meu pai era Administrador e Tradutor e minha mãe era Professora.

P – Qual era a escolaridade dos seus pais?

R – Superior com Pós-Graduação.

P – Os seus pais eram proprietários de terras? Comércio? Empresas?...

R – Eram proprietários da casa. Meu avô materno quando chegou no Panamá para trabalhar na construção do Canal não tinha formação escolar, era semi-analfabeto, era trabalhador braçal e depois que terminou a construção do Canal ele foi contratado para trabalhar na sua manutenção e acabou se aposentando como funcionário do Canal. Dos filhos dele, um se tornou electricista, ou seja, um nível acima dele, e minha mãe fez faculdade, ou seja, um nível mais acima ainda. Minha mãe tocava piano... quer dizer, para quem chegou no Panamá semi-analfabeto como trabalhador braçal ter uma filha com nível superior e com Pós-Graduação tocando piano, é um salto qualitativo e tanto.

P – Os seus pais tinham carro, TV?

R – Nós éramos uma classe média-média. Meu avô, como eu disse, tinha construído uma casa – um sobrado – e ele e minha avó moravam embaixo enquanto meu pai e minha mãe moravam em cima. Quando eu tinha uns dez anos de idade, meu pai comprou um terreno e construiu uma casa muito boa e logo depois nós passamos a ter carro e televisão. Isso era mais ou menos em 1955. Os carros que o meu pai comprava não eram carros novos da fábrica, mas eram carros pouco usados, quase novos, que ele comprava do patrão dele.

O nível de vida no Panamá naquele tempo era melhor do que o daqui, hoje em dia, acredito, está igual. Quando eu cheguei aqui no Brasil eu estranhei um pouco, porque lá no Panamá a qualidade de vida era melhor do que a daqui.

P – Quantos irmãos o senhor tem? E qual seu lugar na fratria?

R – Somos em cinco irmãos e eu sou o mais velho. Um dos meus irmãos fez Artes Cênicas e trabalha com teatro, ele fez teatro clássico, fez Shakespeare e faz dublagem em cinema em Los Angeles onde está morando. Meu outro irmão fez Direito, mora no Panamá e atualmente é Promotor Público. Meu outro irmão também mora no Panamá e é Engenheiro

Eletricista. Minha irmã entrou na Faculdade para fazer Comunicação Social e faltava um semestre para se formar trancou a matrícula e acabou não se formando, mas atualmente ele é Secretária Bilíngüe e trabalha na Embaixada dos Estados Unidos lá no Panamá.

P – Qual era sua forma de lazer quando criança?

R – Eu fazia pintura, ia ao cinema, jogava beisebol - lá no Panamá não é futebol, é beisebol - andava de bicicleta, lia bastante. Eu e meus irmãos fomos educados com um viés cultural muito bom. Pintura, música, artes sempre fizeram parte de nossas vidas.

P – Por que o senhor escolheu medicina?

R – Meu pai era um médico frustrado... acho que ele me influenciou. Quase todas as notícias que saíam no jornal e diziam respeito a medicina ele recortava e me mostrava... ele era tão vidrado que quando eu estava aqui no Brasil em Ribeirão Preto estudando ele encontrava uma notícia sobre algo referente à medicina nos jornais lá no Panamá recortava e mandava para mim aqui. Quando a molécula do DNA foi descoberta eu estava no primeiro ano aqui em Ribeirão Preto e isto, é claro, ainda não constava nos livros de genética, mas eu estava meio a par de tudo porque ele lia lá no Panamá, recortava a notícia e enviava para mim aqui.

Meu avô – pai do meu pai – era escriturário e minha avó era lavadeira e passadeira. Meu pai conseguiu estar um nível acima quando estudou Administração, mas Medicina as condições financeiras não permitiram que ele conseguisse fazer.

P – Como o senhor veio parar no Brasil e em Ribeirão Preto?

R – Não foi nada planejado. Eu estava determinado a fazer Medicina. Na Universidade do Panamá tem a Faculdade de Medicina. Lá no Panamá, quando a gente termina o curso científico pode fazer o curso de Pré-Medicina na Universidade. O curso de Pré-Medicina é realizado em três anos e é visto toda a matéria básica. No final do terceiro ano pode optar por fazer mais um – que é a parte da licenciatura – e então lecionar, ou prestar vestibular e entrar na Faculdade de Medicina e cursar mais cinco anos de Medicina.

Para entrar no curso de Pré-Medicina não precisa prestar vestibular é por currículo, mas o curso de Pré-Medicina contribui com o currículo para poder entrar na Faculdade de Medicina, mas tem que prestar o vestibular.

Eu prestei o vestibular e entrei na Faculdade de Medicina, mas acontece que naquela época havia um intercâmbio cultural entre o Panamá e alguns países da América do Sul e entre eles o Brasil. Na verdade, o Panamá tinha intercâmbio cultural com países do mundo inteiro, a coisa mais fácil era sair do país para estudar fora.

Eu tinha um amigo que estudava comigo no primeiro ano de medicina que enviou currículo aqui para o Brasil e foi convidado para estudar em Belo Horizonte. Ele foi para Belo Horizonte e de lá escreveu para mim dizendo que estava gostando, que o curso era muito bom... só sei que isso me deixou entusiasmado, então pensei em vir para cá também. Fui no Consulado, na Embaixada, e acabei conseguindo uma vaga aqui no Brasil.

Eu não sabia que iria parar em Ribeirão Preto porque a vaga que a gente ganha é no Brasil, mas em que lugar do Brasil eu não sabia.

Eu cheguei no Brasil, no Rio de Janeiro, numa terça-feira de carnaval... você imagina a lentidão que estava tudo... só sei que fiquei no Rio de Janeiro um mês, quando então fui para São Paulo na USP, mas na USP em São Paulo não tinha mais vagas e acabei indo parar em Ribeirão Preto... e quando nós chegamos em Ribeirão Preto já tinha passado metade do primeiro bimestre.

Foi difícil no começo eu me acostumar, afinal, eu não conhecia a língua, a cultura era diferente, era tudo diferente, tanto que eu repeti o primeiro ano.

P – Seus pais gostariam que o senhor tivesse tido outro tipo de profissão?

R – Acho que não. Meu pai queria tanto que eu fizesse medicina, como eu te disse ele era um médico frustrado... e minha mãe eu acho que não se importava.

P – O senhor tinha amigos ou parentes que cursavam faculdades?

R – Tinha. Lá no Panamá era comum os jovens cursarem alguma Faculdade. Era comum sairmos para estudar em outros países.

O que me incentivou também vir aqui para o Brasil estudar foi que aqui o curso tem seis anos e lá no Panamá tem oito anos. Outra coisa também é que lá no Panamá o curso é

publico, mas é preciso depois de formado trabalhar um ano para o governo. Antes de ter sua própria clínica, se tornar um profissional liberal, o governo te contrata e te manda trabalhar em qualquer lugar do país e só depois é que pode fazer a especialização, a residência médica. Primeiro tem que trabalhar como Clínico Geral para o governo.

Minha intenção era voltar para o Panamá depois de formado, acontece que voltando para lá eu teria que trabalhar um ano para o governo e então sim ter o título reconhecido e, mais um agravante, é que a formação aqui é em dezembro e lá é em julho, com isso, eu teria que ficar esperando julho do ano que vem para arrumar uma vaga e poder trabalhar.

Eu acabei ficando aqui no Brasil mesmo. Depois de um tempo a gente se acostuma, faz amigos, começa a namorar, aprende a língua...

II – PERCURSO ESCOLAR

P – Com idade começou a estudar e em que tipo de escola estudou?

R – Eu comecei a estudar com seis anos de idade. Eu estudei em escolas particulares. No Panamá tem escolas públicas, mas eu estudei em escolas particulares.

P – Precisou trabalhar enquanto estudava?

R – Precisar eu não precisava porque meu pai mandava dinheiro para mim. Como nosso dinheiro no Panamá tinha paridade com o dólar ele enviava cento e cinquenta ou duzentos dólares por mês e o câmbio ajudava bastante porque o dinheiro aqui tinha mais valor. Mas, no último ano eu queria trabalhar, não queria ficar dependendo do meu pai, então fui dar aulas em cursinhos, fazer traduções, dar aulas em escolas de inglês etc.

No Panamá eu nunca precisei trabalhar, nós éramos classe média.

P – Era estudioso?

R – Era. Eu sempre procurei estudar.

P – Onde o senhor morou enquanto estudava?

R – Eu morei em pensão e depois em república.

P – Qual era o perfil social dos alunos da sua turma?

R – Acho que era igual o meu, eram vindos de uma classe média-média. Tinham alguns que eram filhos de fazendeiros, de médicos, de professores... tinham alguns que tinham carro.

P – Em sua turma teve alunos que não conseguiram se formar? (por quê?)

R – Eu acho que não. Acho que todos conseguiram se formar.

P – Qual foi sua primeira impressão ao conhecer a FMRP?

R – Eu não sei direito... eu me lembro dos professores, eu me lembro que sai para um intervalo e no pátio tinha um senhor que parecia um sitiante, com uma botina nos pés, uma calça meio curta, uma camisa... parecia um trabalhador de sítio ou alguém que estava limpando o chão, mas eu sei que daí a pouco entra o professor de física e era ele... o homem era o professor. E nós tínhamos excelentes professores. Alguns andavam de terno, de gravatinha.

P – Havia mulheres na sua turma?

R – Havia poucas. Eram poucas as mulheres. Havia japonesas.

P – Como era o relacionamento dos alunos com a cidade de Ribeirão Preto?

R – Era bom... as pessoas da cidade não gostavam muito de alugar casas para estudante, tinha que ter um bom fiador.

P – Fez parte da política estudantil?

R – Não, eu não podia porque tinha uma cláusula em nosso contrato de intercâmbio que nos proibia de participar de política, de manifestações, pois caso contrário seríamos expulsos do país.

III – INSERÇÃO PROFISSIONAL

P – Por que o senhor optou pelo consultório e não pela sala de aula?

R – Esta é uma boa pergunta. Hoje eu teria optado pela sala de aula, porque eu gosto muito de lecionar. No último ano do curso eu fui monitor de uma disciplina de cirurgia e o professor me convidou para lecionar na Faculdade, mas eu pensei e achei melhor partir para a clínica médica... mas até hoje eu me arrependo de não ter ficado como professor porque eu adoro lecionar.

P – Qual é a classe social dos pacientes que procuram seu consultório?

R – Na verdade, todos os médicos querem atender a classe alta, atender os ricos. Mas, não é bem por aí. Hoje em dia a pessoa é previdenciária ou tem um plano de saúde. Aqui no meu consultório quem me procura são pessoas de uma classe social baixa. Eu trabalhei quinze anos no Pronto Socorro e no Ambulatório da Prefeitura e tinham pessoas lá que passaram a ser meus clientes aqui... os pais, os filhos, os parentes dessas pessoas também acabaram sendo meus pacientes aqui na minha clínica.

Eu atendo também na Penitenciária.

P – Sente-se realizado com que faz?

R – Sim, eu me sinto realizado, mas tem muitas coisas que eu gostaria de ter feito e não consegui porque o curso de medicina consumiu tempo. Eu gostaria de ter me dedicado mais a música, a fotografia.

P – O que diferencia a FMRP de outras Faculdades de Medicina?

R – Eu acredito que seja a pesquisa. Para você ter uma idéia o Capítropil foi descoberto na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e o mundo inteiro usa esse remédio.

P – Quantos filhos têm?

R – Tenho três filhos e nenhum quis ser médico. Meu filho mais velho trabalha com turismo em Campinas, é gerente regional; a minha filha estudou nas Belas Artes e está em São Paulo e o meu filho caçula está fazendo Letras em São Paulo na PUC.

P – Hoje, qual é sua forma de lazer?

R – Eu gosto de Jazz. Eu estou fazendo uma seleção de músicas de Jazz e passando de vinil para CD's e para MP3. Outra coisa que eu gosto é de máquina fotográfica, adoro fotografar. Eu gosto também de dançar. Geralmente no final de semana eu vou no clube dançar. Sou, também, sócio do Rotary e fui sócio-fundador.

Rio Claro, 08 de novembro de 2005.

DONA LUISA MAMEDE

ENTREVISTA

P – Conte um pouco a história da Fazenda Monte Alegre e da relação do seu pai com a família Schimidt.

R – Aqui onde é a Faculdade de Medicina era a Fazenda dos Schimdts e o meu pai veio trabalhar aqui com o Jacob Schimidt que era o filho do Schimidt. Eles moravam onde é hoje o museu do café ali perto do Banco do Brasil dentro da Universidade. Meu pai primeiro trabalhou de cocheiro e depois trabalhou com os porcos.

P – A Fazenda era mesmo uma grande produtora de café?

R – Era sim. O Schimidt era o rei do café... até lá para o lado de Sertãozinho tudo era plantação de café, onde hoje é o Prédio Central e o Hospital da Faculdade era só plantação de café. O Prédio Central e o Hospital nem existiam. Só existia a casa do Schimidt onde hoje é o museu e algumas casinhas da colônia.

Eu brinquei muito na Fazenda. Depois quando fui crescendo, virando moça... minha mãe trabalhava como cozinheira da Dona Berta Schimidt que era mulher do seu Jacob Schimidt. Minha irmã passou a ser cozinheira e eu lavadeira, tinha a copeira, tinha a arrumadeira, mas nós – eu e minha irmã – que fazíamos esta parte. Depois eu me casei e minha irmã também se casou... o tempo foi passando e os Schimidts começaram a falir. Meu pai até começou a cuidar da cocheira e ficou cuidando da cocheira até chegar a Escola Prática. O seu Jacob depois de ir para a falência ficou com a cabeça meio ruim, foi o irmão da Dona Berta quem passou a cuidar de tudo. O meu pai nunca saiu daqui. Ele morreu aqui na Fazenda. Sempre trabalhou aqui na Fazenda, depois na Escola de Agricultura e depois na Faculdade de Medicina.

Depois a Fazenda passou a ser do Estado e virou Escola de Agricultura, então eu comecei a trabalhar nas casas dos professores como empregada. Eles moravam aqui na Fazenda. Eles moravam na Escola.

Tinha o professor Marques Ferreira que era da Escola Prática e ele recomendou que eu e meu marido fôssemos trabalhar na Escola Prática de Guaratinguetá e nós fomos, mas nós

não gostamos muito e ficamos só nove meses, mas aí eu e meu marido entramos no Estado. Bem... nós pegamos e voltamos para cá, para Ribeirão Preto, e meu marido começou a trabalhar como ajudante na construção do Prédio Central. Eu vi a primeira pedra do Prédio Central ser colocada. Onde hoje é aquele repuxo foi rezada uma missa.

Depois do Prédio Central outros começaram a ser construídos. Começaram a fazer as casas dos professores... tinha os professores, os alunos da Escola Agrícola... assim como é a Faculdade de Medicina hoje.

Como a Escola Agrícola era do governo ele nos deu uma casinha para morar e então eu comecei a fazer doce para fora e vender para os alunos, além de lavar e passar para eles cobrando baratinho.

P – Onde os alunos da Escola Prática de Agricultura moravam?

R – Eles moravam no Prédio Central onde tinham seus apartamentos. Já os professores moravam nas casas que foram construídas ao lado do Prédio Central.

A Escola Prática depois passou para o Zeferino Vaz. O Zeferino chegou junto com seu Herculano e a mulher do seu Herculano fez amizade comigo. O seu Herculano era motorista do Dr. Zeferino Vaz e ele era o “braço-direito” do Zeferino. Ele começou a tomar conta da Fazenda no começo da Faculdade. Em São Paulo ele era motorista, aqui ele era o maior responsável da parte agrícola da Fazenda.

Eu conheci o Dr. Zeferino quando ele fez amizade com meu pai – ele gostava muito do meu pai – e um dia ele chegou para mim e disse se era possível eu fazer um lanchinho para os alunos porque eles – os alunos – só comiam frutas: laranja, goiaba, lima verde que eles catavam no pomar porque não tinha nada de prédio, nada de casa, só tinha o Prédio Central... não tinha nada que se tem hoje, hoje é uma cidade. Eu fiquei uns seis meses fazendo lanchinho para eles. Eu tinha uma charretinha e uma égua, então eu ia para a cidade e comprava mortadela, queijo, guaranazinho e arrumava tudo direitinho numa sexta, mas eu ficava preocupada porque eu não tinha condições de servir bem os alunos que iam ser médicos, então o professor Zeferino foi em casa - ele achava a minha casa a mais limpa da Fazenda e dizia que eu era limpinha – o professor Zeferino disse em casa para eu não me preocupar que ele me forneceria todo o material e eu só entraria com os ingredientes como o café, o pãozinho e ele arrumou um padeiro que vinha entregar e entregava trinta ou quarenta

pãezinhos de manhã e a mortadela, queijo e guaranazinho era eu que arrumava. Ele também arrumou para mim a parte toda de bule, xícaras, um fogãozinho para eu fazer café e eu fazia numa copinha ali onde é o ginásio, tinha uma abertura na parede que eu servia o café e os alunos tomavam nas mesinhas que ficavam do lado de fora, isso quando eles eram liberados das aulas, depois lá pelas três e meia da tarde eu subia com minha charretinha até o Prédio Central na Anatomia amarrava a charretinha numa árvore e servia de novo para eles um lanchinho. Eu tinha uma cadernetinha que anotava tudo, mas eles eram muito honestos comigo porque eles pagavam direitinho, às vezes eles pagavam em dinheiro na hora e às vezes eles pagavam quando vinha a mesada. Eu nunca perdi nada com eles.

Um dia o Dr. Zeferino veio conversar comigo de novo e disse: olha Dona Luisinha e se a senhora fizesse uma comidinha: arroz, feijão, um bife, uma salada... e tinha horta que era da Escola Prática e que tinha ficado para a Faculdade de Medicina, então o Zeferino disse que mandava as verduras e o leite para mim e que não cobraria nem as verduras nem o leite, então eu dava para eles – os alunos – um copo de leite na refeição, um bife, um arroz, uma verdura... ele mesmo, o Zeferino, começou a comer comigo porque eu fazia tudo muito bem organizado. O professor Zeferino ficava na Faculdade três ou quatro dias por semana, ele ficava muito em São Paulo.

P – Os alunos da Faculdade moravam na casa do estudante?

R – A maioria morava na casa do estudante. Para ir a cidade tinha a jardineira, aquele tempo tudo era feito com dificuldade, a avenida do café que dá acesso ao portão era toda de terra e era preciso usar aqueles roupões, os guarda-pós.

P – Os alunos trabalhavam ou só estudavam?

R – Eles só estudavam. Não dava tempo deles trabalharem. Eles não eram tão ricos quantos os alunos de hoje. Muitos, eu acho que todos, recebiam mesadas dos pais, mas às vezes eles não tinham dinheiro e meu marido ou eu mesma emprestavamos dinheiro, um troquinho, para eles, nós não éramos ricos, mas às vezes dava para emprestar um dinheirinho e eles pagavam direitinho. Muitos falavam a Dona Luisinha é a nossa mãe.

P – Como era a relação de vocês funcionários com os professores que moravam na Fazenda?

R – Era uma relação muito boa, mas a família deles não era muito de se misturar com a gente, eles conversavam muito com a gente.

P – E como era a relação dos professores com outros professores?

R – Eles se davam bem. Não tinham brigas. Não tinha rivalidade. Todo mundo se respeitava: o Diretor, os professores, os secretários, os funcionários.

P – Os professores tinham carros?

R – No começo não, mas depois eles começaram a comprar. Muitos se casaram depois que estavam aqui. Já os alunos alguns tinham carro, não era como hoje que todos têm.

P – As pessoas da cidade se queixavam da Faculdade?

R – Não. Ninguém se queixava.

Sabe... eu trabalhei treze anos no restaurante e aí o professor Zeferino antes de ir embora me passou para trabalhar no laboratório do Dr. Covian. Lá eu fazia cafezinho, fazia limpeza.

P – Como era o lazer de vocês funcionários?

R – Tinha o clube. Quem organizou o clube para nós foi o seu Herculano. Lá no prédio onde era o clube tinha sido a cadeia que ficaram presos os italianos na época da guerra quando ainda era a Escola Agrícola. O seu Herculano fez um salão grande, bonito. Todo sábado tinha o baile e nós dançávamos bastante.

Ribeirão Preto, 05 de julho de 2005.

LEIS